

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa
Linha de Pesquisa: História e Historiografia do Português

NAYRA DA SILVA SIMÕES

**O que há por trás do item *trás*: uma análise da semanticização das
construções com o item *trás* no português – séculos XVI a XXI**

Versão Corrigida

São Paulo
Maio de 2021

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa
Linha de Pesquisa: História e Historiografia do Português

**O que há por trás do item *trás*: uma análise da semanticização das
construções com o item *trás* no português – séculos XVI a XXI**

Nayra da Silva Simões

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestra.

Orientadora: Profa. Dra. Verena Kewitz

Versão Corrigida

São Paulo
Maio de 2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

9593q Simões, Nayra da Silva
O que há por trás do item trás: uma análise da semanticização das construções com o item trás no português - séculos XVI a XXI / Nayra da Silva Simões; orientadora Verena Kewitz - São Paulo, 2021.
249 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. trás . 2. Semântica. 3. Multissistêmica. 4. Metáforas. 5. construções com trás. I. Kewitz, Verena, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)**

Nome do (a) aluno (a): Nayra da Silva Simões

Data da defesa: 30/03/2021

Nome do Prof. (a) orientador (a): Profa. Dra. Verena Kewitz

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 25/05/2021



(Assinatura do (a) orientador (a))

FOLHA DE AVALIAÇÃO

NOME: Nayra da Silva Simões

TÍTULO: O que há por trás do item *trás*: uma análise da semanticização das construções com o item *trás* no português – séculos XVI a XXI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestra.

Aprovado em: 30 de março de 2021

Banca Examinadora

Profª Drª Verena Kewitz

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ **Assinatura:** _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ **Assinatura:** _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ **Assinatura:** _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____ **Assinatura:** _____

“Às vezes começa-se a brincar de pensar, e eis que inesperadamente o brinquedo é que começa a brincar conosco. Não é bom. É apenas frutífero.”
LISPECTOR, Clarice (1999:24)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, João Carlos e Nice, pelo amor, cuidado e carinho dedicados a mim e pelas oportunidades que me proporcionaram ao longo de minha vida pessoal e profissional, e, principalmente, agradeço pela pessoa que me ensinaram a ser.

À minha orientadora, Verena Kewitz, que acompanhou os meus primeiros passos desde o meu ingresso na universidade, por ter acreditado em mim desde o início, pela compreensão inesgotável, pelo carinho e incentivo, pelas conversas amigas e por ter estado comigo em todos os momentos sem nunca me abandonar. Por ser um exemplo de pesquisadora, de professora e de pessoa.

À minha parceira de vida, Fernanda Kumagai, cuja companhia nos dias bons e ruins me deu força e coragem para continuar, por todo amor e cuidado dedicados a mim independente do meu humor e pelas boas lembranças, as já vividas e as que ainda serão vividas.

Aos meus amigos, Bruno Madi, pela compreensão com meus longos momentos de silêncio, Barbara Manholeti, Raísa Maris e Eduardo Valmobia, por tornarem todos os momentos mais leves, divertidos e suportáveis, Lucas Pavan, que sem seu incentivo e injeção de coragem nada teria acontecido, Igor Kretly, por estar comigo nos momentos mais difíceis da graduação, Patrícia Kumagai, pelos conselhos com a sua vasta experiência no mundo acadêmico, e tantos outros amigos, que embora não listados por nome aqui, estiveram comigo em alguma etapa desse caminho.

Aos meus professores do Ensino Médio, em especial, Alessandra Braz Carvalho, que me ensinou o poder das palavras e me deu forças para ir atrás dos meus sonhos.

Pelas muitas histórias que me fizeram companhia nessa longa jornada, seja por meio de livros, filmes e principalmente músicas.

Aos professores José da Silva Simões, da USP, e Janderson Lemos de Souza, da Unifesp, pelas valiosas contribuições ao meu trabalho quando do exame de Qualificação.

Aos pesquisadores do Projeto de História do Português Paulista II pelo acolhimento e incentivo.

Aos professores Maria Lucia Leitão de Almeida, Anderson Salvaterra Magalhães e José Simões pelas contribuições valiosas na defesa da dissertação. Agradeço igualmente aos professores suplentes por aceitarem o convite.

À Comissão Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, por todo o apoio para a realização desta pesquisa.

Por fim, à Capes, pela bolsa de mestrado concedida em 2018 até 2020.

RESUMO

SIMÕES, Nayra da Silva (2020). *O que há por trás do item trás: uma análise da semanticização das construções com o item trás no português – séculos XVI a XXI*. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Esta dissertação tem por objetivo principal analisar as propriedades semânticas do item *trás* e de suas construções: *atrás (de)*, *detrás (de)*, *por detrás (de)*, *para trás (de)* e *por trás (de)* nos documentos dos séculos XVI a XXI. Levando em consideração aquilo que já foi estudado acerca do item e das construções em gramáticas de base descritiva, normativa e histórica, assim como diferentes estudos mais aprofundados, busca-se analisar o uso do item *trás* e das construções, adotando a perspectiva multissistêmica da língua (Castilho 2010), aliada à Linguística Cognitiva, principalmente os diferentes usos metafóricos propostos por Lakoff; Johnson (1980). A análise da semanticização do item *trás* e das construções parte do sentido prototípico de localização espacial que, além de atuar na localização objetos, seres e entidades no espaço, também atua como domínio fonte para diferentes usos metafóricos. Os esquemas propostos por Teixeira (2001) e Tyler; Evans (2003) servem de base para a identificação dos sentidos espaciais de *trás* e suas construções no português, esquemas estes que podem ser depreendidos nas diversas metáforas analisadas, como TEMPO É ESPAÇO, RUIM É ESTAR ATRÁS etc.

Palavras-chave: trás; construções atrás, detrás; por trás; por detrás; para trás; Multissistêmica; Semântica; Português; Metáforas; Esquemas Imagéticos

ABSTRACT

SIMÕES, Nayra da Silva (2020). *What's behind the item trás: a semanticization analysis of trás and other constructions in Portuguese – 16th to 21st centuries*. Master Dissertation. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

This dissertation aims to analyze the semantic properties of the item *trás* and its constructions such as: *atrás (de)*, *detrás (de)*, *por detrás (de)*, *para trás (de)*, and *por trás (de)* in Portuguese texts from the 16th to the 21st centuries. This item is more or less equivalent to the English preposition *behind* in terms of meaning and usage. Considering the previous studies about *trás* and its constructions in grammars of descriptive, normative and historical basis, as well as several in-depth studies on the item, I collected data from diverse *corpora* in order to identify the semanticization process, adopting the Multisystemic perspective of language (Castilho 2010), combined with the Cognitive Linguistics, namely the metaphorical concepts of Lakoff; Johnson (1980), the spatial schema proposed by Tyler; Evans (2003) and Teixeira (2001), as well as the Image Schema structure as found in Lakoff (1987). As the item *trás* is usually classified as a spatial preposition or adverb, the analysis starts with the prototypical meaning of the cognitive category of SPACE, which acts as a source domain in different metaphorical uses, such as TIME IS SPACE, BAD IS TO BE PUT BEHIND, TO BE RESPONSIBLE IS TO BE BEHIND and so forth.

Key words: *trás*, constructions with *trás*; *atrás*, *detrás*; *por detrás*; *para trás*; Multisystemic Approach; Semantics; Portuguese; Metaphors; Image Schema

INDÍCE DE FIGURAS

Figura 1:	Representação da abordagem multissistêmica conforme Castilho (2015: 79)	44
Figura 2:	Representação do EI FRENTE-TRÁS em Teixeira (2001:4:43)	58
Figura 3:	O modelo do <i>encaramento</i> e do <i>movimento</i> em Teixeira (2001:4:67)	60
Figura 4:	O modelo do movimento e modelo original em Teixeira (2001:4:68)	60
Figura 5:	Representação da proto-cena, adaptada de Tyler; Evans (2003: 170)	61

INDÍCE DE ESQUEMAS

Esquema 1:	EI ORIGEM-CAMINHO-DESTINO	54
Esquema 2:	EI de CONTAINER	56
Esquema 3:	O esquema do retorno com a expressão <i>voltar/tornar atrás</i>	106
Esquema 4:	Representação da metáfora conceptual: TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO	114
Esquema 5:	Transposição do EI: ORIGEM- CAMINHO – DESTINO para a metáfora: O TEXTO É UMA VIAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO	128
Esquema 6:	A metáfora IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS	133
Esquema 7:	Esquema do Alinhamento <i>in tandem</i>	140
Esquema 8:	Esquemática da metáfora TEMPO É ESPAÇO/ TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO	155

INDÍCE DE QUADROS

Quadro 1:	O item <i>trás</i> nas Gramáticas Descritivas e Normativas	26
Quadro 2:	O item <i>trás</i> nas Gramáticas Históricas	29
Quadro 3:	O item <i>trás</i> e sua etimologia	31
Quadro 4:	Distribuição das preposições simples quanto aos esquemas imagéticos (adaptado de Ilari et al. 2015: 187)	38
Quadro 5:	Propriedades da FIGURA e do PONTO DE REFERÊNCIA	51
Quadro 6:	Coleta de dados do item <i>trás</i> em documentos dos séculos XVI a XXI	71
Quadro 7:	Sentidos identificados para <i>trás</i> e suas construções abordados no capítulo 1	78
Quadro 8:	O item <i>trás</i> em dicionários do século XVIII ao XXI	79
Quadro 9:	Sentidos identificados para o item <i>trás</i> e suas construções	81
Quadro 10:	As FIGURAS e os PR com orientação intrínseca com a construção <i>atrás (de)</i>	86
Quadro 11:	As FIGURAS e os PR com orientação intrínseca com a construção <i>detrás (de)</i>	88
Quadro 12:	As FIGURAS e os PR com orientação intrínseca com a construção <i>por detrás (de)</i>	90
Quadro 13:	As FIGURAS e os PR com orientação intrínseca com a construção <i>por trás (de)</i> e <i>para trás (de)</i>	93
Quadro 14:	As FIGURAS e os PR sem orientação intrínseca com a construção <i>atrás (de)</i>	95
Quadro 15:	As FIGURAS e os PR sem orientação intrínseca com a construção <i>detrás (de)</i>	96
Quadro 16:	As FIGURAS e os PR sem orientação intrínseca com a construção <i>por detrás (de)</i>	97
Quadro 17:	As FIGURAS e os PR sem orientação intrínseca com a construção <i>para trás (de)</i> e <i>por trás (de)</i>	98
Quadro 18:	As FIGURAS e os PR no esquema de alinhamento <i>in tandem</i> com a construção <i>atrás (de)</i>	100
Quadro 19:	As FIGURAS e os PR no esquema de alinhamento <i>in tandem</i> com as construções <i>detrás (de)</i> , <i>por detrás (de)</i> e <i>para trás (de)</i>	102
Quadro 20:	Sentidos identificados para o verbo tornar no Dicionário Aulete Digital	105
Quadro 21:	As FIGURAS e os PR com o item <i>trás</i>	108
Quadro 22:	Ocorrência do item <i>trás</i> e das construções com o item ao longo dos séculos	110
Quadro 23:	O item <i>trás</i> e construções em cada um dos esquemas identificados	111
Quadro 24:	As construções com o item <i>trás</i> nos séculos XVI ao XXI: organização espacial e temporal	120
Quadro 25:	As construções com o item <i>trás</i> nos séculos XVI ao XXI: O TEXTO É UMA VIAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO	128
Quadro 26:	Esquemática das ocorrências (119) a (124) metáfora: IR EM BUSCA DE É ESTAR	135

	ATRÁS	
Quadro 27:	Esquematização dos exemplos (157) e (161)	157
Quadro 28:	Propriedades semânticas identificadas ao longo dos séculos para o item <i>trás</i> e construções	174
Quadro 29:	As propriedades semânticas identificadas para o item <i>trás</i> e para cada construção.	175

SUMÁRIO

Resumo

Abstract

Índice de figuras, quadros e esquemas

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1: Revisão da Literatura	21
1.1 O item <i>trás</i> nas Gramáticas Descritivas e Normativas	22
1.2 O item <i>trás</i> do ponto de vista diacrônico	27
1.3 O item <i>trás</i> em estudos acerca das preposições complexas	31
1.3.1 <i>O item trás como preposição simples e como parte integrante de preposições complexas</i>	<i>31</i>
1.3.2 <i>Propriedades semânticas do item trás</i>	<i>36</i>
1.4 O item <i>trás</i> na literatura levantada	38
CAPÍTULO 2: Pressupostos Teóricos e Procedimentos Metodológicos	41
2.1 Pressupostos teóricos	41
2.1.1 <i>A Abordagem Multissistêmica</i>	<i>42</i>
2.1.2 <i>A Linguística Cognitiva</i>	<i>49</i>
2.1.2.1 <i>Conceitos de FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA</i>	<i>50</i>
2.1.2.2 <i>Os Esquemas Imagéticos</i>	<i>52</i>
2.1.2.3 <i>Transposição de Esquemas: usos metafóricos</i>	<i>63</i>
2.2 Procedimentos Metodológicos	68
2.2.1 <i>Da coleta de dados</i>	<i>69</i>
2.2.2 <i>Da análise dos dados</i>	<i>75</i>
CAPÍTULO 3: Análise da Semanticização das Construções com o item <i>trás</i> ...	78
3.1 O sentido protótipo: espaço /posterior/	82
3.1.1 <i>Esquema do PR com orientação intrínseca</i>	<i>85</i>
3.1.2 <i>Esquema do PR sem orientação intrínseca</i>	<i>93</i>
3.1.3 <i>Esquema do alinhamento in tandem</i>	<i>98</i>
3.1.4 <i>Esquema do Retorno</i>	<i>103</i>
3.1.5 <i>O item trás</i>	<i>107</i>
3.2 Transposição de Esquemas Imagéticos: TEMPO É ESPAÇO	113

3.3 Transposição de Esquemas Imagéticos: O TEXTO É UMA VIAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO	121
3.4 Transposição de Esquemas Imagéticos: IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS	132
3.5 Transposição de Esquemas Imagéticos: RUIM É ESTAR ATRÁS	140
3.6 Transposição de Esquemas Imagéticos: RECONSIDERAR E DESISTIR É POSICIONAR-SE ATRÁS	148
3.7 Transposição de Esquemas Imagéticos: ESQUECER E ABANDONAR É COLOCAR ATRÁS	153
3.8 Transposição de Esquemas Imagéticos: SER RESPONSÁVEL POR ALGO É ESTAR POR TRÁS	159
3.9 Transposição de Esquemas imagéticos: outras metáforas	164
CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	179
REFERÊNCIAS DOS <i>CORPORA</i>	182
ANEXO: Dados com o item <i>trás</i> e construções nos séculos XVI ao XXI	190

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa parte da concepção¹ de língua como uma competência comunicativa, fundamentada em um aparato cognitivo, cujas estruturas são formadas por objetos não autônomos e são multissistêmicas. Além disso, essa concepção de língua deve ser explicada por meio de uma percepção pancrônica, como Castilho (2010: 69) postula na Abordagem Multissistêmica, na qual a presente pesquisa se apoia. O objetivo da pesquisa é identificar e analisar o item *trás* e suas construções ao longo dos séculos XVI ao XXI, exclusivamente quanto aos aspectos semânticos de seus usos, de maneira a compreender os diferentes sentidos expressos pelo item e suas construções, buscando responder à questão central: o que há por trás² do item *trás* e de suas construções?

É importante ressaltar que a Abordagem Multissistêmica é um plano de pesquisas coletivas, desenvolvidas por especialistas de cada um dos quatro campos, reconhecidos por Castilho (2010) como sendo: a Gramática, o Discurso, a Semântica e o Léxico, descritos no capítulo 2 desta dissertação. Com isso em mente, o campo de análise desta pesquisa é exclusivamente a Semântica, mesmo que, eventualmente, sejam colocadas hipóteses ou questões no âmbito dos outros campos, o que só confirma a concepção de que os itens linguísticos apresentam propriedades nos quatro campos de maneira simultânea e sem hierarquia entre eles, conforme descrito, mais detalhadamente, no capítulo 2.

Ao ser examinado em diferentes gramáticas, embora de abordagens distintas, é recorrente a afirmação de que o item *trás* como preposição simples caiu em desuso³, estando presente em construções como *atrás* e *detrás*. Quando mencionadas, as propriedades semânticas do item e mesmo das construções⁴ giram em torno dos sentidos espacial e temporal, sendo os dicionários o único local onde alguns outros sentidos – os metafóricos – são mencionados. A presente dissertação busca compreender de que maneira esses sentidos já atestados são expressos em documentos dos séculos XVI ao

¹ Para conhecer outras concepções de língua, sugiro consultar o capítulo 1, “O que se entende por língua e por gramática”, em Castilho (2010).

² Tal como no título da dissertação, o uso da construção *por trás de* carrega a noção de algo escondido, a ser revelado, como analisado na seção 3.9. Assim, o objetivo da pesquisa é revelar o que está por trás do uso do item e de suas construções, quanto ao seu aspecto semântico, revelando os diferentes Esquemas Imagéticos que passam o sentido prototípico espacial e os usos metafóricos.

³ Como veremos no capítulo 1.

⁴ Adoto o termo *construções* nesta dissertação, ainda que no capítulo 1 mantenha os termos utilizados pelos autores resenhados.

XXI, sem deixar de reconhecer o momento em que o item *trás* não é mais documentado. Procuo demonstrar ainda quais são as construções responsáveis por determinados sentidos e de que maneira os sentidos metafóricos relacionam-se com o sentido espacial prototípico (como em *o gato atrás do armário, a pessoa por detrás da porta* etc.).

Adoto o termo *construções* para as expressões formadas pelo item *trás* em uso no português atual e nos dados dos séculos XVI a XX, sem o compromisso com quaisquer teorias. Por outras palavras, não estou diferenciando sintaticamente as formas *trás, atrás, detrás, por trás, por detrás* e *para trás* como preposição ou advérbio, tanto por não ser o objetivo da presente pesquisa quanto por não ser ponto pacífico na literatura a definição e classificação dessas e outras formas linguísticas (como *longe, perto, na frente, acima* etc.). Meu foco está na análise das propriedades semânticas do item *trás* e suas construções; por isso, faço uso do termo *item* para *trás* e *construções* para as demais formas: *atrás, detrás, por trás, por detrás* e *para trás*.

Como primeira etapa da pesquisa, foi realizada uma coleta geral de dados nos documentos do século XVI ao XX. Para isso os documentos foram separados quanto ao tipo de texto e século, e, em um primeiro momento, os dados foram quantificados. Tal coleta e quantificação inicial demonstraram um desequilíbrio entre os documentos disponíveis quanto ao tipo de texto, a sua extensão e distribuição entre os Estados brasileiros (cf. seção 2.2 do capítulo 2) e também entre documentos portugueses e brasileiros. Alguns textos são mais recorrentes em determinado século, não ocorrendo nos demais, como é o caso das memórias históricas do século XVIII. Assim, as etapas de análise não levaram em consideração a relação do tipo de texto com os sentidos documentados, mas sim a maneira como tais sentidos são expressos⁵, por qual construção e em qual século. Sobre a documentação de sincronias passadas, vale lembrar a colocação de Mattos e Silva (2006:33-34):

A documentação escrita em português arcaico só pode ser avaliada na sua totalidade aproximada por hipóteses que se coloquem a partir do que permaneceu e de informações indiretas que o historiador pesquise. Assim o conhecimento de qualquer estágio passado de qualquer língua – se ela é documentada por algum tipo de escrita ou inscrição – é sempre fragmentado, porque fragmentário é o espólio de que dispõe o pesquisador. O investigador [...] terá de condicionar a seleção de seus dados à documentação remanescente. [...] Daí Labov ter definido

⁵ Mesmo não sendo o objetivo desta dissertação, reconhece-se a possibilidade de ser feita uma análise da relação entre o sentido do item *trás* e de suas construções e o tipo de texto a partir de uma seleção mais extensa de documentos de diferentes Tradições Discursivas, ou ainda com base em apenas uma tipologia textual ao longo dos séculos.

muito adequadamente os estudos diacrônicos ao longo dos séculos [...] como «a arte de fazer o melhor uso de maus dados». Maus dados porque «os fragmentos da documentação escrita que permanecem são o resultado de acidentes históricos para além do controle do investigador». (MATTOS E SILVA 2006: 33-34)

Após a coleta de dados, a análise foi iniciada a partir dos dados do século XX, sobretudo de língua falada, e foi neste momento que percebi que há ainda muitos outros sentidos por trás do uso das construções com o item *trás*, que vão além do sentido temporal e do sentido espacial prototípicos.

Para melhor compreender os demais sentidos do item *trás* e construções que vão além do sentido espacial, foi necessário analisar como o item e as construções atuam no sentido prototípico espacial, para isso fiz uso dos Esquemas Imagéticos identificados por Teixeira (2001) e Tyler; Evans (2003), sendo eles: PONTO DE REFERÊNCIA, doravante PR, com orientação intrínseca, PR sem orientação intrínseca, alinhamento *in tandem* e, como esquema que atua dentro dos demais, o esquema da visibilidade. Durante esta análise, busquei responder à seguinte questão: o item *trás* e demais construções atuam em todos os esquemas no que concerne ao seu sentido espacial? Há diferenças de sentido quando um ou outro esquema é utilizado?

Uma vez compreendido como o item *trás* e suas *construções* atuam no sentido espacial prototípico, dediquei-me a analisar de que maneira os Esquemas Imagéticos, reconhecidos para o sentido espacial, estão presentes no que escolhi chamar de *usos metafóricos e transposição de Esquemas*. Baseando-me nos Esquemas Imagéticos e nas metáforas reconhecidas por Lakoff; Johnson (1980), foi possível compreender quais Esquemas Imagéticos estão por trás de cada um dos usos metafóricos encontrados, ao mesmo tempo em que foi possível identificar em quais metáforas o item e cada uma das construções atuam, respondendo às seguintes questões: Quais são os usos metafóricos identificados para o item *trás* e demais construções? Quais deles atuam em cada uma das metáforas? A partir dessas questões, foram identificados os seguintes usos metafóricos (cf. capítulo 3, a partir da seção 3.2): TEMPO É ESPAÇO, O TEXTO É UMA VIAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO, IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS, RUIM É ESTAR ATRÁS, RECONSIDERAR E DESISTIR É POSICIONAR-SE ATRÁS, ESQUECER E ABANDONAR É ESTAR ATRÁS, SER RESPONSÁVEL POR ALGO É ESTAR POR TRÁS, entre outros descritos em 3.9.

A dissertação está dividida da seguinte maneira: no capítulo 1, apresento um panorama sobre como o item *trás* é descrito em gramáticas⁶ descritivas, normativas e históricas para melhor compreender o item quanto as suas propriedades sintáticas. Mesmo que não seja o objetivo desta pesquisa, descrevo como *trás* e demais construções são classificados em diferentes gramáticas, demonstrando que não há um consenso quanto a esse aspecto, e, principalmente, quanto as suas propriedades semânticas. Ao final do capítulo, apresento alguns estudos acerca das preposições simples e complexas, classes em que o item é inserido, tendo como foco as propriedades semânticas identificadas por cada autor.

No capítulo 2, dividido em duas seções, apresento a Abordagem Multissistêmica (CASTILHO 2006, 2007, 2010), base teórica na qual a presente pesquisa está apoiada, me valendo ainda de conceitos da Linguística Cognitiva que fundamentam a análise das propriedades semânticas do item do *trás* e das suas construções, tendo como base os conceitos de FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA, Esquemas Imagéticos e metáforas, principalmente, a partir dos conceitos apresentados em Lakoff; Johnson (1980), Teixeira (2001) e Tyler; Evans (2003). Na seção seguinte, descrevo como a coleta de dados foi realizada em textos dos séculos XVI ao XXI; especificamente, descrevo os *corpora* selecionados para a coleta das ocorrências e a maneira como farei referência aos dados com o item *trás* e demais construções. Ao final da seção, apresento os procedimentos de análise dos dados e as questões principais que busco responder no capítulo 3.

Dedicado à análise dos dados, o capítulo 3 inicia-se com a apresentação e análise das ocorrências que expressam o sentido prototípico de espaço /posterior/, buscando compreender de que maneira o item *trás* e as construções atuam na localização espacial ao longo dos séculos. A seção 3.1 está dividida em cinco subseções quanto ao Esquema Imagético identificado e os sentidos decorrentes de tal diferenciação. Nas seções seguintes, apresento os usos metafóricos identificados a partir da transposição dos diferentes Esquemas Imagéticos, com o intuito de reconhecer quais as construções utilizadas para expressar cada um dos sentidos e como os sentidos ocorrem em cada um dos séculos estudados.

Por fim, nas considerações finais, retomo as questões centrais da pesquisa e apresento algumas possíveis respostas colocadas ao longo de toda a pesquisa.

⁶ Embora os autores citados no capítulo 1 não necessariamente partem da mesma concepção de língua da Abordagem Multissistêmica, na qual me baseio, as suas contribuições quanto ao item *trás* e suas construções favorecem a compreensão de cada um deles quanto às suas diferentes propriedades, e, principalmente, quanto aos seus sentidos já identificados.

Apresento, ainda, outros possíveis caminhos de análise para o item *trás* e suas construções quantos aos seus aspectos sintáticos, morfológicos e discursivos, que não foram o escopo da dissertação. Em seguida, são listadas as referências bibliográficas da pesquisa e dos *corpora*. No anexo encontram-se todos os dados coletados em textos dos séculos XVI ao XXI, num total de 685 ocorrências.

A presente pesquisa não corresponde a uma análise exaustiva dos sentidos identificados para o item *trás* e suas construções, tanto em função dos *corpora* quanto das questões levantadas. Busquei apresentar e analisar os sentidos a partir das ocorrências documentadas e dar conta de responder às questões apresentadas nesta introdução, no capítulo 2 e ao longo do capítulo seguinte. Outras pesquisas serão necessárias para uma compreensão mais aprofundada dos esquemas em que atuam o item *trás* e demais construções, das metáforas, bem como de suas propriedades sintáticas e discursivas.

CAPÍTULO 1 – REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, apresento os principais aspectos encontrados em gramáticas normativas, descritivas e históricas sobre o item *trás* e demais construções (*atrás*, *detrás* etc.), atentando para quais propriedades semânticas são colocadas, quando o fazem. Complementarmente, coloco a etimologia de *trás* a partir de alguns autores. A última parte do capítulo traz a descrição de preposições simples e complexas, com foco nas propriedades semânticas propostas pelos autores, o que servirá para encaminhar as principais perguntas da presente pesquisa.

Assim, este capítulo foi dividido em três seções de acordo com o tipo de gramática, o ponto de vista e os dados analisados em que o item *trás* é abordado. Começo pelas gramáticas normativas e descritivas na seção 1.1, as quais fornecem dados atuais do português escrito (extraídos de textos literários e jornalísticos). Na seção seguinte (1.2), apresento como *trás* é descrito na perspectiva diacrônica em gramáticas históricas e em dicionários etimológicos, os quais se baseiam, geralmente, em dados do português em diferentes períodos e sem caráter prescritivo (como é caso das gramáticas normativas). O foco da seção 1.3 são os estudos mais recentes sobre preposições em geral, com especial atenção para as propriedades semânticas dessa classe em que geralmente figura o item *trás*.

A ordem das seções busca uma abordagem do item *trás* de forma mais geral até atingir uma abordagem mais detida e detalhada do item e/ou de suas construções, e finalmente, na seção 1.4 apresento um levantamento geral das seções anteriores. Assim, as leituras aqui descritas foram o ponto de partida da análise empreendida no capítulo 3, bem como nas decisões metodológicas apresentadas no capítulo 2. Não menos importante, essas leituras também podem servir de base para pesquisas futuras.

Antes de dar início às seções em si, é preciso chamar a atenção para o fato de que não é ponto pacífico na literatura se o item *trás* pode ser classificado como advérbio (*atrás*, por exemplo), como parte integrante de locuções prepositivas (*detrás de*, por exemplo), ou ainda como preposição simples, sendo esta apontada por muitos autores como uma preposição que caiu em desuso, mantida em expressões fixas. Boa parte dos autores afirma que *trás* (assim como outros itens) faz parte de locuções prepositivas quando seguida da preposição *de* (*detrás de*, *por trás de* etc.), e sua ausência implica a classificação como advérbio (*atrás*, *detrás*, *por trás* etc.).

Não é objetivo desta pesquisa estabelecer uma classificação única e categórica para o item, como já tratei na Introdução, uma vez que o foco da pesquisa são as construções com *trás* e suas propriedades semânticas. Pontuo neste capítulo como o item é classificado por diferentes autores, pois esse levantamento permite compreender melhor o estatuto, as definições e principalmente os sentidos de *trás* e suas construções.

Ressalta-se que as informações sobre o item *trás* compiladas em cada seção envolvem, em geral, a definição ou classificação quanto à classe gramatical e o(s) sentido(s) identificado(s), embora não seja objetivo desta pesquisa propor novas classificações ou mesmo assumir qualquer classificação como única e correta. Desta maneira, ao longo das próximas seções, o item será tratado a partir da classificação dada por cada um dos autores. Já nos capítulos seguintes, *trás* será referido como "item", sem compromisso com a adoção de uma ou outra classificação. Dado que estou analisando o item *trás* não apenas isoladamente, as demais formas do português serão referidas por "construções", como *atrás*, *detrás*, *por trás*, *por detrás* e *para trás*, seguidas ou não pela preposição *de*, aqui também sem o compromisso com abordagens teóricas específicas⁷.

Dado que vários estudos discutem as classificações, definições e sentidos das preposições portuguesas de forma geral (cf. Castilho 2004, 2006, 2009, 2010, Kewitz et al. 2018, Almeida et al. 2018, Poggio 1999, entre outros), meu foco será apenas no item *trás*, ainda que eventualmente aponte alguns aspectos de outras preposições ou itens.

1.1 O item *trás* nas Gramáticas Descritivas e Normativas

As Gramáticas Descritivas e Normativas aqui abordadas buscam dar conta da língua portuguesa em sua totalidade. Talvez por isso, em muitas delas, pouco é mencionado sobre o item *trás* quanto a sua classificação e seu sentido. Assim, selecionei as obras em que o item é tratado de forma mais detalhada, que são: Neves (2011), Bechara (2009, 1989), Rocha Lima (1992), Cunha (1980) e Said Ali (1964).

Em Neves (2011), o item *trás* não é listado na seção dedicada às preposições, que são divididas em preposições introdutoras de argumentos (*a*, *até*, *com*, *contra*, *de*, *em*, *entre*, *para*, *por*, *sob*, *sobre*) e preposições não introdutoras de argumentos (*ante*, *após*, *desde*, *perante*, *sem*), além das preposições acidentais (*conforme*, *segundo* etc.).

⁷ Por exemplo, não adoto *construção* nos termos de Goldberg (1995), mas tão somente como formas ou itens linguísticos.

As construções⁸ *atrás (de)* e *por trás (de)* são mencionadas na seção dedicada aos advérbios, classificados quanto à sua natureza e foricidade⁹; neste caso, os advérbios circunstanciais podem ser divididos em fóricos e não-fóricos, de acordo com a autora. O item *trás* aparece entre os advérbios não-fóricos, que, como aponta a autora (op. cit., p. 248), efetuam simplesmente a expressão de circunstância de lugar, conferindo à expressão uma posição estática, respondendo à pergunta “onde?”.

A construção *atrás (de)* é classificada por Neves (2011) como sendo um advérbio não-fórico que expressa a posição relativa de posposição, como se vê nos exemplos abaixo:

- (1) Escondeu-se **ATRÁS de** uma moita de cabreira (CA – Cangaceiros, REGO, J. L. 5ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961): Neves (2011: 262)
- (2) Nada me induzia a suspeitar de uma maneira oculta **por TRÁS daquela** afirmativa (CCA – Revista Caras. Rio de Janeiro: Globo): Neves (2011: 262)

Neves (2011) ainda observa, mesmo sem mencionar o item *trás* (como parte integrante do advérbio *atrás*), a possibilidade de criação indefinidamente de locuções adverbiais de modo iniciadas por preposição (*de repente; às cegas, por milagre, etc.*).

Na seção dedicada aos advérbios, Bechara (2009)¹⁰ atenta para o fato de que alguns advérbios são resultado da união entre preposições e substantivos, adjetivos ou advérbios (grafados separadamente ou não), dentre os quais se insere *detrás*. Neste caso, segundo o autor, a construção funciona como uma preposição introduzindo um adjunto adverbial.

Acerca das preposições, Bechara (2009) as define como:

uma unidade linguística desprovida de independência, isto é, não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe – e, em geral, átona, que se junta a substantivos, adjetivos, verbos e advérbios para marcar as relações gramaticais que elas desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações. **Não exerce nenhum outro papel que não seja ser índice da função gramatical do item que ela introduz.** (BECHARA 2009: 296, grifos meus)

⁸ O termo *construções* será utilizado nesta seção para fazer referência às formas *atrás (de)*, *detrás (de)*, *por trás (de)*, *para trás (de)*, *por detrás (de)*. A classificação para cada uma das construções atribuída por cada autor será respeitada e mantida neste capítulo.

⁹ Os itens fóricos desempenham uma relação anafórica ao mencionar noções já identificadas ou catafórica ao se referirem a termos que ainda serão expressos no texto.

¹⁰ As versões anteriores de sua gramática são geralmente consideradas de caráter normativo (como a de 1989, que apresento a seguir). No entanto, versões mais recentes, amplamente reformuladas, podem ser consideradas de cunho descritivo-funcionalista (cf. CASTILHO 2012).

Apesar dessa afirmação, o autor classifica as preposições em dois campos semânticos centrais, a saber: (i) um composto pelas preposições *a*, *contra*, *até*, *para*, *por*, *de* e *desde*, caracterizado pelo traço de dinamicidade, física ou figurativamente; (ii) outro formado pelas preposições *ante*, *trás*, *sob*, *sobre*, *com*, *sem*, *em* e *entre*, a partir da presença ou ausência do traço dinamicidade (física ou figurada).

Atento para o segundo grupo no qual *trás* é inserido. Para Bechara (2009: 299) o grupo pode ainda ser subdividido a partir de diferentes noções relacionadas ao movimento, sendo *trás* uma preposição que expressa uma situação horizontal, definida e concreta, assim como as preposições *ante*, *sob* e *sobre*.

Quanto às locuções prepositivas, Bechara (2009: 301) afirma que tem o valor e o emprego de uma preposição simples, sendo em geral constituídas por um advérbio ou locução adverbial seguido da preposição *de*, *a* ou *com*, como no exemplo *O garoto escondeu-se atrás do móvel*. Na lista das principais preposições e locuções prepositivas inserem-se *trás*, *atrás de*, *detrás de* e *por detrás de*, igualmente como aparecem em Bechara (1989).

Tanto quanto nas gramáticas descritivas tratadas acima, as gramáticas normativas quase ou nada trazem sobre as propriedades semânticas do item *trás*. Dado o seu caráter prescritivista, boa parte limita-se a definir preposição, advérbio e, raras vezes, locuções prepositiva e adverbial, focando geralmente no uso correto de certos elementos dessas classes, como a preposição *a*, na regência de nomes, adjetivos e verbos, entre outros aspectos. Dentre as gramáticas consultadas, nada consta em Rocha Lima (1992), a não ser o item *trás* na lista de advérbios de lugar (*atrás*); Bechara (1989: 159) apenas lista as formas *trás*, *atrás de*, *detrás de* e *por detrás de* entre as “principais preposições e locuções prepositivas”. Das gramáticas em que algo é mencionado sobre o item *trás*, destaco a seguir, por autor, como cada um o apresenta.

Para Said Ali (1964:101) as preposições são palavras invariáveis que atribuem noções de lugar, instrumento, meio, companhia, posse e etc., posicionadas antes do nome ou do pronome, subordinando-os a outro termo da oração. Elas podem ser formadas por um simples vocábulo ou por uma combinação de vocábulos, sendo chamada de locução prepositiva ou preposicional. Como o autor aponta que as locuções prepositivas são geralmente formadas por locuções adverbiais acrescidas da preposição *de* ou por advérbios (*atrás de*, *detrás de*, *por trás de*), é como parte integrante de

locuções prepositivas que o item *trás* é listado, mas sem descrevê-lo, fornecendo apenas o exemplo reproduzido abaixo:

(3) **De trás do** prédio há um terreiro: Said Ali (1964:101)

Embora o autor não descreva o sentido do exemplo (3), fica claro o caráter espacial e estático do uso da construção *de trás (de)*, aliada ao fato de estar numa estrutura existencial com *haver*.

Em Cunha (1980) o item *trás* é mencionado como parte integrante dos advérbios de lugar (*atrás* e *detrás*) e da locução adverbial (*por detrás*). O autor aponta que a diferença entre locução adverbial e prepositiva se dá pela presença ou ausência da preposição *de*: *por detrás* e *por detrás de*, respectivamente:

(...) quando uma preposição vem antes do advérbio, não muda a natureza deste, forma com ele uma Locução Adverbial: *de tras*. Se ao contrário, a preposição vem depois de um advérbio ou de uma locução adverbial, o grupo inteiro se transforma numa LOCUÇÃO PREPOSITIVA: *por de trás de*. (CUNHA, 1980: 370)

Na seção dedicada às preposições, Cunha (1980: 377) as divide em preposições simples e preposições compostas (ou locuções prepositivas). Dentre as simples, o autor insere o item *trás*, ao passo que na lista das locuções prepositivas encontram-se as construções *atrás de*, *por detrás de* e *por trás de* (op. cit., p. 379).

Ao tratar do sentido das preposições, o autor se baseia na proposta de Pottier (1962, apud Cunha 1980: 379) nos seguintes termos: a relação estabelecida pela preposição pode se dar com ou sem movimento no espaço (veio *da* escola), no tempo (vinha *do* ano anterior) ou nocionalmente (meia dúzia *de* coisas)¹¹. A classificação semântica proposta por Pottier implica em atribuir a certas expressões ou o sentido espacial, ou temporal ou outras coisas, chamadas de “noção”, que podem ser entendidas como expressões mais abstratizadas, sobretudo para classes como preposições e advérbios. Por outras palavras, ainda que certos autores definam essas classes como de caráter estritamente gramatical, acabam tentando sempre buscar os sentidos básicos e metafóricos dos itens dessas classes.

¹¹ É importante notar que essa classificação semântica de Pottier serviu de base para muitos gramáticos e estudos, como se vê, por exemplo, em Poggio (1999). Os exemplos aqui colocados foram adaptados de Cunha (1980).

Por fim, Cunha (1980) trata das preposições simples uma a uma, incluindo-se *trás*, para a qual indica o sentido original de “além de”, que se mantém em compostos como *Trás-os-Montes* e *trasanteontem*. Além disso, afirma que “[a] preposição *trás*, que indica posição posterior, arcaizou-se. Na língua atual é substituída pelas locuções *atrás de* e *depois de*; mais raramente, por suas sinônima *após*.” (op. cit., p. 390).

Apresento no quadro 1 abaixo a síntese do que se encontra sobre o item *trás* e suas diferentes construções nas gramáticas descritivas e normativas consultadas.

Quadro 1. O item *trás* nas gramáticas descritivas e normativas¹²

	Advérbio	Locução Adverbial	Preposição	Locução Prepositiva
Said Ali (1923 [1964])			<i>trás</i>	<i>atrás de, detrás de, por trás de</i>
Rocha Lima (1972[1992])	<i>atrás</i>			
Cunha (1980)	<i>atrás</i> e <i>detrás</i> : advérbios de lugar.	<i>de trás</i>	<i>Trás</i> foi substituído pelas locuções <i>atrás de</i> e <i>depois de</i> . Sentido originário <i>além de</i> perdido. Relação com a preposição pode se dar com ou sem movimento no espaço, no tempo ou nocionalmente.	<i>atrás de, por detrás de, por trás de</i>
Bechara (1989)			<i>trás</i>	<i>atrás de, detrás de, por detrás de</i>
Neves (2011)	<i>Trás, atrás de</i> e <i>por trás de</i> : advérbio não fórico			
Bechara (2009)	<i>detrás</i> (porém funcionando como uma preposição)		<i>trás</i> : marca uma situação horizontal, estática ou dinâmica	<i>atrás de, detrás de, por detrás de</i> : formadas por um advérbio ou locução adverbial seguido de <i>de</i> (neste caso especificamente)

Como se vê, a tradição gramatical não é unânime na classificação do item *trás* (advérbio, preposição, locução adverbial, locução prepositiva). Alguns autores apenas rotulam como pertencente à esta ou àquela classe (Rocha Lima 1992, Said Ali 1964, Neves, 2011), enquanto outros inserem *trás* entre as preposições simples e como formador de locuções prepositivas (Cunha 1980, Bechara 1989). Nota-se ainda que Bechara (2009) de cunho descritivo, apresenta uma descrição mais ampla do uso do item *trás* e de suas demais construções. A partir do quadro 1 ainda é possível observar

¹² Os autores foram organizados no quadro 1 a partir do ano de cada publicação, quando a edição consultada não corresponde à primeira edição da obra, essa é colocada entre colchetes.

que os autores quase não tratam das propriedades semânticas do item *trás* e demais construções, excluídos de análises mais detalhadas quanto ao sentido e aos usos como acontece em Bechara (2009) e Neves (2011), sendo identificado em (Cunha 1980) o sentido espacial e temporal para o item, enquanto que os demais sentidos que não correspondem à espaço ou tempo, são inseridos na categoria de sentidos nocionais, sem especificar quais são os sentidos que integram a categoria.

1.2 O item *trás* no ponto de vista diacrônico

As gramáticas e os dicionários etimológicos¹³ tratados nesta seção correspondem a uma visão e análise diacrônica da língua, diferente das gramáticas normativas e descritivas tratadas na seção anterior, mas semelhantemente às anteriores estas também têm como objetivo analisar a língua em sua totalidade. Assim, talvez por isso sejam também obras em que o item *trás* é pouco abordado ou analisado; na maioria das vezes, venha listado como uma das preposições simples ou como um advérbio, geralmente com foco na sua etimologia.

Na obra de Huber (1933) o item *trás* e suas construções não são mencionados na seção de advérbios, sendo apenas inserido como parte integrante das locuções prepositivas *atrás de* e *por de trás*, a primeira colocada como uma expressão aproximada de *a fundo de*, conforme o autor exemplifica:

- (4) **a fundo d'**ella, já quanto, estavam outras duas cadeiras: Huber (1933:267)
- (5) um pouco **atrás** dela estavam duas cadeiras: Huber (1933:267)

Em Coutinho (1958: 290), os advérbios são descritos como derivados do latim, e as locuções adverbiais como típicas do latim vulgar, incluindo-se *trás*, tendo passado pelo seguinte percurso de mudança: *atrás* < *a* + *trás* < *ad* + *trans*. Na seção dedicada às preposições, *trás* consta na lista de preposições portuguesas (*trás* < *trans*). Acerca das locuções prepositivas, o autor aponta:

A maior parte das preposições latinas passaram para o português. No latim vulgar era frequente combinar-se uma preposição com outra, resultando disso a formação de uma preposição composta. [...] Locuções prepositivas,

¹³ Uma forma de se analisar a lexicalização de qualquer item é através da análise etimológica, que não é foco desta dissertação; apenas estou recorrendo ao que os autores propõem como etimologia para o item *trás* para melhor compreender os sentidos identificados para o item.

formadas de substantivos ou advérbios e preposições, existem em grande número, em português: *em vez de, ao lado de, em presença de, a par de, dentro de, fora de, antes de, depois de, etc.* (COUTINHO 1958: 294)

Said Ali (1971: 203), por sua vez, divide as preposições em simples, formadas por apenas um vocábulo, e em locuções prepositivas. Na seção dedicada ao item *trás* e às construções *atrás (de)* e *detrás (de)*, aponta a filiação de *trás* à preposição latina *trans*, que teria sofrido a perda da consoante nasal e a alteração plena do seu sentido primitivo (“além de”). A partir da anteposição de *ad* e *de* formaram-se os advérbios *atrás, detrás* que geraram as locuções prepositivas *atrás de* e *detrás de*.

Na seção dedicada aos advérbios, o autor os define como “vocábulos determinativos do verbo, do adjetivo ou de outro advérbio” (Said Ali 1971: 183-184), apresentando os conceitos de lugar, modo, tempo, etc. Uma combinação de vocábulos seria, então, uma locução adverbial, apresentando as mesmas funções dos advérbios formados por apenas um vocábulo. As locuções adverbiais, segundo o autor, são formadas pelas seguintes combinações: preposição + substantivo (*acima, em cima, de manhã* etc.), preposição + (substantivo) + adjetivo (*à francesa, às escondidas* etc.), preposição + preposição ou preposição + advérbio (*acerca, dentro, então* etc.). A referência ao item *trás* aparece apenas em *de trás* como sendo uma combinação resultante de *de trans* no período românico.

Quanto à semântica de *trás*, o autor aponta para as significações equivalentes a “após, em seguimento de, em busca de” quando empregado junto a verbos de movimento, como em “*ir tras elle*” (op. cit., p. 213). As construções *atrás (de)* e *detrás (de)* variavam, segundo o autor, sendo a segunda mais recorrente por influência de *de frente, diante* (< *de ante*). A expressão *tornar atrás* era usada com o sentido de “reconsideração de um ato”.

Outras construções atestadas pelo autor em textos antigos do português, sobretudo em Camões, são: *atrás, pera trás, por detrás* e *pera detrás*, ou ainda exemplos raros de *trás* após as preposições *em* e *contra*, por exemplo (*em tras ell, mais derriba contra tras*): op. cit. p. 213-214.

Na obra de Mattos e Silva (1989), a classificação das preposições baseia-se na semântica das relações que elas estabelecem, ou seja, relação espacial, temporal ou nocional, seguindo a mesma classificação de Pottier (mencionado na seção anterior). Em Mattos e Silva (2006), vê-se uma classificação mais detalhada das preposições, como as que indicam origem (*de, des*) e direção (*a, pera, até*), por exemplo. Dentre as

preposições que indicam espaço anterior e posterior, a autora (op. cit., p. 165) lista *ante*, *perante*, *deante*, *depós*, *após*, *empós a*, *cabo de*, e a ausência de *trás* aqui leva a crer que era pouco usada ou mesmo ausente nos textos em que se baseou¹⁴. Isso pode ser explicado, conforme Mattos e Silva (1989: 255), pela ocorrência maior dos itens como *depois* e *após* locativos, e não apenas temporais, como em “e el indo-se *após* ela levou a onda”. Machado Filho (2013: 507), ao contrário, atesta o uso de *tras* como preposição no português arcaico com o sentido de “atrás de”, como em:

(6) Pára-te **TRAS** mhas espadoas e está aqui” (séc. XIV)¹⁵: Machado Filho (2013: 507).

No quadro 2 esquematizo o que cada autor observou acerca do item *trás* quanto a sua classificação, origem e sentido.

Quadro 2. O item *trás* nas Gramáticas Históricas

	Classificação	Origem	Sentido
Huber (1933)			<i>atrás de</i> corresponde a “a fundo de” e “por de trás”
Coutinho (1958)	Preposição <i>trás</i>	<i>trás</i> < <i>trans</i> <i>atrás</i> < <i>a</i> + <i>trás</i> < <i>ad</i> + <i>trans</i>	
Said Ali (1971)	Advérbios: <i>atrás</i> , <i>detrás</i> Locuções prepositivas: <i>atrás de</i> , <i>detrás de</i> , <i>pera atrás</i> , <i>por detrás</i> e <i>pera detrás</i>	<i>trás</i> < <i>trans</i> , tendo sofrido perda da consoante nasal e alteração plena do seu sentido primitivo.	Sentido primitivo de <i>trans</i> : “além de”
Mattos e Silva (1989, 2006)	Preposição locativa		<i>Trás</i> não é atestado nos textos (sécs. XIII a XV), sendo usadas as formas <i>empós</i> e <i>após</i> para indicar /espaço posterior/

É possível observar a partir do quadro 2 que a origem do item *trás* é semelhante para Coutinho (1958) e Said Ali (1971), enquanto os demais autores não mencionam a origem do item. Quanto ao sentido, os autores atentam para o sentido espacial expresso pelas construções com o item.

No que diz respeito à etimologia de *trás*, boa parte dos autores consultados é unânime em afirmar sua origem como sendo a preposição latina *trans*, conforme já apontado acima em Coutinho (1958) e Said Ali (1971). Um dos sentidos identificados para *trás* por Silva (2009), “além de”, remete justamente ao sentido do item latino

¹⁴ A obra de Mattos e Silva (1989) se baseia da edição filológica do texto *Diálogos de São Gregório*, datado entre fins do século XIII e início do XIV.

¹⁵ Tanto Mattos e Silva (1989, 2006) quanto Machado Filho (2013) se basearam em textos dos séculos XIII a XV. Assim, é curioso atestar o uso de *tras* em alguns, mas não em outros textos do mesmo período, o que pode estar relacionado às tradições discursivas (cf. Kabatek 2006, Jacob 2001, entre outros) dos textos que compõem os *corpora* de cada autor.

“trans”, que pode ser atestado ainda enquanto prefixo (*transferir, transformar* etc.). Os demais sentidos dados pelo autor são “exceto, atrás de, depois de”. Nascentes (1955) aponta apenas a origem e o sentido em latim das formas *atrás* (*ad + trans* “para lá, além”), *detrás* (*de + trans*) e *trás* (< *trans* “além”).

Com uma análise mais detalhada do item *trans*, Viaro (1994: 226) afirma que a etimologia mais aceita para *trans* é “**tr-ant-s*, particípio presente do verbo **trare*”, que significava “atravessar”. Ainda segundo o autor (op. cit, p. 227 e 232), *trans* deu origem ao advérbio de intensidade no francês *très* e às locuções portuguesas *atrás de, detrás de, por trás de* etc., tendo havido em português uma especialização semântica na ideia de sequência, de *para além de* para *para trás de*.

Teixeira (2001: 5: 6) afirma que *trás* provém de *trans*, que “em latim significava *para o outro lado, para além de, outro lugar*”. O autor questiona ainda a possível origem de *trans* relacionada a verbos:

No latim, teria *trans* ligação ao verbo *traho* (“arrastar, puxar”) e ao verbo *trajicio* (“arremessar para o lado de lá”)? As letras *-h-* e *-j-* representam talvez a consoante constrictiva que o *-s-* de *trans* ainda conservava. E reparando-se que *transno* significava “atravessar a nado”, reconhece-se em *trans* uma força lexemática ainda muito grande, já que, só por si, a preposição constituía praticamente toda a raiz de vários verbos.

A origem lexemática de *trás*<*trans* pode ter sido, de acordo com o *Oxford Dictionary*, uma hipotética raiz indo-europeia **ter* que deixou vestígios no sânscrito (*tiráh*), no avéstico (*taro*) e no galês (*tra*). Esta raiz poderá ter estado ligada ao particípio do verbo **tro* (significando “movimento”?) como ainda se nota em *intro* (*in* = interioridade + *tro* = movimento), com o sentido de *entrar, aparecer*. (TEIXEIRA 2001: 5: 6)

No quadro 3 abaixo é possível notar que parte dos autores coloca a origem de *trás, detrás* e *atrás* e respectivos sentidos das formas latinas. Todos, no entanto, são unânimes em afirmar a origem de *trás* na forma latina *trans*, cujo significado é “além, para além de”, mantido quando prefixo, mas perdido na preposição/advérbio e respectivas locuções.

Quadro 3. O item *trás* e sua etimologia

	Classificação	Origem e Sentido
Silva (2009)		“além de, exceto, atrás de, depois de”
Viaro (1994)	Locuções: <i>atrás de, detrás de, por trás de</i> etc.	<i>tras</i> < <i>trans</i> < * <i>tr-ant-s</i> , part. presente de * <i>trare</i> “atravessar”. Port. <i>tras</i> : “para além de” > “para trás de”
Teixeira (2001)		<i>trás</i> < <i>trans</i> “para o outro lado, para além de, outro lugar”
Machado Filho (2013)	Preposição Obs.: não há entrada para <i>atrás</i> e <i>detrás</i>	lat. <i>trans</i> > <i>tras</i> “atrás de”. Ex.: “(...) que o lavrador não torne olho tras sy” (p. 507).
Nascentes (1955)		<i>atrás</i> < <i>ad trans</i> “para lá, além” <i>detrás</i> < <i>de trans</i> <i>trás</i> < <i>trans</i> “além”

O que se aprende com as colocações dos autores nos quadros 2 e 3 é mostrar, de um lado, a unanimidade em indicar o item *trás* como sendo originado da preposição latina *trans*, e de outro lado o fato de não haver uma definição única e categórica para o item e suas construções. Vale lembrar que não é objetivo desta dissertação discutir nem apresentar alternativas de classificação ou definição enquanto preposição, advérbio, nem mesmo discutir a etimologia do item, já que esta tarefa faz parte da análise do processo de lexicalização, tal como se apresenta no capítulo 2. O meu interesse em observar a origem de *trás* está em extrair os sentidos que os autores demonstram. De todo modo, é possível notar que boa parte dos autores aponta o sentido locativo de *trás* (espaço posterior) a partir de *trans* (“além de”).

1.3 O item *trás* em estudos acerca das preposições complexas

Nesta seção, apresento algumas questões relacionadas à definição de preposição complexa constante na literatura (1.3.1), sobretudo no que respeita à forma, e como as propriedades semânticas de *trás* são abordadas (1.3.2). Na primeira subseção, especificamente, serão colocadas definições, classificações e questões atreladas à abordagem em que foram propostas, ou seja, na Abordagem Multissistêmica (CASTILHO 2007, 2010), a qual será exposta no capítulo 2 desta dissertação. Da mesma forma como nas seções anteriores, mantenho a terminologia e classificação adotadas pelos autores, sem o compromisso de assumir uma ou outra posição quanto à classe de palavra em que *trás* se encaixa.

1.3.1 *O item trás como preposição simples e como parte integrante de preposições complexas*

Algumas preposições simples mais frequentes no PB foram mais abordadas (Ilari et al. 2015, Oliveira 2009, Kewitz 2007, 2009, Romero 2009, Castilho 2009, Kewitz et al. 2018, para citar apenas alguns), ao passo que as preposições complexas¹⁶ ainda carecem de mais estudos, tanto em relação as suas mudanças no português quanto ao seu estatuto, como coloca Castilho (2009):

Se tomarmos em conta o processo de regramaticalização de Nomes e Advérbios, as regras de estruturação do sintagma, e a contextualização dessas expressões, ficará claro que as locuções prepositivas não dispõem de estatuto categorial próprio, podendo ser tratadas como preposições complexas. (CASTILHO 2009: 289)

Apesar de não ser o foco desta dissertação, é importante mencionar a problemática a respeito das definições e classificações de preposições e advérbios. Primeiramente, não é ponto pacífico na literatura se as preposições complexas só podem ser assim classificadas quando da presença da segunda preposição (*detrás de*, por exemplo), o que pode ser observado também nas seções anteriores. Para alguns a ausência da segunda preposição implica classificar a expressão como locução adverbial ou advérbio (*detrás, atrás* etc.) em função da transitividade, ou seja, as preposições são transitivas, projetando assim um sintagma nominal (seu complementador), característica esta ausente nos advérbios (Castilho 2009: 288). Lemle (1989: 161), ao contrário, propõe que as preposições sejam tratadas quanto a sua regência, transitiva e intransitiva, e assim “desaparece a necessidade de virem essas palavras alocadas a duas classes distintas”. Posição semelhante é a de Teixeira (2001: 07), que argumenta, a partir dos exemplos (7) e (8) abaixo, que “[é] por isso que é fácil demonstrar que *atrás* equivale sempre a *atrás de* e que a divisão feita entre o advérbio e a preposição é cognitivamente infundada”:

(7) Estou a ver todo o pelotão e o nosso ciclista vem **atrás**.

(8) Estou a ver o pelotão e o nosso ciclista vem **atrás dos** outros todos.

¹⁶ O autor adota o termo *preposições complexas*, no lugar de *locuções prepositivas*, para distinguir das preposições simples. O mesmo termo é adotado por Almeida et al. (2018), Kewitz et al. (2018), Kewitz et al. (2020), entre outros.

Embora diferentes, essas perspectivas se complementam no tratamento de uma categoria complexa como a das preposições. No caso de *trás*, no português atual, o item só é empregado em preposições complexas como *atrás de*, *por detrás de*, *para trás* etc., conforme já atestado por Pontes (1992), Castilho (2009, 2010), Ilari et al. (2015), além de alguns autores resenhados nas seções anteriores.

No português medieval (séculos XIII a XV), ao contrário, *trás* podia ocorrer seguido de um sintagma nominal, como em (9), e raramente seguido de outra preposição, como em (10):

(9)[16 DN CIPM¹⁷] t(er)mho de ljxbõa q(u)e he **tras** a sserra

(10) [15 DN CIPM] hũ pardine(yro); a metade del q(ue) está **tras da** nosa adegã

Além da questão da presença ou ausência da segunda preposição, boa parte dos autores costuma apresentar os mesmos itens na lista de preposições complexas, com algumas diferenças, a depender do critério estabelecido. A título de exemplo, Castilho (2009, 2010) divide as preposições complexas em quatro categorias, conforme os elementos que as formam, quais sejam: advérbio + preposição (*dentro de*, *perto de* etc.), preposição + advérbio + preposição (*debaixo de*, *por cima de* etc.), preposição + substantivo + preposição (*em meio de/a*, *em frente de/a* etc.) e preposição + preposição (*por entre*, *por trás de* etc.). O próprio autor admite que essas categorias, “na verdade, são sintagmas adverbiais ou sintagmas preposicionais” (Castilho 2010: 588-589).

A partir dessa classificação, Almeida et al. (2018) propõem que as preposições complexas podem ser representadas pelo molde P(x)P, no qual a estrutura prototípica é formada por Preposição + Preposição (PP), e “x pode não ser instanciado” ou pode ser instanciado por um substantivo ou um advérbio (op. cit., p. 160). Além disso, os autores discutem se preposições complexas seriam palavras de classe aberta ou fechada¹⁸, visto que se criam com mais frequência do que as preposições simples, mas não na mesma velocidade e produtividade que classes tipicamente abertas, como verbos e substantivos. No entanto, é importante reconhecer que a criação de novas preposições complexas não é e não pode ser estabelecida do nada, ao que os autores explicam:

[...] o que se dá é, primeiro, a fixação de um padrão indutivo (formação de preposições por recursividade em diferentes sincronias) e, depois, um padrão dedutivo (formação de preposições por instanciação de moldes em outras

¹⁷ CIPM: *Corpus Informatizado do Português Medieval*, cf. cap. 2 desta dissertação.

¹⁸ A esse respeito, v. Ilari et al. (2015).

diferentes sincronias) numa visão da história com foco nos processos. (ALMEIDA et al. 2018:162)

Outro aspecto levantado pelos autores refere-se à distinção entre preposição complexa e sintagma preposicional, a exemplo de *em frente de/a* e *na frente de*, respectivamente. A proposta é colocada com base nas noções da *analísabilidade* e *composicionalidade*. As preposições complexas, de acordo com os autores, apresentam composicionalidade parcial, pois a soma dos elementos que as compõem não equivale ao seu sentido do todo, ao passo que sintagmas preposicionais podem ser compreendidos pela soma de seus elementos, apresentando, assim, maior grau de composicionalidade. Ainda conforme os autores (op. cit., p. 163), “[m]aior composicionalidade, por sua vez, implica maior grau de analisabilidade”, colocado em termos de escala da seguinte forma: sintagmas preposicionais apresentam maior grau de composicionalidade e de analisabilidade; preposições complexas, por sua vez, “exibem composicionalidade parcial e analisabilidade plena; as preposições simples, por fim, tem grau zero de composicionalidade e analisabilidade variável, levando-se em conta a formação desses itens (maior em *perante* < *per* + *ante*, do que em *para* < *per* + *ad*): op. cit., p. 164. Esses dois aspectos parecem comprovar o caráter de classe ± aberta/fechada das preposições complexas e de classe fechada para as preposições simples. Voltando ao exemplo colocado acima, os autores afirmam que a classificação de *em frente de/a* como preposição complexa e *na frente de* como sintagma preposicional se deve a

(...) tão-somente os graus de composicionalidade, visto que nada pode ser inserido na preposição enquanto o sintagma pode receber determinantes, como em *na linda frente da casa*. [...] Uma evidência formal de que se trata de duas construções é a restrição quanto à preposição simples à direita: *a* e *de* na preposição complexa, apenas *de* no sintagma preposicional. (ALMEIDA et al. 2018: 164)

Tal diferenciação é relevante para a compreensão e uma análise das propriedades sintáticas dos dados levantados com o item *trás*, em busca de observar se essa diferenciação se dá também nas construções formadas pelo item, ainda que não seja um substantivo tal como *frente* (que admite determinantes). Além disso, como colocado anteriormente, será preciso levar em conta que, historicamente, *trás* era raramente seguido da preposição *de*.

Outra característica das preposições complexas pode ser encontrada em Kewitz et al. (2018) quando as associam à noção de *chunk*¹⁹, nos seguintes termos:

[...] as preposições complexas também podem ser consideradas *chunks* na medida em que não constituem sintagmas preposicionais isolados e as partes raramente podem ser entendidas separadamente (cf. Bybee, 2010:139-140). Isso é reforçado quando a base das preposições complexas é um substantivo que, num *chunk*, tem suas propriedades nominais desativadas, a exemplo de *cima* em *acima de*, *em cima de*, *por cima de* etc. (...). Por outras palavras, o item *cima* não só perdeu suas propriedades de substantivo, como foi desativado do léxico do PB, ocorrendo o mesmo com *beça* em *à beça* e *toa* em *à toa*. (KEWITZ et al. 2018: 336)

O mesmo caminho parece ter tomado o item *trás* no português, já que só ocorre em construções como *atrás (de)*, *detrás (de)*, *por trás (de)*, *por detrás (de)* e *para trás (de)*, conforme os mesmos autores colocam em relação às propriedades fonológicas de *trás*:

Vale lembrar que *trás*, um monossílabo com coda, consta da lista de preposições fornecida pela maior parte das gramáticas do português. Essa forma, no entanto, nunca aparece sozinha nos vários *corpora* em que a coleta foi feita. Suas principais ocorrências contam com a presença de outra preposição que sistematicamente a precede: *a*, *de*, *por* e *para*. No caso das duas primeiras, o mecanismo de *chunking* levou à consagração, na escrita, dos advérbios *atrás* e *detrás*, combinações mais frequentes que *por trás* e *para trás*. (KEWITZ et al. 2018: 357)

Outras propriedades gramaticais de *trás* são apontadas por Castilho (2004, 2006) quanto aos processos de fonologização, em que há a perda da consoante nasal (*trans* > *tras*), e de sintaticização, em que se vê certa restrição na função sintática (apenas como adjunto adverbial de lugar).

Para atestar em que medida *trás* está mais ou menos gramaticalizado, considerando suas propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas ao longo do tempo, mais pesquisas são necessárias, inclusive comparando-se a outros itens, a exemplo de *cima*, *baixo* e *cerca* estudados por Kewitz et al. (2020). Adicionalmente, a observação da manutenção do sentido de *trans* como prefixo no português (“além de”) poderá revelar alguns aspectos do percurso histórico de *trás* e demais construções. Na

¹⁹ *Grosso modo*, trata-se de expressões ou formas rotinizadas pelo uso. Para uma definição mais apurada do termo, v. Bybee (2010, apud Kewitz et al. 2018: 334 em diante).

próxima subseção, descrevo as propriedades semânticas das preposições complexas com foco no item *trás* e suas construções.

1.3.2 Propriedades semânticas do item *trás*

Nos estudos de Castilho (2004, 2006, 2009, 2010), a análise semântica das preposições é dividida por eixos espaciais como horizontal, vertical, transversal etc., uma vez que os sentidos mais básicos (ou primários) das preposições são aqueles referentes às categorias e subcategorias cognitivas de ESPAÇO, como posição, deslocamento, distância e movimento.

As preposições simples e as preposições complexas seriam, segundo o autor, responsáveis por relacionar dois termos, os posicionando no espaço, de forma que se estabeleça uma ligação assimétrica entre um objeto A (FIGURA) e um objeto B (FUNDO). A relação é assimétrica em função das características mais prototípicas da FIGURA e do FUNDO, tais como o tamanho de um em relação ao outro, a mobilidade de um e de outro, entre outras (cf. Talmy 2000).

É no eixo transversal que se inserem as formas com o item *trás*, especificamente no espaço /posterior/, ao lado de outras formas como *depois*, *após* etc. Ao comparar as preposições dos dois espaços do eixo transversal, /anterior/ e /posterior/, o autor afirma que o primeiro tem “uma variedade de formas e uma frequência de uso superiores” ao segundo²⁰, “pois os objetos localizados no espaço diante dos olhos integram uma hierarquia cognitiva mais alta que aqueles localizados às costas: Lakoff (1987)” (CASTILHO 2009: p. 315). A relação entre FIGURA e FUNDO no eixo transversal é assim descrita pelo autor:

(1) O participante que desejamos localizar (=FIGURA) tem à sua frente o participante que serve de ponto de referência (=FUNDO); diremos que essas preposições exemplificam a subcategoria ESPAÇO ANTERIOR. Por assim dizer, a FIGURA “olha” para o participante FUNDO.

(2) O participante FIGURA está localizado atrás do participante FUNDO; diremos que essas preposições exemplificam a subcategoria ESPAÇO posterior. Por assim dizer, a FIGURA se localizou “às costas” do participante FUNDO. (CASTILHO 2004: 22)

²⁰ O autor analisou dados do PB de *corpora* dos séculos XIX e XX, sobretudo, em que constatou a ausência do item *trás*, que denomina como preposição simples e a ocorrência apenas das construções *atrás (de)*, *detrás (de)* e *por trás (de)*.

O autor atenta para o fato de que nas preposições do eixo transversal, teria sido desativada a categoria de espaço posterior, e ativada a categoria de tempo (posterior), no caso das formas *após* e *depois* (e a forma antiga *empós*).

Num diálogo entre a Abordagem Multissistêmica e a Linguística Cognitiva, Kewitz et al. (2018) analisam sincrônica e diacronicamente as preposições do português tendo a semântica como ponto de partida.

Acerca da definição das preposições, vale lembrar que as preposições passam a ser mais usadas no latim vulgar e nas línguas românicas pela necessidade da marcação dos papéis temáticos resultante da redução dos casos morfológicos. Com o sentido primário e fundamental de espaço, como apontam os autores, o “fator fundamental da experiência corpórea, o que torna uma das bases de conhecimento de mundo, por sua vez, indissociável do conhecimento da língua” (op. cit, p. 327), as preposições, conforme os autores enfatizam, não são variáveis umas com outras, pois a perspectiva do conceptualizador (falante), tal como ele experiencia a realidade, já que está situado “no espaço, no tempo, na cultura e na história” (op. cit., p. 303). Assim,

Em outras palavras, porque situada, a cognição impõe ao conceptualizador uma orientação no espaço-tempo e lhe permite projetar uma perspectiva, que inclui conhecimento de mundo, crenças e atitudes. Neste capítulo, importa a situacionalidade do conceptualizador na projeção de perspectivas, projeção que entendemos ser expressa por meio das preposições (dentre outros elementos). (KEWITZ et al. 2018: 303)

Esse espaço é então conceitualizado em termos de Esquemas Imagéticos (doravante EI), a partir da proposta de Lakoff (1987), para quem EI estabelecem a organização cognitiva do espaço, ou seja, uma forma que a língua apresenta de olhar o deslocamento ou a posição no espaço a partir de vários pontos de observação e da experiência corpórea em relação às coisas do mundo. Com base nessa proposta, Ilari et al. (2015) apresentam a distribuição das preposições simples quanto aos seguintes EI:

Quadro 4. Distribuição das preposições simples quanto aos esquemas imagéticos
(adaptado de Ilari et al. 2015: 187)

Esquema do trajeto	Esquema de em cima- embaixo	Esquema de caixa	Esquema de ligação (ou presença simultânea num mesmo espaço)
<u>Dinâmico</u> : <i>de, desde</i> (origem); <i>por</i> (percurso); <i>a, para</i> (destino); <i>até</i> (limite final do destino)	<i>sobre</i> (em cima), <i>sob</i> (embaixo)	<i>em</i> (dentro)	<i>com, sem</i>
<u>Estático</u> : <i>ante, perante</i> (anterior); <i>entre</i> (no meio); <i>após, trás</i> (posterior)			

Os Esquemas Imagéticos exemplificados acima levam em conta sempre uma relação de localização (estática ou dinâmica) de uma entidade (FIGURA) em relação a outra (FUNDO), como *a lua por trás do prédio*. Estou tomando aqui os termos de Talmy (2000) associados aos EIs propostos por Lakoff (1987) sem o compromisso com as especificações da proposta e classificação de cada autor. Esses conceitos da Linguística Cognitiva complementam a proposta de Castilho (2004, 2006, 2009, 2010) em relação à distribuição das preposições por eixos espaciais, dadas as semelhanças, como no EI Frente-Trás e o eixo transversal (espaços /anterior/ e /posterior/). Esses e outros conceitos serão especificados mais detalhadamente no capítulo 2 desta dissertação.

A transposição de EI, ou “o uso metafórico de preposições” (Ilari et al. 2015: 191), permite entender expressões mais ou menos fixas, como *correr atrás do prejuízo*, *Fulano está atrás de você* (no sentido de *procurar*), *por trás/detrás dos bastidores*, entre outras. Da mesma forma, o processo de *chunking* proposto em Kewitz et al. (2015) complementa o entendimento dessas expressões, pois nelas vê-se a transposição de esquemas com motivação aparente, ou seja, é possível vislumbrar o sentido original de espaço /posterior/. Cada um dos “usos metafóricos” encontrados ao longo dos séculos, será analisado no capítulo 3 desta dissertação.

1.4 O item *trás* na literatura levantada

Pelo que apresentei até aqui, há poucos estudos sobre o item *trás* especialmente no campo da Linguística Histórica. Assim, a presente pesquisa mostra-se um estudo produtivo. A ocorrência de *trás* apenas como parte integrante de construções (*detrás, atrás, para trás, por trás de*) no português atual, tanto na variedade brasileira quanto europeia, nos leva a questionar como se deram as mudanças semânticas no item *trás*. Pelo que foi descrito até aqui, já é possível afirmar que gramaticalmente *trás* deixou de

ser forma livre tal como as demais preposições simples, e passou a integrar construções mais ou menos fixas (*atrás, detrás, por trás* etc.), o que remete em certa medida a outras formas do português como *cima* (*acima, de cima, por cima* etc.). Como já mencionado anteriormente, as mudanças gramaticais de *trás* e demais construções ficarão para pesquisas futuras. Aqui foco nas questões relacionadas às propriedades semânticas levantadas na revisão da literatura para os encaminhamentos da presente dissertação.

Os estudos de cunho normativo e descritivo acerca do item *trás* abordados na seção 1.1 mostram as diferentes concepções e classificações, ora como advérbio, locução adverbial, preposição simples ou preposição complexa (locução prepositiva). Muitos autores limitam-se a apresentar listas contendo os itens de cada categoria, muitas vezes sem exemplos ou descrição. Já o foco das gramáticas históricas e dicionários etimológicos, apresentados em 1.2, está em apontar a origem das formas presentes em português. No caso de *trás*, é unânime a atribuição de sua filiação à preposição latina *trans*.

Diante de um quadro consideravelmente extenso de advérbios e preposições do português, surpreende o fato de que nenhuma das gramáticas consultadas analisa o item *trás* de forma mais detalhada, como se vê para outros itens, como *de, para, com, entre* etc. Diante disso, seria possível afirmar que o item *trás* não é tão produtivo quanto os demais? Haveria alguma razão cognitiva para sua baixa frequência ao longo do tempo, como coloca Castilho (2009), segundo o qual o que está à nossa vista (*frente*) é mais produtivo do que aquilo que não vemos (*atrás* > *não visível* > *escondido*)?

As abordagens adotadas nos estudos mais recentes sobre preposições, principalmente acerca das preposições complexas, fornecem novas perspectivas de análise dessa classe, conforme expus em 1.3. Dentre os aspectos levantados, destacam-se (i) a definição de preposição complexa dada por Almeida et al. (2018) em termos do molde $P(x)P$; (ii) a distinção entre sintagma preposicional e preposição complexa, pelos mesmos autores; (iii) o tratamento dado a algumas formas como *chunk* em Kewitz et al. (2018); e (iv) a análise das propriedades semânticas das preposições por eixos espaciais (Castilho 2004, 2006, 2009, 2010) e EI (Lakoff 1987, Kewitz et. al. 2018).

No capítulo 2, a seguir, apresento a abordagem multissistêmica, na qual a presente pesquisa está ancorada, assim como os conceitos nos quais me apoio para realizar a análise do item *trás* e de suas construções, em seguida, discorro sobre a

metodologia de coleta e análise de dados, e, por fim, apresento os principais questionamentos que permearam a pesquisa como um todo.

CAPÍTULO 2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente capítulo é dividido em duas seções principais, sendo elas: os pressupostos teóricos, ou seja, a base teórica na qual a presente pesquisa está apoiada e os conceitos que fundamentam a análise do sentido do item *trás* e construções e os procedimentos metodológicos, onde apresento como foi realizada a coleta dos dados e como a análise foi organizada.

Na seção dedicada aos pressupostos metodológicos, apresento a Abordagem Multissistêmica da língua (Castilho, 2006, 2007, 2010). Complementarmente, destaco alguns conceitos da Linguística Cognitiva a partir das obras de Talmy (2000), Lakoff (1987) e Lakoff; Johnson (1980), acerca, principalmente dos conceitos de Esquemas Imagéticos (doravante EI), seu papel no usos metafóricos, os conceitos de FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA e os diferentes conceitos e tipos de metáforas, somados a esses conceitos, apresento os modelos identificados para as preposições do inglês, em Tyler; Evans (2003), assim como os modelos reconhecidos para o item *trás* em Teixeira (2001)²¹.

Na seção seguinte, dedicada aos procedimentos metodológicos, apresento os documentos analisados ao longo dos séculos XVI ao XXI, a metodologia de coleta desses dados e a nomenclatura utilizada para identificá-los; em seguida, apresento os procedimentos de análise e as questões principais nas quais o capítulo 3 é fundamentado.

2.1 Pressupostos teóricos

A presente seção é dividida em duas subseções principais, sendo elas: 2.1.1 A Abordagem Multissistêmica e 2.1.2 A Linguística Cognitiva. Em 2.1.1 apresento a Abordagem Multissistêmica da língua a partir das obras de Castilho (2006, 2007, 2010), e os seus principais conceitos. Em 2.1.2 trago alguns dos conceitos da Linguística Cognitiva nos quais a análise dos dados foi fundamentada; essa subseção ainda foi dividida a partir dos diferentes conceitos utilizados.

²¹ Quando me referir à tese como todo, farei uso de Teixeira (2001). Em outros momentos, farei referência a capítulos específicos, identificados por Teixeira (2001: número do capítulo: página), pois os capítulos encontram-se em arquivos separados, portanto, com uma paginação individual.

2.1.1 A Abordagem Multissistêmica

O modelo teórico adotado nesta pesquisa é a Abordagem Multissistêmica da língua, doravante AM, proposta por Castilho (2006, 2007, 2010), que insere a linguagem nas ciências dos sistemas complexos²². Essa abordagem tem seu fundamento no funcionalismo, mas sobretudo nos estudos de língua falada empreendidos no Brasil (projetos *NURC* e *Gramática do Português Falado*), além de sua extensão à diacronia do PB (Projetos *Para a História do Português Brasileiro* e PHPP I e II).

Alguns fenômenos foram analisados nessa perspectiva, como as preposições por Castilho (2004, 2006, 2007, 2009, 2010), Romero (2009), Kewitz (2007, 2009, 2011), Kewitz et al. (2018), a concordância por Moraes de Castilho; Castilho (2012, 2013), Castilho et al. (2019), as orações gerundivas por Simões (2007, 2009, 2019), o item *vez* por Castilho (2006, 2010), a sentença matriz por Castilho (2009, 2010), entre outros. Destes destaco os estudos de algumas preposições feitos por Castilho (2004, 2009) e Kewitz (2007, 2009), pela relação mais próxima ao item *trás* sob análise nesta pesquisa. Complementarmente, as pesquisas no âmbito das teorias sob o rótulo de Linguística Cognitiva complementam os postulados da AM, que podem ser assim resumidos (Castilho 2010: 69-79):

1. A língua é uma competência comunicativa: (...) habilidade de veicular conteúdos informativos, exteriorizar sentimentos pessoais e expressar instruções que devem ser seguidas. (...) A língua se manifesta na interação social pela conversação, considerada como a articulação discursiva mais fundamental.
2. As estruturas linguísticas não são objetos autônomos: as estruturas são flexíveis e permeáveis às pressões do uso (...); não são totalmente arbitrárias (...); são dinâmicas e sujeitas a reelaborações constantes, (...).
3. A língua é pancrônica: formas do presente convivem com formas do passado. A separação entre diacronia e sincronia refere-se mais a uma metodologia de pesquisa do que à separação de estágios da língua.
4. A língua se fundamenta num aparato cognitivo: as línguas naturais representam em suas estruturas as categorias cognitivas mais básicas como PESSOA, ESPAÇO, MOVIMENTO, TEMPO, OBJETO, QUANTIDADE, QUALIDADE etc.
5. As estruturas linguísticas são multissistêmicas: [a língua] poderá ser definida através de premissas que tomem em conta a língua como um conjunto de processos e como um conjunto de produtos: *(1) Do ângulo dos processos, as línguas são definíveis como um conjunto de processos mentais, pré-verbais, organizáveis num multissistema operacional.* Os processos que organizam as línguas entendidas em seu dinamismo operam (i)

²² Para a exposição sobre as ciências clássicas e as ciências dos sistemas complexos, v. Castilho 2007, 2010, 2011 e 2015.

simultaneamente, não sequencialmente; (ii) dinamicamente (não são entidades estáticas); (iii) multilinearmente (não são entidades unilineares). A língua-enquanto-processo pode ser razoavelmente articulada em quatro domínios: (1) lexicalização, (2) discursivização, (3) semanticização e (4) gramaticalização.

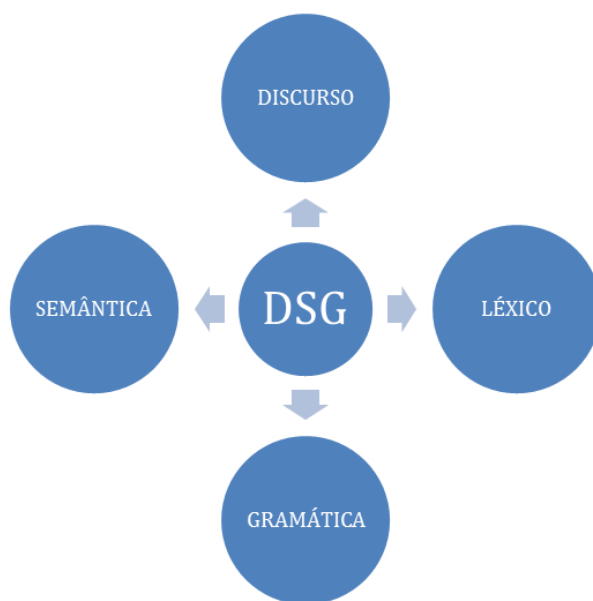
(2) *Do ângulo dos produtos, as línguas serão apresentadas como um conjunto de categorias igualmente organizadas num multissistema.* A língua-enquanto-produto é um conjunto de categorias agrupadas em quatro sistemas: (1) léxico, (2) discurso, (3) semântica e (4) gramática. (...) Qualquer expressão linguística exhibe ao mesmo tempo propriedades lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais.

6. Um dispositivo sociocognitivo ordena os sistemas linguísticos: (...) explicável por meio dos princípios de ativação, reativação e desativação de propriedades (...), são cognitivos porque se fundamentam em categorias e subcategorias cognitivas. (...) São também sociais porque baseados na análise continuada das situações do que ocorre numa conversa (...). Os princípios sociocognitivos gerenciam os sistemas linguísticos, garantindo sua integração para os propósitos dos usos linguísticos, para a eficácia dos atos de fala. (CASTILHO 2010: 69-79, ordenação adaptada)

Os dispositivos sociocognitivos referem-se à ativação, reativação e desativação de propriedades em todos os sistemas linguísticos, bem como de sons, morfemas, palavras, sentenças e porções do texto. A ativação é responsável pelas escolhas que o falante vai fazendo quando conversa ou escreve, ativando no cérebro todas as propriedades de um item linguístico qualquer (ou construção, texto etc.). A reativação refere-se a rearranjos dessas escolhas, repetindo, corrigindo, parafraseando sentidos e formas. E a desativação corresponde ao momento em que silenciemos propriedades, formas, sentidos etc. Segundo Castilho (2010: 80), “[é] importante enfatizar que esses dispositivos operam ao mesmo tempo, não sequencialmente (...), por acumulação de impulsos, simultaneamente”, justamente por se considerar a linguagem como um sistema complexo. Nesse sentido, nenhum sistema linguístico é tido como central, como se vê em outras teorias (a sintaxe para os gerativistas, a fonologia para os estruturalistas, a semântica ou o discurso para os funcionalistas etc.). E também não há hierarquia entre os sistemas (um derivando do outro), visto que a língua não é definida como algo linear, unidirecional, nessa abordagem. Assim, descentraliza-se a gramaticalização, colocando-a ao lado dos demais processos, ou seja, ela é apenas *um* dos processos de criação e mudança linguísticas.

O que é central nessa abordagem são os dispositivos sociocognitivos (DSG) que ordenam todos os processos e produtos. A figura 1 a seguir representa a AM conforme Castilho (2015: 79):

Figura 1. Representação da Abordagem Multissistêmica conforme Castilho (2015: 79)



Por esse esquema, observa-se que não há dependência entre os sistemas. Assim, a Gramática, por exemplo, não governa o Léxico, ou vice-versa, assim como o Discurso não governa a Gramática e assim por diante (Castilho 2015: 80). Tratarei brevemente de cada um dos sistemas, com foco na Semântica.

Como Gramática, Castilho (2014:54), compreende todo o sistema linguístico constituído por estruturas cristalizadas ou em processo de cristalização. Dentro dela, são ainda reconhecidos os seguintes subsistemas, a fonologia, a morfologia e a sintaxe.

Por gramaticalização Castilho (2010: 138-139) entende a ativação de propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas de formas linguísticas. Os dispositivos sociocognitivos no sistema da Gramática geram, além da ativação, a reativação (regramaticalização) e a desativação (desgramaticalização) de propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas dos itens linguísticos.

Analisando a gramaticalização de preposições, Castilho (2004: 30) dispõe os itens dessa classe numa escala que vai dos mais gramaticalizados (*de, em, a, para, com e por*), os medianamente gramaticalizados (*sem, sob, sobre, após, até, desde, contra, entre*), até os menos gramaticalizados (*ante, perante, segundo, conforme, trás etc.*). Essa classificação leva em conta sobretudo seu papel como argumento e adjunto em dados orais do PB atual. Diacronicamente, essa escala pode ser diferente se se leva em conta os itens que sofreram mais mudanças ao longo do tempo, chegando a desaparecer ou

sofrer alterações formais e semânticas, como é o caso do item *trás*, conforme se expôs no capítulo 1 desta dissertação.

No que respeita à regramaticalização das preposições, Castilho (2010) destaca, entre outros aspectos, o papel da reanálise na formação de novas preposições ausentes no latim clássico, como *para* (*per + ad*), *perante* (*per + ante*), *desde* (*de + ex + de*), além das preposições complexas (*diante de*, *atrás de*, *depois de* etc.). Por fim, a desgramaticalização é caracterizada pela possibilidade de apagamento ou desaparecimento de palavras ou expressões, a exemplo de *segunda-feira vou à aula*, em que a preposição *em* é elidida (*na segunda-feira...*) ou ainda a diminuição do uso da preposição *a* no PB atual, constatada por diversos estudos variacionistas (cf. Castilho 2009: 326) e por Kewitz (2007, 2009). A desgramaticalização também pode estar atrelada à restrição ou perda de certas funções sintáticas, como constata Castilho (2004, 2009) para as preposições do eixo transversal no PB atual, que assumem quase exclusivamente a função de adjunto.

Para definir o Léxico, o autor retoma a concepção de Himmelmann (2004: 23, apud Castilho 2014) e a interpreta reforçando a distinção entre *léxico mental*, *léxico dos lexicógrafos* e *léxico dos gramáticos*²³ e concluindo que o Léxico “é um inventário (i) de categorias e subcategorias cognitivas, e (ii) de traços²⁴ semânticos inerentes. Esse inventário é virtual, pré-verbal, podendo ser entendido como um feixe de propriedades de que lançamos mão para a criação das palavras” ou ainda “é definido como um conjunto de categorias cognitivas e traços derivados que são representados nas palavras por meio da lexicalização”. Decorre dessa percepção a “criação de palavras”. Para o autor, a *Lexicalização* pode ser observada por etimologia, neologia e empréstimos.

A ativação de propriedades lexicais compreende a escolha das categorias cognitivas e seus traços semânticos; a reativação (relexicalização) se dá por nova ativação, ou seja, um rearranjo das categorias cognitivas e seus traços; e, por fim, a desativação de propriedades corresponde ao que autor chama de *morte das palavras*, ou deslexicalização.

²³ O *léxico mental*, como explica Castilho (2014) parte dos sentidos cognitivos para as formas que eles representam, constituindo assim uma percepção onomasiológica. Já o *léxico dos lexicógrafos* e o *léxico dos gramáticos* são percepções semasiológicas, ou seja, partem das formas para seus sentidos, o primeiro tendo como objetivo relacionar as formas com sentidos comuns na língua (com foco nos lexemas, expressões idiomáticas e nos morfemas derivacionais), e o segundo, relacionar as formas com seus sentidos gramaticais (com foco nos lexemas simples, palavras funcionais e regras morfológicas de derivação).

²⁴ Entende-se aqui *traços* como equivalente a *propriedades*.

Por Discurso²⁵, o autor entende:

[...] o conjunto de negociações em que se envolvem o locutor e o interlocutor, através das quais (i) se instanciam as pessoas de uma interação e se constroem suas imagens; (ii) se organiza a conversação através da elaboração do tópico discursivo, dos procedimentos de ação sobre o outro ou de exteriorização dos sentimentos; (iii) se reorganiza essa interação através do subsistema de correção sociopragmática; ou (iv) se abandona o ritmo em curso através de digressões e parênteses, que passam a gerar outros centros de interesse. (CASTILHO 2014: 49)

O processo de discursivização, assim como os demais, é governado pelos princípios de ativação, reativação e desativação. Assim, a ativação (*discursivização*) produz as unidades discursivas e os parágrafos, a reativação (*rediscursivização*) compreende a repetição dos enunciados, a correção e a paráfrase, e a desativação (*desdiscursivização*) se refere às estratégias como os parênteses e as digressões.

A Semântica, sistema principal a ser estudado quanto ao item *trás* e suas construções, diz respeito aos sentidos expressos nas línguas naturais, e a semanticização é o processo responsável pela criação de significados. Essa definição geral da Semântica é complementada por alguns pressupostos da Linguística Cognitiva, os quais são colocados por Castilho (2010) através das seguintes estratégias:

- (i) organizando o campo visual através do estabelecimento de participantes e eventos;
- (ii) emoldurando participantes e eventos via criação de *frames*, *scripts* e cenários;
- (iii) hierarquizando os participantes e eventos via fixação de perspectivas, escopos, figura/fundo;
- (iv) incluindo, excluindo, focalizando participantes e eventos;
- (v) agregando participantes e eventos novos por inferência, pressuposição, comparação;
- (vi) movimentando os participantes e eventos novos por inferência, pressuposição, comparação;
- (vii) alterando nossa perspectiva sobre os participantes e os eventos, via metáfora, metonímia, especialização, generalização. (CASTILHO 2010: 122)

²⁵ Vale lembrar que o Discurso é definido por diferentes autores a partir de perspectivas distintas, cujo o único ponto comum possível, como aponta Castilho (2014), é o fato de todos considerarem a unidade de análise do discurso como algo que ultrapassa o limite da sentença.

Para a análise do item *trás* e suas construções serão levadas em consideração, principalmente, a estratégia (i), no que concerne ao sentido espacial do item e das construções, e a estratégia (vii) quanto aos usos metafóricos encontrados, ainda que as demais estratégias também possam ser depreendidas em alguns usos. Castilho (2014) ainda propõe quatro campos de investigação sobre Semântica, sendo eles:

(i) Semântica lexical, que trata dos *sentidos das palavras*, (ii) Semântica gramatical, que trata dos *significados das construções*, (iii) Semântica discursiva ou pragmática, que trata das *significações* geradas no intervalo que medeia entre os locutores e os signos linguísticos, (iv) Semântica cognitiva, que trata da *criação dos sentidos*. (CASTILHO 2014: 18, grifos do autor)

Para ilustrar os três primeiros campos, o autor (op. cit., p. 18) fornece os seguintes exemplos com o substantivo *balde*:

(11) *balde*: “objeto usualmente de metal, cilíndrico, dotado de alça, que serve para carregar líquidos ou sólidos” (Semântica lexical)

(12) *chutar o balde*: “desinteressar-se, desistir de uma ação” ou “perder o controle da situação” (Semântica gramatical)

(13) *Não consigo carregar este balde de areia*: pode ser um pedido indireto de ajuda a alguém (Semântica discursiva)

Essas três Semânticas não são excludentes, conforme enfatiza o autor, mas são postuladas como problemáticas, isto é, são “não exclusivas, não negativas, mas, ao contrário, integrativas, simultâneas”, uma vez que a AM opera “com conceitos complexos, que ocorrem simultaneamente, numa disposição radial” (op. cit., p. 18).

A Semântica lexical²⁶, que trata dos sentidos das palavras, é configurada pelas seguintes categorias: referenciação ou designação, paráfrase e sinonímia, contradição e antonímia, polissemia, hiperonímia, hiponímia, meronímia e campos semânticos. O sentido das palavras envolve a categoria de *intensão*, ou seja, conjunto de traços inerentes, como *menino*, cujos traços inerentes são /animado/, /humano/, e *onça* que tem os traços /animado/, /-humano/ e a categoria de *extensão*, conjunto de indivíduos denotados por uma palavra (cf. CASTILHO 2014: 19).

O estudo do significado das construções, de seus traços inerentes e adquiridos é papel da Semântica gramatical. Os traços inerentes são os constitutivos das palavras enquanto que os traços adquiridos são resultados do *movimento fictício* de traços

²⁶ Sobre a Semântica Lexical Castilho (2014: 20) conclui: “trata dos traços semânticos inerentes/intencionais, que são exemplificações nas diferentes categorias léxicas, tais como verbos, substantivos, adjetivos, advérbios, preposições”.

inerentes de uma palavra para outra²⁷. O campo da Semântica gramatical é organizado pelas seguintes categorias: predicação e papéis temáticos, apresentação, verificação, categorias semânticas do verbo (classes acionais, aspecto, tempo, modo, voz) e junção preposicional e conjuncional, como aponta Castilho (2014: 23).

A Semântica discursiva trata das significações geradas no texto, ou na interação, durante uma interlocução, e é configurada pelas seguintes categorias: foricidade (anáfora e catáfora), dêixis locativa e temporal, inferência e pressuposição, paráfrase e articulação tema-rema.

No que se refere à Semântica Cognitiva, Castilho (2015) se apoia em alguns postulados, conceitos e estudos da Linguística Cognitiva, adaptando-os à sua abordagem. A criação dos sentidos é determinada pelos seguintes elementos: (i) emolduramento e hierarquização dos participantes da cena; (ii) perspectiva, esquematicidade; (iii) a relação entre FIGURA e FUNDO; (iv) verificação (inclusão, exclusão, focalização); (iv) a língua como representação das categorias cognitivas (PESSOA, ESPAÇO, MOVIMENTO, TEMPO etc.), entre outros. O interesse do autor está em verificar não apenas como se dá a criação dos sentidos (ativação), mas também a recriação (reativação) e a perda (desativação) de sentidos das expressões linguísticas (CASTILHO 2014: 42).

Por semanticização entende-se como o “processo de criação, modificação e categorização do sentido linguístico” (CASTILHO 2015). Já a ressemanticização produz na semântica alterações à representação dos objetos e eventos e, por fim, a dessemanticização se dá por meio das desativações semânticas, ou seja, são alterações de sentidos nos quais sentidos anteriores são desativados, ou como aponta o autor, são silenciados, e novos sentidos são ativados, processo que se dá por meio da metáfora, metonímia, especialização e generalização.

Deve-se levar em conta que a AM é um plano de pesquisas coletivas, em que se envolvem especialistas de pelo menos esses quatro campos, colocados como subsistemas (Gramática, Discurso, Semântica, Léxico). Embora sejam reconhecidas algumas das propriedades discursivas do item *trás* e de suas construções, o foco da presente pesquisa é o processo da semanticização. Por isso, quando estiver tratando da

²⁷ O autor se baseia no conceito de movimento fictício proposto por Talmy (2000) nos seguintes termos: “o MOVIMENTO pode ser FÍSICO, ou real, quando um OBJETO se desloca num ESPAÇO, ou fictício, quando imageticamente supomos que ocorreu a deslocação desse OBJETO.” (CASTILHO 2014: 23). Como exemplo, pode-se pensar em expressões como *a cerca começa na casa e vai até aquela árvore e quando viajava as árvores passavam rapidamente* (exemplos adaptados de Talmy 2000).

etimologia, não estarei focando na lexicalização, mas sim buscando extrair dessas obras os sentidos que são propostos, para relacionar com o que encontrei nos dados e o que consta nos dicionários e gramáticas. Tal escolha deve-se, principalmente, aos dados encontrados para o item *trás* e suas construções e aos resultados das análises iniciais que demonstraram uma variedade de usos metafóricos, ultrapassando o sentido espacial esperado do item.

Para tanto, apresento a seguir alguns conceitos da Linguística Cognitiva que servem de base para a análise dos dados de *trás* e suas construções, começando pelo sentido espacial prototípico, a partir do qual os demais sentidos são construídos.

2.1.2 A Linguística Cognitiva

A Linguística Cognitiva (doravante LC) servirá de base complementar à AM no que concerne à Semântica²⁸ (apesar de haver algumas divergências entre modelos, de que não tratarei na presente pesquisa), sem o compromisso de aplicar uma ou mais teorias que compõem o conjunto da LC. Os conceitos aqui utilizados também ocorrem em Castilho (2010) inserido na AM, como o conceito de FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA, de Esquemas Imagéticos e de metáfora de Lakoff (1987) e Lakoff; Johnson (1980).

Os dados do item *trás* e de suas construções são analisados no capítulo 3 tendo como base os conceitos apresentados nesta seção. Não sendo objetivo desta pesquisa discutir as várias teorias que compõem a LC, vou me valer de alguns conceitos da Teoria da Metáfora, tais como apresentados em Lakoff (1987) e Lakoff; Johnson (1980): metáforas conceptuais, ontológicas e orientacionais, e a noção de Esquemas Imagéticos.

Complementarmente, abordo também o trabalho de Teixeira (2001), no qual o autor faz uma análise detalhada dos usos de *frente/trás* no que concerne à verbalização do espaço, e retomo algumas propriedades semânticas apontadas por Castilho (2009, 2010) e Ilari et al. (2015) em seus estudos sobre as preposições. Esses autores abordam, em certa medida, as propriedades semânticas dessa classe de palavras com base nos conceitos de FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA e de Esquemas Imagéticos, os quais serão descritos nas duas próximas subseções, respectivamente. Em seguida, exponho alguns

²⁸ A LC tem se dedicado amplamente à Semântica, aliada a outros sistemas como o Léxico e a Gramática, ainda que algumas de suas teorias focalizem mais as formas e outras os sentidos e a organização e representação das categorias cognitivas nas línguas (cf. Silva 2006, Batoréo 2000, Evans; Green 2006, Lakoff; Johnson 1980, Lakoff 1987, Talmy 2000, entre outros).

conceitos a respeito da transposição de esquemas ou usos metafóricos. Esses conceitos todos servem de base para o levantamento das questões que apresento na seção 2.2.2 acerca da análise dos dados.

2.1.2.1 Os conceitos de FIGURA e PONTO DE REFERENCIA

Ao estudar as preposições, Castilho (2004, 2006, 2009, 2010) analisa a semântica dessa classe de palavras por eixos espaciais (horizontal, vertical, transversal etc.), uma vez que os sentidos mais básicos (ou primários) das preposições são aqueles referentes às categorias e subcategorias cognitivas de ESPAÇO, como posição, deslocamento, distância e movimento. Isso significa, para o autor, que as preposições²⁹ são responsáveis por relacionar dois termos ou objetos, os posicionando no espaço, de forma que se estabeleça uma ligação assimétrica entre um objeto A (FIGURA) e um objeto B (FUNDO/PONTO DE REFERÊNCIA). A partir dos estudos de Talmy (2000), Castilho define que:

De modo geral, a preposição localiza a FIGURA: (i) em lugares precisos e em estados de coisas dinâmicos, considerando um percurso hipotético, tais como o ponto inicial do percurso, o segmento medial do percurso, o ponto final do percurso; (ii) em lugares precisos e em estados de coisa estáticos, tais como em cima/embaixo, à frente/atrás, à direita/à esquerda; (iii) em lugares imprecisos, como dentro/fora, longe/perto, ausência/copresença. (CASTILHO 2010: 585).

Pessoas, animais e coisas são o que o autor entende como objeto, e as ações, estados ou processos que afetam os objetos são o que o autor chama de eventos. A relação entre a FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA é uma relação assimétrica, pois entre eles há distinções de tamanho, conteúdo, orientação, ordem, direção, distancia, conteúdo e movimento, como aponta Castilho (2010: 585), com base nas características que Talmy (2000) apresenta para essas duas entidades.

Conforme já exposto no Capítulo 1, o item *trás* e demais construções são descritos em Castilho (op. cit.) enquanto representantes, por assim dizer, do eixo transversal, ESPAÇO POSTERIOR. Assim, construções como *atrás* e *por trás de*, por

²⁹ Vale lembrar que não estou considerando *trás* e suas construções como preposições (simples e complexas) ou como advérbios e locuções adverbiais, tal como se vê em nos estudos de Castilho (2004, 2005, 2006, 2009, 2010). O motivo de retomar as colocações do autor se deve ao sentido espacial expresso por *trás* e suas construções nos dados analisados no Capítulo 3, bem como por se basear nos conceitos de FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA propostos por Talmy (2000). Como afirma Castilho (2010: 586) “A preposição é apenas *um* dos recursos que localizam objetos no ESPAÇO.”

exemplo, indicam que a FIGURA é localizada no espaço POSTERIOR, estendendo-se à categoria de TEMPO, sobretudo em expressões como *antes, após, depois*, sendo o passado o espaço POSTERIOR, e o futuro, o espaço ANTERIOR, de forma que nos movimentamos em direção ao futuro, ao mesmo tempo em que nos afastamos do passado.

Além de Castilho (2009, 2010), outros autores como Ilari et al. (2015), ao tratarem da categoria cognitiva de ESPAÇO aplicada às preposições, também fazem uso de termos que diferenciam o objeto a ser localizado e o objeto referente ao qual a localização é estabelecida. Nele a localização é descrita em termos de FIGURA e FUNDO, reconhecendo ainda os termos OBJETO EM FOCO e PONTO DE REFERÊNCIA, sendo eles constituídos por objetos ou eventos.

Em seu estudo sobre categorias espaciais, Talmy (2000) define a FIGURA como uma entidade em movimento ou que pode se mover, sendo o local e orientação de movimentação concebido e compreendido a partir de uma entidade de referência, rotulada como FUNDO ou PONTO DE REFERÊNCIA (TALMY 2000: 184)³⁰. Conforme já colocado anteriormente, a relação entre essas entidades é assimétrica, justamente pelas características de cada uma, resumidas no quadro 5 a seguir:

Quadro 5: Propriedades da FIGURA e do PONTO DE REFERÊNCIA

FIGURA	PONTO DE REFERÊNCIA
Tem propriedades espaciais ou temporais desconhecidas, a serem determinadas	Atua como uma entidade de referência, tendo propriedades conhecidas que podem categorizar o objeto principal
Mais móvel	São localizados de forma mais permanente/estaticamente
Menor	Maior
Geometricamente mais simples	Geometricamente mais complexo
Mais recente na cena descrita, na consciência do locutor/interlocutor	Anterior na cena, na memória
De maior importância/relevância	De menor importância/relevância
Mais visível, saliente	Mais ao fundo uma vez que o objeto principal é identificado
Mais dependente	Mais independente

(Traduzido e adaptado de Talmy 2000:184)

³⁰ Original do autor: “The Figure is a moving or conceptually movable entity whose site, path, or orientation is conceived as a variable the particular value of which is the relevant issue. The Ground is a reference entity, one that has a stationary setting relative to a reference frame, with respect to which the Figure's site, path, or orientation is characterized. In a linguistic context, the term Reference Object may at times be more suggestive than Ground and will be used interchangeably with it from now on.” (TALMY 2000: 184).

A partir do quadro é possível perceber que FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA têm características razoavelmente opostas, levando-se em conta sobretudo como conceptualizamos as coisas ao nosso redor, a partir de uma dada perspectiva. Como exemplo, pode-se pensar na relação espacial entre um livro e uma mesa pela expressão *o livro sobre a mesa*, mas dificilmente um falante de português (e de várias outras línguas) produziria algo como *a mesa sob o livro*, dadas as dimensões dessas duas entidades.

Na literatura da LC, em geral, a exemplo de Langacker (1987) e Lakoff (1987), são usados os termos *trajetor* e *marco*³¹ como sendo razoavelmente equivalentes a FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA, respectivamente. Outros autores, como Teixeira (2001) por exemplo, fazem uso dos termos *Figura* e *Configurante*, descritos de forma muito semelhante à caracterização de Talmy (2000). Dada a extensão dos estudos de Talmy (2000) sobre categoriais espaciais em vários níveis de análise, e sobretudo o detalhamento das características da FIGURA e do PONTO DE REFERÊNCIA, utilizo esses termos na análise dos dados no Capítulo 3.

A relação entre FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA é fundamental para a descrição e análise dos dados do item *trás* e suas construções, sobretudo quanto ao sentido espacial. Ainda que seja possível estabelecer paralelos entre o estudo de Talmy (2000) e a concepção de Esquemas Imagéticos de Lakoff (1987), mantenho aqui a separação desses conceitos em seções distintas para fins de exposição e coerência, pois será com base na definição deste último que a seção seguinte sobre Transposição de Esquemas Imagéticos poderá ser melhor compreendida.

2.1.2.2 Esquemas Imagéticos

Conforme Lakoff (1987), os Esquemas Imagéticos, doravante EI, são essenciais para a compreensão de conceitos abstratos, uma vez que têm como base a nossa experiência corpórea e atuam em projeções metafóricas que partem do concreto ao abstrato. Acerca de seus usos nas línguas, o autor retoma Johnson (1987)³² ao apontar que: (i) os EIs são responsáveis por estruturar a nossa experiência de forma pré-conceptual, (ii) a correspondência entre conceitos dos EI é possível, (iii) há metáforas

³¹ Do inglês *trajectory* e *landmark*, termos usados por Langacker (1987), Lakoff (1987), entre outros.

³² No original: “[...] Image schemas structure our experience preconceptually; corresponding image-schematic concepts exist; there are metaphors mapping image schemas into abstract domains, preserving their basic logic. The metaphors are not arbitrary but are themselves motivated by structures inhering in everyday bodily experience.” (JOHNSON1987, apud LAKOFF 1987: 275).

mapeando os EI em domínios abstratos, mantendo a lógica base de cada um, e ainda (iv) as metáforas não são arbitrárias, mas sim motivadas a partir da nossa experiência corpórea.

Embora Lakoff (1987) não apresente uma definição clara do termo EI, Silva (1997) assim o faz:

Uma das ideias importantes (e originais) em Linguística Cognitiva é a de que grande parte do nosso conhecimento não é estático, mas fundamenta-se em e é estruturado por padrões dinâmicos, não-proposicionais e imagéticos dos nossos movimentos no espaço, da nossa manipulação dos objectos e de interacções perceptivas — os chamados *esquemas imagéticos* ("image schemas"; cf. Johnson 1987 e Lakoff 1987, 1990). (SILVA 1997: 16)

Lakoff (1987: 283) destaca os seguintes EIs: CONTAINER, ORIGEM- CAMINHO-DESTINO, LIGAÇÃO, PARTE-TODO, CENTRO-PERIFERIA, CIMA-BAIXO, FRENTE-TRÁS³³. São esses esquemas, para o autor, que estruturam a nossa experiência espacial e que tornam possível compreender algo cuja a estrutura seja abstrata, ou seja, compreendemos tal estrutura em termos de EIs. Sobre esses EIs, o autor afirma que:

- Categorias (em geral) são compreendidas em termos do Esquema de CONTAINER;
- Estruturas hierárquicas são compreendidas em termos dos Esquemas de PARTE-TODO e de CIMA-BAIXO;
- Estruturas relacionáveis são compreendidas em termos do Esquema de LIGAÇÃO;
- Estruturas radiais das categorias são compreendidas em termos do Esquema CENTRO-PERIFERIA
- Estruturas de Primeiro Plano e de Plano de Fundo são compreendidas em termos de Esquemas FRENTE-TRÁS
- Escalas de quantidade linear são compreendidas em termos dos Esquemas de CIMA-BAIXO e ORDEM LINEAR. (LAKOFF, 1987: 283³⁴)

É essencial ter em mente que todos os EIs partem da experiência que temos com o nosso próprio corpo, ou seja, da nossa experiência corpórea com outros objetos,

³³ No original: "CONTAINER, SOURCE-PATH-GOAL, LINK, PART-WHOLE, CENTER- PERIPHERY, UP-DOWN, FRONT- BACK."

³⁴ No original: "Categories (in general) are understood in terms of CONTAINER schemas. Hierarchical structure is understood in terms of PART-WHOLE schemas and UP-DOWN schemas. Relational structure is understood in terms of LINK schemas. Radial structure in categories is understood in terms of CENTER-PERIPHERY schemas. Foreground-background structure is understood in terms of FRONT- BACK schemas. Linear quantity scales are understood in terms of UP-DOWN schemas and LINEAR ORDER schemas."

pessoas e ações no mundo. A seguir, exponho sobre alguns dos EIs descritos pelo autor, os quais servirão de base para a análise empreendida no Capítulo 3.

O esquema CENTRO-PERIFERIA parte da concepção de que o corpo humano pode ser dividido em duas partes: o centro, essencial para a nossa sobrevivência, composto do nosso tronco e os órgãos internos, e a parte periférica, composta pelos nossos dedos das mãos e dos pés e cabelo. Segundo o autor (op. cit., p. 274) a periferia depende do centro, e nunca o contrário, pois se a pessoa perde um dedo ou corta os cabelos, continua sendo a mesma pessoa, e o mesmo se pode pensar de outros seres vivos, como os animais e as plantas. Mas essa concepção se estende para elementos abstratos, como uma teoria de qualquer natureza, pois possuem princípios centrais, essenciais, e princípios periféricos, como exemplifica o autor (op. cit., p. 275).

O esquema ORIGEM-CAMINHO-DESTINO parte da nossa experiência corpórea de movimento, no qual todas as vezes em que nos movimentamos iniciamos esse movimento em um ponto de partida e o finalizamos em um ponto de chegada, ou destino; entre os dois há um caminho, ou seja, uma sequência de diferentes locais ou pontos, de forma que todas as vezes em que nos movimentamos no espaço, passamos por tais pontos: o local de origem do movimento, o caminho percorrido e o destino do movimento. Este EI tem, assim, como elementos estruturais: uma origem, um destino, um caminho a ser percorrido até o destino e uma direção do movimento, seguindo a lógica básica de que ao nos movimentarmos de um ponto ao outro percorremos um caminho, estabelecendo ainda uma relação temporal, pois quanto mais distantes estamos do ponto de origem, mais tempo terá se passado desde o início do movimento. A partir deste EI, outros esquemas podem ser conceptualizados através de metáforas, como objetivos ou propósitos compreendidos em termos de uma trajetória; assim, é possível *se desviar* do objetivo, ou mesmo *ir em direção a algo* para alcançar um objetivo. Este EI pode ser representado³⁵ da seguinte maneira:

Esquema 1: EI ORIGEM-CAMINHO-DESTINO



Os elementos desse EI podem ser encontrados nos exemplos a seguir:

³⁵ Optei por realizar possíveis representações dos EIs que foram identificados nos dados analisados, de forma que os demais serão apenas brevemente descritos.

- (14) Ele saiu do trabalho e foi para casa³⁶.
(15) Essa situação está longe de acabar.

Em (14), temos o EI representado em seu uso literal, em que a FIGURA, *ele*, se movimenta de um ponto a outro, ou seja, do trabalho para casa, o que necessariamente descreve um movimento no tempo e no espaço, onde o trabalho é o ponto de origem, e para chegar no destino, que é a casa, é preciso que ele percorra um caminho. Em (15) temos um movimento fictício, um uso metafórico do esquema, sendo que podemos considerar dois momentos: o momento de início da situação, ou seja a origem, e o momento de conclusão ou fim da situação, o destino; a relação entre a origem e o destino é dada pelo item *longe* utilizado, principalmente, para medir distâncias no espaço, tornando possível ainda compreender que no momento em que a frase é proferida, a situação encontra-se “no meio do caminho”, ou ainda muito mais próxima da origem do que do destino.

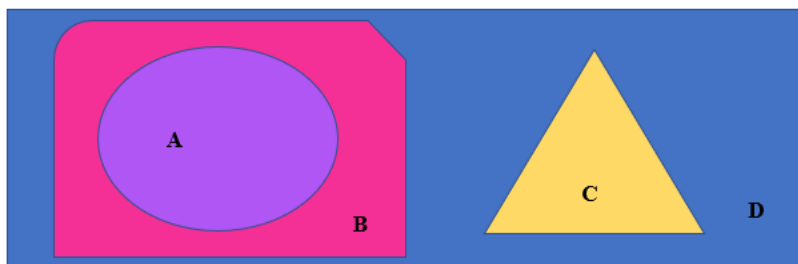
É relevante observar o detalhamento de dados e representações propostas em Ilari et al. (2015: 193-194) para este EI, em função de estarem examinando o sentido espacial das preposições em português. Os autores colocam, por exemplo, que podemos descrever uma cena espacial de deslocamento “a partir de diferentes pontos de observação”, o que pode ser expresso por diferentes expressões, além das preposições, como *venho de Santo André* e *vou para a escola*.

O esquema do CONTAINER, por sua vez, é colocado por Lakoff (1987: 272) a partir da percepção do corpo humano como um container e de coisas dentro de um container, como caixas, casas, salas, copos etc. Assim, reconhecemos o interior e o exterior de nosso corpo e suas fronteiras, assim como reconhecemos essas partes em objetos. Como elementos estruturais do EI temos então um interior, uma fronteira e um exterior, seguindo a base lógica de que tudo está dentro ou fora de um container. As suas implicações em usos metafóricos são inúmeras, pois diferentes objetos e entidades podem ser compreendidos em termos deste EI, como por exemplo o campo visual, representado, em inglês, por expressões como *go out of sight* e *into sight*, razoavelmente equivalentes em português a *fora da nossa vista*. O EI de CONTAINER nos torna capazes de compreender qualquer tipo de objetos e entidades no mundo, reconhecendo seus

³⁶ Tais exemplos foram criados a partir do meu conhecimento como falante do PB para ilustrar o EI – ORIGEM-CAMINHO-DESTINO.

limites, independentemente de suas características físicas. O esquema do CONTAINER pode ser representado graficamente da seguinte maneira:

Esquema 2: Representação do EI de CONTAINER



No esquema acima é possível reconhecer quatro containers distintos e também seus limites. O esquema pode ser lido da seguinte forma:

- (i) Há um container D no qual estão inseridos os containers A, B e C;
- (ii) O container A está inserido em B e D, mas não em C;
- (iii) O container B está inserido em D, mas não em A e C;
- (iv) O container C está inserido apenas em D;
- (v) O container D não está inserido em nenhum deles.

Quando compreendemos algo como um container, estamos entendendo que há algo no interior e algo no exterior deste container, como é o caso do exemplo³⁷ a seguir:

- (16) Interlocutor A: – A gente vai no shopping amanhã, vamos?
Interlocutor B: – Tô dentro!
Interlocutor C: – Tô fora, prefiro ficar em casa.

No exemplo (16) o que está sendo compreendido em termos de um container é o convite à ida ao shopping, de forma a ser possível dizer que CONVITES SÃO CONTAINERS, assim aceitar um convite é estar dentro deste container, ao mesmo tempo em que recusar o convite é o mesmo que estar fora dele; assim os supostos falantes A e B estariam no interior do container-convite enquanto C estaria do lado de fora. Tal relação é estabelecida pelos itens *dentro* e *fora* comuns nos usos do EI de maneira geral.

O esquema PARTE-TODO também tem como base a nossa experiência corpórea. Nele, o nosso corpo é compreendido como uma unidade composta de partes, ou ainda,

³⁷ Tal exemplo foi criado a partir do meu conhecimento como falante do PB para ilustrar o EI – CONTAINER.

somos uma unidade com partes manipuláveis. Essa divisão se estende aos objetos com os quais temos contato. A lógica básica deste EI consiste numa relação assimétrica de forma que, como explica o autor (op. cit., p. 273), se A é parte de B, B não é parte de A e A não pode ser parte de A. Os elementos estruturais deste EI são: o todo (ou a unidade), suas partes e uma configuração. Ao contrário do EI CENTRO-PERIFERIA, neste se o todo é desfeito, as partes são igualmente desfeitas; se o todo está localizado num determinado ponto, então as partes também estarão localizadas nesse mesmo ponto.

A noção de família é uma das metáforas que tem este EI como base, por ser compreendida como um todo, com partes. O casamento, dessa forma, é concebido como um todo composto por dois parceiros (ao menos em grande parte das sociedades). Quando essas partes se dividem ou se separam, nessa configuração, temos o divórcio. Mas a concepção de família pode ainda ser dada pelo EI do CONTAINER, uma vez que expressões como *entrar numa ou para uma família* ou *sair de uma família* são comuns em português.

Para o EI de LIGAÇÃO, Lakoff (op. cit., p. 274) aponta para a nossa primeira manifestação de ligação, também corporal, o cordão umbilical. Ao longo de nossa vida a ligação é mantida através de diferentes relações, tais como nosso relacionamento com nossos pais, relacionamentos amorosos e de amizade e até mesmo a nossa relação com diferentes objetos. Como elementos estruturais temos duas entidades sendo conectadas de alguma maneira, seguindo a lógica básica segundo a qual A está conectado a B e B está conectado a A. Verbos como *amarrar*, *enrolar*, *grudar* etc. remetem ao EI de ligação, entre outras expressões.

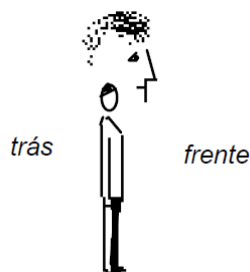
As metáforas em que este EI atua são principalmente aquelas ligadas a relações pessoais e sociais, expressas por estruturas como *we make connections* e *break social ties*, em inglês, e *romper laços*, *eu me amarro em cinema*, *o cara não desgruda do celular*, entre tantas outras possíveis em português.

Por fim, o EI FRENTE-TRÁS³⁸, essencial para a presente pesquisa, também tem base em nossa experiência corpórea, mais precisamente no nosso campo visual, pois aquilo que está ao alcance de nossos olhos é compreendido como estar em nossa *frente*, e, em contrapartida, aquilo que está fora do nosso campo visual é compreendido como

³⁸ Como descrito anteriormente, Castilho (2010), ao tratar da categoria cognitiva de ESPAÇO, insere os itens *frente* e *trás* no que denomina *preposições do eixo transversal* que expressam posição no espaço, sendo a primeira para o espaço /anterior/, e o item *trás* expressa localização no espaço /posterior/. A localização que os itens estabelecem não se refere apenas ao espaço, mas também a uma localização temporal.

estando *atrás* de nós. Para ilustrar este EI, faço uso do que Teixeira (2001:4:43)³⁹ chama de *modelo original* (por ser mais *primitivo* ou *prototípico*) representando como as concepções de *frente* e de *trás* se baseiam em nossa experiência corpórea.

Figura 2: Representação do EI FRENTE-TRÁS em Teixeira (2001:4:43)



Segundo Teixeira (2001:4) os elementos do corpo, como os olhos e a boca, assim como os nossos pés e a direção do movimento, são determinantes para que seja esse o lado denominado como frente. Através de um processo de projeção, essa mesma atribuição pode ser aplicada a outras realidades, sejam elas animadas ou não. O autor⁴⁰ ainda realiza um teste para provar que esta projeção realmente ocorra, a partir da figura de um ser com as diferentes partes do corpo humano localizado em diferentes pontos, para compreender como os falantes concebem a noção de frente-trás. Com o teste, foi observado que, embora a concepção de frente para cada figura fosse distinta, foi atribuída grande importância à visão⁴¹ para que seja determinada a parte da frente dessa figura, assim como a posição dos pés que sugere a direção do movimento também foi um ponto importante para tal atribuição.

Desta maneira, quando falamos do corpo humano, estamos lidando com um elemento com orientação intrínseca no eixo frente-trás, ou seja, que possui orientação própria. Outros objetos com orientação intrínseca têm a sua orientação também baseada nos mesmos princípios da orientação do corpo humano, como por exemplo, os veículos que possuem uma parte frontal e traseira, fundamentada na direção do movimento.

Além dos elementos que possuem orientação intrínseca nos eixos frente-trás, há ainda os elementos sem orientação intrínseca, ou seja, elementos que não possuem uma

³⁹ Quanto ao EI FRENTE-TRÁS, de um lado, Teixeira (2001) aborda o uso de *frente* e *trás* mais detidamente, enquanto Lakoff (1987) pouco se dedica a esse EI em específico. Embora Teixeira (2001) não siga a mesma nomenclatura de Lakoff (1987) e Lakoff; Johnson (1980), é possível reconhecer os pontos de contato entre eles, principalmente quanto ao tratamento do item *trás* e do EI em questão.

⁴⁰ Para maiores detalhes, v. Teixeira (2001:4:48).

⁴¹ A importância atribuída ao elemento visual também é fundamental para entendermos muitos dos usos metafóricos discutidos no capítulo 3.

orientação frontal, conseqüentemente, não possuem uma orientação traseira, adquirindo essa orientação de maneira provisória, muitas vezes a partir da perspectiva de um observador; são elementos dessa categoria objetos como árvores, postes, vasos, bolas, garrafas, pratos etc.

Tendo como base a presença ou não de uma orientação intrínseca, Teixeira (2001:4) identifica outros modelos, além do modelo original, representado na figura 4, para os itens *frente* e *trás*. Os modelos são divididos em modelo estático e modelo dinâmico; o primeiro é constituído pelo modelo *original*, pelo modelo da *orientação situacional em espelho*, pelo *modelo da visibilidade* e pelo *modelo do encaramento*.

O modelo da *orientação situacional em espelho* ocorre quando um elemento sem orientação intrínseca, como bolas, árvores, atua como Configurante (PONTO DE REFERÊNCIA) e adquire uma orientação funcional a partir de um processo de espelhamento, Teixeira (2001:4:52). Já o modelo da *visibilidade* é baseado na presença ou na ausência do traço *visibilidade/acessibilidade*, de forma que é o eixo *frontal* que apresenta ambos os traços. Sobre ambos modelos o autor aponta:

O que estrutura o modelo de orientação situacional em simetria é a atribuição em espelho de uma orientação intrínseca, passando-se tudo entre os dois elementos básicos de uma configuração espacial: a Figura e o Configurante. Neste outro modelo, o da visibilidade, também pode se falar, de certo modo, de uma orientação intrínseca que o elemento não orientado pode ganhar. Só que essa orientação não funciona em simetria espelhada. É sempre atribuída a faceta *trás*, qualquer que seja a faceta dos objetos orientados em espelhamento. (TEIXEIRA, 2001:4:56)

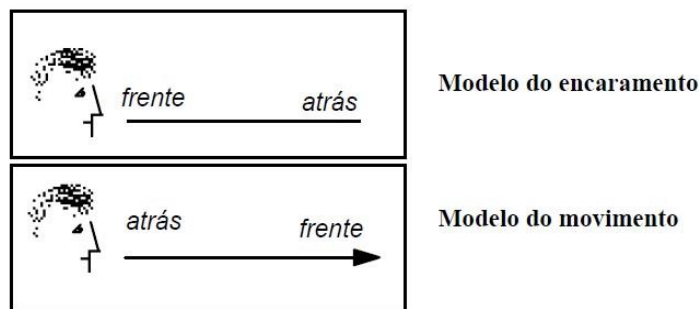
Ainda no modelo da *visibilidade* são reconhecidos três elementos: a Figura, o Configurante e um “focalizador”, em relação ao qual que todo o modelo é estruturado; é esse elemento que, a depender da cena descrita, deixará de exercer a sua capacidade de visualização ou a sua acessibilidade. Em termos gerais, Teixeira, (2001: 4: 50), conclui que a representação do campo visual é determinante para compreender os usos de *frente* e *trás*, como aponta:

É perfeitamente compreensível a importância atribuída à visão. Quando olhamos para alguém, para a respectiva frente, olhamos para os olhos. Este procedimento está inscrito no mais fundamental do nosso código genético, não sendo, portanto, culturalmente aprendido. Os próprios animais partilham conosco este comportamento instintivo que faz dos olhos o ponto central através do qual se encara o outro. E isto é tão importante, inclusive para a sobrevivência das espécies, que determinados animais desenvolveram "olhos" falsos (manchas que imitam olhos) no dorso para assim confundirem e

enganarem os predadores e não serem atacados mesmo quando estão de costas. (TEIXEIRA, 2001:4: 50)

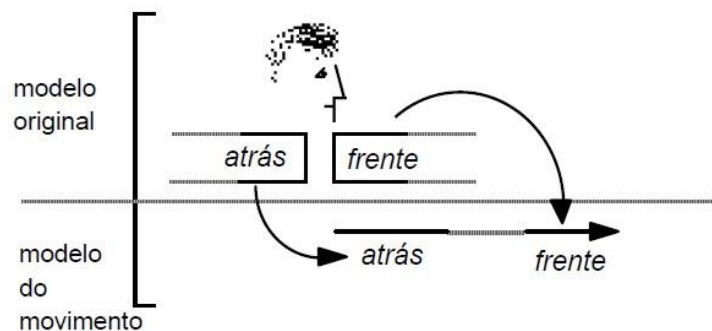
O quarto modelo estático reconhecido pelo autor é o modelo do *encaramento*. Nele estão envolvidos dois elementos humanos, prototipicamente, que se são posicionados face a face, de maneira que *atrás* não se opõe visualmente a *à frente*, como aponta Teixeira (2001:4:60). É nesse modelo que o autor insere um alinhamento linear e ordenado, como filas, do qual tratarei adiante. O último modelo reconhecido pelo autor é o que ele nomeia por *modelo dinâmico*, cujo único vetor estruturante é o próprio movimento. A figura 3, a seguir, ilustra ambos os modelos:

Figura 3: Os modelos do *encaramento* e do *movimento* em Teixeira (2001:4:67)



Teixeira (2001:4:67) explica ainda que o modelo do *movimento* é uma projeção do modelo original, fundamentado no corpo humano, ou seja, a direção em que nos movemos é o elemento desencadeador desse movimento, pois ele é realizado geralmente em direção à frente do corpo humano em função sobretudo da visão. A figura 4 a seguir demonstra esse modelo:

Figura 4: O modelo do movimento e modelo original em Teixeira (2001:4:68)

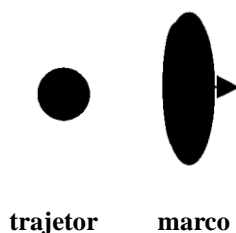


A figura 4 demonstra que o modelo original, ou seja, o modelo que tem como base fundamental o próprio corpo humano, também pode ser reconhecido em outros modelos, o que comprova o pressuposto de que os esquemas/modelos partem da nossa experiência corpórea com as coisas do mundo.

Além dos modelos para *frente* e *trás* reconhecidos por Teixeira (2001), tomarei como base os esquemas propostos por Tyler; Evans (2003), principalmente, para a preposição *behind* na língua inglesa.

Utilizando os termos trajetor (*trajector*) para se referir à Figura, e marco (*landmark*) para Configurante, ou PONTO DE REFERÊNCIA, os autores propõem uma proto-cena (*proto-scene*) em que o trajetor está localizado de tal forma que a frente do marco está direcionada do lado oposto/longe do trajetor, como em *o cachorro está atrás do menino*: Tyler; Evans (2003: 170). Reproduzo abaixo a representação dessa proto-cena:

Figura 5: Representação da proto-cena, adaptada de Tyler; Evans (2003: 170)



A partir desse esquema mais básico, os autores descrevem os usos de *behind* com base nas propriedades do marco, ou seja, se tem ou não orientação intrínseca. Marcos com orientação intrínseca são caracterizados pelos autores como sendo *funcionais*, termo que não usarei nesta dissertação. São objetos ou entidades como casa, prédio, estabelecimentos comerciais, televisão, rádio, computador, armário, cadeira etc., além do corpo de seres humanos e animais. Para os marcos sem orientação intrínseca, os autores os separam em casos especiais, quais sejam:

- (i) *Mirror-Image Alignment*, semelhante ao modelo estático da orientação situacional em espelho de Teixeira (2001), em que se projeta a orientação frente-trás a objetos como árvore, arbusto, poste, cilindros em geral, como no exemplo *Sarah stood behind the bush/tree*. (TYLER; EVANS, 2003: 171). Para que esse tipo de alinhamento ocorra, é acionado o ponto de vista do observador (*vantage point*, nos termos dos autores).

(ii) *Orientation Frames*: casos em que tanto trajetor quanto marco não possuem orientação intrínseca, e um outro objeto é acionado para estabelecer a relação entre eles, como no exemplo *On the conveyor-belt that moves bottles to the washing machine, smaller bottles are always placed behind larger bottles* (TYLER; EVANS 2003: 172).

(iii) *In tandem Alignment*⁴²: semelhante ao modelo de movimento proposto por Teixeira (2001), esse esquema se aplica a situações de corridas, filas e similares, como no exemplo *Gary was behind Jim in the ticket line* (TYLER; EVANS 2003: 172).

É importante ressaltar que os EI e os modelos reconhecidos para localização no eixo *frente-trás* abordados até o momento não são excludentes, mas se complementam para a descrição de cenas espaciais e metafóricas. Por outras palavras, há situações em que compreendemos o nosso campo visual em termos do EI de CONTAINER em que algo pode estar localizado dentro ou fora do nosso campo visual, ou ainda pode ser localizado à frente de nosso campo visual (dentro dele) ou atrás de nosso campo visual.

O conceito de EIs, com base nos autores aqui estudados, fundamenta-se majoritariamente em nossa experiência corpórea e com os objetos do mundo, sendo eles responsáveis por tornar possível a compreensão de diferentes situações do dia a dia a partir da utilização, inconsciente, de um ou mais EIs. Os EIs ainda atuam na compreensão de situações e conceitos mais abstratos, por serem a base para que o falante de uma língua compreenda e estruture uma determinada situação; esse processo é chamado de transposição de EI ou “uso metafórico de preposições” (cf. ILARI et al. 2015: 191).

Retomando o que foi exposto no capítulo 1, a transposição de EI pode ocorrer de duas maneiras diferentes: com motivação aparente ou sem motivação aparente. A primeira é aquela em que o sentido espacial⁴³, tido como sentido “original” de determinando item, pode ser mais facilmente recuperado a ponto de compreendermos o sentido espacial atuando no uso metafórico em questão. Já a segunda é aquela em que o sentido espacial do item não pode ser facilmente recuperado na compreensão da metáfora.

⁴² Nos dicionários de inglês e de português, o termo *tandem* é definido, respectivamente, como *a long bicycle with two seats and two sets of pedals, one behind the other* (The Free Dictionary) e *Bicicleta de dois selins enfileirados e dois pares de pedais* (Aulete Digital), dispostos um atrás do outro. Ainda que não seja um termo usado cotidianamente em português, está presente nos dicionários, e, por isso, farei uso da expressão *alinhamento in tandem* ao longo da pesquisa.

⁴³ No caso das preposições, foco do estudo em Ilari et al. 2015.

Na próxima seção, busco, então, explicar no que consistem esses usos metafóricos, tendo como bases principais as obras de Lakoff (1987) e de Lakoff; Johnson (1980).

2.1.2.3 A transposição de Esquemas Imagéticos: o uso metafórico

Na subseção anterior já apontei alguns usos metafóricos dos EI propostos por Lakoff (1987), como a concepção de *família* a partir do EI PARTE-TODO, entre outros. Esta subseção é dedicada à transposição de EI, que pode ser entendida como usos metafóricos de palavras e construções de forma geral. Para tanto, baseio-me sobretudo no trabalho seminal de Lakoff; Johnson (1980), no qual diversas outras propostas e pesquisas se apoiam.

Para os autores, a metáfora está presente no cotidiano, não só na língua, mas nas ações e pensamentos. Nosso sistema conceptual é metafórico por natureza e tem papel central na definição da nossa realidade diária. O modo como pensamos, o que experimentamos e o que fazemos todos os dias é uma questão de metáfora, ainda que não tenhamos consciência disso.

Conceitos mais concretos, que têm como base a nossa experiência física com objetos ao nosso redor, oferecem meios para compreender e estruturar conceitos mais abstratos (como ideias, sentimentos etc.). Essa relação da nossa experiência física não deixa de ser, como tratei anteriormente, a mesma experiência corpórea que fundamenta os EIs. Essa estruturação é realizada a partir de um sistema conceptual, em que um conceito mais abstrato é compreendido e estruturado em termos de outro menos abstrato e mais geral, como é caso da noção de ARGUMENTO, compreendido em termos de GUERRA. Assim, a metáfora ARGUMENTO É GUERRA se reflete na nossa linguagem diária por inúmeras expressões, como *suas afirmações não são defensáveis, ataquei cada ponto da sua argumentação, ele destruiu meus argumentos, nunca ganhei uma discussão com ele* etc.⁴⁴.

Não apenas falamos sobre argumentos em termos de guerra, mas podemos ganhar ou perder argumentos/discussões; vemos a pessoa com a qual discutimos como um oponente, atacando suas posições e defendendo as nossas. Nesse sentido, a metáfora ARGUMENTO É GUERRA faz parte da nossa cultura, estruturando nossas ações quando nos envolvemos numa discussão. Portanto, a essência da metáfora está em entender e

⁴⁴ Exemplos adaptados dos autores.

experimentalizar uma determinada coisa em termos de outra (LAKOFF; JOHNSON 1980: 05)⁴⁵. Assim, quando os autores lidam com as metáforas, estão lidando com o que chamam de *conceitos metafóricos*. Dado que nossa experiência corpórea se relaciona diretamente com nossa localização e deslocamento no espaço físico, muitas metáforas são construídas a partir dessa experiência.

Os autores dividem as metáforas em: estruturais, orientacionais e ontológicas, tendo como base a nossa experiência corpórea, visual e tátil, com o mundo. Dentre as primeiras, são conhecidas as seguintes metáforas⁴⁶: AMOR É UMA JORNADA, INTIMIDADE É PROXIMIDADE, ALCANÇAR UM OBJETIVO É CHEGAR EM UM DESTINO e ARGUMENTO É GUERRA, esta última tratada anteriormente. Nessas metáforas, os conceitos abstratos são compreendidos parcialmente a partir de conceitos menos abstratos, de forma que os conceitos não se igualam em nenhum momento.

Lakoff; Johnson (1980: 14) definem como *metáforas orientacionais* aquelas que se referem às orientações espaciais: cima-baixo, dentro-fora, frente-trás, etc.; diferentemente das metáforas estruturais, elas não estruturam um conceito em termos de outro, mas sim, são responsáveis por organizarem todo um sistema de conceitos a partir de outros, e tem como base o corpo humano. As metáforas FELIZ É PARA CIMA e TRISTE É PARA BAIXO, por exemplo, não são arbitrárias, pois têm uma base física: a postura arcada tipicamente se refere à tristeza e depressão, ao passo que a postura reta se relaciona a um estado emocional positivo. Assim, expressões como *estou com o astral lá em cima hoje* e *ele caiu numa depressão terrível* são possíveis em diversas línguas/culturas em função de nossa experiência corpórea, nesse caso, da orientação de nosso corpo no espaço físico, como os autores apontam:

Como existem correlações sistemáticas entre nossas emoções (como a felicidade) e nossas experiências sensório-motoras (como a postura ereta), elas formam a base de conceitos metafóricos orientacionais (como FELIZ É PARA CIMA). Essas metáforas nos permitem conceituar nossas emoções em termos mais definidos e também relacioná-las a outros conceitos relacionados ao bem-estar geral (por exemplo, saúde, vida, controle etc.) (LAKOFF; JOHNSON, 1980: 58)⁴⁷.

⁴⁵ No original: “The essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of thing in terms of another.” Lakoff; Johnson (1980: 5).

⁴⁶ No original: LOVE IS A JOURNEY, INTIMACY IS CLOSENESS, ACHIEVING A PURPOSE IS REACHING A DESTINATION. Vale lembrar que essas são apenas algumas das metáforas estruturais que permeiam o nosso cotidiano.

⁴⁷ No original: “Since there are systematic correlates between our emotions (like happiness) and our sensory-motor experiences (like erect posture), these form the basis of orientational metaphorical concepts (such as HAPPY IS UP). Such metaphors allow us to conceptualize our emotions in more sharply

Por outro lado, os autores definem as metáforas *ontológicas* por metáforas que partem de objetos e substâncias para entender diferentes experiências do nosso dia a dia, o que as tornam possíveis de serem categorizadas, organizadas e quantificadas, de maneira que possamos falar sobre elas. Um exemplo de metáfora ontológica reconhecida pelos autores é INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE, tal sentido metafórico torna possível uso de expressões como *combater a inflação* e *lidar com a inflação*⁴⁸, seja na língua inglesa, seja no PB. Assim como acontece com as metáforas orientacionais, elas são facilmente identificadas como metáforas, e ocorrem em uma quantidade limitada de conceitos⁴⁹. Quando compreendemos conceitos a partir de containers, como por exemplo, o nosso campo visual, estamos fazendo uso de metáforas ontológicas. Sobre os três diferentes tipos de metáforas identificadas, os autores afirmam que:

Metáforas baseadas em simples conceitos físicos, cima-baixo, dentro-fora, objetos, substâncias, etc., que são tão básicas quanto qualquer coisa em nosso sistema conceptual e que sem elas nós não poderíamos funcionar no mundo, não poderíamos argumentar ou nos comunicar, não são muito ricas por elas mesmas. Dizer que algo é visto como OBJETO CONTAINER com uma orientação dentro-fora não diz muito sobre ele. Mas, como vimos com a metáfora MENTE É UMA MÁQUINA e as várias metáforas de personificação, podemos elaborar metáforas de espacialização em termos muito mais específicos. Isso nos permite não apenas elaborar um conceito (como a MENTE) em detalhes consideráveis, mas também encontrar meios apropriados para destacar alguns aspectos dele e ocultar outros. Metáforas estruturais (como ARGUMENTO RACIONAL É GUERRA⁵⁰) fornecem a fonte mais rica de tal elaboração. As metáforas estruturais nos permitem fazer muito mais do que apenas orientar conceitos, referir-se a eles, quantificá-los etc., como fazemos com as metáforas orientacionais e ontológicas simples; eles nos permitem, além disso, usar um conceito altamente estruturado e claramente delineado para estruturar outro⁵¹. (LAKOFF; JOHNSON:1980:62)

defined terms and also to relate them to other concepts having to do with general well-being (e.g., HEALTH, LIFE, CONTROL, etc.).”.

⁴⁸ Exemplos adaptado dos autores.

⁴⁹ Outras metáforas ontológicas identificadas pelos autores, Lakoff; Johnson (1980:28) são A MENTE É UMA MÁQUINA, sendo possíveis expressões como *a mente não está funcionando*, ou ainda A MENTE É UM OBJETO FRÁGIL, de forma que expressões como *I'm going into pieces*, são possíveis no inglês. As duas metáforas demonstram que cada uma delas dá conta de um aspecto do conceito, e não todos.

⁵⁰ Para maiores detalhes, consultar Lakoff; Johnson (1980:62).

⁵¹ No original: Metaphors based on simple physical concepts—up-down, in-out, object, substance, etc.—which are as basic as any-thing in our conceptual system and without which we could not function in the world—could not reason or communicate—are not in themselves very rich. To say that something is viewed as a CONTAINER OBJECT with an IN-OUT orientation does not say very much about it. But, as we saw with the MIND IS A MACHINE metaphor and the various personification metaphors, we can elaborate spatialization metaphors in much more specific terms. This allows us not only to elaborate a concept (like the MIND) in considerable detail but also to find appropriate means for highlighting some aspects of it and hiding others. Structural metaphors (such as RATIONAL ARGUMENT IS WAR) provide the richest source of such elaboration. Structural metaphors allow us to do much more than just orient concepts, refer to them,

Quando pensamos nos usos metafóricos do item *trás* e de suas construções, um dos principais usos documentados, é a compreensão do tempo a partir do espaço um dos usos mais recorrentes, sendo ele definido em termos de movimento, a partir da metáfora TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO (TIME IS A MOVING OBJECT, Lakoff; Johnson 1980: 42). Essa metáfora estrutural, segundo os autores, se dá na correlação entre um objeto que se move em nossa direção e o tempo que leva para nos alcançar, o que confere a este movimento uma orientação *frente-trás* na direção do movimento, e assim também para o movimento contrário, ou seja, quando algo/alguém se distancia de nós (o que explica, por exemplo, *foi-se o tempo*). Expressões como *o tempo voa*, *chegou o tempo para agir* e *foi-se o tempo* se baseiam nessa metáfora estrutural.

No estudo sobre as preposições em dados de língua falada do PB, Ilari et al. (2015), como já exposto no Capítulo 1, focalizam vários casos em que tempo é representado pela metáfora “TEMPO É MOVIMENTO NO ESPAÇO” (op. cit., p. 191), com base no EI de ORIGEM-CAMINHO-DESTINO. Exemplo claro disso é a combinação frequente de *de/desde - até*, como em *desde semana passada até agora não durmo direito*.

Os autores ainda atentam para a possibilidade de compreendermos o tempo a partir da metáfora O TEMPO É ESTÁTICO E NÓS NOS MOVIMENTAMOS ATRAVÉS DELE⁵², presente em expressões como *estamos quase no final do ano*, em ambas metáforas, o passado é orientado por *trás* e o futuro por *frente*, sendo elas duas maneiras de compreendermos o tempo, duas metáforas que, embora não consistentes, se encaixam, como apontam os autores.

Segundo Radden (2003), a conceptualização do tempo pela orientação *frente-trás* é predominante nas culturas ocidentais⁵³. O autor reforça essa colocação ao afirmar que não se observa um movimento lateral ou vertical em expressões temporais como *mês que vem* ou *na semana seguinte*⁵⁴, por exemplo, pelo fato de não visualizarmos o mês ou a semana vindo de cima ou dos lados. Outras culturas, como a chinesa, ao contrário concebem o tempo pelo eixo vertical em que o futuro está abaixo e o passado

quantify them, etc., as we do with simple orientational and onto-logical metaphors; they allow us, in addition, to use one highly structured and clearly delineated concept to structure another.

⁵² No original, TIME IS STATIONARY AND WE MOVE THROUGH IT, Lakoff; Johnson (1980:44).

⁵³ Vale ainda lembrar que as metáforas influenciam a maneira como nos relacionamos com algo, e elas são condicionadas à cultura nas quais são criadas e utilizadas, de forma que diferentes culturas compreendem conceitos abstratos a partir de diferentes objetos do mundo físico ou de direções espaciais.

⁵⁴ Exemplos adaptados do autor: *this coming month* e *the following week*, respectivamente (op. cit. p. 228).

acima. Mesmo a orientação *frente-trás* na concepção de tempo não é igual em todas as culturas, como em certas línguas indígenas na América Latina, em que o passado é aquilo que está à frente, porque o falante vê o que aconteceu, ao passo que o futuro está atrás. (op. cit., p. 230).

Em Teixeira (2001:7:4), no que diz respeito à conceptualização do tempo pelo espaço, o autor chama a atenção para impossibilidade de se "traduzir" o tempo pelo espaço pelo fato de terem dimensões distintas. Para ele, o tempo "é sempre perspectivado entre um passado e um futuro, relativamente a um ponto de referência. É sempre **univectorial**: representado por **um** vector que vai **do** passado **para** o futuro." (op. cit., cap. 7, p. 4). Por outras palavras, o tempo é sempre conceptualizado como um vetor ou direção entre dois pontos de uma linha (daí ser univectorial, como ele diz). O espaço, ao contrário, é definido como multivetorial e multireferencial porque há diversos vetores em relação aos quais uma FIGURA será localizada pelos eixos vertical, transversal, horizontal ou numa relação de interioridade (container) e com inúmeros PONTOS DE REFERÊNCIA. O autor conclui que:

se a estrutura organizacional do espaço é bastante diferente da do tempo, segue-se necessariamente que **o tempo**, na sua globalidade, não pode ser representado **pela globalidade do espaço**, mas antes **por um vector do espaço**: o vector da frontalidade. E mesmo chegados aqui, não podemos generalizar dizendo que a frontalidade representa o tempo. Este é antes representado por um submodelo da frontalidade, modelo esse em que esta é perspectivada dinamicamente (...).

Isto explica a razão pela qual não pode haver uma correspondência total entre os valores espaciais de um marcador e os seus valores temporais e também por que é que, por vezes, o mesmo marcador espacial pode corresponder a marcadores temporais opostos (...). E então, porque espaço e tempo, embora relacionados para os nossos mecanismos linguístico-cognitivos, são perspectivados de forma diferente, é que a língua possui marcadores para cada um dos domínios. Embora normalmente ambivalentes para as duas referidas dimensões, há marcadores prioritariamente espaciais e outros prioritariamente temporais. A existência destes últimos e a sua não redução aos espaciais, prova como, linguisticamente, o tempo não é um puro espelhamento do espaço numa dimensionalidade diferente. (TEIXEIRA 2001: 7: 5)

Além disso, o autor aponta, com base em Lakoff; Johnson (1980), que em todas as línguas do mundo, a noção de *frente* e *trás* está relacionada com "a realidade física constitutiva do ser humano" (Teixeira, 2001:4:43), sendo a escolha das partes do corpo⁵⁵ que representam cada item semelhante em muitas línguas. Como exemplo pode-se citar

⁵⁵ A concepção do corpo humano como tendo uma parte frontal e uma parte traseira traz outras noções aos itens *trás* e *frente* que são utilizadas nas mais diversas situações pelos falantes, como veremos no capítulo 3 desta dissertação.

o que Tyler; Evans (2003) reconhecem para *in front of* e *behind* no alinhamento *in tandem*, pois mesmo na descrição de uma corrida como uma cena de movimento físico é possível reconhecer o grau de prioridade ou a ausência de prioridade, nos termos dos autores, quando uma entidade é menos privilegiada ou tem menor relevância (pelo uso de *behind*) como em *The president placed environmental welfare **behind** all other items in his legislative programme* (op. cit., p. 172).

Quando estamos lidando com usos metafóricos, é preciso ter em mente, como já apontam os autores aqui resenhados, que as metáforas não atuam de forma isolada ou excludente, mas sim, se combinam entre si, uma vez que cada uma delas dá conta de parte do sentido. Isso quer dizer que elas não são suficientes para abordar todos os aspectos de um sentido, como veremos a partir dos usos metafóricos identificados para o item *trás* e suas construções apresentados no capítulo 3. Nesses usos, é possível reconhecer o EI primordial no qual estão ancorados e as metáforas decorrentes da transposição desses esquemas. Embora estejamos lidando com o que Lakoff; Johnson (1980) teriam categorizado como *metáforas orientacionais*, é possível reconhecer usos metafóricos que vão além da noção espacial, como é o caso da metáfora TEMPO É ESPAÇO, ou como preferem os autores, TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO.

Por fim, é relevante ressaltar que, ao tratarmos do item *trás* e demais construções, estamos analisando dados reais de língua em diacronia, diferente da metodologia utilizada por Lakoff; Johnson (1980) e por Teixeira (2001), de maneira que seja possível compreender usos metafóricos reais para os itens aqui estudados.

Na seção seguinte apresento, primeiramente, a metodologia de coleta de dados nos documentos dos séculos XVI ao XXI, apresentando também, quais são esses documentos, em seguida, apresento a metodologia de análise desses dados; por fim, discorro sobre os questionamentos que permearam a presente pesquisa.

2.2 Procedimentos metodológicos

Nesta seção apresento como foi realizada a coleta de dados dos séculos XVI ao XXI, sua separação e pré-análise, buscando atender diferentes tradições discursivas. Apesar de não ter selecionado a discursivização nesta pesquisa, será levado em conta o

cuidado com a tipologia dos textos⁵⁶ em que aparecem as construções com *trás*, pois, conforme o modelo de Tradições Discursivas (Koch; Oesterreicher 1985, Kabatek 2006), a ausência de certas estruturas, itens linguísticos ou mesmo sentidos pode estar atrelada à motivação dos textos, dadas as condições e estratégias comunicativas de cada um. Por outras palavras, não é porque uma palavra ou expressão não aparece num texto que significa que ela tenha mudado ou desaparecido da língua, podendo simplesmente sua ausência ser explicada pela tipologia do texto e suas tradições discursivas (cf. Jacob 2001).

As subseções a seguir contemplam a sistematização dos documentos estudados, as etapas de coleta em cada um dos séculos e a maneira como os documentos serão apresentados ao longo do capítulo 3, além de apresentar alguns dos questionamentos que permearam a etapa da análise semântica.

2.2.1 *Da coleta de dados*

A primeira etapa do trabalho foi dedicada à coleta de dados com o item *trás* e das construções com o item *trás*, nos documentos dos séculos XVI ao XXI. É importante ressaltar que, somado à escolha por atender diferentes tradições discursivas para a análise, selecionaram-se *corpora* extensos e diversificados, devido à baixa frequência do item *trás* em qualquer uma de suas construções em alguns tipos de texto⁵⁷.

Ressalta-se que foi dada prioridade aos documentos disponíveis *online* e editados filologicamente, em função do cuidado com a conservação das características dos documentos originais, sobretudo manuscritos, através da edição semidiplomática⁵⁸. É importante notar também os seguintes aspectos:

⁵⁶ A tradição discursiva na qual cada um dos textos pertence será apenas identificada e não analisada quanto ao sentido, construção e tradição discursiva em cada um deles, uma vez que a análise da discursivização não é o foco da presente pesquisa.

⁵⁷ A ausência de dados de *trás* pode estar condicionada tanto às mudanças sofridas ao longo do tempo quanto à própria tradição discursiva de cada texto, uma vez que nem todos dão margem ao uso de certas expressões (cf. Jacob 2001, Kabatek 2006).

⁵⁸ Dentre os tipos de edição de documentos antigos, a semidiplomática, em termos gerais, procura conservar todas as características do original (pontuação, ortografia, fronteiras entre palavras), com baixo grau de intervenção do editor, como desenvolvimento de abreviaturas, indicação de inserções posteriores, rasuras etc. (cf. Santiago-Almeida 2009). Esse tipo de edição vem sendo adotada por vários pesquisadores dedicados à história das línguas, a exemplo dos projetos coletivos *Para a História do Português Brasileiro* e PHPP (fases I e II).

- (i) os textos do século XVI são todos portugueses, pois não há edição de documentos brasileiros até o momento. Além disso, a escrita nesse século é bastante restrita quanto à tipologia lavrada no Brasil, muitas vezes não sendo possível identificar a genealogia dos escribas. Por isso, decidiu-se incluir alguns documentos portugueses para os demais séculos sem o compromisso de comparação entre as variedades PB e PE;
- (ii) a coleta de dados teve como critério inicial a busca por palavra, sendo consultadas diferentes possibilidades gráficas do item (*traz, tras, tráz, trás*), portanto, os *corpora* são compostos por documentos digitalizados de alguma forma (*html, doc, pdf* etc.);
- (iii) em função dos dois aspectos colocados acima e pela extensão dos documentos, que varia de século para século e de texto para texto, não foi possível realizar uma análise quantitativa precisa e equilibrada;
- (iv) a tipologia textual nos *corpora* selecionados é variada, o que pode auxiliar a coleta de dados do item *trás* e suas construções. Os objetivos comunicativos dos textos podem dar margem ao uso mais ou menos frequente de certas estruturas. Além disso, há certos tipos de texto exclusivos de determinado período ou até mesmo região⁵⁹.
- (v) os dados coletados do século XXI foram pautados nas construções com o item *trás* encontradas nos séculos anteriores, uma vez que os documentos disponíveis para a pesquisa são inúmeros, se comparados aos demais séculos; por isso a coleta do século XXI foi feita de forma seletiva (cf. item vi abaixo) e não geral como as demais;
- (vi) para o século XXI foram utilizados dois sites de notícias diferentes (Estadão e G1) consultados para todas as construções encontradas nos demais séculos e também para o item *trás*; além disso, toda construção não encontrada anteriormente foi coletada e analisada. As construções e sentidos não encontrados nos sites de notícias foram buscados em outras fontes online como em blogs, na rede social *Twitter* e no mecanismo de pesquisa do Google.

⁵⁹ Para ilustrar, cito apenas dois exemplos: muitos dos diários de viagem, documentos oficiais existentes até o século XVIII, foram lavrados por paulistas e portugueses (cf. Simões 2007), e as crônicas de reis e batalhas (séculos XIV a XVI), que representam grande parte da documentação em prosa portuguesa (Castro 2006).

No quadro 6 a seguir, apresento os documentos consultados para a coleta de dados com o item *trás* e suas construções. Nele são apresentados os documentos organizados da seguinte maneira:

- (a) Século: foram coletados dados dos séculos XVI ao XXI.
- (b) Corpus: fonte dos documentos disponíveis *online*. As siglas utilizadas no quadro referem-se a: CIPM = *Corpus Informatizado do Português Medieval*, CTB = *Corpus Histórico do Português Thyco-Brahe*, PHPB = *Corpus do Projeto Para a História do Português Brasileiro* e PHPP II = *Corpus do Projeto História do Português Paulista II*. Além desses, foram consultados os inquéritos orais (NURC e Português Popular de São Paulo) disponibilizados *online*.
- (c) Sigla do documento: refere-se à sigla de cada documento, ora fornecida pelo *corpus*, ora atribuída por mim. Vale ressaltar que os *corpora* são diversificados quanto à tipologia textual e cada um classifica os documentos a partir de critérios próprios. Por exemplo, o CTB atribui uma classificação mais genérica, ao passo que o PHPP II distribui os documentos em três grandes conjuntos, dentro dos quais inserem-se subconjuntos e subtipos de textos (a exemplo dos três tipos de cartas etc.).
- (d) Significado/descrição: significado ou descrição de cada uma das siglas quanto ao tipo de texto;
- (e) Edições: edições filológicas de cada documento. Aqui são inseridos o nome do autor do documento, no caso do *corpus* do CTB, ou o nome do(s) editor(es) da transcrição, no caso dos *corpora* CIPM, PHPB, PHPP II e dos inquéritos orais.

Quadro 6. Coleta de dados do item *trás* em documentos dos Séculos XVI a XX

Século	Corpus	Sigla	Significado/Descrição	Edições
XVI	CIPM	CRB	Cronica dos Reis de Bisnaga	Lopes, David (ed. 1897)
		Cat	Catecismo	Silva, Elsa Branco da (ed. 2001)
		DN	Documentos Notariais	Martins, Ana Maria (ed. 2000)
	CTB	Nar	Narrativa	Gandavo, Pero Magalhães de (1502); Brandão, Antonio (1584); Pinto, Fernão Mendes (1510); Couto, Diogo do (1542); Sousa, Frei Luis de (1556)
		D	Dissertação	Holanda, F. (1517); Almeida, Manuel Pires de (1597)
		PT	Peça Teatral	Chiado, António Ribeiro (1520)
		C	Cartas	D. João III (1502)
PHPP	Sum	Summario	Lombardo (2015)	
XVII	CTB	N	Notícia	Macedo, António de Sousa de (1606); Menezes, F. X (1673)
		C	Carta	Melo, F. M. de (1608a); Vieira, Antônio (1608a); Marquilhas (1996); Brochado (1651)
		Narr	Narrativa	Melo, F. M. de (1608b); Barros, A. (1675); Costa, Manoel da (1601)
		PT	Peça Teatral	Melo, F. M. de (1608c)
		D	Dissertação	Vieira, Antonio (1608b)
	PHPP	At	Ata de Câmara	Morais (2014); Ferreira; Moraes; Kewitz (2015 [2008])
CD		Cartas de Data	Morais, K (2018)	
XVIII	CTB	CP	Carta Pessoal	Cavaleiro de Oliveira (1702); Alorna, Marquesa de (1750)
		PT	Peça Teatral	Silva, António José da (1705)
		Narr	Narrativa	Garrett (1799)
		N	Notícia	Gazeta de Lisboa (1700-1799)
	PHPP	Mem	Memória histórica	Simões; Manoel; Moraes (2013a, Eds.); Simões; Manoel; Moraes (2013b, Eds.); Simões; Manoel; Moraes (2013c, Eds.); Simões; Manoel; Moraes (2013d, Eds.); Simões; Manoel; Moraes (2013e, Eds.)
		CO	Carta Oficial	Simões (2007)
		CAP	Carta de Adm. Privada	Simões; Kewitz (2006); Monte (2013); Garcia (2012)
PHPB	CO	Carta Oficial	Barbosa (1999); Lobo; Ferreira; Gonçalves; Oliveira (Orgs 2001); Fonseca (2004); Aguilera; Vasconcelos (Orgs 2007); Iapechino (2010)	
XIX	CTB	Mem	Memoria histórica	D'Alorna, M. F (1802)
	PHPP	CP	Carta Pessoal	Kewitz; Simões (2006); Simões; Oliveira; Souza (2015)
		CAP	Carta de Adm. Privada	Garcia (2012)
		A	Anúncio de jornal	Guedes; Berlinck (2000); Oliveira (2012)
		CL	Carta de Leitor de jornal	Castilho et al. (2002, Org.); Castilho da Costa (2010, Ed.)
		CR/E	Carta de Redator / Editorial	Castilho da Costa (2010, Ed.); Medeiros; Araujo; Gonçalves-Segundo (2015)
	N	Notícia	Castilho da Costa (2010, ed.)	

		PT	Peça Teatral	Módolo/Santos (2010?)
		Mem	Memória histórica	Simões (2007); Kewitz (em preparação)
	PHPB	CO	Carta Oficial	Ribeiro (1999); Fonseca (2004); Aguilera; Vasconcelos (Orgs 2007)
		CP	Carta Pessoal	Carneiro (2005a); Carneiro (2005b); Carneiro (2005c); Chaves; Alkmin (Orgs 2002); Chaves (2006a); Chaves (2006b); Chaves (2006c); Cyrino; Barrichelo; Paula (2004); Ataíde; Vieira Filho (2010); Ataíde, Forcioni (2010)
		CL	Carta de Leitor de Jornal	Almeida (2011), Aldrigue; Nicolau (2009); Nicolau; Aldrigue (2011a); Barbosa; Lopes (2006); Barbosa, Lopes (2004); Martins; Costa (2011a); Coelho (2011a); Coelho (2011b)
		CR	Carta de Redator	Zavam; Mourão (2011a); Zavam; Mourão (2011b); Barbosa; Lopes (2004); Aldrigue; Nicolau (2009); Nicolau; Aldrigue (2011b); Gomes (2010a); Martins; Costa (2011b); Cavalcante (2012)
		A	Anúncio	Guedes; Berlinck (2000); Teixeira-Pinto (2011a); Teixeira-Pinto (2011b); Aldrigue; Nicolau (2009); Martins; Costa (2011c)
XX		NURC	DID	Diálogo entre Informante e Documentador
	EF		Elocução Formal	Callou (Org. 1991) [versão digitalizada em < http://www.nurcrj.letras.ufrj.br/ >]
	D2		Diálogo entre dois informantes	Callou; Lopes (Orgs. 1994) [versão digitalizada em < http://www.nurcrj.letras.ufrj.br/ >]
	PHPB	CP	Carta Pessoal	Gandra (2010); Ataíde, Gomes (2010); Travassos; Gomes (2010); Kewitz (2016)
		CO	Carta Oficial	Ataíde, Silva (2010)
		CL	Carta de Leitores	Carneiro (2011a); Carneiro (2011b); Soares (2011a); Soares (2011b); Eliza (2011); Santana (2011a); Carvalho (2011a); Oliveira (2011a); Silva; Silva (2010a); Silva, Silva (2010b); Martins; Costa (2011d); Martins; Costa (2011e); Duarte (2012a); Duarte (2012b); Almeida (2011); Coelho (2011b); Coelho (2011c)
		CR	Carta de Redator	Carneiro (2011c); Carneiro (2011d); Zavam, Mourão (2011c), Zavam, Mourão (2011d), Santana (2011b); Carvalho (2011b); Oliveira (2011b); Gomes, Silva (2010b); Martins; Costa (2011f); Almeida, Thomé Viegas (2013); Paixão, Almeida (2011)
		A	Anúncio	Carneiro (2011e); Carneiro (2011f); Carneiro (2011g); Carneiro (2011h); Medeiros (2011a); Medeiros (2011b); Silveira (2011a); Silveira (2011b); Santana (2011c); Carvalho (2011c); Oliveira (2011c); Silva; Silva (2010b); Martins; Costa (2011g); Duarte (2012c); Duarte (2012d); Coelho (2011d); Coelho (2011e)
	PHPP	IO	Inquérito Oral	Rodrigues (2013)
	XXI	G1	N	Notícia
Estadão Online		N	Notícia	Disponível em < https://www.estadao.com.br/ >
Twitter		RS	Rede Social	Disponível em < https://twitter.com/home >
Google		SP	Servidor de Pesquisa	Disponível em < https://www.google.com.br/ >

Durante o processo de coleta foi realizada uma quantificação inicial dos dados encontrados, porém as ocorrências não são equilibradas entre os séculos e entre cada tipologia textual, destacando-se os dados do século XX do *corpus* de língua falada do Projeto NURC (Rio de Janeiro)⁶⁰, que excede a quantidade de dados de todos os séculos anteriores. Tendo isto em mente, escolhi manter apenas uma análise qualitativa dos dados.

O levantamento geral dos dados passou ainda por uma revisão para melhor organizá-los e para verificar se todos os dados encontrados correspondiam ao item *trás* e não ao verbo *trazer*, já que em muitos documentos dos séculos anteriores ao XX *trás* pode vir grafado *traz*. A revisão também visou à eliminação de dados cujo contexto de uso do item *trás* e demais construções não era claro ou não podia ser recuperado pelo contexto maior.

Dado que cada documento ou conjunto de documentos contém diversas informações, a identificação da fonte de cada exemplo, colocada entre colchetes, será feita de acordo com os seguintes parâmetros:

- (i) Para os dados coletados do PHPP e PHPB, serão identificadas as seguintes informações: [Século, Sigla do documento, Edição, nº da página / linha da edição (quando houver), *Corpus*] como no exemplo (17); no caso dos dados do PHPB⁶¹, será também identificado o Estado utilizando-se a respectiva sigla:

(17) [17 At Moraes (2014) PHPP] Resevi dos senhores ofisiais sento esincoenta mil enovesentos — e des como conta dos dous termos asima **eatras** emeasinei neste termo, como, capitão desta villa Pascoal Ribero deFaria

- (ii) Os dados coletados do CTB serão identificados por [Século, Sigla do documento, Nome do autor do texto, ano de nascimento do autor, *Corpus*], como no exemplo (18):

⁶⁰ Ressalta-se aqui que nem todos os inquéritos do Projeto NURC estão disponíveis online. Vários inquéritos das demais cidades (São Paulo, Salvador, Recife e Porto Alegre) estão disponíveis em áudio (com ou sem a respectiva transcrição) na página do Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE, IEL/Unicamp). No entanto, esse material não foi utilizado para a coleta de dados por não estar em formato editável (como o do Rio de Janeiro).

⁶¹ O PHPB conta com equipes dos seguintes Estados: Rio de Janeiro, Alagoas, Pernambuco, Sergipe, Rio Grande do Norte, Paraíba, Bahia, Ceará, Minas Gerais, Pará-Oeste, Santa Catarina, Paraná e São Paulo. No entanto, nem todos os Estados forneceram edições de documentos à página de *corpus* do PHPB, assim como nem todos os tipos de documentos estão distribuídos de forma equilibrada. A equipe de São Paulo mantém e alimenta página própria de *corpus* no âmbito do Projeto Temático PHPP II (Fapesp, Processo Nº 2011/51787-5).

(18) [16 Nar Pinto, F. M. (1510) CTB] Esta frota chegou toda a saluamento ao rio de Puneticão, onde então el Rey deAarù estaua fortificando a tranqueyra, de ~q ja atras fiz mençaõ, na qual tinha cõsigo seis mil hom~es Aarùs,

(iii) Para os dados coletados do CIPM: [Século, Sigla do documento, *Corpus*] como no exemplo 19:

(19) [16 CRB CIPM] e chegou a hu~u ryo grande d augoa sallgada, que passara~o a vao, e da outra parte do ryo estava elrey d Orya com sua gente, e elrey Crisnarao asentou seu arayall d aquem do ryo, e mandou lhe hu~u recado, que se elle quysesse pellejar com elle, que elle se afastarya atras do rio duas legoas, pera poder passar o rio a sua vontade, e quoamdo na~o que elle passarya, e lhe daria a batalha, ao quoad recado elrey d Oria na~o respomdeo, mas antes se fez preste para lhe dar batalha

(iv) Os dados do Projeto NURC seguem a convenção já estabelecida, a saber: [Século, Cidade, Tipo de Inquérito, Nº do Inquérito, NURC].

(20) [20, RJ, DID, 0042, NURC] LOC. - Apenas o sabão de coco pra roupa, um sabão que seja, mas n... de num modo geral, nunca vou atrás dos anúncios e como está mudando todo dia nem nada não.

(v) Os dados extraídos da internet (redes sociais e jornais online) serão identificados por [Século, Título da página/seção, Data do texto].

(21) [21 G1 05.11.2019] Segundo motorista, vítima saiu de trás de carro e não houve tempo para frear.

Todos os dados coletados encontram-se no anexo, ao final desta dissertação, identificados da maneira descrita acima, separados por século.

2.2.2 Da análise dos dados

A descrição e a análise dos dados de *trás* e de suas construções compreendem o processo de semanticização com base na AM (Castilho 2010). A análise da semanticização do item *trás* e das construções com o item nos séculos XVI ao XXI pautou-se nas seguintes etapas:

- (a) consulta e análise das definições do item *trás* e construções em diferentes dicionários, comparando os sentidos identificados para os dados dos séculos XVI ao XXI com as definições consultadas;
- (b) análise quanto ao sentido prototípico espacial, reconhecendo as diferentes cenas de localização orientadas pelo item *trás* e as construções;

- (c) análise quanto às características semânticas das entidades selecionadas como FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA nas relações espaciais e metafóricas estabelecidas por *trás* e construções;
- (d) análise quanto à ativação de metáforas estruturais, orientacionais e ontológicas, reconhecendo os EI que permeiam cada uma das metáforas encontradas;

Essas etapas tem como base o seguinte questionamento principal: quais são os sentidos identificados para o item *trás* e construções ao longo dos séculos XVI a XXI? Para responder esta questão, ainda é necessário que façamos os seguintes questionamentos:

- (i) os sentidos já documentados nos dicionários foram documentados no *corpus* adotado, de que maneira? Houve ainda sentidos identificados nos documentos que não constavam nos dicionários consultados?
- (ii) todas as construções com o item *trás* e o próprio item ocorrem na expressão de localização espacial? Essa localização espacial apresenta os mesmos esquemas em cada uma delas, ou há esquemas que só ocorrem com determinados itens? Se sim, quais são eles?
- (iii) Quanto aos usos metafóricos, quais construções atuam em quais sentidos?
- (iv) Quais são os EI identificados em cada um dos usos metafóricos?
- (v) E ainda, quais são as metáforas combinadas com outras e quais as consequências para o sentido com essa combinação?

Mais precisamente acerca das metáforas expressas pelo item *trás* e suas construções, tomarei como base os questionamentos feitos por Lakoff; Johnson (1980: 276), onde, primeiramente, a metáfora é compreendida em termos de domínio fonte (*source domain*) e domínio alvo (*target domain*)⁶², de forma que buscarei responder as seguintes questões, acerca dos usos metafóricos encontrados:

- (a) O que determina a escolha de um possível domínio fonte?
- (b) O que determina a relação entre tal domínio fonte com o domínio alvo?

⁶² O uso de *domínio fonte* e *domínio alvo* não elimina ou mesmo substitui o uso de FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA para a análise dos dados, pois, em alguns casos, ainda é possível compreendermos o uso metafórico do item e das construções em termos de FIGURA, ou seja, domínio alvo, e PONTO DE REFERÊNCIA, domínio fonte.

(c) O que determina os detalhes deste mapeamento entre domínio fonte e domínio alvo? (cf. LAKOFF; JOHNSON 1980: 276)

Essas são algumas das perguntas que permeiam o questionamento principal quanto ao sentido do item *trás* e demais construções. Outros questionamentos, como a relação do tipo de texto e as construções/sentidos documentos ou ainda de que maneira cada um dos itens que compõem as construções com *trás* influencia no sentido expresso, não poderão ser respondidos neste momento, ficando para pesquisas futuras.

A análise da semanticização das construções com o item *trás* tem como objetivo traçar e descrever as propriedades semânticas das construções ao longo dos séculos, reconhecer possíveis mudanças, além de abrir caminho para novas pesquisas acerca do item.

O próximo capítulo será dedicado à análise dos dados coletados, dividido a partir do sentido expresso, começando pelo sentido prototípico espacial, seguindo-se as seções em que se analisam metáforas. Em cada uma delas apresento as ocorrências encontradas em cada século, os possíveis EI identificados e os sentidos expressos em cada um dos casos, retomando alguns dos conceitos apresentados neste capítulo, assim como alguns aspectos resenhados no capítulo 1.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DA SEMANTICIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES COM O ITEM *TRÁS*

Neste capítulo apresento o processo de semanticização das construções com o item *trás* nos dados dos séculos XVI ao XXI. Os dados foram categorizados de acordo com as propriedades semânticas que expressam, com base nos pressupostos teóricos expostos do capítulo 2 desta dissertação.

Como foi tratado no capítulo 1, embora os autores revisados foquem principalmente nas propriedades sintáticas do item a partir de uma perspectiva própria, seja ela descritiva, normativa ou histórica, alguns deles decorrem, mesmo que brevemente, acerca dos sentidos expressos pelo item *trás*, retomados no quadro a seguir:

Quadro 7: Sentidos identificados para *trás* e *atrás (de)* abordados no capítulo 1⁶³

	Sentido identificado ao item <i>trás</i> e para a construção <i>atrás (de)</i>	
	<i>Trás</i>	<i>Atrás (de)</i>
Neves (2011)	Expressa a circunstância de lugar, em posição estática, respondendo à pergunta “onde?”	Não consta.
Bechara (2009)	Expressa situação horizontal, definida e concreta	Não consta.
Cunha (1980)	Sentido original de “além de”. Indica posição posterior.	Não consta.
Huber (1933)	Não consta.	<i>Atrás de</i> teria sentido semelhante de <i>a fundo de</i>
Said Ali (1971)	Equivalente a <i>após, em seguimento de, em busca de</i> com verbos de movimento.	Expressão <i>tornar atrás</i> tinha o sentido de “reconsideração de um ato.”
Silva (2009)	sentido de além de. Outros sentidos atestados pelo autor: “exceto, atrás de e depois de”;	Não consta.
Viaro (1994)	Equivalente à “para além de”	Não consta.
Teixeira (2001)	Para <i>trás</i> : “para o outro lado, para além de, outro lugar”	Não consta.
Nascentes (1955)	sentido de “além”.	sentido de “para lá, além.”
Castilho (2009)	Para o item <i>trás</i> como preposição: expressa espaço /posterior/ e tempo /posterior/.	Não consta.

Observa-se que os autores ao tratarem do sentido do item e da construção *atrás* focam-se em seu sentido prototípico espacial e não são todos que abordam possíveis usos metafóricos. Por isso optei por consultar diferentes dicionários em busca dos sentidos do item e de suas construções, uma vez que o objetivo de tais obras é

⁶³ A ordem dos autores exposta no quadro 7 é a mesma adotada em todo o capítulo 1, retomo no quadro os sentidos apontados pelos autores quanto ao item *trás* e a construção *atrás*, quanto o sentido das demais construções não consta nas obras consultadas.

essencialmente o sentido, diferentemente das gramáticas consultadas, estas que buscam tratar do todo de uma língua e não exclusivamente dos sentidos.

O quadro 8 a seguir traz o resultado da busca em diferentes dicionários⁶⁴, os exemplos adotados por cada autor e usos metafóricos já identificados.

Quadro 8. O item *trás* e suas construções em dicionários do século XVIII ao XXI

Dicionário	Definição e Exemplos
Bluteau (1712-1728)	<p>Atraz: proposição local, que denota partes posteriores de espaço, pessoa ou tempo. <i>Vinha logo atrás a retaguarda, composta do restante dos aliados da vigésima legião.</i></p> <p>Tornar atrás: retroceder, recuar. <i>A velhice, que vem atrás de nós, apanhamos, quando menos o cuidamos</i>⁶⁵.</p> <p>Ficar atrás: não ser igual, não ficar atrás, ser igual, semelhante. <i>Outro, que não ficou atrás em semelhante excesso.</i></p> <p><i>Vinde todos, uns atrás dos outros.</i></p> <p>Fazer um pé atrás: recuar, retroceder, no sentido metafórico</p> <p>Deixar atrás: vencer, sobrepujar, ser superior a alguém em alguma coisa</p> <p>Andar para traz: (no sentido figurado) recuar em vez de adiantar, tornar a traz</p> <p>Detraz: preposição de lugar, que se segue as partes posteriores de um espaço, de uma pessoa</p>
Silva (1789)	<p>Atráz: no lugar posterior, aquém de algum objeto e no figurativo. No tempo passado; após, em seguimento.</p> <p>Deixar atraz: avantajar-se a alguém na marcha, e no figurativo em qualidades boas ou más; sobrepujar, exceder</p> <p>Tornar atraz com a palavra, arrepender-se, revogá-la, desdizer-se</p> <p>Depois em série de ações</p> <p>Tornar atraz alguma coisa: descontinuar, cessar</p> <p>Fazer-se atraz: ir se atrazando, não seguir avante</p> <p>Trans: preposição latina que significa além, della se compõe várias palavras que tem sentido muito diverso das que se compõem de trás.</p> <p>Detrás: no lugar traseiro, anterior ao que está adiante. <i>Detrás de mim,</i> no figurado, <i>depois.</i> Essa palavra usa-se como nome adverbialmente, sem preposição, expressa ou com ela.</p>
Pinto (1832)	<p>Atraz: prep. posteriormente</p> <p>Traz: vide atraz</p> <p>Trans: partícula latina, de que se compõe de várias palavras e significa além</p> <p>Detraz: que indica a parte traseira, ou posterior à dianteira.</p>
Aulete Digital (2007 ⁶⁶)	<p>Trás (verbeta atual): adv.1. Em posição posterior; atrás, por trás, detrás</p> <p>2. Em momento ulterior; após, depois de. prep.3. Denota anterioridade, ou existência de algo subjacente à aparência de algo: <i>Trás tanta candura esconde-se um caráter interesseiro e inflexível</i></p> <p>Trás (verbeta original): prep. e Adv. atrás, detrás, após: <i>Todos, uns atrás outros, vieram procurando nossa amizade,</i> (Fr. L. de Sousa.) Em seguida a; depois de: <i>Trás isto mandou Ancedeão um valoroso turco com dez mil homens a senhorear as terras firmes.</i> (J. Fr. de Andrade.) Para trás, para o lugar ou parte posterior: <i>Para trás roja o seu véu.</i> (Gonç. Dias.) F. lat. Trans.</p> <p>Atrás (verbeta atualizado) adv.1. Às costas ou na retaguarda; DETRÁS 2. Em posição anterior ou inferior. 3. No encaço de (algo ou alguém já mencionado):</p>

⁶⁴ Apresento apenas os sentidos identificados para o item *trás* e demais construções, em diferentes grafias. Neste momento, suprimi as classificações dadas pelos autores enquanto preposição, advérbio ou locução adverbial/prepositiva, pois não é o foco desta análise.

⁶⁵ Exemplo do autor não ilustra o sentido proposto, mas sim o sentido temporal do item.

⁶⁶ Esta data refere-se à primeira versão online do Dicionário Caldas Aulete, originalmente publicado na segunda metade do século XIX. Em função de a versão digital ter sido ampliada, reproduzo esta e a versão original que o site apresenta.

	<p>4. Em seguida; APÓS; DEPOIS. 5. Antes, anteriormente (no tempo). 6. Na parte oposta à da frente, ou do rosto, ou à que se vê. [F.: Do lat. ad trans.]</p> <p>Atrás de: 1 Em posição posterior ou inferior (no tempo ou no espaço). 2 Depois de (no espaço, em relação ao observador). 3 Em seguida a, seguidamente (no tempo). 4 No encaicho. 5 À procura de, em busca de. 6 Em inferioridade (quanto a qualidade, desempenho etc.): No que tange ao preparo físico, ele está muito atrás dos demais.</p> <p>Atrás (verbo original): adv. no lugar posterior, detrás; no lugar precedente. No tempo anterior, anteriormente. Deixar atrás 1. vencer, suplantar, preterir, aventajar-se a. Tornar atrás 1. (fig.), reincidir, voltar aos antigos erros ou costumes; repetir o que disse ou o que leu. Estar de pé atrás com 1. alguém, de má fé, prevenido para que ele o não engane ou prejudique. Anos, meses atrás Ficar-se atrás 1. saber, dizer, fazer menos ou pior que outrem. Voltar com a palavra atrás 1. ou simplesmente voltar atrás, faltar à palavra, desdizer-se, contradizer-se, retratar-se, arrepender-se. Atrás de 1. (loc. prep.), no lugar ou lado posterior de, depois de; após de; em seguimento de</p>
<p>Michaelis Online (2018)</p>	<p>1 Num momento futuro; após. 2 Na posição posterior; atrás. Expressa um tempo anterior e/ou algo que não corresponde à realidade. EXPRESSÕES Por trás de: às escondidas.</p>

A partir de ambos quadros é possível observar que o sentido de localização espacial prevalece quanto à descrição do sentido do item *trás* e principalmente das construções *atrás* e *detrás*. O que o quadro 8 revela são muitos usos metafóricos, categorizados nos dicionários como *usos figurados*, do item em diversas construções, além de reforçar o uso de *tornar atrás* já exposto pelos gramáticos com o sentido de *reconsideração de um ato*.

Apresento no quadro 9 os sentidos descritos nos dicionários e gramáticas, agora sem distinção de autor e tipo de obra, separados pelas construções identificadas pelos autores retomados nos quadros 7 e 8, sem distinção dos verbos que acompanham cada construção em seu uso metafórico. O quadro a seguir destaca os sentidos já documentados para o item e para as construções, para que assim eles possam ser melhor reconhecidos e analisados no *corpus* aqui adotado, ao mesmo tempo que possíveis usos novos sejam mais facilmente identificados.

Quadro 9 – Sentidos identificados para o item *trás* e suas construções

Sentidos identificados por diferentes autores/obras	
Trás	posição posterior, atrás, por trás, detrás; posição estática; momento anterior; em seguida, após; existência de algo subjacente à a aparência a algo; às escondidas (<i>por trás de</i>); equivalente à <i>além de</i> ; para o outro lado, para além de; espaço /posterior/ e tempo/posterior/
Trans	além de
Atrás	partes posteriores do espaço, pessoa; no tempo passado; após, em seguimento, depois; posteriormente; retroceder, recuar, descontinuar, cessar, retomar antigos erros (<i>tornar atrás</i>); retroceder, recuar, (<i>fazer pé atrás</i>) não ser igual (<i>ficar atrás</i>); vencer, ser superior, sobrepujar (<i>deixar atrás</i>); avantajar-se na marcha (<i>deixar atrás</i>); prevenir-se contra alguém de má fé (<i>estar de pé atrás</i>); fazer menos ou pior que alguém (<i>ficar atrás</i>); <i>a fundo de</i>
Detrás	partes posteriores de uma pessoa ou lugar; metafórico: depois; no encalço de algo ou alguém

Os sentidos apresentados no quadro acima referem-se ao uso espacial prototípico e também a diferentes usos metafóricos, que vão além do sentido temporal. Com a análise dos dados que apresento a seguir, busco reconhecer de que forma os sentidos já documentados se apresentam em dados do século XVI ao XXI, além de identificar possíveis novos sentidos. A análise do item e de suas construções quanto ao sentido parte da noção dos Esquemas Imagéticos (EIs) e da transposição de EIs e na constituição de metáforas e tem como objetivo entender o funcionamento do item e das construções quanto ao sentido ao longo dos séculos e o seu papel no PB atual.

As seções a seguir buscam responder aos seguintes questionamentos, expostos também ao longo dos capítulos anteriores:

- (i) como se dá o sentido prototípico de espaço /posterior/ do item ao longo dos séculos, quais as construções que expressam sentido espacial?
- (ii) há diferenças na organização espacial expressa pelo item e construções? Se sim, quais?

- (iii) quais sentidos, além do espacial, podem ser identificados para o item *trás* e construções? em quais contextos e séculos? De que forma esses sentidos diferem ou são semelhantes dos já documentados?
- (iv) quais são as características semânticas das entidades selecionadas como FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA nas relações espaciais e metafóricas estabelecidas pelo item e construções?
- (v) Haverá algum sentido não documentado nos séculos XVI ao XX, mas documentado no XXI? Ou ainda, haverá sentidos não mais documentados nos dados do PB atual?

Essas são as questões que busco responder, ou ao menos propor hipóteses, a partir das análises feitas nas próximas seções; ao longo da análise poderão surgir novos questionamentos acerca de outras propriedades do item e das construções, sejam eles sintáticos ou morfológicos que não poderão ser respondidos na pesquisa atual, por não serem o foco. As seções foram divididas a partir dos diferentes sentidos identificados para o item e construções ao longo dos séculos estudados, iniciemos pelo sentido espacial prototípico identificado por todos os autores consultados.

3.1 O sentido prototípico: espaço /posterior/

Para a análise aqui descrita, parte-se do pressuposto de Castilho (2009) de que o sentido prototípico de que dispõem todas as preposições⁶⁷ é reconhecível a partir das categorias cognitivas⁶⁸ de *posição*, *deslocamento* e *distância no espaço*. No caso do item *trás* as categorias cognitivas responsáveis pelo reconhecimento de seu sentido prototípico são as de *posição* e *deslocamento*. O deslocamento ou a posição no espaço podem ser expressos a partir de diferentes pontos de observação e da experiência corpórea em relação às coisas do mundo.

⁶⁷ Vale lembrar que, ao retomar aqui o que Castilho (2009) identifica como o sentido das preposições, não significa que estou assumindo qualquer categorização do item *trás* e demais construções, uma vez que este não é o objeto da pesquisa. Retomo o autor por dois motivos: é responsável pela base teórica na qual me apoio e é onde o autor insere o item *trás*.

⁶⁸ As categorias cognitivas, como autor retoma, tem base na linguística Cognitiva e sobre elas o autor afirma: “Eles [os linguistas cognitivistas] reconhecem que as línguas naturais corporificam as categorias cognitivas de PESSOA, COISA, ESPAÇO, e TEMPO, MOVIMENTO, QUALIDADE, QUANTIDADE, entre outras, mediadas sempre por sua interpretação, promovida pelas respectivas culturas. A representação dessas categorias muda de língua para língua, ou no interior de uma mesma língua, ao longo de seu percurso, pois integram os atributos da raça humana”. (CASTILHO 2010:612).

Como abordado no capítulo 2, Lakoff; Johnson (1980) observam que, em qualquer língua, há conceitos passíveis de serem explicados diretamente, como é o caso dos conceitos espaciais, mais delimitados e físicos (expressos, por exemplo, pelas construções *para cima, para baixo, para frente e para trás*), e conceitos que não são tão facilmente compreendidos e passam a ser expressos por meio de metáforas, envolvendo um domínio fonte, geralmente algo concreto, que explica um domínio alvo, um conceito mais abstrato. Nesta seção trato do primeiro caso, e nas seções seguintes (3.2 a 3.8) do segundo.

A localização no espaço, como identificam Lakoff; Johnson (1980), é um conceito passível de ser delimitado, expressa uma realidade física, não abstrata, e envolve uma relação assimétrica entre duas (ou mais) entidades, a FIGURA e o PONTO DE REFERÊNCIA⁶⁹. As características próprias dessas entidades podem ser responsáveis pela escolha de determinados itens linguísticos, o que não significa que sejam sempre determinantes para o uso dessa ou daquela forma/construção.

No que concerne ao item *trás*, o processo de localizarmos algo no espaço pode ocorrer a partir de quatro esquemas principais, três deles propostos por Tyler; Evans (2003) e Teixeira (2001) e o outro é aqui proposto com base nos dados encontrados. Esses esquemas diferem-se principalmente quanto à orientação intrínseca ou não intrínseca do PONTO DE REFERÊNCIA e também pela disposição da FIGURA em relação ao PONTO DE REFERÊNCIA. Os esquemas propostos por Tyler; Evans (2003) podem ser adaptados às construções com *trás*, pelo o que foi exposto no capítulo 2. No entanto, mantenho a terminologia de Talmy (2000) para as entidades envolvidas na localização espacial, FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA (doravante, PR). Retomo abaixo os esquemas propostos pelos autores:

(i) PR com orientação intrínseca: envolve PR como casa, prédio, pessoa, animal, móveis em geral (exceto mesa) e objetos 'funcionais' (como computador, rádio, televisão, livro, veículos etc.). Assim, podemos dizer *o celular está atrás do computador, o menino está atrás da casa* etc., justamente pelo fato de essas entidades serem orientadas quanto as suas funções e/ou à direção de seu movimento.

(ii) PR sem orientação intrínseca: objetos como poste, árvore, arbusto, lata de lixo e demais objetos cilíndricos em geral não possuem orientação intrínseca,

⁶⁹ Os diferentes autores estudados nomeiam a FIGURA e o PONTO DE REFERÊNCIA de maneiras distintas. Optei por manter esses mesmos termos ao longo de toda a análise.

considerando todos os eixos espaciais (são objetos que têm interioridade/exterioridade e a relação cima-baixo, mas não frente-trás, esquerda-direita). Assim, é o observador que atribui a esse tipo de PR uma orientação em função da posição de onde vê a cena, como em *o menino está atrás da árvore, o papel está atrás da lata do lixo* etc.

(iii) Alinhamento in tandem: este esquema se aplica a corridas, filas e alinhamentos semelhantes, em que, em geral, se tem um PR com orientação intrínseca. A diferença entre este esquema e o descrito em (i) acima está no fato de a FIGURA e o PR estarem olhando para a mesma direção. Pode-se atribuir esse esquema também a PR sem orientação, desde que esteja na cena um terceiro objeto. O exemplo dado por Tyler; Evans (2003 172) diz respeito ao alinhamento de fileiras de garrafas (grandes e pequenas), sem orientação intrínseca, dispostas numa esteira: *On the conveyor-belt that moves bottles to the washing machine, smaller bottles are always placed behind larger bottles*⁷⁰.

Semelhantemente aos esquemas identificados por Tyler; Evans (2003:4), Teixeira (2001) reconhece outros modelos⁷¹ para os itens *frente* e *trás*: o modelo dinâmico e o modelo estático. O primeiro tem como elemento fundamental o movimento propriamente dito, com sentido e direção específicos. Para Teixeira (2001:4:75) cada um desses modelos seria resultado da focalização de determinado aspecto do modelo original (i) prototípico descrito abaixo. Para modelos estáticos, retomo aqui o que tratei no capítulo 2, adotando o termo *esquemas* (no lugar de *modelos*), quais sejam:

- (a) Esquema original: parte da constituição do corpo humano, dividindo-o em uma parte frontal, estabelecida principalmente pelos olhos e pela boca, e uma parte traseira.
- (b) Esquema da orientação situacional em espelho: semelhante ao esquema (ii) de Tyler; Evans (2003) para o PR sem orientação intrínseca, em que um objeto sem orientação intrínseca adquire uma orientação, geralmente pelo ponto de vista de um observador.
- (c) Esquema da visibilidade: parte da presença ou da ausência dos traços de acessibilidade e de visibilidade, esquema que exige, além da FIGURA e do PONTO DE REFERÊNCIA, o elemento, que o autor chama de *focalizador* que é o que torna a orientação “visível”. O item *frente* implica, então, em visibilidade e acessibilidade e o item *trás* a não visibilidade e a não

⁷⁰ Na esteira rolante que leva garrafas à máquina de lavar, garrafas pequenas são sempre dispostas atrás de garrafas grandes (tradução minha).

⁷¹ Teixeira (2001) faz uso do termo *modelo* que equivale, no meu entendimento, a *esquemas*.

acessibilidade. Esse esquema será descrito em relação aos demais, não como esquema isolado.

Os esquemas reconhecidos por Teixeira (2001:4) e por Tyler; Evans (2003), embora muito semelhantes, oferecem um ponto de partida mais completo e uma compreensão mais ampliada de como os objetos, pessoas e eventos são localizados no espaço, reconhecendo que nem todas as localizações espaciais ocorrem da mesma maneira e partem de uma FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA com orientação intrínseca. Isso nos leva à seguinte questão: o item *trás* e demais construções atuam em todos os esquemas no que concerne ao seu sentido espacial?

Para responder a essas questões, os dados de todos os séculos são apresentados a partir de cada um dos esquemas descritos anteriormente, sem deixar de considerar as propriedades para a FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA, conforme descritas em Talmy (2000) e Castilho (2009).

Para melhor organização e visualização da análise, apresento os dados pelos esquemas propostos por Tyler; Evans (2003), descritos em (i) a (iii) acima em blocos com cada uma das construções que ocorrem nesses esquemas. Os exemplos são distribuídos também pelos séculos em que as construções ocorrem em cada esquema. Quando pertinente, descrevo as ocorrências também com base em Teixeira (2001) e observo algumas propriedades do PR sob foco. Vale lembrar que o termo *construções* se refere às seguintes formas com o item *trás*: *atrás (de)*, *detrás (de)*, *para trás (de)*, *por trás (de)* e *por detrás (de)*.

3.1.1 PR com orientação intrínseca

Sejam os seguintes exemplos com a construção *atrás (de)*:

- (22) [16 DN200 CIPM] It(em) no tello huñ canpo que leua huñ alq(uei)re (e) m(eo) de centeo (e) tem tres vueí'ras It(em) **atrás das** casas desta di(c)ta quebrada esta huñã lei'ra que leua huñ alq(uei)re(e) m(eo) de centeo de sementeira tem darredor sete ou oyto vueyras (e) tres nogueiras (e)out(ra)s aruores (e) huñ meo pardi'ei'ro
- (23) [19 A Oliveira (2012) PHPP] O bacharel Antonio Benecdito de Cerqueria Cesar, tem o seu escriptorio de advocacia na rua de Barreto Leme número10 **atrás da** Matriz Velha, e encarrega-se de todos os trabalhos de sua profissão no civil,
- (24) [20, RJ, DID, 0045, NURC] LOC. - Eu suponho que o diretor coloque os atores em cena, (...) Os artistas se colocariam de acordo com o 'script', de acordo com as instruções do diretor e fariam aquilo que estava previsto que fizessem e enquanto

isso o câmara provavelmente filmaria as ações deles, segundo o que se vê no próprio cinema o diretor de vez em quando interrompe enraivecido, diz que está péssimo, que ele vai repetir a cena, que não saiu bom, etc.

DOC. - Ahn, quem trabalha **atrás**, hum, na frente das câmeras

LOC. - Atrás da câmara? O homem que man... manipula a câmara é o 'camera man', é o termo americano que eu suponho que é adotado em português também e o que naturalmente fica à frente da câmara deve ser o a... o a... o ator.

(25) [21 G1 10.01.2020] Segundo a Polícia Civil, o crime ocorreu por volta das 4h, **atrás de** um posto de saúde. O jovem foi atingido por um tiro e morreu no local.

Os exemplos (22) a (25) apresentam PRs com orientação intrínseca, pois são entidades com todos os lados fixos, por assim dizer, como casas, matriz, câmara (filmadora) e posto de saúde, respectivamente. Nos *corpora* consultados, não foi documentada a construção *atrás (de)* com PR de orientação intrínseca nos séculos XVII e XVIII, o que pode estar relacionado à tipologia textual e à quantidade de textos disponíveis. Sistematizo os exemplos (22) a (25) no quadro 10 a seguir:

Quadro 10: As FIGURAS e os PR com orientação intrínseca com a construção *atrás (de)*

	FIGURA	PONTO DE REFERÊNCIA
(22)	huũã lei'ra que leua huũ alq(uei)re(e) m(eo) de centeo de sementeira	as casas desta di(c)ta quebrada
(23)	o seu escriptorio de advocacia	Matriz Velha
(24)	quem trabalha	Câmeras
(25)	o crime	o posto de saúde

No exemplo (22) temos uma FIGURA sem orientação intrínseca, a leira, localizada em relação a um PR com orientação intrínseca, as casas. No exemplo (23), ambos FIGURA e PR têm orientação intrínseca, já que *escritório* e *matriz* dispõem de uma entrada (principal) e de um fundo, no lado oposto à entrada. Ainda nesse exemplo, a FIGURA é localizada em um ponto da rua Barreto Leme, *atrás* da Matriz Velha, PR que pode estar relacionado tanto ao escritório quanto à rua. Por outras palavras, a primeira FIGURA pode ser considerada o escritório, e seu primeiro PR a rua Barreto Leme; em seguida, esse PR é colocado como a FIGURA, e seu PR é então uma entidade com orientação intrínseca – a matriz. Esse tipo de localização espacial, além de fazer parte do cotidiano, revela a dinamicidade da linguagem.

Em (24) temos a orientação do objeto sendo dada pela sua funcionalidade, ou seja, a parte da frente das câmeras é aquela onde está localizada a lente. Assim quem trabalha na frente das câmeras são os que estão sendo filmados, e os que trabalham *atrás* dela são aqueles que filmam, que a operam. Tal situação descreve uma cena

concreta, onde um ser humano é inserido no espaço físico detrás da câmera e outros no espaço físico à sua frente. Por fim, no exemplo (25) temos como FIGURA um evento, um crime, o que demonstra que a construção *atrás (de)* atua na localização tanto de pessoas e objetos concretos quanto de eventos. O PR, posto de saúde, é intrinsecamente orientado, pois, assim como casas e igrejas, tem uma entrada principal – a frente – e a parte oposta, que neste caso é externa ao edifício.

Os exemplos (22) a (25) acima apresentam situações mais prototípicas no sentido de localização de algo no espaço físico. No entanto, há casos em que a relação entre FIGURA e PR nem sempre é exclusivamente espacial, como se vê em (26) a seguir:

(26) [18 CP M. Alorna (1750) CTB] Voltei desconsolada para o oratório, aonde achei Dona M... A..., que com palavras misteriosas pretendia animar-me. Tinha razão, porque, chegando depois o Conde de Oeynhausen, veio **atrás dele** o Visconde de Ponte de Lima e lhe disse com grande aceleração que Sua Majestade acabava de o nomear Ministro Plenipotenciário para a Côrte de Viena, e que lhe podia ir agradecer essa graça.

Nesse caso, há certa ambiguidade, pois a situação ali descrita pode ser entendida como uma localização propriamente dita, em que o Visconde de Ponte de Lima estava localizado no espaço físico *atrás* do corpo do Conde Oeynhausen, criando um *alinhamento in tandem*, esquema de que trato em 3.1.3 adiante, mas também é possível compreender a situação como sequência temporal, não necessariamente espacial, considerando o campo de visão de um observador. Isso demonstra que, muitas vezes, as orientações espacial e temporal atuam simultaneamente, sendo difícil separá-las.

Na sequência, são apresentados os casos com a construção *detrás (de)* em que o PR tem orientação intrínseca:

(27) [16 D Holanda, F. (1517) CTB] Mas o que se movia ou andava quietamente já as maes das vezes com o péesquerdo diante, e com o rosto voltado um pouco para tras⁷², e o outro pé que vinha **de tras** meo erguido, afastado d'estoutro, tanto quanto é a medida d'ummesmo pé.

(28) [19 A Oliveira (2012) PHPP] Adverte-se que elle foi perdido nas ruas| seguintes: rua Direita, rua de São Bento para São Fran-|cisco, rua da Freira, rua de São Gonçallo atè o lar-|go, rua **de traz dos** Quarteis e rua de Tabatinguéra.

(29) [20, RJ, DID, 0306, NURC] L: Só me lembro do meu pai, que eu gostava muito, achava ele muito bonito, um, acho que Internacional, aquele de bolso, de ouro, grande, sabe? Eu não sei se eu fiquei muito fixada nele, porque eu aprendi horas naquele relógio, que ele tinha paciência de ficar rodando e principalmente quando ele abria

⁷² Construção *para trás* presente nessa ocorrência não será analisada.

aquela tampa **de trás**, que tinha aquelas medalhas, aquelas coisas todas impressas, né, premiado não sei aonde, acho que era Internacional.

(30) [21 G1 05.11.2019] Segundo motorista, vítima saiu **de trás de** carro e não houve tempo para frear.

Não foi encontrada nenhuma ocorrência da construção *detrás (de)* com o PR de orientação intrínseca nos séculos XVII e XVIII. Os PRS com essa construção são semelhantes aos dos exemplos para a construção *atrás (de)*, já que *Quarteis, relógio e carro* (exemplos 28, 29 e 30, respectivamente) são orientados a partir da sua funcionalidade e/ou direção do movimento.

O exemplo (27) ilustra o esquema original de Teixeira (2001), no qual a orientação é definida a partir do próprio corpo humano, pois o pé, que é a FIGURA, é orientado a partir do PR corpo humano, do qual faz parte. O quadro a seguir esquematiza as FIGURAS e PRS dos exemplos (27) a (30):

Quadro 11: As FIGURAS e os PR com orientação intrínseca com a construção *detrás (de)*

	FIGURA	PONTO DE REFERÊNCIA
(27)	pé	(corpo humano)
(28)	rua	Quarteis
(29)	tampa	relógio
(30)	vítima	carro

Há alguns casos em que um PR sem orientação intrínseca adquire uma orientação não só por conta do ponto de vista do observador, mas também pela presença, na cena, de outro PR com orientação intrínseca, precisando assim a localização da FIGURA como se vê em (31) abaixo:

(31) [17 N Menezes, F.X. (1673) CTB] Contaçe da Vidigueira hum caso tragico se como affirmão he verdadeiro, huã molher sem saber que dous filhos seus de pouca idade se tinhão hido meter em hum forno donde adormeçerão **detras da** lenha, lhe deu fogo, e quando voltou os achou queimados, sahiu desesperada, querendo lançarçe em hum posso fora da villa; o cura que vinha de fora se abraçou com ella para a deter, e o marido, que se recolhia da cassa, com bem diffe- rente supoçição os matou a ambos.

Dado que o PR forno é um objeto com orientação intrínseca pela sua funcionalidade, é possível compreender que não somente a FIGURA, os dois filhos, estava *atrás da lenha dentro do forno*, mas também estava fora do campo de visão da mãe, ou seja, tanto o forno quanto a lenha dentro dele ocultavam a FIGURA.

A esse respeito, o exemplo (30) também tem como PR um objeto que oculta a visualização da FIGURA, a vítima. Essa leitura pode ser complementada com o EI contêiner em função do uso do verbo *sair* (saiu de trás do carro), em que se seleciona uma parte do carro e da área em torno dela para localizar a FIGURA.

Agora vejamos os exemplos com a construção *por detrás (de)* com o PR de orientação intrínseca:

(32) [16 Nar Gandavo, P.M (1502) CTB] E o que he bom pesca- | dor (pera que nam faça tiro em vão) quando os vé vir | deixa os primeiro paffar, & espera ate que fiquem a gei| to que polla arpoalos **por detrás de** maneira, ~q o arpam | entre no peixe fem as efcamas o impedirem, por~q fam | (como digo) tam duras ~q fe acerta de dar nellas de ma- | rauilha as pode penetrar.

(33) [17 CD Morais, K. (2018) Fl.17v.] Damos aos suplicantes trinttabraças | de chaõs de testada naRua derejtta queuaj **por detrás** | **das**Cazas de Domingos Cordeiro E Joze doLiureira dortta E | dequinttal uintte braças

(34) [18 CO Iapechino (2010) PHPB] Attesto em como no dia quatorze de Novembro | de mil setecentos noventa edous, estando eu deguarda na guarda | principal deste prezidio, sendo Cabo da guarda nesse dia fui | mandado, pelo Sargento da mesma guarda o Soldado Joa- | quim Jozé deSanta Anna, fui mandado, que com o Solda- | do Jozé dos Santos Torres do Regimento Deolinda acom- | panhace-mos ao Piloto (ilegível) de Bitancuur que hia acum- | prir hua pensão da natureza, echegando o dito Piloto ao Sitio | da boboca **por detrás do** Aquartelamento daVilla se reti- | rou o dito para detras⁷³ de huma moita de matto, que eu, co meu | Camarada decimulemos por prezumirmos se resguardava o di - | to para fazer aoperação da natureza,

(35) [19 CP Chaves (2006b) PHPB] Estimo que tenha passado bem e todos noços de caza. constam que minha horta esta aberta de todo por isso lhe rogo pagar o Manoel Jorge para me fazer huma serca de varas no portam de tiseiro athe caza do Chiquinho afim dos a cão não por a caza digo não estragar a caza **por de trás** eu ja mundeí falar com o Francisco João para fazer isso mais pede lhe não poder fazer por isso se previno

(36) [20, RJ, DID, 0142, NURC] E no dia que bateram em mim **por detrás?** A primeira coisa que eu, a primeira coisa que eu disse foi um, uma fileira, uma fieira assim, enfileirado, um palavrão atrás do outro, do susto. Libera a agressividade da gente aquele susto.

(37) [21 G1 16.12.2019] Ele costumava levar amigos do Rio, de São Paulo e até do exterior para passar lá um tempo com ele. Lembro-me de que o grupo todo, que incluía meus avós, tios e tias, e primos, fazia longas caminhadas por entre o milharal, no terreno que ficava **por detrás da** nossa casa, hoje Museu Casa de Portinari

Semelhantemente às ocorrências (28) e (29) com a construção *detrás de*, os exemplos (32) e (36) expressam o esquema da visibilidade (cf. Teixeira 2001), ou seja, a

⁷³ O uso da preposição *para* no exemplo (34) está sendo projetada pelo verbo *retirar-se* (como em *retirou-se para o interior*). Já a construção *detrás* ilustra uma cena onde a FIGURA é constituída pelo “dito” e o PR pela “uma moita de matto”, ou seja, um PR sem orientação intrínseca onde a FIGURA é ocultada pelo PR.

não visibilidade é essencial para que o objetivo seja atingido. Em (32) o peixe precisa ser atingido a partir de uma parte de seu corpo para que a pesca seja bem sucedida, cuja orientação frente-trás se assemelha à do próprio corpo humano. Em (36), o susto provocado no locutor tem efeito se a agressão é feita fora de campo de visão do locutor, portanto, *por detrás (de)*. Nesses dois casos, temos FIGURAS [+animadas], ao contrário daquelas em (33), (34), (35) e (37) em que o uso de *por detrás (de)* aparentemente não implica ocultação, ou não visibilidade da FIGURA, mas simplesmente a direção da localização das FIGURAS. O quadro a seguir esquematiza as FIGURAS e os PRs dos exemplos de (32) a (37):

Quadro 12: As FIGURAS e os PR com orientação intrínseca com a construção *por detrás de*

	FIGURA	PONTO DE REFERÊNCIA
(32)	arpão	peixe
(33)	Rua Direita	as casas de Domingos Cordeiros
(34)	Sítio da boboca	Aquartelamento da Villa
(35)	horta	casa
(36)	batida (agressão)	mim (corpo do locutor)
(37)	terreno	nossa casa

A próxima construção a ser observada é *por trás (de)*, cujos exemplos seguem abaixo:

(38) [18 Narr (Garrett) CTB] A velha com as mãos postas, a face alevantada e os apagados olhos para o céu, oferecia a Deus todo o amargor daquela austeridade que não cuidava merecer nem lhe parecia entender. Joaninha, que insensivelmente se fora aproximando da avó, e a tinha como amparada **por trás** com um de seus braços, firmava a outra mão nas costas da cadeira e cravava a fita no frade a vista penetrante e cheia de luz.

(39) [20, RJ, DID, 0017, NURC] LOC. - Eu sei, sei, espera aí, igual àquele (inint.) ele fez um monólogo, agora o nome que eu vou dar pra ele eu não sei não. Costuma-se dizer assim 'one man show', né?

DOC. - Eh, indivíduos que trabalham para levar um peça, né, no teatro. As pessoas que trabalham **por trás**, né, **das** ...

LOC. - Cochias.

DOC. - Como?

LOC. - Aqueles que trabalham nas cochias, né? **Por trás?** Ah, os ajudantes, não sei que nome eles recebem não.

DOC. - Por exemplo o sujeito que é encarregado de projetar as luzes?

LOC. - Projetor de ima... não, espera aí. Ele tem um nome especial, iluminador, técnico de, de som, técnico de, sonoplasta, tem sonoplasta também pra sonoplastia. Será que tem outro? (...)

(40) [20, Rio de Janeiro, DID, 0101, NURC] E com isso eu ganhei bastante espaço pra guardar coisas que eu não tinha armários e tal. E além disso tem outra vantagem é que era muito difícil de limpar lá embaixo porque ficava tudo de meandros entre tanque, banheiro de empregada **por trás da** cozinha e eu tenho dois gatos ainda, não sei se você viu ...

(41) [21 G1 22.11.2018] Colega diz que sushiman morto em restaurante de SP colocou faca em seu pescoço: 'Me deu uma gravata **por trás**'

Em (38) a FIGURA e o PR, embora tenham referentes distintos, são constituídos por seres humanos que, como já dito anteriormente, possuem orientação intrínseca. Nesse exemplo a construção *por trás* implica certa ideia de movimento do braço de Joaquina, a FIGURA, que passa na parte traseira do PR, a avó. Situação semelhante se vê em (41), em que um movimento físico com o braço se dá na parte posterior de um PR, no caso uma pessoa (colega de trabalho). O uso da construção *por trás* nesse exemplo pode ser colocada como uma manifestação de redobramento (cf. Moraes de Castilho 2005), uma vez que *dar uma gravata* é necessariamente um golpe por trás de alguém, nunca pela frente⁷⁴.

No exemplo (39) temos o PR *coxias* (coxias), também conhecidas como bastidores, que é o local no teatro onde os atores aguardam para entrar em cena e onde trabalham os técnicos do espetáculo. A orientação das coxias é dada em função da orientação do palco; quando conceptualizadas pelo EI contêiner, as coxias representam a parte externa do palco. O esquema da visibilidade decorre desse EI, de forma que os indivíduos que estão nas coxias estão fora do campo de visão do público. A própria concepção desse PR está relacionada a sua funcionalidade, a de ocultar o que não pode ser visto justamente por não compor a cena teatral. Tal exemplo se aproxima de um dos usos metafóricos, de que trato mais adiante, com a metáfora SER RESPONSÁVEL É ESTAR POR TRÁS.

Em (40), por sua vez, temos a localização estática de uma figura (*banheiro*) em função de um PR com orientação intrínseca (*cozinha*). No entanto, um elemento cultural está vinculado à descrição dessa cena: não é o banheiro principal da casa, mas aquele que se convencionou ser usado por serviçais, próximo à área de serviço e da cozinha, que é onde serviçais geralmente trabalham. Esse elemento entra na descrição com uma especificação da FIGURA. O contexto em que o locutor descreve um estado de coisas – ganhar espaço com a reforma – dá margem a entendermos que tanto a FIGURA está

⁷⁴ Conforme o Dicionário Aulete Digital, *gravata* é uma expressão usada no Brasil para se referir a um golpe em que o atacante, postado **por detrás da vítima**, passa-lhe o braço ao redor do pescoço imobilizando-a e sufocando-a (grifos meus).

localizada em relação à cozinha (PR) quanto possivelmente toda a área de serviço por mencionar a presença de *tanque*.

Não foram encontradas ocorrências de *por trás (de)* com PR de orientação intrínseca nos séculos XVI, XVII e XIX. É possível que isso se dê em função de haver mais ocorrências da construção *por detrás (de)*, como vimos acima, ainda que haja diferença sutil de sentido entre essas duas construções, o que não será abordado nesta pesquisa. É mais recorrente o uso de *por trás (de)* em contextos metafóricos a partir do esquema da visibilidade, como se verá na seção 3.8 deste capítulo. Também com poucas ocorrências, a construção *para trás (de)* foi documentada apenas nos séculos XVIII, XX e XXI, cujos exemplos são:

(42) [18 Narr (Garrett 1799) CTB] (...) [o oficial] seu porte gentil e decidido de homem de guerra desenhava-se perfeitamente sob o espesso e largo sobretudo militar - espécie de great-coat inglês que a imitação das modas britânicas tinha tornado familiar nos nossos bivaques. Trazia-o desabotoado e descaído **para trás**, porque a noite não era fria; e via-se por baixo elegantemente cingida ao corpo a fardeta parda dos caçadores, realçada de seus característicos alamares pretos e avivada de encarnado...

(43) [20, RJ, DID, 0162, NURC] L: Tem a sala de espera mais assim suntuosa, né, as cadeiras são estofadas e inclusive quando você afasta pro outro passar ninguém pisa o pé porque a cadeira vai **pra trás**, né, esses mais luxuosos, mais bem, eh, ornamentados e a pessoa se sente melhor, né, não fica, ficam a dever assim um pouco aos cinemas de São Paulo, né, que já são ...

(44) [21 G1 14.01.2020] “Eu vi ele saindo do carro. Estava tropeçando mesmo. Só consegui correr. Olhei **para trás** e vi meu irmão com a perna sangrando. Eu corri e chamei o vizinho”, conta a menina.

Os exemplos (42) a (44) acima trazem a construção *para trás (de)* indicando sobretudo a direção do movimento da figura representado pelos verbos *descair*, *ir* e *olhar*, respectivamente. Em todos os casos, o PR é uma entidade humana ou um objeto concreto com orientação intrínseca, isto é, o corpo e a cadeira. No caso da cadeira, especificamente, temos um dos pontos do percurso de seu deslocamento marcado pela construção *para trás*, que também marca a direção desse deslocamento.

No quadro a seguir trago a esquematização das FIGURAS e dos PRs das construções *por trás (de)* e *para trás (de)* referentes aos exemplos (38) a (44):

Quadro 13: As FIGURAS e os PR com orientação intrínseca com a construção *por trás (de)* e *para trás (de)*

		<i>por trás (de)</i>	
	FIGURA	PONTO DE REFERÊNCIA	
(38)	mãos da Joaquina	a avó	
(39)	Colega (sushiman morto)	Colega (corpo humano)	
(40)	os indivíduos	coxias	
(41)	banheiro de empregada	cozinha	
		<i>para trás (de)</i>	
(42)	sobretudo	(corpo do homem)	
(43)	Cadeira	(Cadeira)	
(44)	eu	meu corpo	

3.1.2 PR sem orientação intrínseca

Como dito anteriormente, as construções com o item *trás* podem localizar objetos, pessoas e eventos a partir de um PR sem orientação intrínseca, tais como árvores, arbustos, montanhas e objetos cilíndricos em geral, que podem ter interioridade/exterioridade e a relação cima-baixo, mas não o eixo frente-trás. Assim, quando se diz *atrás da árvore*, por exemplo, a parte traseira da árvore é atribuída pelo observador, que projeta ao PR sua própria orientação intrínseca.

Sigo aqui os mesmos critérios de apresentação dos exemplos estabelecidos para 3.1.1, ou seja, os dados organizados por construção e por século em que ocorrem, começando pela construção *atrás (de)*:

(45) [16 Nar Gandavo, P.M (1502) CTB] que fe chama Afcençam. Ate qui | fe nauega por elle, & ainda dahi pordiãte muitas legoas. | Nefte rio pela terra dentro fe vem meter outro a ~q cha- | mão Paragoahi, que tambem procede do mesmo lago | como o de fam Francisco que **atras** fica.

(46) [17 C Marquilhas (1996) CTB] que logo ma lavaria eu vendo isto por não ter criada que mandasse e ser uso no meu bairro irem as vizinhas em casa umas das outras com liberdade fui eu um dia às trindades com um pauzinho na mão a casa da forneira disseram-me que estava na eira que está **atrás da** parede das casas fui lá ter com ela achei-a assentada a par dum monte de espigas de milho com uma menina que tinha de poucos meses

(47) [19 A BA] Vende-se huma casa terrea por acabar, caixa de pedra e cal, pareda dobra-|das, site **atraz do** muro das Freiras; qum a quizer comprar falle com o Brigadei-|ro Jose Antonio do Passo, que tem ordem para a vender. || Idade d 'ouro do Brasil, 22 de junho 1821

(48) [20, RJ, DID, 0135, NURC] Quando procura-se resolver o problema, não é, ah, com uma preocupação social, aí é um monte de outros assuntos, então vamos acabar com as favelas, ou seja, não há outra maneira, esconder as favelas na, esconder as favelas **atrás do** morro. Aí vem a história do Rio de Janeiro, que é um, é um morro

muito bonito, que tem ali o Corcovado e Rio de Janeiro é do Corcovado pra praia, né, depois, atrás, tem o resto e vem o Cristo que (inint.) frente, que está de braços abertos, pra frente é o Rio, pra trás é o resto⁷⁵.

(49) [21 N Tribuna 17.10.2020] Tribuna explica “radar” **atrás de** árvore.

Como é possível notar, os PRs dos exemplos (45) a (49), *rio*, *parede*, *muro*, *morro* e *árvore* respectivamente, dependem da perspectiva de um observador (focalizador nos termos de Teixeira 2001), que parte do seu ponto de vista e projeta sua orientação corporal para descrever a localização de uma FIGURA em relação a um PR.

A interpretação do exemplo (45) pode não estar restrita ao tipo de PR sob foco nesta subseção, pois é estranho descrever um lago *atrás* de um rio; mais natural seria localizá-lo nas proximidades, perto, longe, na margem desse rio. Isso pode estar relacionado à não expressão do referente de *atrás*, ao contrário do que se vê nos demais exemplos. Dado que não estou lidando com as diferenças entre a presença ou ausência da preposição *de* após as construções sob análise, apenas faço menção para indicar a necessidade de mais pesquisas.

Os exemplos (48) e (49) apresentam, além da configuração espacial básica, alguns elementos a mais, baseados especialmente em nosso conhecimento cultural da cena, além do contexto descrito nos textos de onde os dados foram extraídos. Em (49), a construção *atrás de* estabelece a localização da FIGURA (radar) em relação ao PR (árvore), mas implica também a ocultação da FIGURA de modo proposital, pois é assim disposta no espaço para que os motoristas não a vejam. Assim, o campo de visão dos motoristas em movimento é igualmente levado em conta na localização da FIGURA.

No caso do exemplo (48), partindo do conhecimento acerca da cidade do Rio de Janeiro e da cena descrita no exemplo, é possível entender “esse morro muito bonito” como sendo o espaço da cidade que é voltado para o mar, a partir de uma determinada perspectiva (de quem está no Corcovado, por exemplo) em contrapartida com o que está *atrás* do morro. Além disso, é possível reconhecer que o esquema da visibilidade é reforçado pelo uso do verbo *esconder*, pois a FIGURA é ocultada pelo PR na perspectiva do observador.

O falante adiante, por meio de outras construções com *trás*, estabelece uma divisão da cidade em duas partes, numa sorte de percurso fictício: do morro onde há o Cristo Redentor para a praia, e desse mesmo morro para dentro, na direção do interior, a que chama de ‘resto’. Vê-se aqui um jogo entre o EI contêiner, pois dentro dessa

⁷⁵ Demais construções no mesmo exemplo não serão analisadas nesse momento.

segunda parte (o resto da cidade) estão as favelas, e o esquema da visibilidade, em que *atrás de* relaciona a FIGURA a um PR sem orientação intrínseca (o morro).

No quadro 14 abaixo estão esquematizadas as FIGURAS e os PRs com a construção *atrás (de)*:

Quadro 14: As FIGURAS e os PR sem orientação intrínseca com a construção *atrás (de)*

<i>atrás (de)</i>	
FIGURA	PONTO DE REFERÊNCIA
(45) lago de São Francisco	rio Paragoahi
(46) eira	a parede das casas
(47) casa terrea por acabar	muro das Freiras
(48) favelas	morro
(49) radar	árvore

Observemos a seguir os exemplos com a construção *detrás (de)* com PR sem orientação intrínseca:

(50) [16 Sum Lombardo (2015) PHPP] vendo | os Turcos que estes se punhaõ em fugida carregaraõ sobre o esquadrão q~ hia | sobindo pello monte, q~ com os derriba os constrangerão arrenderse, oxarife | que estava **detrás do** monte naõ presente com avista atodas estas cousas, | em meyo de sua gente com dous mil arcabuzeiros de guarda diante de | si amor parte renegados, e tinha os cinquenta mil de cavallo repartidos | entre dez Alcaldes por partes iguoaes, q~ cada huã das allas tinha cinco

(51) [17 N Macedo, A. de S. (1606) CTB] em hum dia vio fair parte da noffa cauallaria a forragear, & fe poz em manifefta fu-gida, metendofe **detrás de** hũa ferra

(52) [18 Narr Garrett (1799) CTB] Mas que é? olha, Joana: eu sinto passos na estrada vê o que é." - "Não vejo ninguém." - "Mas ouço eu... Espera... é Fr. Dinis; conheço-lhe os passos." Mal a velha acabava de pronunciar este nome, surdiu, **detrás de** umas oliveiras que ficam na volta da estrada, da banda de Santarém, a figura seca, alta e um tanto curvada de um religioso franciscano que abordado em seu pau tosco, arrastando as suas sandálias amarelas e tremendo-lhe na cabeça o seu chapéu alvadio, vinha em direcção para elas.

(53) [21 N Visão Notícias 26.11.2019] Ladrão pula **de trás de** arvore e rouba carteira e celular de atendente.

(54) [21 Proc TJ-DF (2018)] [testemunha] Manteve, portanto, o relato de que dois sujeitos saíram de **detrás de** uma árvore, um deles armado, o qual atirou na vítima.

Semelhantemente aos exemplos (46) e (47) com a construção *atrás (de)*, os exemplos (50) a (54) acima também denotam situações em que a não visibilidade e não acessibilidade expressas pela construção *detrás (de)* parecem ser o foco da cena descrita, podendo, muitas vezes, provocar surpresa no observador quando as FIGURAS são reveladas. É relevante notar que, na maioria das ocorrências nas quais o esquema da

visibilidade está presente, os PRs são maiores e mais estáveis que as FIGURAS, o que corrobora a ideia de que a FIGURA está escondida ao ser localizada no eixo espacial /posterior/.

Como é possível notar pelos exemplos (50) a (53) não foram encontradas ocorrências com a construção *detrás (de)* expressando sentido espacial com o PR sem orientação intrínseca nos séculos XIX e XX. Na busca feita para o século XXI, poucos exemplos foram encontrados, apenas em jornais online de pouca divulgação (exemplo 53), ou processos judiciais disponibilizados pela internet (exemplo 54⁷⁶)⁷⁷. Ressalta-se também que boa parte dos dados encontrados para o século XXI se refere à construção *por detrás (de)*, de que trato adiante.

Esquematizando as FIGURAS e PRs dos exemplos anteriores, temos o seguinte quadro:

Quadro 15: As FIGURAS e os PR sem orientação intrínseca com a construção *detrás (de)*

<i>detrás (de)</i>		
	FIGURA	PONTO DE REFERÊNCIA
(50)	o xarife	monte
(51)	parte da nossa cavalaria	uma serra
(52)	a figura seca, alta e um tanto curvada de um religioso franciscano (Fr. Dinis)	umas oliveiras
(53)	Ladrão	arvore
(54)	dois sujeitos	uma árvore

Nos exemplos (55) a (58) estão inseridas as ocorrências da construção *por detrás (de)*:

(55) [17 CD Morais, K. (2018) Fl. 7r.] Da mos aosupplicante uinte braças deChaões em Co a dra | na Rua direjtta que uaj **per detras dos** quintais de | Saluador doLiuejra o esCriuaõ daCamera lhepaçara | Carrtta

(56) [18 Mem Simões; Manoel; Morais (2013a, Eds.) PHPP] e partia com terras de Bras Cubas por Geribativa, rio bem conhecido, que se mette no de Santos defronte da Villa **por detras da** Ilha dos Padres, paralela á mesma Villa: (...)

(57) [19 A BA] No dia 4 do corrente mez e anno, fugio da| obra da Estrada formada de Itapagipe, um preto la-|dino, de nome Estevam, (...) foi comboiado com um| crioulo da dita obra de nome Cypriano, delgado do| corpo: quem o conduzir ao respectivo Senhor; o Professor Francisco José Soares, morador a rua nova| **por detraz do** Porto do Senhor

⁷⁶ Ao longo deste processo, são usadas outras construções com o item *trás*, como *saíram junto de trás das árvores*, *estavam escondidos atrás de uma árvore* e *quando saíram detrás da árvore*. Essas ocorrências não serão analisadas nesta pesquisa.

⁷⁷ Grande parte dos dados encontrados pela ferramenta de busca do Google está inserida em textos literários e letras de música, textos estes que não fazem parte do *corpus* desta pesquisa. Fonte: < <https://tj-df.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/548914902/20171310041804-df-0004031-5020178070017/inteiro-teor-548914948>>. Acesso em 10 dez 2020.

do Bomfim, ou na Ci-|dade, ao Senhor Tenente Coronel Francisco Jose Soares| Sen[h]or, morador a rua de São Francisco de Paula, || ou der noticia saficiente será bem premiado. || O Bahiano, 11 de março de 1830

(58) [21 Portal São Francisco. s/d] Mais antigo documento que existe, fazendo referência ao “povoado e sertão”, situados **por detrás da** serra dos Órgãos, é uma planta levantada por ocasião da “viagem feita a essa serrapelo Dr. Baltazar da Silva Lisboa, Juiz de Fora do Rio de Janeiro, (...)”

Nos exemplos (57) e (58), a construção *por detrás (de)* parece implicar o deslocamento da FIGURA passando por trás do PR, ainda que seja um movimento fictício. É como se o olhar do observador percorresse o trajeto. No exemplo (55) especificamente, a ambiguidade está na FIGURA, pois tanto a *quadra* quanto a *rua direita* podem estar por detrás dos quintais mencionados. De todo modo, *quintais* aqui está sendo entendido como uma área, ainda que nos fundos de uma casa, sem orientação intrínseca. O exemplo (56) expressa o movimento de um rio (FIGURA) num determinado percurso, dada a complexidade de ilhas ao redor da vila de Santos (hoje cidade). O exemplo (57), por fim, traz um pr que poderia ser considerado como tendo uma orientação intrínseca, mas de difícil definição do que seria a parte traseira: por onde entram e desembarcam os navios ou por onde entram as pessoas para embarcarem? Em função disso, coloquei esta ocorrência entre os PRS sem orientação intrínseca. No quadro a seguir esquematizo os exemplos (55) a (58):

Quadro 16: As FIGURAS e os PR sem orientação intrínseca com a construção *por detrás (de)*

		<i>Por detrás (de)</i>	
	FIGURA	PONTO DE REFERÊNCIA	
(55)	Quadra ou Rua direita	Quintais	
(56)	Rio	Ilha dos Padres	
(57)	A rua nova	Porto do Senhor do Bomfim	
(58)	povoado e sertão	serra dos Órgãos	

Para terminar esta subseção, apresento abaixo as ocorrências das construções *para trás (de)* e *por trás (de)*, ambas identificadas apenas em textos dos séculos XX e XXI:

(59) [20, RJ, DID, 0107, NURC] L: Ela é bonita, é bastante bonita. É, é, é uma visão meio densa, né? Bastante densa. Então você, o, o que você vê é uma multidão na sua frente, né? É como um, um, uma plantação de trigo, uma plantação de trigo é uma coisa muito bonita de você ver, principalmente quando venta, né, porque aquele pé de trigo vai pra lá, vai pra esquerda, vai pra direita ou vai pra frente e vai **pra trás**, né, dependendo da direção do vento e é uma coisa muito bonita de ver.

(60) [21 Portal Sesc SP, 07.03.2017] Quando o grupo de viajantes do Sesc já se despedia com aquele sorriso que superava o cansaço, o sol que brilhou forte durante todo o passeio já desenhava a sua curva **para trás do** Morro do Araçoiaba, que na escrita indígena, *Ybiraçoiaba*, significa justamente “esconderijo do sol”.

(61) [20, RJ, DID, 0075, NURC] LOC. - Eu digo: olha, o ouriço desgraçou o, o cachorro. Mas o cachorro voltou em cima do ouriço, aí, aí, é que ele ficou com espinho pra todo lado e pe... Quando eles estavam cercado o ouriço lá **por trás do** barranco onde eu estava, eu vi o ouriço se aproximar. Gritei, eles ... Bicho fácil de morrer, deram uma cacetada na cabeça, ele morreu. (...)

(62) [21 Folha UOL Piauí, 18.09.2020] Os bombeiros disseram que haviam recebido outros chamados, e que já estavam na região. Da nossa casa dava para ver que o fogo, **por trás da** montanha, só aumentava. (...) Eram vários pontos, muitos focos de incêndio. A fumaça só aumentava. Continuamos atentos, preocupados com o fogo, que não parava de crescer **por trás da** serra.

Nos exemplos acima são descritas cenas de movimento, o que pode estar vinculado, em certa medida, ao uso das preposições *para* e *por*, que perspectivam a direção e o percurso do movimento, respectivamente. Em todos os casos, a FIGURA tem o traço [+animado]; mesmo o sol e o fogo, que podem ser considerados seres inanimados por alguns, no contexto de uso em (60) e (62), respectivamente, são colocados como uma entidade animada. A descrição aqui não se pauta na filosofia, mas em como essas entidades são conceptualizadas pelo falante/escritor nos textos em que as construções ocorrem. Assim, a FIGURA em (59) se move, mesmo que seja pela ação dos ventos. Não menos importante aqui é a perspectiva do observador, que tanto imprime a animacidade às FIGURAS quanto as relaciona a PRs sem orientação intrínseca.

No quadro 17 estão esquematizados os exemplos descritos acima:

Quadro 17: As FIGURAS e os PR sem orientação intrínseca com a construção *para trás (de)* e *por trás (de)*

<i>Para trás (de)</i>		
	FIGURA	PONTO DE REFERÊNCIA
(59)	o trigo	o trigo
(60)	o sol desenhava sua curva	morro de Araçoiaba
<i>Por trás (de)</i>		
(61)	peessoas cercado o ouriço	barranco
(62)	o fogo / as chamas	a montanha / a serra

3.1.3 Alinhamento in tandem

Nas subseções anteriores, analisei o uso das construções com *trás* para o sentido prototípico de espaço /posterior/ em que os PRS têm ou não orientação intrínseca. Nesta

subseção, observo o terceiro esquema proposto por Tyler; Evans (2003), o alinhamento *in tandem*, aplicado a cenas espaciais como corridas, filas e outros alinhamentos semelhantes, geralmente com um PR com orientação intrínseca. Seguindo o mesmo caminho percorrido nas subseções anteriores, apresento os exemplos separados por construção e por século, começando por *atrás (de)*:

(63) [16 CRB CIPM] e o principall d estes he huñ que he rey de Syringapataõ e de toda a terra que confina com o Mallavar, e este rey ha nome Eumarvirya, e asenta se tanto avante como elrey, da outra banda do estrado, e os outros **atrás**; aly esta ho rey vestido dos panos bramcos, todos cheos de rosas d ouro, e com suas joyas, e d estes panos bramcos he elrey muyto, e sempre o vy com elles, deredor d elle estaõ os seus pageês com seu betre

(64) [17 Nar Costa, M. (1601) CTB] Passando eu ha poucos annos por Montemór o Novo, vi huma tropa de pádeiras irem gritando **atrás de** dous meirinhos, que levavaõ ás costas de quatro negros outros tantos sacos de paõ amassado: perguntey, que briga era aquella.

(65) [18 CAP Monte (2013) PHPP] Dou parte a uossa merce em como Saimoz deza Povoação a continuar a nossa picada, a vinte, e sinco de Ianeiro; com uinte, e doiz Homeins, cujoz nomes saó oz seguinte Antonio Correa Barboza Luiz vâz de Toledo, que fica para seguir **atrás** com mais mantimentos Francisco Gonçalvez Padilha, Ioaó de Souza, Antonio Rodriguez, Manoel Pedrozo, Domingos Furquim Antonio Fragozo

(66) [19 CP Carneiro (2005c) PHPB] esmore-|cimento nos próprios officiaes, os quaes só tratavão| de fugir, sem ter um com| autoridade de os fazer pa-|rar nem attender aos ou-|tros, deforma que a não ser| os que já estão prisioneiros| dos fanaticos, largarão por| cima de pedras, macambyras,| chique-chiques e palmatorias,| e os jagunços **atrás** os per-|seguido; não se sabe| o numero que escapou,| porque o coronel Souza Menezes,

(67) [20 RJ, EF, 251, NURC] você corre e a bomba fica contigo... sim... porque eu não larguei a bola... não larguei... saí correndo e os caras vieram **atrás de** mim... aí subi a escada pra entrar em casa... entrei no edificio... subi pela porta... não sei por que cargas d'água passei da porta

(68) [21 N G1 10.11.2020] Motorista fica ferido ao perder o controle da direção e bater em poste na Linha Verde, em Curitiba. Uma família que seguia logo **atrás** viu o acidente, parou para ajudar, e chamou a ambulância.

Vale lembrar que no esquema do alinhamento *in tandem* os elementos envolvidos na cena têm o seu campo visual voltado para a mesma direção, o que não acontece nos esquemas anteriores. Nos exemplos acima, é possível reconhecer a formação de uma espécie de fila, onde um elemento está posicionado após o outro. Observemos a esquematização das FIGURAS e dos PRS dos exemplos (63) a (68) no quadro 18 adiante:

Quadro 18: As FIGURAS e os PR no esquema de alinhamento *in tandem* com a construção *atrás (de)*

	FIGURA	PONTO DE REFERÊNCIA
(63)	Os outros	O rei
(64)	Tropa de padeiras	Dous meirinhos
(65)	Luiz Vaz de Toledo	Francisco Gonçalvez Padilha, Ioaó de Souza, Antonio Rodriguez, Manoel Pedrozo, Domingos Furquim Antonio Fragozo
(66)	jagunços	Oficiais
(67)	Os caras	Mim (falante)
(68)	Uma família	Motorista

Pela esquematização apresentada acima, observa-se que todas as FIGURAS e os PRs são elementos móveis e com orientação intrínseca. Em (63) temos a descrição de uma espécie de desfile real, no qual o rei situa-se à frente da linha ou percurso, e *atrás* dele encontram-se os outros, hierarquicamente inferiores. As pessoas envolvidas nessa cena olham para a mesma direção e, uma vez em movimento, seguem a mesma direção. Semelhantemente, o exemplo (68) apresenta a cena em que veículos estão alinhados um após o outro, mas implica também a dimensão temporal, já que cada carro saiu de um determinado ponto em tempos distintos.

Da mesma forma, o exemplo (65) descreve uma cena que pode ser entendida da seguinte maneira: Luiz Vaz de Toledo fica *atrás* dos demais com os mantimentos, em o que parece ser uma fila que se movimenta numa dada direção, mas também não se pode descartar o caráter temporal, por ser razoavelmente a FIGURA que segue/vai *depois* do PR. Essa relação temporal identificada no esquema do alinhamento *in tandem* também está presente no uso metafórico de RUIM É ESTAR ATRÁS, do qual falarei na seção 3.5 deste capítulo.

Por outro lado, os exemplos (64), (66) e (67) expressam outro sentido além do espacial com alinhamento *in tandem*: o sentido de *ir em busca de, procurar*, o qual é reconhecido por Tyler; Evans (2003) para o item *after* da língua inglesa, mas não para o item *behind*. Esse uso é a base dos sentidos metafóricos para as construções com o item *trás*, reconhecido pelo Dicionário Aulete Digital (2007), de que trato na seção 3.4.

Nos três exemplos em questão, há uma cena de perseguição, em que as FIGURAS (*tropa de padeiras, jagunços e os caras*, respectivamente) se movem em direção aos PRs (*meirinhos, oficiais e o falante*, respectivamente), mas estes também se movem, na mesma direção, mas aqui todos têm um objetivo: as FIGURAS o de capturarem os PRs, e estes o de não serem alcançados. A ideia de perseguição se dá não apenas pela

construção *atrás (de)*, mas também pelo uso dos verbos nesses exemplos: *ir*, *vir* e especialmente *perseguir* (em 66). Por estarem todos em movimento na mesma direção, há também aqui uma relação temporal.

O esquema do alinhamento *in tandem* abre espaço para a conceptualização da ideia de prioridade, já identificada por Tyler; Evans (2003:172) para o item *behind* na língua inglesa. Especificamente, os autores atestam o sentido de prioridade para *in front of* e a ausência de prioridade para as situações onde a FIGURA é orientada por *behind*. No caso dos exemplos acima para a construção *atrás (de)* podemos ir além dessa noção de prioridade e compreendê-los também como uma noção de favorecimento, em que os elementos localizados na posição *à frente* estão em uma posição de maior prioridade, ou ainda mais favorecida do que aqueles que são localizados *atrás*, como é possível reconhecer em situações de fuga nos exemplos (64), (66) e (67).

As demais construções – *detrás (de)*, *por detrás (de)* e *para trás (de)* – foram atestadas para o esquema do alinhamento *in tandem*, mas com poucas ocorrências e não em todos os séculos⁷⁸. Em função disso, apresento os exemplos dessas construções conjuntamente a seguir.

(69) [16 CRB CIPM] e diante vay ho allcaide moor, com obra de trinta de cavallo com suas canas nas mãos como porteiros, e o alcayde moor com outra cana, o que agora he alcaide mor d este rey chama se Chinapanayque; e **detras** vay na resaga ho estribeiro moor com os duzentos de cavallo; detras dos cavallos vaõ cem alyffantes, e em cima d elles vaõ homens muy honrrados,

(70) [20 RJ DID 0075 NURC] LOC. (...) O carro estava fazendo um mês de uso, um Opala SS levou uma chapada de lado de um irresponsável que saiu **de trás duma**, duma, duma procissão de carros. E quem conhece a estrada, quando está impaciente, ele aponta e volta, né?

(71) [16 CRB CIPM] e tanto que estaõ d esta maneyra sesegados saya de dentro dos paços hũu bramine, o primcypal que elrey tem, outros dous comsyguo, e este bramine mor leva nas mãos hũa batega com hũu coco e arroz e fullas, e outros levaõ hũa caldeira d augoa, e vay se **por de tras dos** cavallos, os quoaes estavaõ todos com os rostros pera elrey, e d aly lhe faz suas cerimonyas, e torna se dentro dos paços.

(72) [20 RJ DID 0142 NURC] LOC. Da gente. Quase que a gente pega a dona **por detrás**. Depois se pegasse **por detrás** ia dizer: não, a culpa era de quem vinha e não sei quê. E a outra, na curva fechada, simplesmente a M. bateu no, no, no meio-fio porque en... entra na curva, entra na curva e entra fechado, assim em cima dela.

(73) [16 Sum Lombardo (2015) PHPP] o qual tambem acompanhava dom Gemes Jrmam do | Duque de Bragança, q~ (sem ser dos Chamados) procurou acharse

⁷⁸ O texto *Crônica dos Reis de Bisnaga*, do XVI, contém várias ocorrências do alinhamento *in tandem*, tanto com a construção *atrás (de)* quanto com *detrás (de)* e *trás* + sintagma nominal. Quando me refiro a 'poucas ocorrências' quero dizer em relação à totalidade de textos e séculos considerados para a presente pesquisa.

perto | da bandeira Real, com outros q~ poderam a hi tomar lugar, desejan | do todos, e procurando, quanto podiam por ser os dianteiros, mas como, is | to nam era posiuél, ficaram dalli **para tras** todos, assi os intitulados co | mo todos os mais senhores de casas, e herdeiros dellas,

Nas ocorrências em (69) e (71), há vários elementos que compõem uma fila, e a construção *detrás de* focaliza a FIGURA, *o estribeiro moor com duzentos de cavallo e o bramine*, respectivamente, localizada em relação ao PR, *o alcaide moor d este rey e os cavallos*, respectivamente. No exemplo (70) a fila é composta de carros que se movimentam numa dada direção. O PR neste caso é toda a fila entendida pela expressão *uma procissão de carros*, marcando o ponto de partida da FIGURA, *um* (motorista) *irresponsável*.

O exemplo (72) deixa dúvida se a FIGURA é a *dona* ou todo o evento de *a gente pegar a dona* pelo fato de esse evento ocorrer na mesma direção em que se move a dona. O exemplo (73), por fim, apresenta a única ocorrência da construção *para trás*, em que parece haver uma organização de pessoas em pontos do espaço para um fim não dito, de forma que há aqueles que ficam na *dianeteira* e conseqüentemente aqueles que ficam *para trás* desse ponto no espaço.

O que é possível notar no esquema do alinhamento *in tandem* é a sua relação com o movimento, pois depende da orientação desse movimento para que o enfileiramento da FIGURA e do PR possa ser verificado. Por envolver deslocamento de entidades no espaço, esse esquema acarreta também deslocamento no tempo, o que revela que as categorias cognitivas de ESPAÇO e TEMPO são, muitas vezes, indissociáveis. No quadro 19 abaixo estão esquematizados os exemplos (69) a (73) com as construções *detrás (de)*, *por detrás (de)* e *para trás (de)*:

Quadro 19: As FIGURAS e os PR no esquema de alinhamento *in tandem* com as construções *detrás (de)*, *por detrás (de)* e *para trás (de)*

<i>detrás (de)</i>		
	FIGURA	PONTO DE REFERÊNCIA
(69)	estribeiro mor	o alcaide moor d este rey
(70)	um irresponsável	uma procissão de carros
<i>Por detrás (de)</i>		
(71)	um bramine	os cavallos
(72)	(a dona)?	a dona
<i>Para trás (de)</i>		
(73)	todos	os dianteiros

É relevante mencionar que não foram encontradas ocorrências da construção *por trás (de)* no esquema do alinhamento *in tandem* em nenhum dos séculos estudados. As demais construções listadas no quadro acima foram poucas e de poucos séculos, incluindo a busca por dados do século XXI em *sites* variados, além daqueles propostos para a pesquisa. No caso da construção *para trás (de)* no esquema sob foco, poderíamos pensar numa expressão como “o corredor tal ficou para trás nos últimos segundos da corrida”, mesmo que seja um contexto razoavelmente restrito.

3.1.4 Esquema do Retorno

Além dos esquemas examinados nas subseções anteriores (3.1.1, 3.1.2 e 3.1.3), um outro foi identificado a partir de um conjunto de dados, paralelamente ao que se encontra em alguns dicionários, conforme apresentado no capítulo 1. Trata-se do que estou denominando esquema do retorno, em que as construções com *trás* ocorrem sempre com verbos de movimento como *tornar*, *voltar*, *retrair* e similares.

No início deste capítulo, apresentei no quadro 8 os sentidos do item *trás* e demais construções constantes em dicionários dos séculos XVIII a XX. Especificamente em Bluteau (1712-1728), Silva (1789) e Aulete Digital (2007), se vê a entrada para a expressão *tornar atrás*, que reproduzo abaixo:

Tornar atrás: retroceder, recuar. (Bluteau 1712-1728)

Tornar atrás com a palavra, arrepender-se, revogá-la, desdizer-se depois em série de ações; **Tornar atrás alguma coisa:** descontinuar, cessar (Silva 1789)

Tornar atrás 1. (fig.), reincidir, voltar aos antigos erros ou costumes; repetir o que disse ou o que leu. || (...) **Voltar com a palavra atrás** 1. ou simplesmente voltar atrás, faltar à palavra, desdizer-se, contradizer-se, retratar-se, arrepender-se (Aulete 2007, verbete original)

Com exceção de Bluteau, os demais autores indicam para a expressão *tornar atrás* sentidos metafóricos (ou figurados), ao contrário do que se vê nos exemplos do *corpus* desta pesquisa⁷⁹:

(74) [16 CRB CIPM] E depois d elrey ter ysto acabado, dise a Salvatinea seu regedor, que **tornasse atrás** aquella fortal leza que lhe ficava sem sentir suas forças, e se veyo

⁷⁹ Devido ao número reduzido de ocorrências optei por reproduzir todos os usos documentados que expressam o sentido espacial em foco nesta subseção.

por sobre ella, omde esteve sobre ella dous meses, e a tomou, e deu a capitanya d ella a Salvatinea, o quoall deixou nella de sua mão por capitão hũ seu yrmaõ, por hir com elrey avante por o reyno d Orya, e passamdo elrey o rio outra vez, e himdo no allcamço d elrey d Orya tomamdo e destroyndo toda a terra; que não avya cousa que o esperase, chegou a hũa cidade que se chama Comdepallyr

(75) [16 CRB CIPM] Porque se pode preguntar, que se fez do capitão que sayo de Rachol com os dozentos de cavallo, e allyfantes, e gente de pee, diguo que este sempre esteve sobre avyso do que passava no campo, e tanto que soube de como ho ydallcaõ hera desbaratado, **tornou atras** pera se meter na cidade, mas os de demtro o não quiseraõ acolher, por estarem mal com elle, o outro capitão que na cidade ficou; elle vemdo em como o não queryaõ acolher, foy lhe forçado buscar por homde se sallvase,

(76) [16 CRB CIPM] fez muy grande dapno nos contrayros, que matara~o com ella muytos de cavallo, e de pee, e allifantes, que comveyo aos d elrey **retraer** sse **atras**; tanto que os contrayros vira~o que elles começava~o de deixar o campo, dera~o todos juntos nelles, de maneyra que lhe na~o ficou homem em sella, nem que lhe tevese rosto

(77) [16 D Holanda, F. (1517) CTB] E ao menos dizem os Italianos que, se o Emperador, quando entroupor Provença, mandára primeiro debuxar a maneira do correr do rio Rodano, que não recebera tanta perda, nem retirara o seu exercito tão desmanchado, nemlhe debuxáram despois a elle um cranguejo em Roma, o qual anda ao travês, que querendo ir para deante **tornava para tras**, com a letra que em as columnas deHercules: Plus ultra.

(78) [17 N Macedo, A. de S. (1606) CTB] Em 10. ouue auifo na praça de Moura ã 25. caualllos do inimigo passauão o Zebre abaixo. Mõtou oTenente general D. Luis de Cofta, & foi bulcar o porto, no qual os achou já de volta cõ algũ fato da Aldea dos Albardeiros; & tẽdo passado a metade, quãdo viraõs nosfos **tornarão atras**; os nosfos os in-ueftirão, & tomãrão 8. caualllos, efcaparão os mais pela aspereza da terra, & fer muito cuberta de matos.

(79) [19 PT Mòdolo/Santos (2010?) PHPP] VICTORINO. Aqui estou, padrinho. (A' parte). Lá vai sermão. RAPHAEL.D'aqui a pouco há de vir procurar-me um ho-| mem. Chama-se Dom José de Saldanha. Faça-o entrar| para aqui, entendeu? VICTORINO. Sim, senhor. (Partindo). Saldanha. Aonde foi que| ouvi este nome? LUIZA, vacillando. Meu Deos ! (Victorino **torna atras** vivamente). RAPHAEL. (Correndo para Luiza e amparando-a). Que foi isso? LUIZA. Nada.... Uma vertigem.... VICTORINO. Há de ser fraqueza. Se ella não almoçou !

Os exemplos (74) a (79) encontrados em textos dos séculos XVI, XVII e XIX, têm em comum o uso do verbo *tornar*, exceto o exemplo (76) em que é usado o verbo *retrair* em contexto similar. No *Dicionário Aulete Digital* e *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, constam as seguintes acepções para o verbo *tornar*, apresentadas no quadro 20:

Quadro 20: Sentidos identificados para o verbo tornar no Dicionário Aulete Digital e no Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa⁸⁰

	Sentido	Exemplo
Aulete Digital (2007, verbete atualizado)	1. Fazer ficar ou ficar; fazer ou vir a ser	<i>Tornar o ambiente agradável. Tornar-se elegante.</i>
	2. Transformar(-se), converter(-se)	<i>Jesus Cristo tornou água em vinho. Pão e vinho tornam-se corpo e sangue de Cristo.</i>
	3. Fazer sofrer ou sofrer transformação	<i>Para ele, o dinheiro tornava bonito o feio. Seu semblante tornou -se pesado</i>
	4. Voltar (ao lugar donde saíra), regressar	<i>Tornou da Europa no último sábado: "...Quando tornei ao Rio de Janeiro em março..." (Machado de Assis, Missa do galo in Novas Seletas) Tornaram-se ao navio antes da hora prevista. Saiu da casa dos pais ainda rapaz e nunca mais tornou</i>
	5. Devolver (algo) a; restituir	<i>Tornou a joia à sua verdadeira dona.</i>
	6. Mudar de opinião, de ideia⁸¹	<i>Jamais tornou de suas resoluções.</i>
	7. Dizer em resposta, justificativa ou explicação; responder, redarguir	<i>Não aceito esse tratamento - tornou o subalterno.</i>
	8. Abordar novamente	<i>Teimoso, tornou sobre o mesmo argumento falacioso. Na aula seguinte, a professora tornou sobre a Guerra dos Canudos</i>
	9. Manifestar-se novamente; voltar a ocorrer, viver ou existir; reviver	<i>Os entusiasmos da adolescência nunca tornam.</i>
	10. Traduzir	<i>Tornou vários textos de Voltaire em português. Tornou alguns poemas de Drummond para o francês</i>
	11. Tomar o partido ou a defesa de (alguém), apoiá-lo	<i>"De nós todos se poderá queixar, por que, sendo (Camões) honra e glória de Espanha, tão mal tornamos por ele, que, se são poucos os que o leem, são menos os que o entendem." (D. Francisco Manuel de Melo, Hospital das letras)</i>
Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (1980: 1719 ⁸²)	1. Vir de novo aonde esteve, voltar ao sítio de onde saiu; regressar	<i>Após longa ausência tornou à (ou para a) pátria. Quando tornar tua mãe, receberás castigo. Recebera ordem para que se tornasse.</i>
	2. Voltar, volver à situação, estado ou tempo anterior	<i>O projeto não tornará à discussão. Não me agrada tornar ao passado.</i>
	3. Devolver, restituir	<i>Tornar-lhe-ei o livro que me emprestou.</i>
	4. Mudar de ideia ou propósito; reconsiderar	<i>Não posso tornar do meu parecer.</i>
	5. Tornar a manifestar-se; reviver	<i>As ilusões da adolescência não tornam.</i>
	6. Reconduzir	<i>O professor tornou os alunos à (ou para a) sala de aula.</i>
	7. Converter(-se), fazer(-se)	<i>Isso lhe torna mais grave a situação. Essa providência tornou-se desnecessária.</i>
	8. Mudar(-se), transformar(-se)	<i>O incêndio tornou tudo em cinzas.</i>
13. Unido a um infinitivo com a preposição <i>a</i> , exerce a função de verbo auxiliar e denota a continuação ou repetição da ação.	<i>Várias vezes dobrou e tornou a erguer-se.</i>	

⁸⁰ Grifos meus.

⁸¹ Sentido reconhecido na metáfora RECONSIDERAR E DESISTIR É POSICIONAR-SE ATRÁS descrito em 3.6.

⁸² Coloco a maioria dos sentidos constantes neste dicionário, exceto os de número 9 a 12 e algumas expressões fixas como *tornar em si, tornar-se gente* etc.

Fica clara a grande quantidade de sentidos identificados para o verbo *tornar*, embora alguns deles sejam muito semelhantes. O sentido indicado em 4 do *Aulete Digital* e em 1 do *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*, respectivamente, *voltar*, *regressar* e *vir de novo aonde esteve, voltar ao sítio de onde saiu; regressar*, é o que se aplica aos exemplos (74) a (79), somado às construções *atrás* e *para trás*. Esses exemplos, embora tenham PR com orientação intrínseca, não podem ser inseridos dentro do esquema do PR com orientação intrínseca (3.1.1), pois a cena que descrevem não é a mesma. Também não correspondem ao esquema do alinhamento *in tandem* (3.1.3), pois o movimento implica estarem a FIGURA e o PR sempre na mesma direção.

Nos exemplos (74) a (79) a FIGURA está em movimento numa dada direção, mas em certo momento, o movimento nessa direção é interrompido, e a FIGURA muda a direção do movimento para um dos pontos já percorridos durante o deslocamento, como busco ilustrar no esquema 3 abaixo:

Esquema 3. O esquema do retorno com a expressão *voltar/tornar atrás*



O Esquema 3 descreve o que optei por chamar de *Esquema do Retorno*. Nele um movimento qualquer, representado, no caso, pela seta preta, vai da esquerda para a direita, cujo início é marcado pelo *x* em azul. O ponto final desse movimento, marcado com *x* em cor laranja, seria alcançado com base nos outros esquemas, mas aqui tanto a direção do movimento quanto esse ponto final se alteram, o que está representado pela seta vermelha no Esquema 3, podendo até coincidir o real ponto de chegada com o ponto inicial anterior.

É importante reconhecer que o próprio verbo *tornar* já carrega o sentido de *regressar*, o que implica uma leitura de redobramento quando com as construções *atrás (de)* ou *pra trás (de)*, ou seja, a informação do espaço /posterior/, mais precisamente da direção /posterior/ é expressa duas vezes, no verbo e nas construções com *trás*.

Assim como o esquema do alinhamento *in tandem*, o esquema do retorno também serve como base para usos metafóricos como em ESQUECER E ABANDONAR É COLOCAR *ATRÁS* ou ainda DESISTIR É DAR *PARA TRÁS*. Por fim cabe notar que o verbo *tornar* não é mais tão usado na atualidade, ao menos no PB, sendo preferido o uso de verbos como *voltar* e *dar* para expressar os usos metafóricos mencionados.

3.1.5 O item trás

Até o momento apresentei como as construções *atrás (de)*, *por trás (de)*, *para trás (de)*, *por detrás (de)* e *detrás (de)* expressam localização no espaço a partir de um PR com ou sem orientação intrínseca, do esquema do alinhamento *in tandem*, do esquema da visibilidade e do esquema do retorno. Cabe agora perguntar (i) quais foram as ocorrências documentadas para o item *trás*, (ii) em quais esquemas ele atua e (iii) até que século essas ocorrências foram identificadas. Para tanto, vejamos os seguintes exemplos (80) a (83):

(80) [16 CRB CIPM] Depois de ter elrey feito suas ofertas e sacreficios a seus ydolos, partio da cidade de Bisnaga con toda a sua gente, aquoall hia d esta maneira, convem a saber, o porteiro moor, que se chamava Camanayque, levava a dianteira con trinta mil homens de pee, e dous mill, diguo, trinta mill homês de pee, archeiros, adargueiros, e de espimgardoões, e llamceiros, e mill de cavallo, e seus allyfantes; **trás** este hia Trimbicara com cimcoenta mil homens de pee, e dous mil de cavallo, e vinte alyfantes; **trás** este hia Timapanayque, levava sesenta mil homens de pee, e tres mill e quinhentos de cavallo, e trinta alyfantes; e **trás** este hia Adapanayque, levava cem mil homens de pee, e cymco mill de cavallo, e cimcoenta alyfantes; **trás** este hia Comdamara, e levava cento e vinte mil homens de pee, de cavallo seis mil, e sasenta alyffantes; **trás** este hia Comara, e levava oytenta mil homês de pee, e de cavallo dous mill e quynhentos, e corenta alyffantes; **trás** este hia a gente d Ogemdraho, governador da cidade de Bisnaga, com hũu capitão seu, que levava mill de cavallo, e trinta mill homês de pee, e dez alyfantes; **trás** este hião tres capados, privados d elrey, que levavão corenta mill homes de pee, e mill de cavallo, e quimze alyfantes; o pagem do betelle d elrey, levava quymze mill homes de pee, e duzentos de cavallo, não levava alyfantes; Comarberca levava oyto mill piois, e quatro centos de cavallo, e vinte alyfantes

(81) [16 DN200 CIPM] Em sua vida ou aa ora de sua morte q(ue) nom SeJa de mayor condicam q(ue) elles Com estas erdades (e) p(er)tenças q(ue) se seguem It(em)p(ri)meiram(ente) hũua casa (e) hũua corte It(em) hũua larangeira It(em)**trás esta casa** esta hũua lata com vueyras darredor (e) çepas de castinheiro It(em) nas correiras hũua leira q(ue) leua de semente de t(ri)guo do(us) alq(uei)r(e)s

(82) [16 Pinto, F. M. (1510) CTB] o Capitão Sardinha, & perguntando ao Armenio por elle, ou onde estaua, disseque estaua escondido na proa do junco no payol das

amarras, muyto ferido, com mais outros seis ou sete. Antonio de Faria se leuantou logo com muyta pressa, ese foy ao lugar onde o perro estaua, & os mais soldados se foraõ **tras** elle, & abrindo o escotilhão do payol para ver se era verdade o que o Armenio dissera,

(83) [16 Sum Lombardo (2015) PHPP] eo nosso campo se aquietou, ate as nove horas da menhãa, q~ se | tornou a dar nelle outro rebate aq~ acudio o mestre de Campo Dom Du | arte de meneses, q~ de pouco alem do facho, mandou dizer a El Rey q~ os | mouros do Xarife corriam **tras** os Almogavares q~ tomarão os ar | bolarios, e q~ o seu Adail lhe hia dando costas, q~ elle as queria dar, ao | Adail, q~ devia Sua Alteza de lhe mandar aligus~ de Cavallo aligei | ra para o acompanharem

Com exceção da expressão fixa *trás-os-Montes* encontrada no século XVII como topônimo, o item *trás* só foi documentado no século XVI, nas manifestações acima, o que demonstra uma possível desativação do item a partir do século XVII, sendo o item utilizado apenas como parte integrante das construções aqui abordadas.

Observando os exemplos (80) a (83) mais atentamente, temos o seguinte quadro:

Quadro 21: As FIGURAS e os PR com o item *trás*

<i>Trás</i>		
	FIGURA	PONTO DE REFERÊNCIA
(80)	“os que vão <i>tras</i> ”	“todos os que vão na dianteira”
(81)	hũña lata com veyras darredor (e) çepas de castinheiro	esta casa
(82)	os soldados	elle
(83)	os mouros do Xerife	os Almogavares

No exemplo (80) o item *trás* é utilizado sete vezes para descrever a cena da partida do rei e de “toda a sua gente” da cidade, em que as FIGURAS se tornam PR, de forma que em sua primeira ocorrência *trás* tem como FIGURA “*hia Trimbicara com cimcoenta mil homens de pee, e dous mil de cavallo, e vinte alyfantes*” e como PR “*o porteiro moor, que se chamava Camanayque, levava a dianteira con trinta mil homês de pee, e dous mill, diguo, trinta mill homês de pee, archeiros, adargueiros, e de espimgardoês, e llamceiros, e mill de cavallo, e seus allyfantes*”. Em seu uso seguinte, a FIGURA anterior se torna PR, e temos um novo PR (*Timapanayque, levava sesenta mil homês de pee, e tres mill e quinhentos de cavallo, e trinta alyfantes*) e assim até o fim da descrição da cena. Os PRS ao longo de toda a ocorrência possuem orientação intrínseca, sendo ela um exemplo claro do alinhamento *in tandem*, no qual diferentes elementos se movimentam em direção a uma possível saída da cidade, um atrás do outro, em uma grande fila, e todas as FIGURAS olham para a mesma direção.

Já no exemplo (81) temos o esquema com o PR de orientação intrínseca, *esta casa*, em uma descrição de localização estática, com uma FIGURA sem orientação intrínseca, *hũũa lata com vueyras*.

Nos exemplos (82) e (83), por sua vez, além do esquema do alinhamento *in tandem*, é possível também entrever a noção de busca, procura, ou mesmo de perseguição. Por outras palavras, FIGURA e PR se movimentam na mesma direção, estando a FIGURA em um ponto no espaço *atrás* do PR, não somente com o objetivo de se deslocar no espaço, mas também para eventualmente alcançar o PR, semelhantemente a alguns exemplos com a construção *atrás (de)*.

Para finalizar esta subseção, apresento ainda um uso do item *trás* como na expressão razoavelmente fixa *a parte de trás*, documentada nos séculos XX e XXI, conforme os exemplos (84) a (86) a seguir:

(84) [20 RJ DID 0009 NURC] LOC. Eu quisera me lembrar disso, eu cuidei muito, eu dei massagem, dei ginástica apropriada pra aquelas estrias, gordinhas, que preocupam as mulheres e vê-se muito na barriga, mas com o tempo, talvez, eu me lembro, vamos ver.

DOC. E atrás, **essa parte aqui de trás?**

LOC. As nádegas.

(85) [20 RJ DID 0008 NURC] LOC. Ah, tem muitos tipos de caminhão. Tem caminhão basculante.

DOC. Como é?

LOC. Basculhante (sic) é caminhão que, que **a parte de trás** rebate e deixa cair a terra ou a pedra ou ...

DOC. Por exemplo no caminhão aquela parte separada onde vai a pessoa que ...

LOC. Cabine.

(86) [21 N Exame 05.05.2018] Bombeiros concentram busca **na parte de trás** do prédio que desabou.

Ao utilizar-se a expressão *a parte de trás (de)* não se está apenas localizando no espaço uma FIGURA em relação a um PR, mas também se está dividindo o PR em duas partes simetricamente opostas, ou seja, em uma parte traseira em oposição a uma parte frontal.

No eixo transversal, o espaço /posterior/ opõe-se ao espaço /anterior/, expresso geralmente com a forma *frente: a parte da frente – a parte de trás*. Note-se que *da frente* e *de trás* são parafraseáveis por um adjetivo: *a parte frontal* e *a parte traseira*. No entanto, *frente* parece manter algumas propriedades de substantivo ao projetar o artigo feminino [a frente] em expressões como *à frente* e *na frente* ou mesmo quando ainda é

claramente usado como substantivo em *a frente da casa é branca*, o que não ocorre com *trás* [*a/o trás]. Essas observações, embora atreladas à gramaticalização dos itens *frente* e *trás*, podem levantar questões interessantes relacionadas ao estatuto desses itens enquanto preposições complexas ou sintagmas preposicionados (cf. Almeida et al. 2018).

Menos frequente são expressões como *o lado da frente* e *o lado de trás* da casa, do prédio, por exemplo, talvez porque essas formas remetam a objetos menores, como um computador, um fogão etc., e também por serem mais frequentes com expressões de lateralidade, como *esquerda* e *direita*. Fica evidente aqui que mais pesquisas são necessárias para examinar essas e outras construções espaciais.

Para finalizar esta seção 3.1, apresento no quadro 22 a seguir as ocorrências do item *trás* e as demais construções ao longo dos séculos para o sentido espacial discutido aqui:

Quadro 22. Ocorrência do item *trás* e demais construções ao longo dos séculos

	Trás	Atrás (de)	Detrás (de)	Por detrás (de)	Por trás (de)	Para trás (de)
Séc. XVI	✓	✓	✓	✓	✗	✓
Séc. XVII	✗	✓	✓	✓	✗	✗
Séc. XVIII	✗	✓	✓	✓	✓	✗
Séc. XIX	✗	✓	✓	✓	✓	✗
Séc. XX	✗	✓	✓	✓	✓	✓
Séc. XXI	✗	✓	✓	✓	✓	✓

A partir desse quadro 22 e dos exemplos analisados nas subseções 3.1.1 a 3.1.5, pode-se fazer as seguintes generalizações:

- (i) O item *trás* só foi documentado no século XVI, o que comprova o que os autores citados no capítulo 1 já reconheceram acerca do item, de que teria caído em desuso, sendo substituído por outras formas. Assim, a partir da análise feita aqui, é possível identificar o século XVI como o momento em que o item *trás* deixa de ser utilizado para localizar as coisas do mundo no espaço /posterior/. Vale lembrar que quando se afirma que o item *trás* não é mais usado no português quer dizer que não projeta mais um sintagma nominal como os exemplos apresentados em 3.1.5 (*trás elles*).
- (ii) As construções *atrás (de)*, *de trás (de)* e *por detrás (de)* são as únicas atestadas em todos os séculos. Já a construção *por trás (de)* só não ocorre nos dois primeiros séculos, enquanto que *para trás (de)* só ocorre nos dois últimos séculos.
- (iii) É importante ter em mente que, embora determinadas construções não ocorram em determinados séculos, não quer dizer necessariamente que houve alguma mudança no uso; mesmo no caso de *para trás (de)* não

significa que só tenha começado a ser utilizada nos séculos XX a XXI. Não é objetivo desta dissertação estabelecer o momento exato quando determinada construção começou a ou deixou de ser utilizada; para isso seria necessária uma quantidade de documentos muito maior e mais abrangente quanto às tradições discursivas, e não somente uma análise qualitativa como é feita aqui, mas também uma análise quantitativa.

- (iv) Por fim, no quadro 22 apresentei o item *trás* e demais construções de modo geral, o que não significa que eles se apresentem em todos os esquemas ao longo de todos os séculos de maneira equivalente e equilibrada, que é o que busco demonstrar com o quadro 23 a seguir.

Quadro 23. O item *trás* e demais construções em cada um dos esquemas identificados

Esquemas identificados	Item <i>trás</i> e demais construções					
	Trás	Atrás (de)	Detrás (de)	Por trás (de)	Por detrás (de)	Para Trás
PR com orientação intrínseca	✓	✓	✓	✓	✓	✓
PR com orientação intrínseca e esquema da visibilidade	✗	✓	✓	✓	✓	✗
PR sem orientação intrínseca	✗	✓	✓	✓	✓	✗
PR sem orientação intrínseca e esquema da visibilidade	✗	✓	✓	✗	✗	✗
Alinhamento <i>in tandem</i>	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Alinhamento <i>in tandem</i> e sentido de ir em busca de	✓	✓	✗	✗	✗	✗
Esquema do Retorno	✗	✓	✗	✗	✗	✓

No quadro 23 estão elencados todos os esquemas reconhecidos por Tyler; Evans (2003) e por Teixeira (2001:4) e também o esquema do Retorno identificado para as ocorrências com o verbo *tornar*. É importante ressaltar que foram reconhecidos quatro esquemas principais: o PR com orientação intrínseca, o PR sem orientação intrínseca, o alinhamento *in tandem* e o esquema do retorno. Já o esquema da visibilidade não foi considerado um esquema isolado, pois ocorre junto com outros esquemas, como é possível perceber pelo quadro 23 e em situações específicas. O mesmo acontece com os outros dois sentidos identificados por Tyler; Evans (2003), o sentido de *buscar, procurar* e o sentido de prioridade.

As ocorrências encontradas ao longo dos séculos XVI ao XXI com o item *trás* e demais construções com o sentido prototípico de espaço /posterior/ demonstraram que:

- (i) Os dois esquemas que foram identificados para o item *trás* e demais construções foram os esquemas com PR com orientação intrínseca e o alinhamento *in tandem*, o que demonstra que todas as construções podem localizar elementos no espaço /posterior/ a partir de um PR com orientação intrínseca, assim como todas as construções podem organizar cenas em que a

FIGURA e o PR se movimentam e olham para a mesma direção, constituindo a cena de uma fila.

- (ii) Por outro lado, o item *trás* e a construção *para trás* não foram reconhecidas nos esquemas com o PR sem orientação intrínseca, o que pode indicar que outras construções são escolhidas para expressar tal localização.
- (iii) O esquema de visibilidade identificado por Teixeira (2001) pôde ser reconhecido com o PR com e sem orientação intrínseca, mas nem todas as ocorrências com esses PRs apresentam tal esquema. Como é possível observar pelo quadro 23, as construções não são equivalentes ao esquema principal, de forma que nem todas as construções utilizadas com o PR de com orientação intrínseca foram identificadas para o esquema da visibilidade, e o mesmo com o PR sem orientação intrínseca. Por exemplo, para a construção *atrás (de)* só foi documentado tal esquema nas ocorrências dos séculos XVI e XXI, enquanto que para a construção *detrás (de)* apenas nos séculos XVII e XIX, ambas construções em que o PR tem orientação intrínseca.
- (iv) Embora Teixeira (2001) aponte que no esquema de visibilidade, além da ausência de visibilidade expressa pelas construções com *atrás*, haja ainda ausência ou dificuldade de acessibilidade, nos meus dados acessibilidade e visibilidade nem sempre andaram juntas, de forma que nas situações em que a FIGURA é ocultada pelo PR, nem sempre a FIGURA é inacessível.
- (v) Ainda sobre o esquema da visibilidade, reconhece-se que quando o objetivo é esconder, ou ocultar a FIGURA com o PR, como consequência o observador envolvido na cena é surpreendido quando essa FIGURA é revelada. O mesmo não ocorre quando a FIGURA é apenas localizada *atrás* de um PR, sem o objetivo aparente de escondê-la.
- (vi) No esquema do alinhamento *in tandem*, nota-se que não se trata apenas de uma localização de uma FIGURA e de um PR no espaço, mas também de uma localização temporal, principalmente quando as ocorrências expressam uma cena em movimento, uma situação de deslocamento, em que as entidades envolvidas seguem a mesma direção.
- (vii) O esquema do Retorno, como tratado anteriormente, foi reconhecido com o uso do verbo *tornar* apenas com as construções *atrás (de)* e *para trás (de)*. Esse esquema expressa o momento em que um deslocamento no espaço é interrompido, para que a FIGURA retorne a um ponto já percorrido durante o deslocamento. O uso do verbo *tornar* parece ter sido substituído por verbos como *voltar* no PB atual e é reconhecido principalmente nos usos metafóricos. Os poucos dados de *tornar atrás (de)* e *tornar para trás (de)*, revelam que se trata de uma expressão em gradual desuso.
- (viii) Quanto aos sentidos já documentados nos dicionários consultados, o uso de *tornar atrás* para localização espacial foi identificado por Bluteau (1712-1728), assim como para as construções *atrás* e *detrás*. Silva (1789) também reconhece os sentidos de *atrás* e *detrás*, mas atenta apenas para os usos metafóricos de *tornar atrás*, e o mesmo se vê no Aulete Digital (2007). Embora os dicionários tenham identificado os sentidos de parte das construções aqui analisadas, não há menção ao sentido de ocultação, presente no esquema da visibilidade; somente no Aulete Digital (2007) é reconhecido o sentido de *à procura de* para a construção *atrás (de)*.
- (ix) Quanto aos usos metafóricos, foi possível reconhecer que muitos dos esquemas aqui identificados relacionam-se com as metáforas encontradas com as construções. Por exemplo, é possível reconhecer o esquema da

visibilidade na metáfora SER RESPONSÁVEL É ESTAR POR TRÁS, o esquema do retorno em DESISTIR É VOLTAR ATRÁS e no alinhamento *in tandem* as metáforas RUIM É ESTAR ATRÁS e IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS.

A necessidade que os seres humanos têm de se localizarem no espaço e de localizarem objetos no espaço talvez seja um dos motivos de ser esta a propriedade semântica mais encontrada nos *corpora* de todos os séculos, com todas as construções, além de ser um dos usos que se manteve mais estável. As construções com o item *trás* demonstraram ser uma das escolhas recorrentes dos falantes do português para localizarem um objeto estático ou em movimento no espaço, descreverem uma situação de ocultação e descreverem cenas em que os elementos se encontram enfileirados.

Nesta seção apresentei as ocorrências com o item *trás* e demais construções para o sentido prototípico de espaço /posterior/ analisando-as a partir dos esquemas que expressam e os possíveis sentidos apresentados por cada um deles. Nas próximas seções abordo os usos metafóricos, alguns deles já mencionados nesta seção, ao longo dos séculos XVI a XXI. Na seção seguinte apresento o sentido de localização no tempo /posterior/, a partir da metáfora conceptual TIME IS SPACE (TEMPO É ESPAÇO).

3.2. Transposição de Esquemas Imagéticos: TEMPO É ESPAÇO

Como tratado anteriormente, o sentido prototípico do item *trás* é o de localização no espaço /posterior/. Tal sentido ocorre com todas as construções encontradas, assim como é o sentido já documentado nos dicionários e em diferentes gramáticas. Partindo da noção dos Esquemas Imagéticos (EI) e das chamadas *proto-cenas*, conceitos expostos no capítulo 2, diferentes línguas compreendem e expressam posição e deslocamento no espaço a partir de diversos itens linguísticos. No caso do espaço /posterior/, umas das formas que o português utiliza são as construções com o item *trás*, analisadas na seção anterior. Em resumo, foram descritas as construções com o item *trás* que expressam diferentes cenas de localização no espaço, relacionando uma entidade, a FIGURA, em relação a outra (PR).

A relação entre a FIGURA e o PR ainda se faz presente quando concebemos a metáfora TEMPO É ESPAÇO, sendo agora o PR sempre constituído por expressões que remetem à categoria cognitiva de tempo. Essa metáfora parte de uma transposição de EIs, também chamada de “usos metafóricos de preposições” (Ilari et al. 2015:191), e

consiste, no caso do item *trás* e suas construções e do sentido em questão, em compreendermos o conceito abstrato do *tempo* a partir do sentido de espaço /posterior/ e espaço /anterior/, muitas vezes expresso, respectivamente, por *trás* e demais construções e pelo item *a frente* (espaço anterior). Desta forma, a organização espacial leva a uma organização temporal, resultando na metáfora TEMPO É ESPAÇO, sendo o item *trás* indicativo também de tempo /posterior/, como em *dez anos atrás*.

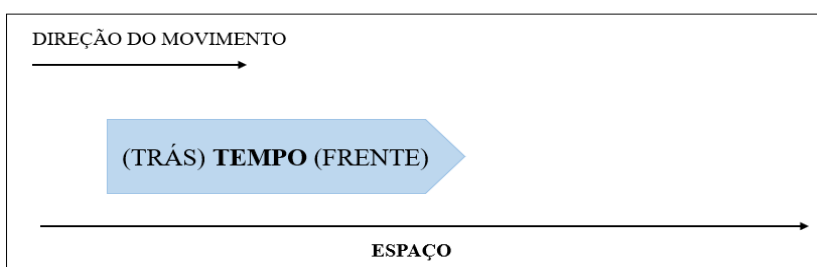
Essa relação metafórica do tempo com o espaço também foi documentada por Lakoff; Johnson (1980), segundo os quais TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO (TIME IS A MOVING OBJECT). Essa metáfora estrutural parte do princípio de que os objetos em movimento geralmente recebem uma orientação frente-trás, sendo frente o sentido do movimento de pessoas, animais, objetos etc. Assim, o tempo é compreendido como um objeto em movimento, recebendo também uma orientação frente-trás, ou seja, o tempo se desloca na mesma direção do movimento, da esquerda para a direita, de forma que o futuro se move para frente, enquanto o passado move-se para trás.

Também adotando a noção de movimento para o conceito de tempo, Batoréo (2000: 308), ao retomar Filmore (1971), atenta para duas diferentes formas de enxergar o caráter dinâmico dado a tal conceito:

[...] a conceptualização do Tempo em função do movimento, ou seja, a sua localização dinâmica, constitui seu traço central. A metáfora utilizada é, no fundo, ambivalente: pode conceber-se o mundo como estando em movimento em relação a dimensão estática do Tempo, ou, pelo contrário, apreender o tempo como passando dinamicamente em relação ao mundo estático. (BATORÉO 2000: 308)

Imaginemos o seguinte esquema:

Esquema 4: Representação da metáfora conceptual: TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO



As afirmações de Lakoff; Johnson (1980) para os usos da língua inglesa se aplicam também à língua portuguesa, conforme reconhece Batoréo (2000). Ao

concebermos o tempo como um objeto que se movimenta da esquerda para direita, como no esquema acima, aquilo que se localiza na parte de *trás* do tempo é tido como tempo passado, enquanto aquilo que está na direção do movimento, ou seja à frente, é o que concebemos como futuro. Assim como nos movimentamos e nos localizamos no espaço, ao compreendermos o tempo como espaço, também é possível que nos movimentemos e nos localizemos no tempo.

Quanto a essa relação e à configuração entre a FIGURA e o PR expressando tempo, Teixeira (2001: 7: 5) aponta:

[...] o próprio tempo contém em si o(s) ponto(s) de referência, o passado e o futuro, independentemente da forma como globalmente o mesmo tempo é conceptualizado. No espaço, diferentemente, a referência é multivectorial e multi-referencial: há vários vectores relativamente aos quais uma Fg pode ser localizada (verticalidade, frontalidade, lateralidade, interioridade) e pontos de referência ilimitados. (TEIXEIRA 2001: 7: 5)

Desta maneira, para a análise dos dados com as construções com o item *trás* com o sentido temporal, parto do princípio base de que o PR é uma entidade temporal, mais precisamente, o tempo passado. Este PR, quando analisado a partir dos mesmos conceitos utilizados para compreendermos as cenas espaciais, na seção anterior, pode ser compreendido como um objeto abstrato, assumindo aqui o termo “objeto” pelo simples fato de ser possível concebê-lo como estando em movimento; é ainda um objeto sem orientação intrínseca uma vez que a orientação do “objeto tempo” é diferente em cada língua, sendo atribuída a partir de diferentes itens linguísticos a depender da maneira como cada língua e cultura concebe a noção de tempo. Tendo isso em mente, não serão analisados detidamente os detalhes que diferem esse PR em cada um dos exemplos, ou seja, a quantidade de tempo expressa na sentença, sua precisão ou imprecisão não será um fator de análise, a não ser quando oferecer uma alteração de sentido.

Antes de analisar os exemplos de cada construção ao longo dos séculos, observemos o exemplo do século XXI que, além de utilizar a construção *para trás*, também ilustra a maneira como concebemos o tempo e a sua passagem:

(87) [21 G1 02.12.2019] Por que o tempo sempre anda para a frente, nunca **para trás**. Algo que todos nós sabemos é que o tempo se move em uma direção. Mas você já se perguntou sobre qual é o motivo? Os cientistas já fizeram esse questionamento, e encontraram a resposta em um motor a vapor. Assim como comprimento, altura e

largura, o tempo é uma dimensão. Mas, ainda que possamos nos mover em qualquer sentido nas outras três opções, só podemos avançar em uma direção no tempo: adiante e sem parar. Por quê?

Por que não podemos voltar atrás? Por muito tempo, os cientistas não conseguiram encontrar uma explicação convincente. Uma das complicações era que as leis da física funcionavam bem, seja indo adiante ou **para trás no** tempo.

Em (87) o tempo é explicitamente um objeto que se movimenta apenas para frente, embora outros objetos que se movimentam possam se movimentar em diferentes direções; o tempo, como aponta o exemplo, só se movimenta para frente, de forma que nos é impossível voltarmos *atrás* no tempo. Mais uma vez o tempo é compreendido como um espaço pela metáfora TEMPO É ESPAÇO.

A direção do movimento do tempo tem outras consequências na maneira em que concebemos outros conceitos, como é o caso de *avançar* e *recuar*, sendo o primeiro sempre na mesma direção do tempo, enquanto o segundo é um movimento voltado para o sentido oposto desse movimento, ou seja para *trás*. Tal concepção acarreta diferentes metáforas das quais trato nas seções a seguir; porém, antes de podermos analisá-las, é preciso compreender de que maneira as construções com o item *trás* atuam para expressar o sentido temporal.

O sentido prototípico de espaço /posterior/ ocorre com o item *trás* e todas as demais construções. Já o sentido temporal ocorre apenas com a construção *atrás* nos documentos e séculos estudados, exceto o exemplo (87). Os exemplos a seguir apresentam a marcação temporal no tempo passado:

(88) [16 Nar Pinto, F. M. (1510) CTB] Porque na segunda sayda que os de dentro fizeraõ os cometeraõ os Batas por duas partes com muyto animo, & depois de andar a briga humpouco trauada; fingindo os Ach~es fraqueza se lhes vieraõ retirando pera a tranqueyra onde os dias **atraz** o Rey Bata lhe tomara as doze peças de artilharia, &seguindoos hum Capitão dos Batas desmandadamente, &, sem ordem, por lhe parecer que ja tinha a victoria certa, os meteo por dentro dos vallos, porem os inimigos lhe tornaraõ aly a fazer rosto

(89) [16 Nar Couto, D. (1542) CTB] De longo de ambos há algumas abrigadas, a que as fustas que ali andam da Armada, se acolhem em tempos rijos. Surto o Governador Martim Affonso de Sousa, mandou requerer á Rainha "que lhe mandasse pagar as pareas, que devia dos anos **atrás** passados, e que lhe entregasse logo todos os navios de remo, que em seu porto estivessem, porque dali saíam a roubar todo aquele mar, e ela os recolhia dentro

(90) [17 C Vieira, A. (1608a) CTB] ois se França, havendo de ficar em paz, tinha por impossível um tão pequeno socorro, e queria que lhe achássemos razão; porque não valerá com ela agora a nossa, e porque lhe não faremos crer que é impossível socorrê-

la, quando estamos em toda a parte cercados de tantas guerras? Prouvera a Deus que foram estas razões só aparentes, como as suas, e não tão certas e verdadeiras! E se não, julguemos o futuro pelo passado, e tornemos quatro anos **atrás**.

(91) [18 M Simões; Manoel; Morais (2013a, Eds.) PHPP] afirma Ser do filho de Pedro Lopes a Ilha de Santo Amaro tempos **atrás** fez Canaviaes e roçarias de mantimentos nas ditas terras, e ora com ajuda de Nosso Senhor tem ordenado com Seus Cunhados, e parentes, e alguns

(92) [18 Mem Simões; Manoel; Morais (2013b, Eds.) PHPP] oSupplicante não ouzou fazer sua fazenda nas ditas terras, sem embargo denellas trazer muito gado vacum, tempos **atrás** paSsados fez canaviaes, eroçaria demantimentos nas ditas terras

(93) [19 CR/E Castilho da Costa (2010, Ed.) PHPP] Ha 15 annos **atrás** em todas as provincias do impe- | rio, havia credito e animação. Hoje em todas as pro- | vincias ha atraso e miseria!... || Ha 15 annos a esta parte principiou a desmoronar- | se o grande edificio levantado pelos Paula Souzas, | Evaristos, Feijós, Alvarez Machados e tantos outros il- | lustres varões.

(94) [20 RJ DID 0012 NURC] LOC. - bom... eu posso dividir em várias áreas até porque é e... é uma coisa que me apaixona também tremendamente... cantor de mi/ cantor... que há inclusive também uma dificuldade muito grande atualmente em ci/ em ci/ em citar nomes de cantores... que nós estamos vivendo atualmente a exemplo do que ocorreu com o cinema... há há há tempos **atrás**... de se:... éh caracterizar... e se afirmar perante a opinião pública... exclusivamente pelo nome do autor e não do intérprete... do diretor e não dos intérpretesnós estamos vivendo na música popular...

(95) [20 CP Gandra (2010) PHPB] Eu, tempo **atrás**, quando notei isto em você compreendi que eu bem poderia lheajudar a se completar. Você não sente esta sensação? De que ainda não está completa? Você ainda não pode aceitar determinados aspectos seu 73 como definidos e definitivos.

(96) [20 RJ DID 0076 NURC] **DOC.** - Sim. O senhor vê diferença, por exemplo, de alguns anos **atrás** pra agora, atualmente, a semana santa, como ela é encarada pelas pessoas?

Os exemplos (88) a (96), extraídos do século XVI ao XX, demonstram o uso das construções com o item *trás* com o tempo passado explícito; mais precisamente, do uso da construção *atrás*, em que o PR é preciso (*quatro anos*) ou impreciso (*tempos, alguns anos*). Em todos os casos, a relação temporal estabelecida pela construção *atrás* é sempre no passado.

O exemplo (96) apresenta uma diferença significativa em relação aos demais: nele temos o uso da expressão “*de alguns anos atrás pra agora*” que evidencia a noção de deslocamento do tempo ao utilizar o par “*de ... para*”. Embora a expressão “*de alguns anos atrás pra agora*” não seja um pleonasma propriamente dito, o uso de “*de alguns anos pra agora*” também é possível, o que não fica claro é se ambos usos expressam o mesmo sentido, ou se há ainda uma sutil diferença entre as sentenças.

Nos exemplos (93) e (94) com o verbo *haver* (recorrente nos *corpora* sobretudo do século XX) há uma marcação dupla do tempo passado, pois esse verbo já carrega a noção de passado em estruturas temporais. O uso da construção *há... atrás* é o que as gramáticas normativas prescrevem como um uso pleonástico ou redundante.

Essa relação entre o tempo passado e a construção *atrás* confirma a metáfora conceptual já identificada por Lakoff; Johnson (1980: 42) de que TEMPO É ESPAÇO, ou ainda de TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO. A relação temporal presente no item *trás* e suas construções relaciona-se, como apontam os autores, com a categoria cognitiva da visão e a nossa experiência corpórea, de forma que aquilo que está atrás de nós, está fora do alcance de nossa visão, é concebido como passado, enquanto que aquilo que está à nossa frente, ao alcance de nossos olhos, é concebido como futuro.

Retomando Batoréo (2000) sobre a ideia de Filmore (1971) de que a metáfora tem um caráter ambíguo, podemos compreendê-la de duas maneiras diferentes: o mundo estático e o tempo que se movimenta, ou o tempo estático em um mundo em movimento. Podemos ainda estender essa noção para os seres que se movimentam no tempo, o que evidencia ainda mais a relação com o nosso campo de visão e a maneira com que concebemos o passado e o futuro⁸³.

Como é possível observar pelos exemplos de (88) a (96), o uso da construção *atrás* para expressar tempo passado ocorre com uma marcação precisa e imprecisa de tempo. O seu uso, como já dito anteriormente, muitas vezes é acompanhado por outros itens que expressam sentidos semelhantes, como é o caso do item *passados* nos exemplos (89) e (92), e do verbo *haver* nos exemplos (93) e (94).

Traçando as mesmas etapas das seções anteriores, os dados referentes ao século XXI foram coletados para responder aos seguintes questionamentos: (a) as construções com o item *trás* para orientação temporal são mais variadas? Se sim, quais são os usos não documentados nos séculos anteriores? (b) as construções ocorrem sem o verbo *haver*? Em quais contextos? (c) É possível encontrar usos semelhantes aos exemplos (89), (92), (93) e (94) em que o movimento do tempo é expresso também por outras expressões? Os exemplos (97) a (102) trazem possíveis respostas a essas questões:

⁸³ É importante lembrar que diferentes culturas e línguas podem conceber o tempo de maneiras diversas e não, necessariamente, compreender o passado como estando *atrás* e o futuro localizado à nossa frente.

(97) [21 G1 19.12.2019] Novas escavações revelam que ele viveu **até pouco mais de 100 mil anos atrás**, na Ilha de Java, na Indonésia — muito tempo depois de ter desaparecido de outros lugares.

(98) [21 G1 02.12.2019] Venda de veículos novos volta a subir em novembro, diz Fenabreve. Resultado é na comparação com 1 ano **atrás**. Estimativa é fechar 2019 com alta de 9%.

(99) [21 G1 16.12.2019] O discurso da rainha acontece na quinta-feira, uma semana depois que os conservadores obtiveram maioria nas eleições gerais. O último discurso da rainha foi realizado apenas nove semanas **atrás**.

(100) [21 G1 28.12.2019] Recanto do Pitbull abriga 80 animais resgatados em Goiânia. Projeto nasceu **há 7 anos atrás** depois de uma rinha de cães.

(101) [21 G1 15.01.2020] Na época em que foi fechado, quase sete anos **atrás**, o prédio de arquitetura neoclássica de 1892 apresentava problemas estruturais como diversas rachaduras e umidade por trás da tinta plástica que não deixa as paredes respirarem.

(102) [21 G1 28.12.2019] Quais eram as suas expectativas para 2020 **há algumas décadas atrás?**

Nos dados do século XXI é possível observar que pouca coisa mudou quanto ao uso da construção *atrás* com sentido temporal, sendo utilizada para expressar tempo preciso e impreciso. No que se refere à pergunta colocada em (b) acima, o verbo *haver* ocorre em alguns casos (exemplos 100 e 102), como em sites de notícias, mesmo que seja em textos mais controlados do ponto de vista da norma culta escrita. Já a expressão “*tempos atrás passados*” não foi encontrada nos *sites* pesquisados do século XXI.

Em resumo, o uso das construções com o item *trás* com o sentido temporal permite afirmar que:

(i) A construção *atrás* para a organização temporal está presente em todos os séculos pesquisados. Porém, nenhuma das demais construções (*para trás, por trás de, detrás de e por detrás de*) foi encontrada com o mesmo sentido em nenhum dos séculos, situação muito diferente do uso com o sentido prototípico de espaço, para o qual todas as construções foram encontradas em todos os séculos. Essa constatação responde à questão levantada anteriormente em (a), se as construções com item *trás* para orientação temporal seriam mais variadas.

(ii) A metáfora TEMPO É ESPAÇO foi identificada em todos os séculos estudados, mesmo naqueles em que a quantidade de ocorrências e extensão dos documentos eram menores, como foi o caso dos séculos XVII a XIX.

(iii) O verbo *haver* em estruturas temporais acompanhado da construção *atrás* só aparece a partir do século XIX com a construção pleonástica *há 15 anos atrás*. A

partir dessa constatação, pode-se perguntar se haveria diferença de sentido nas expressões temporais com e sem o verbo *haver*, como em *há 15 anos*, *há 15 anos atrás*, ou ainda apenas com a construção *atrás*, como em *15 anos atrás*. Outras pesquisas são necessárias para investigar esses usos, bem como observar se o verbo *haver* estaria passando por um processo de dessemanticização, não sendo mais reconhecido como atuante em expressões de tempo passado. Além disso, deve-se lembrar que, fonologicamente a forma *há* e a preposição *a* são idênticas no PB, o que também poderia ser um indício de mudança. Não é raro encontrar a confusão de uso nessas duas formas.

(iv) A propriedade de localização temporal é ainda evidenciada por outras expressões à direita da construção *atrás*, como é o caso dos exemplos (89) e (92), em que *atrás* vem seguida de *passados*. Esses casos reforçam a conceptualização do tempo como um objeto em movimento, uma vez que os *anos passam*.

(v) Semelhantemente, o exemplo (96), *de alguns anos atrás pra agora*, parece desenhar a imagem de uma entidade se deslocando, ou seja, da passagem do tempo como um caminho em que o ponto de partida são os anos anteriores e o ponto de chegada é o momento da enunciação.

Comparando as construções com o item *trás* em seu sentido prototípico de localização no espaço /posterior/ com o seu uso metafórico temporal, temos o seguinte quadro:

Quadro 24. As construções com o item *trás* nos séculos XVI ao XXI: organização espacial e temporal

	Sentido espacial					Sentido temporal				
	Atrás (de)	Detrás (de)	Por trás (de)	Por detrás (de)	Para trás	Atrás	Detrás (de)	Por trás (de)	Por detrás (de)	Para trás
XVI	✓	✓	✓	✓	✗	✓	✗	✗	✗	✗
XVII	✓	✓	✗	✗	✗	✓	✗	✗	✗	✗
XVIII	✓	✗	✗	✓	✗	✓	✗	✗	✗	✗
XIX	✓	✓	✓	✓	✗	✓	✗	✗	✗	✗
XX	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✗	✗	✗	✗
XXI	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✗	✗	✗	✗

A partir do quadro 24 fica claro que, diferentemente do sentido prototípico de espaço, o sentido temporal tem o uso exclusivo com a construção *atrás*, sem o uso da preposição *de*, diferente do sentido espacial, não ocorrendo em nenhum dos séculos com qualquer uma das demais construções. Embora o sentido seja um dos mais frequentes nos *corpora*, seu uso é restrito a uma única construção.

Retomando os sentidos identificados em dicionários⁸⁴, observa-se que os autores identificam o sentido temporal para o item *trás* e para construção *atrás*, porém o item *trás* só foi documentado no século XVI, (como discutiu-se em 3.1) e nenhuma ocorrência apresentou o sentido temporal. Isso permite afirmar que o sentido estritamente temporal só ocorre com a construção *atrás* e nunca com as demais.

Ao me referir a um uso estritamente temporal, remeto aos demais usos metafóricos que apresento a seguir, nos quais, embora tenham sentidos diferentes, a relação de *trás* com o tempo passado, na metáfora TEMPO É ESPAÇO e TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO, também está presente, mesmo não sendo o uso principal, como é o caso dos exemplos analisados nesta seção. Vale lembrar que as metáforas conceituais podem se apresentar combinadas com outros usos metafóricos.

Na seção a seguir apresento um desses casos em que o aspecto temporal é apenas um dos aspectos do uso metafórico expresso. Especificamente, me refiro à compreensão do texto escrito ou falado como uma viagem no tempo e no espaço a partir dos usos de construções com o item *trás*, na metáfora TEXTO É ESPAÇO.

3.3 Transposição de Esquemas Imagéticos: O TEXTO É UMA VIAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO

Até o momento, observamos como o item *trás* e suas construções atuam na localização de coisas (objetos, pessoas, animais, eventos) no espaço constituindo diferentes cenas e vimos também como essa localização espacial serve como domínio fonte para o uso metafórico de localização no tempo, demonstrando que tempo e espaço são, muitas vezes, indissociáveis. Nesta seção, observo como a localização espacial prototípica e o uso metafórico de localização temporal do item e das construções atuam na localização textual dos falantes do PB.

Primeiramente, é importante reconhecer os textos, sejam eles falados ou escritos, como:

⁸⁴ Vide quadro 8, capítulo 3.

- (i) Objetos sem orientação intrínseca, o que é o mesmo que dizer que a sua orientação é atribuída por uma determinada língua e cultura, de forma que assim como o tempo, o texto pode receber orientações diferentes a depender de como ele é compreendido⁸⁵.
- (ii) Em português o texto é escrito sempre da esquerda para a direita, horizontalmente e é lido nessa direção.
- (iii) Além da orientação da esquerda para a direita, o texto ainda recebe uma orientação frontal e traseira que obedece a direção do movimento, ou seja, aquilo que está à frente no texto é aquilo que ainda será dito ou lido, e o que está atrás no texto é o que já foi dito ou lido.
- (iv) A orientação frontal/traseira carrega, assim, uma orientação temporal, uma vez que o que está à frente pode ser entendido como um “futuro do texto”, e o que está *atrás* pode ser entendido como um “passado do texto”. Essa orientação temporal é estendida ao uso de itens como *antes* ou *depois* também utilizados para marcar partes específicas de um texto escrito ou oral.
- (v) Tal relação temporal atribuída ao texto é o que Castilho (2010) chama de *tempo no texto* (no caso, o diálogo) que está intimamente ligado ao lugar no texto, demonstrando que tempo e espaço são muitas vezes indissociáveis.

Acerca do caráter dinâmico do texto, Batoréo (2000:542) explica, mais precisamente para o Português Europeu:

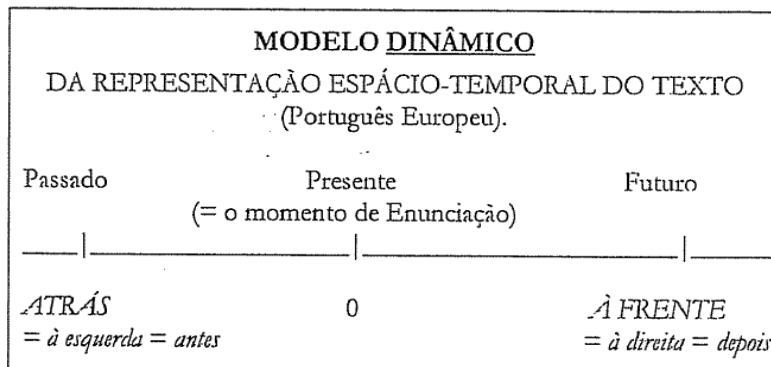
[...] o falante nativo do Português Europeu conceptualiza o texto como Produção, isto é, um *ato dinâmico* que se “desloca” na direção do Futuro, à medida que prossegue a escrita, construindo-se um *Modelo Dinâmico do Texto*, ou seja, partindo de *à esquerda = antes = atrás* para prosseguir no sentido de *à direita = depois = à frente*. Este modelo corresponde à organização temporal: o Percurso é estabelecido entre o Passado (= esquerda = antes), o Presente (= o momento da Enunciação) e o Futuro (= direita = depois). (BATORÉO 2000: 542, itálicos da autora)

Assim, é possível compreender que são atribuídas aos textos orientações de diferentes naturezas, espacial e temporal, que correspondem a uma orientação frontal/traseira, lateral (da esquerda para direita) e uma relação temporal, sendo possível

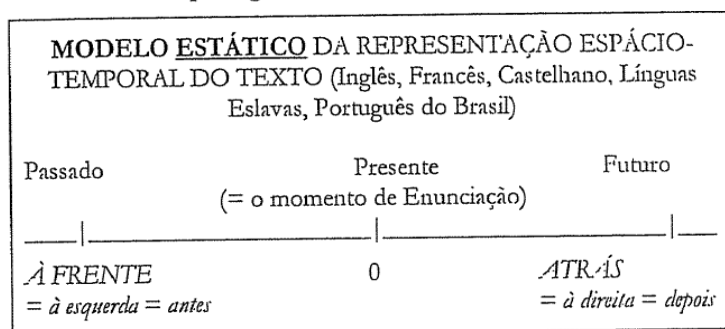
⁸⁵ O japonês, por exemplo, não atribui as mesmas orientações espaciais para o texto como o português, nem mesmo escreve na mesma direção. Naquela língua, o texto é de cima pra baixo e da direita para esquerda, de forma que o que foi dito antes no texto não está localizado no mesmo espaço físico que no PB.

reconhecer, em certa medida, um presente, um passado e um futuro do texto. Reproduzo abaixo os dois esquemas tais como propostos por Batoréo (2000: 542-3):

Quadro Beta. Modelo dinâmico da representação do texto português



Quadro Gama. Modelo estático da representação do texto não-português



Segundo a autora, o primeiro modelo se aplica apenas ao PE, ao passo que o segundo corresponde à compreensão do texto de forma estática por línguas como inglês, francês e PB. Por outras palavras, essas línguas concebem o texto como um *produto*, ao contrário do PE para o qual o texto é *produção*. No entanto, o modelo estático não está de acordo com o real uso das expressões que remetem ao tempo e ao espaço do texto no PB. Nessa variedade, temos a organização temporal do percurso a partir do passado (= esquerda = antes = *atrás*) até o Futuro (= direita = depois = *à frente*). Os exemplos que exponho adiante demonstram claramente que o PB se assemelha ao PE quanto à dinamicidade dos textos, especialmente na variedade falada, como fica bem demonstrado em Castilho (2010) e Jubran (Org. 2015), para citar apenas alguns autores.

Assim como a metáfora TEMPO É ESPAÇO, a metáfora O TEXTO É UMA VIAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO foi documentada em todos os séculos analisados. Quanto ao uso do item *trás* e demais construções para esse uso metafórico, assim como na metáfora

estrutural abordada na seção anterior (TEMPO É ESPAÇO), a construção *atrás* foi quase que exclusiva nos séculos XVI ao XXI, demonstrado nos exemplos a seguir:

Atrás:

(103) [16 CRB CIPM] Depois de Crisnarao ter feitas as pazes e casamento com hu~a filha d elrey d Orya, e temdo lhe tomada sua molher e as terras d allem do rio, **como atrás conta**, fez muita gente prestes, e detreminou de hir sobre Catuir,

(104) [16 Nar Gandavo, P.M (1502) CTB] Duas legoas deste mesmo arrecife, | pera o Norte, e|stá outro, que he o porto, onde en- | trou a frota quando esta prouincia se descobrio. E | porque entam lhe foy posto este nome de Porto se-| guro, **como a tras deixo declarado**, ficou dahi a ca- | pitania com o mesmo nome: & porifo se diz Por- | to Seguro.

(105) [17 At Ferreira; Morais; Kewitz (2015 [2008]) PHPP] Elogo nomesmo dia mes eanno **atrás** declarado pareseo emcamera gaspar desouzafilho a fidalgo dacaza delReis nosso senhor caualeiro do habito dechristo ecapitammor desta Capitania

(106) [18 Mem Simões; Manoel; Morais (2013a, Eds.) PHPP] Já vimos, que Jorge Ferreira na Sesmaria **atras copiada**, e Concedida ao Ferreiro Rodrigo aos 9. de Agosto de 1557.]

(107) [19 CP Carneiro (2005c) PHPB] Recebi sua carta selada on-|tem que respondo, o Profirio| ainda não veio porem deixou| o cavalo eu ainda não ovi porem di|semme que he muito bom e do 2º man|do e grande em comenda esta| que V. fes **aelle atras emos** porem| logo que xegue elle vai escrevi 323 para| [...] 324 [...] 325 aelle não pode demorar|

(108) [20, RJ, DID, 0104, NURC] D: Mas você disse que gostava, **voltando atrás**, que gostava muito de passar patê em pão. Você costuma comer muito pão?

(109) [21 PI O Potiguar 24.01.2019]⁸⁶ O Potiguar **Como disse lá atrás**, Bolsonaro não está aguentando a campanha. Como falei diversas vezes por aqui bem lá atrás, Bolsonaro não aguenta a campanha.

(110) [21 PI Books Google 2018] Entre eles, a representante baiana Lourdinha Santos Heimer, que em 1955 exercera forte influência ideológica em mim, **como narrei atrás**.

(111) [21 PI Books Google 2015] Devo **voltar um pouco atrás**, onde parei; depois de lograr convencer-me, como narrei, o irmão mais velho dedicou-se à tarefa de convencer a mãe

Como é possível observar nos exemplos acima, quando se utiliza a construção *atrás* para estabelecer uma orientação ao texto, a construção é sempre acompanhada por um verbo cujo sentido é do campo semântico do texto, seja ele falado ou escrito, ou seja, os chamados verbos *dicendi*: *declarar*, *dizer*, *citar*, *narrar*, *contar* entre outros presentes, principalmente nos séculos XVI ao XIX. Exceto os exemplos (103) e (104), todos foram coletados de *corpora* de textos brasileiros, elaborados comprovadamente por brasileiros, contrariando, portanto, a afirmação de Batoréo (2000).

⁸⁶ Os dados do século XXI com o sentido em questão apresentaram maior dificuldade de serem encontrados, especialmente nos sites de notícia consultados para os demais sentidos. Por isso, para confirmar o seu uso no PB atual, busquei cada construção para o sentido textual pelo mecanismo de busca do Google.

Nota-se ainda que a maneira na qual o verbo é utilizado pode confirmar a autoria do texto, ou seja, a pessoa que escreve se identifica e assume a responsabilidade pelo o que foi escrito em momentos anteriores do texto. Isso é feito pela conjugação do verbo em primeira pessoa, o que acontece nos exemplos (104) e (110) e em muitas outras ocorrências colocadas no anexo desta dissertação.

Quando os verbos estão no particípio ou na terceira pessoa, a autoria parece ficar em segundo plano, uma vez que é mencionado apenas que algo foi *dito*, *declarado*, *mencionado* em algum momento do texto, como em (103) e (105). Nesses casos, é possível entender que o mais importante é o conteúdo ou o próprio fato de determinado assunto já ter sido abordado no texto, enquanto que os verbos na primeira pessoa apontam tanto para o conteúdo ou o fato de ele ter sido abordado quanto quem o fez.

O uso da construção *atrás* nos documentos do século XX carrega uma noção temporal ainda mais expressiva do que nos exemplos dos séculos anteriores por serem documentos orais. Desta maneira, os falantes estabelecem uma orientação para o texto em três partes: algo que foi dito antes, algo que está sendo dito no momento da enunciação e algo que ainda será dito, o que remete ao sentido *temporal* do uso da construção, principalmente porque o texto falado é um texto que se dá no tempo.

Por isso, os dados do século XX ocorrem muitas vezes com a expressão *voltar atrás*, como temos no exemplo (108). Diferente dos exemplos dos séculos anteriores, o uso da construção *atrás* tinha o objetivo de confirmação sobre algo já ter sido mencionado no texto. Seu uso nos exemplos dos séculos XX e XXI implica, muitas vezes, em uma ação, ou seja, o que está sendo dito no momento é deixando em *stand-by* para que o falante diga novamente aquilo que já foi dito ou volte àquele tópico discursivo que ficou suspenso.

Os exemplos (109) a (111) foram três dos poucos encontrados com o sentido em questão, ocorrendo principalmente em textos sobre livros, como é caso dos exemplos (110) e (111), enquanto o exemplo (109) foi encontrado com maior dificuldade. A ausência aparente de tal sentido nos documentos atuais pode ser atribuída, principalmente, pela curta extensão das notícias, não justificando a divisão do texto escrito em uma parte traseira e uma parte dianteira. Nesses casos, o que se vê são os chamados hipertextos ou *links* para outros textos relacionados ao tema. Ainda em relação ao exemplo (109), identifica-se o uso do item *lá* utilizado, principalmente, para expressar situações espaciais, descrevendo, na maioria das vezes pontos distantes ou desconhecidos no espaço, o seu uso para estabelecer uma localização textual pode

expressar o mesmo sentido, sendo possível compreendermos que os textos muito distantes no tempo e no espaço quando comparados ao texto produzido no momento.

No exemplo (109), *atrás* faz menção a textos anteriores, publicados em algum momento do passado, e não a um lugar ou momento anterior do mesmo texto. Por outras palavras, a FIGURA não está *atrás* de nenhum texto específico, mas sim dentro de pastas onde os textos publicados anteriormente são armazenados, não correspondendo ao espaço físico prototípico do item *trás* e demais construções, o mesmo pode ser entendido nos exemplos (109) e (110).

Observemos o exemplo (112) a seguir, semelhante ao exemplo (109):

(112) [16 Nar Pinto, F. M. (1510) CTB] E despedindome delle cõ muyta sobegidão de hõras, como sempre me fizera, mostrando ser de suaparte muyto fixa esta noua amizade ~q tomara com nosco, me vim embarcar, acompanhado do mesmo Aquarem Dabolay seu cunhado, que fora por Embaixadora Malaca, como **atras** ja fica dito.

No exemplo (112) o que temos é o uso do item *já*, dessa vez, não um item utilizado para expressar situações espaciais, mas sim temporais, o que demonstra, mais uma vez, a compreensão do texto a partir do domínio temporal.

Embora os dados que expressam espaço no texto não ocorram com tanta frequência em *sites* de notícias e redes sociais, é importante ressaltar que isso não significa que o seu uso tenha sido desativado; é provável que o seu uso tenha permanecido em textos mais longos, como é o caso dos documentos do século XVI, e em textos orais, semelhantes aos documentos do século XX, sendo possível apenas levantar a hipótese de que talvez o seu uso tenha diminuído, favorecendo o uso de itens como *antes* e *depois*. Mais pesquisas são necessárias sobre esse uso com todos os possíveis itens linguísticos ao longo da história do português.

Antes de entendermos melhor como essa metáfora atua, observemos as únicas duas outras construções e ocorrências que foram documentadas para tal uso:

Detrás:

(113) [16 Sum Lombardo (2015) PHPP] Toda via me pareceo q~ pera o procedimento desta historia de ver de ser | milhorm entendida era couza necessaria começar este discurso **hu~ pouco| mais de tras**, tratando nelle da origen da quella guerra, e causa porq~ pro- | cedeu o grande incendio q~ com tam raro movimento a Berberia perturbou.

Pra trás:

(114) [20, RJ, DID, 0259, NURC] D: Um pouco **pra trás da** nossa entrevista a senhora falou em teatro de revista. Alguma vez a senhora chegou a assistir uma peça de teatro?

No exemplo (113) o discurso é compreendido como um caminho, de forma que é possível enxergar de maneira clara o EI de ORIGEM-CAMINHO-DESTINO, no qual podemos compreender o discurso concluído como o destino, ou seja, é possível entender *começar este discurso um pouco mais detrás* como um começar o discurso em um ponto anterior ao ponto de origem, e todo o discurso, do início ao fim até a sua conclusão como o caminho. Essa não é a única ocorrência em que esse esquema pode ser reconhecido; na realidade, podemos reconhecê-lo em todo o uso de *atrás* com o sentido textual.

No exemplo (114) é atribuída à entrevista uma orientação frente-trás, assim como nos exemplos dos séculos anteriores. O que difere esse exemplo dos demais é a construção *pra trás* que, até aqui, só ocorreu com o sentido prototípico espacial. Nesse exemplo podemos entender que o objetivo do documentador é retomar um tópico discursivo já tratado antes na entrevista. Tanto em (113) quanto em (114) as construções em uso podem ser substituídas pela construção *atrás*, sem prejuízo visível de sentido.

Quando concebemos o texto como uma viagem no tempo e no espaço, podemos atribuir ao texto as mesmas características que atribuímos ao espaço, ou seja, o texto, como dito anteriormente, se dá na dimensão temporal, o que significa que ele é iniciado em um momento específico no tempo, tem uma duração e é concluído em determinado momento no tempo. No texto falado essa relação temporal é mais claramente identificada, uma vez que a produção do texto falado se faz no aqui e agora; no texto escrito a relação temporal não é somente vivenciada por quem escreve, mas também por quem lê determinado texto e percorre os mesmos momentos ou espaços do texto durante a leitura.

Ao fazer uso da metáfora O TEXTO É UMA VIAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO, estamos utilizando, então, as propriedades do domínio fonte de tempo e, conseqüentemente, do domínio fonte de espaço, uma vez que o tempo é concebido em termos espaciais. Esse uso metafórico é ainda resultado da transposição do EI ORIGEM – CAMINHO – DESTINO, como busco representar no esquema a seguir:

**Esquema 5: Transposição do EI: ORIGEM- CAMINHO – DESTINO para a metáfora: O TEXTO
É UMA VIAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO**



Assim, a origem do movimento no EI é mesmo que dizermos o início do texto, enquanto que o caminho é o texto propriamente dito, e o destino pode ser compreendido como o objeto-texto já concluído, como é possível observar nos exemplos já apresentados até o momento.

Essa é uma das formas em que o texto é concebido a partir das construções com *trás*, mais precisamente com *atrás*, mas o texto pode ainda ser concebido como um objeto dotado de orientações frontais e traseiras, como demonstram os exemplos (103) a (107) e (110). No entanto, o local preciso das partes frontal e traseira do texto pode divergir de texto para texto.

Imaginemos um livro ou mesmo um texto de várias páginas (impressas)⁸⁷; aquilo que se encontra *atrás* no texto pode se referir a algo nas páginas anteriores, demonstrando também uma dimensão espacial propriamente dita com as *páginas atrás* daquela onde a construção ocorre. Porém, quando imaginamos um texto, por exemplo, de uma única página com uma referência a algo dito anteriormente no texto, esse “algo dito anteriormente” não se encontra nas páginas detrás do texto, no espaço físico real, mas numa localização acima do uso da construção, o que remete ao eixo vertical, não mais ao eixo transversal.

O quadro 25 a seguir demonstra o uso das construções com o item *trás* ao longo dos séculos para a metáfora O TEXTO É UMA VIAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO:

Quadro 25. As construções com o item *trás* nos séculos XVI ao XXI: O TEXTO É UMA VIAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO

	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	XXI
Atrás (de)	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Detrás (de)	✓	✗	✗	✗	✗	✗
Por trás (de)	✗	✗	✗	✗	✗	✗
Por detrás (de)	✗	✗	✗	✗	✗	✗
Para trás	✗	✗	✗	✗	✓	✓

⁸⁷ Isso vale para textos impressos; o mesmo não ocorre em textos digitais, principalmente para textos lidos em computadores, pois o conteúdo a que *atrás* pode se referir, nesses textos, está, muitas vezes, localizado numa parte superior ao local em que a construção ocorre. Isso também depende das configurações de escrita e leitura de um determinado leitor/escritor.

O quadro 25 ilustra aquilo que já foi dito no início desta seção, para o uso metafórico em questão: a construção mais documentada foi *atrás*, ao passo que *detrás* e *pra trás* foram documentadas com apenas uma ocorrência. Isso nos leva ao seguinte questionamento: a metáfora O TEXTO É UMA VIAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO com as construções com o item *trás* só é possível no PB atual com *atrás* e *pra trás*?

Em uma tentativa de responder a esta pergunta, apresento alguns testes⁸⁸ a partir do exemplo (110) do século XXI, o mais semelhante às ocorrências dos séculos anteriores, fazendo a substituição da construção *atrás* pelas demais:

Ocorrência original:

[21 PI Books Google 2018] Entre eles, a representante baiana Lourdinha Santos Heimer, que em 1955 exercera forte influência ideológica em mim, **como narrei atrás.**

Testes:

(Teste 1) Entre eles, a representante baiana Lourdinha Santos Heimer, que em 1955 exercera forte influência ideológica em mim, **como narrei detrás.**

(Teste 2) Entre eles, a representante baiana Lourdinha Santos Heimer, que em 1955 exercera forte influência ideológica em mim, **como narrei por trás.**

(Teste 3) Entre eles, a representante baiana Lourdinha Santos Heimer, que em 1955 exercera forte influência ideológica em mim, **como narrei por detrás.**

(Teste 4) Entre eles, a representante baiana Lourdinha Santos Heimer, que em 1955 exercera forte influência ideológica em mim, **como narrei para trás.**

No teste 1 é possível perceber certo estranhamento com o uso de *detrás* e uma pergunta quase que automática de “*detrás do que?*”. O mesmo não ocorre com *atrás*: embora não seja acompanhado da preposição *de*, o leitor consegue compreender que a construção faz referência a um momento anterior do texto. Mesmo que completemos a frase com “como narrei detrás do texto” essa estranheza é mantida, demonstrando que esse uso de *detrás* para o sentido em questão não é possível; o mesmo acontece com os testes 3 e 4 para as construções *por detrás* e *para trás*.

Já no teste 2 com a construção *por trás*, o que ocorre é uma mudança de sentido, pois “*como narrei por trás*” carrega uma noção de algo narrado às escondidas, um dos usos metafóricos encontrados para essa construção, do que trato mais adiante neste capítulo, sendo a estranheza agora causada pelo verbo *narrar* e não pelo uso da construção em si, o que leva a crer que a construção *por trás (de)* não expressa *espaço*

⁸⁸ Faço os testes pela simples razão de ocorrências reais de uso não terem sido encontradas.

no texto, uma vez que o seu uso implica no sentido metafórico, descrito em 3.8, de SER RESPONSÁVEL POR ALGO É ESTAR POR TRÁS.

Ao fazermos os mesmos testes com o exemplo (111) obtemos os seguintes resultados:

Ocorrência original:

[21 PI Books Google 2015] Devo **voltar um pouco atrás**, onde parei; depois de lograr convencer-me, como narrei, o irmão mais velho dedicou-se à tarefa de convencer a mãe.

(Teste 5) *Devo **voltar um pouco detrás**, onde parei; depois de lograr convencer-me, como narrei, o irmão mais velho dedicou-se à tarefa de convencer a mãe.

(Teste 6) *Devo **voltar um pouco por trás**, onde parei; depois de lograr convencer-me, como narrei, o irmão mais velho dedicou-se à tarefa de convencer a mãe.

(Teste 7) *Devo **voltar um pouco por detrás**, onde parei; depois de lograr convencer-me, como narrei, o irmão mais velho dedicou-se à tarefa de convencer a mãe

(Teste 8) Devo **voltar um pouco para atrás**, onde parei; depois de lograr convencer-me, como narrei, o irmão mais velho dedicou-se à tarefa de convencer a mãe

Muito semelhante aos outros testes para o exemplo (110), os testes 5 a 7 acima demonstram usos não possíveis para as construções *detrás* e *por detrás*. A diferença entre esses testes e os apresentados em 1 a 4 está no uso de *por trás* que, assim como as construções *detrás* e *por detrás*, causa certa estranheza ou até mesmo incompreensão. Dito de outra forma, o teste 6 não acarreta mudança de sentido como se vê para o teste 2. Outra diferença está no teste 8 em que a construção *para trás* é possível, em princípio, sem prejuízo ou mudança de sentido.

Em vista do que foi exposto nesta seção a respeito da metáfora O TEXTO É UMA VIAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO, é possível concluir que:

- (i) Tal metáfora ocorre quase que exclusivamente com a construção *atrás*⁸⁹, sendo poucos os casos com o uso de *para trás*.
- (ii) Boa parte dos casos atestados ocorre com o verbo *voltar* e verbos *dicendi* (*narrar, contar, dizer* etc.).

⁸⁹ O uso quase categórico de *atrás*, assim como o uso de *pra trás* em determinados contextos linguísticos e a impossibilidade do uso das demais construções para o sentido, levanta a questão sobre a maneira como o item à esquerda de *trás* atua em cada um dos sentidos e de que maneira eles influenciam nos usos metafóricos identificados para cada construção. Mais pesquisas são necessárias para poder responder a essa questão.

- (iii) A construção *por trás*, quando utilizada nas mesmas sentenças que *atrás*, pode provocar uma mudança de sentido, mais precisamente na metáfora SER RESPONSÁVEL POR ALGO É ESTAR POR TRÁS, descrita em 3.8.
- (iv) Com o uso da construção *atrás* é possível compreender duas situações espaciais/temporais dentro do texto: a primeira é o texto como objeto estático a que são atribuídas orientações frontais e traseiras. e a outra é o texto como um objetivo em movimento que percorre um caminho no tempo e no espaço até a sua conclusão, a partir do EI de ORIGEM-CAMINHO – DESTINO.
- (v) Mesmo tendo o seu uso presente em todos os séculos, a metáfora não foi documentada por nenhum dos autores dos dicionários compilados no início deste capítulo.
- (vi) Além do uso da construção *atrás*, a metáfora é ainda enfatizada com o uso de itens como *lá* e *já* identificados em muitas ocorrências, no caso do item *lá*, como no exemplo (109), “*como disse lá atrás*” e em (112), “*como atrás já fica dito*”, a compreensão do texto como uma viagem no espaço é reforçada, enquanto que com o uso de *já*, é a compreensão do texto como uma viagem no tempo que é destacada. Para compreendermos possíveis diferenças de sentido atestadas em expressões com e sem esses elementos (*lá* e *já*), serão necessárias pesquisas mais aprofundadas.
- (vii) Ao contrário do que propõe Batoréo (2000), no PB se vêem construções com *trás* (e outras formas não estudadas aqui) a partir do modelo dinâmico, em que o texto é concebido como um processo (ou *produção*, nos termos da autora).

A concepção do texto, seja ele falado ou escrito, consiste da transposição de EI, mais precisamente do EI FRENTE-TRÁS e do ORIGEM-CAMINHO-DESTINO, como demonstrei nesta seção. O fato de tal uso metafórico ocorrer em todos os séculos estudados demonstra uma necessidade que os falantes da língua têm de dividir e orientar o objeto-texto a partir da localização das coisas no espaço e no tempo. Uma das maneiras em que isso é feito é a partir do uso de *atrás* e, dadas as condições necessárias, de *pra trás*.

O uso metafórico que abordo na seção a seguir também constitui uma transposição do EI de ORIGEM-CAMINHO-DESTINO e de outros esquemas, em que as construções com o item *trás* constituem a metáfora IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS.

3.4 Transposição de Esquemas Imagéticos: IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS

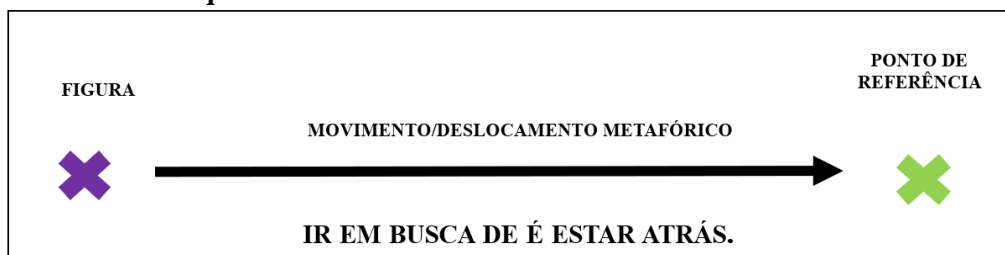
Uma das definições encontradas no *Dicionário Aulete Digital* (2007) para a construção *atrás (de)* é *à procura de, em busca de*. Tal sentido, identificado por Tyler; Evans (2003) apenas para o item *after* na língua inglesa e não para o item *behind*, também foi reconhecido nas ocorrências com o sentido prototípico de espaço /posterior/ para o item *trás* e para a construção *atrás (de)*, mais precisamente, dentro do esquema do alinhamento *in tandem*, como vimos na seção 3.1 deste capítulo.

Conforme exposto no capítulo 2, o esquema do alinhamento *in tandem* se dá quando a FIGURA e o PR, que geralmente possuem orientação intrínseca, são localizados um *atrás* do outro em uma espécie de fila a partir do olhar de um observador ou pelo próprio campo visual de cada um dos elementos envolvidos. Esse esquema é comum em situações que descrevem corridas e filas, assim como outros alinhamentos semelhantes. Quando pensamos nesse esquema em relação ao sentido de busca, temos em cena uma FIGURA que se movimenta, não somente no mesmo sentido que o PR, mas tem esse PR como objetivo, assim a FIGURA se desloca no espaço em busca do PR.

Ao enxergarmos então esse deslocamento da FIGURA em direção ao PR, estamos falando também do EI ORIGEM-CAMINHO-DESTINO. Assim como os demais EI, esta parte da nossa experiência corpórea do movimento, pois quando nos movimentamos no espaço, nos movimentamos a partir de um ponto inicial, ou seja, a ORIGEM do nosso movimento, e nos movimentamos em direção a um ponto no espaço específico, o DESTINO; entre esses dois pontos há uma sequência de locais ou pontos no espaço, que forma o CAMINHO. Podemos compreender o sentido de *ir em busca de* da mesma maneira, ao compreendermos aquilo que buscamos como o nosso destino, como o nosso objetivo final e que para alcançá-lo é preciso percorrer um caminho.

Diante disso, pode-se perguntar qual a diferença entre o uso das construções com o item *trás* com o sentido de busca no espaço físico, já identificado na seção 3.1, e os usos que serão analisados aqui? Na seção 3.1 foram analisadas situações em que a busca da FIGURA pelo PR ocorreu em um espaço físico, onde a FIGURA e o PR se deslocam no espaço propriamente dito; as situações descritas nesta seção não expressam um deslocamento no espaço físico real, mas sim uma busca que se dá num espaço metafórico, assim como um deslocamento metafórico nesse espaço, em busca de um objetivo ou ainda de um destino final, que muitas vezes é abstrato. Para que o sentido expresso pela metáfora fique mais claro, observemos o esquema a seguir:

Esquema 6. A metáfora IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS



Muito semelhante ao EI ORIGEM-CAMINHO-DESTINO colocado no capítulo 2, o esquema acima atenta para a existência de uma FIGURA que está em busca de algo, de forma que o *x* em roxo representa o momento em que essa busca é iniciada, enquanto o *x* em verde representa o PR, o alvo da busca. No esquema 6, vemos que a FIGURA está localizada à esquerda enquanto o PR está à direita, ou seja, na metáfora IR EM BUSCA É ESTAR ATRÁS, a FIGURA é localizada atrás do PR, sendo essa localização estritamente metafórica criada pelo uso da construção *atrás*, o que não significa que o alvo dessa busca e a FIGURA realmente encontram-se posicionados nestes pontos. Ainda, reconhece-se que entre os dois há uma distância, um caminho a ser percorrido, expresso principalmente, pelos verbos que acompanham a construção, que é percorrido metaforicamente, como se observa nos exemplos a seguir:

(115) [16 Nar Sousa, F. (1556) CTB] E daqui nace haver hoje tão poucos pais que se gabem de filhos amigos e obedientes; porque como todo seu intento foi fundado em lhes negociar pão temporal, com menos providência do espiritual, é permissão divina que paguem o erro com receberem deles temporalmente muita desconolação. Não se fez assi com Bertolameu. Logo foi mandado ao estudo. E logo mostrou quanto importa **correr atrás** a boa inclinação.

(116) [19 CL Barbosa; Lopes (2006) PHPB] Você sabe de meu desinteresse pela causa propria; do meu amor pelos meus | patricios, e por minha patria por quem me tenho sacrificado sempre: não **cor-** | **rerei atrás** de uma quimera; a Independencia, a Constituição, e a Integri- | dade do Imperio do Brasil; são os bens a que aspiro e que lhe lembro são os unicos que devem interessar aos | Brasileiros:

(117) [20 CL Coelho (2011c) PHPB] No final, deu a lógica: Blumenau e Join-ville nos primeiros lugares. Esta mesmice de | ano a ano faz pensar que **correr atrás** do resul-tado, chegar ao pódio, rir o riso solto da vitória | é coisa de “alemão”! Será?

(118) [21 N G1 01.01.2020] Jovem de Suzano que andava cinco horas por dia para estudar inglês fala sobre intercâmbio: 'Tenho menos receio de **correr atrás** do que desejo'

Os exemplos de (115) a (118) correspondem às ocorrências encontradas em que o item *trás* e a construção *atrás (de)* apresentam o sentido de *ir em busca de*, documentado apenas nos séculos XVI, XIX, XX e XXI.

No exemplo (115), único com o sentido em questão encontrado nos documentos do século XVI, o item *trás* é utilizado com o sentido de busca, compreendida como um objetivo que é abstrato, *a boa inclinação*. Podemos imaginar, nesse exemplo, assim como nos demais, um deslocamento metafórico em direção a essa boa inclinação que se encontra em um ponto *à frente* de quem a deseja, de forma que para alcançá-la é preciso movimentar-se rapidamente em sua direção.

Nos séculos seguintes o sentido não é mais expresso pelo item *trás*, como abordado na seção 3.1, documentado até o século XVI. Assim, como já esperado, nos séculos seguintes identifica-se o uso da construção *atrás (de)*, como é o caso dos exemplos de (116) a (118), para expressar o mesmo sentido. Nesses exemplos, o conceito representado pelo PR que é alvo da busca/desejo é empregado abstratamente: em (116) busca-se uma *quimera*, em (117) *resultados* positivos em uma competição e em (118) são os *desejos* do jovem de Suzano.

A busca por um PR, seja ele compreendido como algo abstrato ou não, a partir da metáfora IR EM BUSCA É ESTAR ATRÁS, envolve a conceptualização desse ato (ir em busca de, de procurar e ainda de conquistar) a partir da construção *atrás (de)*, ou seja, estamos fazendo uso do domínio espacial de *atrás (de)*, mais precisamente de *ir atrás de*, como domínio fonte para que consigamos entender o domínio alvo, o ato de buscar. Da mesma forma, há também um deslocamento metafórico presente no verbo *correr*, em que se expressa também o modo desse movimento, rapidamente, implicando também a ânsia por alcançar o objetivo desejado.

Vejamos os exemplos com a construção *atrás (de)* com outros verbos além de *correr*:

(119) [20, RJ, DID, 0042, NURC] LOC. - Apenas o sabão de coco pra roupa, um sabão que seja, mas n... de num modo geral, nunca **vou atrás** dos anúncios e como está mudando todo dia nem nada não.

(120) [20, RJ, DID, 0128, NURC] L: Se bem que o da baleia não deve ser mal feito, ela deve ter alguma conveniência naquilo que eu não sei. Mas a sereia que você falou é a única coisa que está me faltando ver, viu? Metade peixe, metade mulher, canta, isso eu não vi. Essa eu **vivo atrás** de ver, mas não aparece.

(121) [21 N G1 24.01.2020] Idosos e pessoas com deficiência precisam **ir atrás** dos direitos na hora de estacionar

- (122) [21 N G1 28.11.2019] Administrador de empresas dá dicas para quem **está atrás** de emprego
- (123) [21 N G1 30.12.2019] Motoristas **vão** até o Detran **atrás** de documentos que estão atrasados
- (124) [21 N G1 13.01.2020] PRF **fiscaliza** estradas **atrás** de cargas ilegais.

Todos os exemplos acima são dos séculos XX e XXI, e especificamente os textos do século XXI apresentam um uso muito recorrente dessa metáfora, de forma que os exemplos foram encontrados facilmente.

Todas as ocorrências de (115) a (118) colocam como PR entidades ou conceitos abstratos, assim como o exemplo (121) acima. Nos demais casos, temos eventos (*empregos, ver sereias*) e objetos físicos, concretos (*anúncios* [que podem ser lidos ou vistos], *documentos* e *cargas*) como PR⁹⁰. Vejamos esses exemplos esquematizados quanto ao verbo⁹¹ utilizado e o objeto procurado no quadro 26 abaixo.

Quadro 26. Esquematização das ocorrências (119) a (124) metáfora: IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS

	FIGURA	Como a busca é feita	PONTO DE REFERÊNCIA
(119)	eu	nunca vou atrás de	os anúncios de sabão em pó
(120)	eu	vivo atrás de	ver sereias
(121)	idosos e pessoas com deficiência	ir atrás de	os direitos para estacionar
(122)	quem	está atrás de	empregos
(123)	motoristas	vão até o Detran atrás de	documentos atrasados
(124)	PRF	fiscaliza estradas atrás de	cargas ilegais

Quanto à FIGURA, assim como nos exemplos (115) a (118), é expressa por seres humanos, ou seja, seres capazes de se movimentarem no espaço e com orientação intrínseca no eixo frente-trás. Sendo o PR expresso por conceitos abstratos e eventos e objetos físicos, podem ser fisicamente ou mentalmente alcançados.

Como é possível observar pelo quadro, o sentido de *ir em busca de* com a construção *atrás (de)* foi documentada com os verbos *ir, viver, estar* e *fiscalizar*. Observando os exemplos mais atentamente é possível notar que:

⁹⁰ Ao utilizar os termos abstrato ou concreto/físico, busco reconhecer que as expressões que compõem o PR na metáfora aqui discutida podem ter um emprego abstrato ou físico, a depender do contexto em que são usados. Embora seja difícil reconhecer tal distinção, ela é feita ao longo desta seção com o objetivo de reconhecer que a metáfora IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS DE pode expressar uma busca por conceitos abstratos, que são alcançados metaforicamente, como *a químera*, em (116) e fisicamente, como os *documentos* em (123).

⁹¹ É importante lembrar que não é objetivo desta dissertação tratar dos aspectos morfológicos e sintáticos no uso de cada um dos verbos nas ocorrências aqui descritas, mas sim compreender se há ou não alteração no sentido da metáfora em cada um dos usos.

- (i) Os exemplos de (119) a (124) não somente descrevem situações de busca, mas é possível pressupor que o objetivo dessas buscas seja de difícil alcance, como, por exemplo, em (120), em que o locutor descreve a dificuldade em ver sereias, já tendo visto baleias. Nesse exemplo o uso do verbo *viver* dá ideia de uma busca constante e incessante, semelhante à situação descrita em (119), ainda que na negação.
- (ii) Em (123) e (124) é possível reconhecer um deslocamento no espaço físico; em (123) esse deslocamento é feito pelos motoristas até o Detran (ponto final do trajeto e também conceptualizado como container), o que demonstra que, para ficar mais próximo dos “documentos atrasados”, é preciso se dirigir ao local onde eles estão. A construção *atrás de*, nesse caso, representa, antes de tudo, a finalidade ou objetivo do percurso, algo como *ir até o Detran para encontrar documentos atrasados*. Em (124) temos a PRF inserida no espaço físico da estrada que a fiscaliza com o objetivo de procurar cargas ilegais. Mesmo que nos exemplos ocorra esse deslocamento real no espaço, não significa que não estejamos lidando com um sentido metafórico, uma vez que o elemento dessa busca não se encontra fisicamente nesse espaço à frente de quem busca.

A metáfora IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS, sendo essa busca realizada, principalmente, por seres humanos, como os exemplos (115) a (124) demonstraram, permite compreender o ato de buscar da seguinte maneira:

- (a) O objeto da nossa busca, aquilo que desejamos encontrar ou conquistar, encontra-se ao alcance de nossos olhos, ou seja, encontra-se *à nossa frente*, de forma que estamos localizados em um ponto *atrás* desse objeto, o que torna possível que o enxerguemos, mesmo que metaforicamente. Essa configuração se dá sobretudo pelo alinhamento do tipo *in tandem* entre FIGURA e PR.
- (b) Em muitos casos essa busca acarreta certo esforço, como demonstraram os exemplos, o que parece aumentar a distância entre quem procura, a FIGURA, e o elemento procurado, o PR.
- (c) Nem sempre é possível determinar se estamos lidando com um objeto a ser conquistado em movimento ou não, sendo possível determinar apenas que quem está à sua procura necessita se deslocar dentro desse espaço metafórico para alcançar o elemento de seu desejo.

(d) Mesmo quando situações mais próximas do mundo físico são atestadas, como em (123) e (124), a FIGURA não está propriamente no espaço /posterior/ demarcado pela construção *atrás (de)*, podendo sim estar em um espaço físico, como é o caso desses exemplos, mas não na mesma orientação espacial descrita pela frase. E paralelamente ao fato de estarem as entidades fisicamente numa cena espacial (como os motoristas e os documentos), tem-se evidenciada também a finalidade a ser alcançada.

Até o momento lidei com ocorrências em que a construção *atrás (de)* relaciona um ser humano em busca de algo; mas seria possível que outros seres ou objetos no mundo fossem o agente dessa busca? Vejamos o exemplo (125) a seguir:

(125) [21 RS Instagram TV Cultura João Carlos Martins 22.11.2020] Você sempre tem que correr **atrás dos** seus sonhos, até o dia que os seus sonhos vão correr **atrás de** você.

No exemplo (125) vemos uma inversão de papéis: os sonhos deixam de ser o elemento buscado, para ser quem busca, cumprindo o papel de FIGURA e não mais de PR, demonstrando uma antropomorfização da noção de *sonho*, ou seja, atribuindo a ele características humanas, de forma que ele também possa participar da metáfora como FIGURA. Esse exemplo demonstra uma possibilidade da construção da metáfora por uma FIGURA não humana, embora esse não seja um exemplo muito comum mesmo nos dados do século XXI. Pode-se afirmar que esse tipo de inversão é característica da linguagem literária.

O uso da construção *atrás (de)* com o sentido de *ir em busca de* ainda gera novas elaborações, expandindo a experiência com o domínio-fonte e outros sentidos para a mesma metáfora, mas em contextos específicos como é o caso dos exemplos (126) e (127):

(126) [21 RS Google Imagens Julho, 2018] Cansei de **correr atrás de** quem não presta. Agora vou de bicicleta.

(127) [21 RS Google Imagens Julho, 2018] Ela não **corre atrás** nem de ônibus, vai **correr atrás de** homem? Ela dá sinal, meu amigo, se não parar ela pega outro.

No exemplo (126) a expressão *correr atrás* é usada em seu sentido não-metafórico e prototípico, ou seja, é a FIGURA que se desloca em direção ao PR, quem não presta, em que é possível reconhecer o EI da ORIGEM-CAMINHO-DESTINO, ou seja, a FIGURA se movimenta em direção ao PR que está à frente. Para causar o efeito de humor

na frase, o ato de correr é substituído pelo *ir de bicicleta*. Podemos compreender tal substituição de forma que a busca aparentemente cansativa por *pessoas que não prestam*, em vez de ser interrompida, é facilitada por meio do uso da bicicleta, o que pode levar a uma busca menos cansativa ou até mesmo mais rápida do que apenas o ato de *correr*.

O esquema do alinhamento *in tandem* pode ser reconhecido nos dois exemplos. Em (127), *correr atrás* tem o seu sentido metafórico deixado em segundo plano para que o sentido prototípico espacial assuma, de forma que a FIGURA se recusa a se deslocar, em direção ao PR, ônibus, que provavelmente também está em movimento. Assim, FIGURA e PR estão enfileirados e quando se movimentam, identifica-se o EI da ORIGEM-CAMINHO-DESTINO, o primeiro em direção ao segundo. Logo em seguida, *correr atrás* é utilizado em seu sentido de *ir em busca de*, sendo os homens o alvo dessa busca. Eles mesmos são agora o alvo de uma nova metáfora, sendo compreendidos como ônibus, de forma que para serem alcançados, ou ainda, para que parem de se movimentar, é preciso fazer sinal.

O que podemos concluir acerca do uso de *trás* e da construção *atrás (de)* para a metáfora IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS pode ser resumido da seguinte forma:

- (i) Assume-se que o sentido metafórico discutido aqui só tenha sido documentado com o item *trás* no século XVI (exemplo 115, *correr atrás*), principalmente, dada a grande possibilidade de ter sido nesse século que o item tenha caído em desuso. Quanto aos demais séculos que não apresentaram o sentido não é possível afirmar que ele só tenha ocorrido do século XIX em diante. Mais pesquisas são necessárias para precisar quando a metáfora pode ser atestada no português. Adicionalmente, a presença ou ausência desse sentido metafórico pode estar relacionada à tipologia textual dos documentos disponíveis nos *corpora* da pesquisa.
- (ii) Reconhece-se que a metáfora IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS também aceita novas elaborações que explorem também o sentido prototípico de *ir atrás (de)*, como os exemplos do século XXI demonstram.
- (iii) Quanto às escolhas dos verbos para o uso metafórico, identifica-se uma preferência por verbos de movimento, como *ir* e *correr* e verbos como *estar* e *viver*. O verbo *viver*, especificamente, parece acarretar uma possível dificuldade ou esforço durante a busca⁹².

⁹² Seria o objetivo de uma nova pesquisa identificar quais são os verbos utilizados na metáfora em questão, assim como definir aqueles que não podem expressar o mesmo sentido, sendo possível ainda

- (iv) A metáfora ocorre a partir da transposição de dois esquemas principais⁹³: o alinhamento *in tandem*, porque envolve uma cena em que FIGURA e PR estão ordenados em fila, de maneira que a FIGURA é posicionada atrás do PR, em uma localização estática metafórica, ainda que temporária, podendo a FIGURA se deslocar em direção ao PR, o que remete ao segundo esquema envolvido nessa metáfora, que é o EI de ORIGEM-CAMINHO-DESTINO. Nesse esquema, a FIGURA ocupa um espaço metafórico atrás do PR, e para que a FIGURA e PR se encontrem em um mesmo ponto metafórico, ou seja, para que o objetivo da busca seja alcançado, é preciso que a FIGURA e PR se desloquem, metaforicamente, nesse caminho em direção ao destino. Desta maneira, pode-se afirmar que na metáfora IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS os dois esquemas atuam de forma quase simultânea.
- (v) A FIGURA é geralmente composta por seres humanos, como demonstraram os dados encontrados. Quando são compostas por outros elementos, eles recebem características humanizadas para que possam realizar o ato, mesmo que metafórico, de ir em busca de.
- (vi) O elemento que é procurado, que é alvo dessa busca, pode ser representado por elementos compreendidos abstratamente, ou seja, que não podem ser alcançados fisicamente, e por elementos passíveis de serem alcançadas no mundo físico, não ficando claro, em muitas das ocorrências, se esse elemento também realiza um deslocamento metafórico ou não.

Nesta seção foi discutido de que maneira os esquemas do alinhamento *in tandem* e de ORIGEM-CAMINHO-DESTINO atuam na metáfora IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS. Na próxima seção apresento mais um dos usos metafóricos identificados para o item *trás* e demais construções, a metáfora ESTAR ATRÁS É RUIM, que também tem como base o esquema do alinhamento *in tandem*, mais precisamente o sentido de prioridade (cf. Tyler; Evans 2003).

identificar quais outros itens atuam na construção da metáfora e em outros sentidos a ela relacionados. Além disso, o verbo *viver* atua em perífrases como *vivo fazendo*, *ele vive cansado* codificadoras de aspecto (cf. Fernandes 2012).

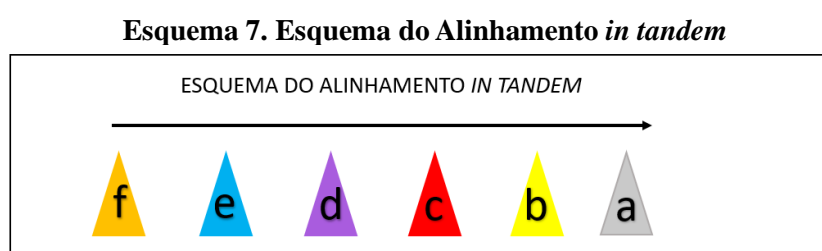
⁹³ A distinção entre os dois esquemas acaba sendo muito sutil, uma vez que compreendemos ordenações em filas, como no caso do alinhamento *in tandem*, estamos lidando com a possibilidade movimento no espaço em direção à um destino, como por exemplo, a fila do pão, o destino é o pão propriamente dito, de maneira que as pessoas se movimentam em direção à esse destino, mesmo que essa movimentação não seja constante. Foi a mantida a distinção dos dois EIs tendo como base uma situação já claramente em movimento para o ei origem-caminho-destino e para uma situação aparentemente estática, mas que pode se deslocar em algum momento, o esquema do alinhamento *in tandem*.

3.5 Transposição de Esquemas Imagéticos: RUIM É ESTAR ATRÁS

No Quadro 8 no início do presente capítulo, constam algumas expressões com *atrás* em sentido figurado (nos termos dos autores). Especificamente, *ficar atrás* e *deixar atrás*, expressões essas relacionadas à metáfora de que trato nesta seção.

A expressão *ficar atrás* é definida por Bluteau (1712-1728) e Aulete Digital (2007) com o sentido de *não ser igual e saber, dizer, fazer menos ou pior que outrem*, respectivamente. *Deixar atrás*, por sua vez, é colocada pelos dois dicionários e também por Silva (1789) significando *vencer, sobrepujar, ser superior a alguém em alguma coisa, aventajar-se, suplantar, exceder*.

Antes de apresentar os exemplos em que esta metáfora ocorre, é preciso observar a sua relação com o esquema do alinhamento *in tandem* reconhecido para os dados com o sentido prototípico de espaço /posterior/. Imaginemos uma fila, como num supermercado, num banco ou mesmo uma fila de veículos em rua congestionada, situações que podem ser representadas conforme o esquema 7 abaixo:



Nesse esquema temos 6 elementos dispostos numa fila, sendo *a* o primeiro e *f* o último; a seta preta indica a fila se movimentando da esquerda para direita. Pensando nas situações mencionadas acima, fica claro que *a* está em uma posição privilegiada, de maior prioridade e vantagem que *b*, e *b* mais do que *c* e assim até *f*, de forma que o elemento que está *atrás* na fila está em uma posição de menor vantagem quando comparado com o elemento que está *à frente*, ou seja, quem está à frente será atendido antes ou chegará primeiro em seu destino. Decorre dessa concepção a metáfora RUIM É ESTAR ATRÁS e, conseqüentemente, BOM É ESTAR À FRENTE, numa situação espacial e temporal.

E quando o sentido expresso não é o de uma situação espacial ou temporal? É possível que elementos sejam alinhados em um fila em que estar à frente é bom e estar *atrás* é ruim? Vejamos os exemplos a seguir:

(128) [16 Nar Brandão, A. (1584) CTB] Com quanta | mais razão hoje em que se tem feito tão notaveis acrecentamentos na Coroa deste | Reyno, se lhe deve lugar superior a Aragão | & Napoles, Reynos que lhe **ficarão atrás** | em sua menor fortuna.

(129) [18 CP M. Alorna (1750) CTB] Carta a Napoleão, escrita de Inglaterra (Tradução do francês) | Apenas vos falta um género de glória, e, depois de ter percorrido a carreira de Augusto, tenho dúvidas sôbre se a vossa alma se sujeita a **ficar atrás** dele, no que toca à generosidade. Tenho sido vossa inimiga até o presente - confesso-vo-lo.

(130) [19 Mem M. da Fronteira e d'Alorna (1805) CTB] Accreditava na Muita nobreza e fortuna de sua mulher, tendo ella a habilidade de lhe fazer crer que tinha trazido consigo avultada somma de onças e que, por diferentes vezes no anno, lhe remetiam de Hespanha grossas rendas das suas propriedades, com o que fazia face ás suas grandes despezas, que consistiam em presentes e esmolos, porque era excepcionalmente generosa e bemfazeja, e para si nada precisava, porque, como já disse, o Senhor de Murça era faustoso e **não ficava atrás** de sua esposa, no que dizia respeito a serviço de casa e toilette.

(131) [20 CR Martins; Costa (2011f) PHPB] O| calor está brado. Os refri-|gerantes e os sorvetes têm| maior saída, não **ficando atrás** as injeções anti-gri-|pais, pois os resfriados as-|solam, igualmente. [espaço] |[espaço] E para aumentar o sofri-|mento de muitos, o Sanea-|mento ainda não regulari-|zou,

(132) [21 N G1 06.12.2019] Levantamento da Pollstar, empresa especializada no mercado de shows, mostra que dupla só **ficou atrás** de Elton John e superou Post Malone, Ariana Grande e Guns N' Roses.

Nos exemplos (128) a (132) temos o uso da construção *atrás (de)* expressando o sentido de RUIM É ESTAR ATRÁS. Ao observá-los, vê-se que é criada uma relação comparativa entre um elemento que está *atrás*, sendo por isso inferior, e um elemento que está à frente, sendo este superior ao anterior. Esses elementos são dispostos num alinhamento organizado a partir de um conceito abstrato ou não, em que se fundamenta a comparação.

Em (128), exemplo do século XVI, a comparação é feita entre os reinos de Portugal de um lado e de Aragão e Napoles de outro, em relação à fortuna que cada um possui: Portugal, o PR, está à frente, e os outros dois reinos (FIGURAS), atrás. Já no exemplo (129), do século XVIII, a comparação ocorre entre Augusto e Napoleão quanto ao aspecto generosidade, sendo aquele que fica *atrás* o que apresenta ter esta qualidade em menor grau. Em (130) a comparação é entre o Senhor de Murça e sua esposa quanto

ao serviço de casa e ao *toilette*. Já nos exemplos (131) e (132) a comparação é feita em relação às vendas, respectivamente, de refrigerantes e sorvetes, de um lado, e de injeções antigripais, de outro, e de bilheteria de shows de uma dupla de cantores brasileiros e de Elton John (cantor inglês). Nesse último caso, especificamente, há o alinhamento de vários artistas, dispostos em relação a quem teve a maior bilheteria num determinado momento.

Na comparação expressa nos exemplos de (128) a (132) é possível perceber que ela pode ocorrer com elementos abstratos, como a generosidade e cuidado, ou não abstratos, como as vendas e fortuna, ou seja a metáfora RUI M É ESTAR ATRÁS pode ser “medida” em termos de quantidade, de forma que a maior quantidade também corresponde a uma posição mais privilegiada, à frente dos demais, ou é ainda “medida” em termos subjetivos / qualitativos, como a generosidade e o cuidado que alguém possui, de forma que aquele que apresenta maior quantidade dessas qualidades⁹⁴ também resulta em uma posição mais à frente.

É possível ainda observar que, quando se nega a posição de *ficar atrás*, como é o caso das ocorrências (130) e (131), há uma tentativa de igualar os dois elementos da situação sem colocar nenhum deles em uma posição de maior ou menor prioridade.

Além da construção *atrás (de)* em todos os séculos, exceto no XVII, também foi documentado o uso de *para trás (de)*, nos séculos XX e XXI, como demonstram os exemplos (133) e (134) a seguir:

(133) [20, RJ, DID, 0034, NURC] LOC. - Ó, existe até muitos estudos, né, a esse respeito. Tem até um caso dum, um antropólogo inglês, se não me engano. Ele fez uma experiência acer... Eu ouvi falar que ele criou o filho dele exatamente igual a um macaquinho, não é, e até uma certa idade o macaco estava até na frente da criança, né, toda a, a, toda ... O desenvolvimento motor foi muito mais rápido e tudo, mas por exemplo falar, que é um outro troço, que é um outro dado importantíssimo, já o macaquinho **ficava pra trás**. Macaquinho porque seria o cara, seria o animal mais parecido, né? Sei lá, eh, não estou vendo mais nada assim de ...

(134) [21 N Globo/Valor 26.04.2018] A Rússia deverá efetuar um avanço tecnológico na área de armamento, caso contrário, o país pode **ficar para trás** de seus concorrentes, acredita Vladimir Putin, presidente da Rússia.

⁹⁴ O quesito “maior quantidade de” estar ligado à frente, ao que é bom, deve-se também a outras metáforas, identificadas por Lakoff; Johnson (1980) em outros eixos espaciais, como no eixo cima-baixo presente nas metáforas MORE IS UP e HAPPY IS UP. No sentido aqui analisado, o eixo espacial frente-trás atribui o valor positivo a *frente* e o negativo a *atrás*, analogamente ao eixo vertical em que o que está em cima é positivo, e o que está embaixo é negativo.

O exemplo (133) descreve um experimento, em que o animal *macaco* foi comparado com o filho do antropólogo, de forma que é possível entender que ambos começaram no mesmo ponto de um espaço metafórico, ou seja, tiveram a mesma ORIGEM, uma vez que foram criados da mesma maneira. Com o tempo, o macaco ultrapassou a criança, estando assim, *à frente* dela quanto ao desenvolvimento motor, mas em relação à habilidade de fala, o macaco *ficou pra trás*, já que não apresentou as mesmas habilidades que o menino, ficando esse então *à frente*. Esse exemplo demonstra não só a comparação entre as propriedades da FIGURA em relação ao PR, mas também a mobilidade entre esses pontos metafóricos de *à frente*, superior, para *atrás*, inferior, demonstrando que é possível transitar entre esses elementos a depender do que está sendo comparado. É possível ainda reconhecer a transposição do esquema ORIGEM-CAMINHO-DESTINO, em que a ORIGEM corresponde ao momento inicial da criação da criança e do macaco, o CAMINHO corresponde ao tempo decorrido entre as duas criações, mas o DESTINO pode ser compreendido como sendo dois, o desenvolvimento motor e o desenvolvimento da fala; a posição que macaco e menino ocupam no alinhamento se refere justamente ao fato de ter (ou não) alcançado determinado aspecto esperado, conceptualizado como ponto de chegada de uma trajetória.

Situação semelhante é a descrita em (134) onde a comparação é feita em relação ao avanço tecnológico na área do armamento, entre a Rússia e os demais países concorrentes. Nesse caso, para estar *à frente* significa também a avançar, enquanto que *ficar atrás* corresponde ao retrocesso⁹⁵.

Quando enxergamos a metáfora dessa maneira, podemos entender o esquema do alinhamento *in tandem* não somente como uma fila onde cada elemento envolvido segue uma ordem fixa, mas também podemos enxergá-la como uma corrida, ou seja, os elementos que ocupam o espaço *atrás* podem ultrapassar os que estão *à frente*, evidenciando o sentido de vantagem, prioridade, superioridade de quem está *à frente*, e a conseqüente desvantagem, inferioridade de quem está *atrás*.

Compreendemos, então, que o uso da construção *atrás (de)* insere os elementos de uma situação em um local menos privilegiado, menos favorecido e inferior em relação aos elementos que estão *à sua frente*, expressando a metáfora RUIM É ESTAR

⁹⁵ Falarei a seguir sobre o conceito de atraso vs avanço que a metáfora expressa.

ATRÁS. Até o momento observamos as ocorrências com o verbo *ficar*; vejamos agora o uso da mesma construção com outros verbos⁹⁶:

(135) [20, RJ, DID, 0270, NURC] L (sup.) **Está** muitos furos **atrás do** Brasil, pode crer nisso. Eu acho que essa é que é a grande vantagem do Brasil. Outro dia nós fomos visitados por dois, eh, jornalistas da Nicarágua. Então ele estava me contando da, estava me contando da grande simpatia que tem pelo Brasil, justamente porque no Brasil não existe essa discriminação racial, se comparada com os Estados Unidos.

(136) [21 N G1 11.06.2019] Ford nega **estar atrás** na competição em veículos autônomos.

(137) [21 N Globo/Valor 21.06.2017] **Dar** um passo **para trás** na carreira pode me prejudicar?

Documentados apenas nos séculos XX e XXI, os exemplos (135) e (136), com o uso de *estar + atrás (de)*, demonstram uma situação menos dinâmica do que com o verbo *ficar*, ou seja, nas ocorrências (128) a (134) percebe-se uma espécie de processo ainda a ser estabilizado, ficando as posições *à frente* e *atrás* ainda em aberto, passíveis de mudança, enquanto que em (135) e (136) identificam-se posições de inferioridade mais consolidadas.

Já no exemplo (137) temos o uso da construção *para trás* com o verbo *dar*, na expressão *dar um passo para trás*, cujo esquema subjacente não parece ser o do *alinhamento in tandem*, mas sim o esquema da ORIGEM-CAMINHO-DESTINO. Nesse exemplo é possível identificar ainda a metáfora CARREIRA É JORNADA, ou seja, compreende-se no PB a carreira profissional a partir da noção espacial de deslocamento em direção a um objetivo; assim, ao *dar um passo atrás* estamos retornando para um ponto dessa jornada num espaço metafórico, nos afastando do destino final, do objetivo, o que provoca a pergunta exposta em (137).

Até o momento observamos como as construções *para trás (de)* e *atrás (de)* atuam na metáfora RUIM É ESTAR ATRÁS ao longo dos séculos abordados e a partir dos esquemas da ORIGEM-CAMINHO-DESTINO e do alinhamento *in tandem*. Retomo esse último para descrever mais uma das elaborações desta mesma metáfora.

No esquema 7, logo no início desta seção, demonstrei a representação do esquema do alinhamento *in tandem*. Partindo então desse esquema, imaginemos que *f*, o último da fila, “fure” a fila e se coloque no lugar de *e*, que fica então prejudicado e colocado em uma posição desprezível em relação a *f*. Quando um elemento é

⁹⁶ Vale lembrar novamente que a separação das ocorrências com a construção *atrás (de)* a partir do verbo que a acompanha tem como objetivo observar possíveis alterações de sentido, sem levar em conta o caráter sintático desses usos, por não ser o objetivo desta pesquisa.

forçado a se dirigir a um ponto menos privilegiado na fila, no caso, mais atrás, este elemento é prejudicado. É o que acontece com uma das elaborações semânticas da metáfora RUIM É ESTAR ATRÁS, passando a ter o sentido de SER PREJUDICADO É SER PASSADO PARA TRÁS, como se vê nos exemplos a seguir:

(138) [20, RJ, DID, 0014, NURC] DOC. - (sup.) Você não, não conhece ou você não usa outros nomes pra essa, pra esse tipo de coisas?

LOC. - Esse pessoal que **passa** os outros **pra trás** eu chamo de tram... eu acho que isso é trambique, né?

DOC. - Mas você sabe que, que existem outros nomes pra isso, né? por exemplo um homem que ... Um cara está na porta do banco. Um carinha cheio de gíria. Ele inventa uma história e não sei o quê e acaba conseguindo o dinheiro (sup.)

(139) [20, RJ, DID, 0122, NURC] L (sup.) Butique. E é possível realmente. Mas é o início da coisa porque Ipanema está começando agora. Bom, você ... É outro fenômeno. Você vai na rua do Catete tem uma casa de móveis ao lado da outra, tem dez casas de móveis no lado da outra e você diz: bom, então alguém está, está sendo **passado pra trás**. E não. Casa de móveis uma ao lado da outra e o, o que vendeu uma mesa e não tem, pede emprestado ao, ao turco do lado e vende e as casas, e todas as casas de móveis vendem dinheiro e ficam ricos.

(140) [21 RS Twitter 17.07.2019] As pessoas tem que parar com essa ideia de **passar** os outros **pra trás**, de enganar, de trair, de fazer de idiota, de dizer uma coisa que não é real

(141) [21 N Valor 26.04.2017] Tenho uma ideia de projeto que eu precisaria tocar com certa pressa para não correr o risco de **sermos passados para trás** pela concorrência. Sei que se eu apresentar essa ideia pelos trâmites normais, ela vai acabar sendo inviabilizada pelo mesmo diretor das outras vezes.

Encontrada apenas nos séculos XX e XXI com a construção *para trás (de)*, vê-se nessa metáfora uma comparação pautada em um elemento em progressão e um atrasado, ou seja, aqueles que são *passados para trás* são colocados em uma posição de atraso pois não acompanharam o ritmo, não se deslocaram na mesma velocidade do que aqueles que estão *à frente*. Assim é possível compreender que esse atraso também está ligado à posição /posterior/ no espaço, metafórico, marcado pelo uso da construção *para trás (de)*, juntamente com a semântica do verbo *passar*, que implica deslocamento do um ponto a outro.

Quando falamos da noção de *atraso* é preciso reconhecer o caráter temporal do conceito; nos referimos a atraso, principalmente, quando estamos nos localizando no tempo, de forma que *estar atrasado é estar depois (de)*, o que demonstra o elo entre o item *depois* e as construções com o item *trás* como já demonstrado nos sentidos metafóricos abordados anteriormente. Uma vez que compreendemos o *atraso* a partir do eixo frente-trás, conseqüentemente conceptualizamos o seu oposto, o *avanço*.

Ao observarmos a metáfora RUIM É ESTAR ATRÁS com as construções com o item *trás* notamos que:

- (i) As únicas construções identificadas com o item *trás* com esse sentido metafórico foram *atrás (de)* e *para trás (de)*, sendo a primeira documentada em todos os séculos, com exceção do século XVII. Já a construção *para trás (de)* só foi documentada nos séculos XX e XXI.
- (ii) O sentido metafórico RUIM É ESTAR ATRÁS reconhecido por Bluteau (1712-1728), Silva (1789) e Aulete Digital (2007) para as expressões *deixar atrás* e *ficar atrás* foi atestado nos dados apresentados nesta seção, especialmente com o verbo *ficar* e as construções *atrás (de)* e *para trás (de)*. Adicionalmente, foram encontrados dados com o verbo *estar* e essas mesmas construções com *trás*. Em todos esses usos identificou-se o sentido de “fazer menos, ser inferior, estar em desvantagem em relação a alguém ou algo”.
- (iii) Pelas definições dos dicionários para a expressão *deixar atrás*, fica claro o contexto em que ela é usada: comparação. No entanto, há diferença entre “X deixar Y atrás” e “X ficar atrás de Y”, tanto pelas propriedades sintáticas desses dois verbos quanto pelas suas propriedades semânticas. Com o verbo *deixar* nesse contexto X é a FIGURA que causa o deslocamento de Y a um ponto de desvantagem no percurso; com o verbo *ficar*, ao contrário, focaliza-se o resultado desse deslocamento metafórico para o estado de desvantagem. Na seção 3.7, trato das ocorrências com *deixar* + construções com *trás*, poucas com o sentido aqui abordado, e várias com o sentido de *esquecer* e/ou *abandonar*.
- (iv) Embora o sentido de inferioridade tenha sido documentado nos dicionários, a elaboração da metáfora RUIM É ESTAR ATRÁS para o sentido metafórico de SER PREJUDICADO É SER PASSADO PARA TRÁS não foi identificado pelos autores dos dicionários. Todas as ocorrências dessa metáfora se dão com o verbo *passar* em textos dos séculos XX e XXI.
- (v) A base da metáfora RUIM É ESTAR ATRÁS está no esquema do alinhamento *in tandem*, visto que do ordenamento em fila no espaço com elementos alinhados um *atrás* do outro é transposto para um alinhamento no espaço metafórico, cuja ordem da fila é dada a partir de elementos abstratos e não abstratos.

- (vi) Identificou-se ainda o esquema da ORIGEM-CAMINHO-DESTINO em um dos usos do alinhamento *in tandem* com a construção *para trás (de)*. Esse esquema está na base da expressão *dar um passo para trás* encontrada no século XXI, em que há um deslocamento metafórico em direção a um objetivo. No caso do exemplo aqui estudado, o que é compreendido em termos desse esquema é a carreira profissional, gerando uma nova metáfora: CARREIRA É JORNADA.
- (vii) A metáfora RUIM É ESTAR ATRÁS também remete à noção de atraso, pois *atrasar* é também *estar atrás*, enquanto que a noção de *avanço*⁹⁷ é pautada por uma das partes do eixo frente-trás (a parte da frente), sem deixar de estar relacionada também ao sentido temporal.

É importante ressaltar que, ao tratarmos da transposição de esquemas imagéticos, ou seja, dos usos metafóricos, estamos lidando com um domínio alvo e um domínio fonte, sendo o primeiro aquele que será compreendido em termos do segundo. As metáforas apresentadas da seção 3.2 em diante têm como domínio fonte, principalmente, o sentido prototípico do item *trás* de posição no espaço /posterior/, com base no qual diferentes conceitos são compreendidos. Isso não significa que a metáfora RUIM É ESTAR ATRÁS corresponde a todos os possíveis sentidos de *ruim* a partir do domínio fonte, ou seja, compreendemos alguns aspectos, mas não todos, da noção de *ruim* a partir da posição no espaço /posterior/. O mesmo vale para a elaboração da mesma metáfora em SER PREJUDICADO É SER PASSADO PARA TRÁS e todos os sentidos metafóricos apresentados aqui.

Nesta seção foi discutido o sentido metafórico de RUIM É ESTAR ATRÁS a partir do uso das construções *atrás (de)* e *para trás (de)*, presente principalmente nos dados dos séculos XX e XXI, tendo como base o esquema do alinhamento *in tandem* e do esquema ORIGEM-DESTINO-TRAJETO. Na próxima seção será discutida a metáfora RECONSIDERAR E DESISTIR É POSICIONAR-SE ATRÁS.

⁹⁷ A noção espacial e temporal está na base dessas palavras: *atrasar* / *atraso* tem origem na própria forma *atrás*, e *avanço* / *avançar* na forma *avante* (< ab + ante): Castilho (2006).

3.6 Transposição de Esquemas Imagéticos: RECONSIDERAR E DESISTIR É POSICIONAR-SE ATRÁS

A metáfora aqui exposta, assim como as demais, parte do domínio alvo de posição no espaço marcada pela construção *atrás* para o domínio alvo de desistência e reconsideração de um ato. A metáfora consta nos dicionários consultados, principalmente em Silva (1789) que identifica o sentido de *arrepender-se, revogar ou desdizer depois de uma série de ações* para a expressão *tornar atrás com a palavra* e ainda reconhece os sentidos de *descontinuar* e de *cessar* para a expressão *tornar atrás alguma coisa*. Ainda nesta seção serão examinadas outras construções com *trás*, como nas expressões *voltar atrás* e *dar pra trás*.

Começo por *tornar atrás*. Como abordado na seção 3.1, o verbo *tornar* expressa a noção *voltar, regressar*, de forma que, quando acompanhado da construção *atrás (de)* para situações de localização no espaço físico, é possível reconhecer que há um deslocamento nesse espaço, que é interrompido para que a FIGURA retorne a um dos pontos já percorridos. Assim a FIGURA se distancia do destino final de seu deslocamento inicial e se aproxima do ponto de origem, sem deixar claro se o deslocamento em direção ao destino será ou não retomado.

As expressões *tornar atrás com a palavra* e *tornar atrás com alguma coisa*, como coloca Silva (1789), envolvem a ideia de desistência ou descontinuidade a partir de um deslocamento metafórico que é interrompido. Para entendermos melhor como isso acontece, vejamos os exemplos a seguir:

(142) [17 C Vieira, A. (1608a) CTB] Entre concertar, assinar, ratificar e executar, há mui compridas jornadas, e em qualquer delas pode S. M. , muito a seu salvo, seguir o caminho que melhor lhe estiver, o que eu cuido que lá não consideram nem sabem, porque têm para si que, do que uma vez disse ou prometeu o embaixador, não se pode **tornar atrás**: o certo é que faz V. Ex.a grandíssima falta naquele Conselho

(143) [17 D Vieira, A. (1608b) CTB] Que gentes feras e belicosas não domaram? Que cidades e castelos fortes na terra; que armadas poderosíssimas no mar não renderam? Que trabalhos, que vigias, que fomes, que sedes, que frios, que calores, que doenças, que mortes não sofreram e suportaram, sem ceder, sem parar, sem **tornar atrás**, insistindo sempre e indo avante, com mais pertinácia que constância?

(144) [19 CR Gomes (2010a) PHPB] Embora a demasiada banomia da nossa |Administração actual haja animado aos escria-|vos, que certos na impunidade ousárao' le-/vantar o torpe estandarte da restauraçãõ: | embora miseraveis salteadores, amestrados |pelos intervenideiros do Duque de Bragança, | illudidos por suas vãs promessas, tenham' de-|vastado os nossos campos, e derramado á | larga mao' por esses

matos todos os crimes, |e horrores, ensaios da reenthronização' de | Dom Pedro: inuteis esforços! Ultimos arrancos |do monstro! A Liberdade não' torna **atraz**; e o Brazil, que pode sacudir do seu seio o Lu|zitano Despota, que o acabrunhava, o Bra-|zil, que soube triunfar da traição' de Dom Pe|dro, quando ainda poderoso, e ladeado dos | seus Janisaros, nao' deixará certamente, que elle reempolgue a preza,

Como é possível reconhecer pelos exemplos (141) a (144), o uso de *tornar atrás* expressando a metáfora RECONSIDERAR E DESISTIR É POSICIONAR-SE ATRÁS só foi documentado nos séculos XVII e XIX, lembrando que *tornar atrás* com o sentido espacial foi documentado nos XVI, XVII e XIX, o que indica uma possível desativação do uso de *tornar atrás*, seja com o sentido espacial seja com o sentido metafórico. É possível hipotetizar que tenha sido o verbo *tornar* nesses contextos que tenha sido desativado, dando lugar ao verbo *voltar*, por exemplo.

O exemplo (142) expressa a impossibilidade de *tornar atrás* àquilo que foi dito ou prometido, ou seja, não é possível que se reconsidere ou que se retire aquilo que foi dito. Em (143), exemplo do mesmo século, temos o contexto de guerra, cujos participantes não desistiram, continuaram lutando. Interessante notar aqui o uso de *tornar atrás*, em seguida, *indo avante*, reforçando tanto a metáfora sob foco quanto a conceptualização do conceito de persistência em termos de deslocamento no espaço. A não interrupção do deslocamento, sentido embutido em *tornar atrás*, se dá pelo uso da preposição *sem*. Por fim, no exemplo (144), do século XIX, é possível compreender que, uma vez conquistada, a Liberdade não vai recuar, não terá seu deslocamento desviado por qualquer motivo ou monarca.

Quando concebemos a metáfora RECONSIDERAR E DESISTIR É POSICIONAR-SE ATRÁS, estamos, em parte, baseando-nos no esquema ORIGEM-CAMINHO-DESTINO como domínio fonte, e uma ideia, uma decisão, ou mesmo uma palavra, nos termos de Silva (1789), são conceitos entendidos em termos desse domínio fonte. Por meio dessa metáfora compreendemos esses conceitos abstratos como um destino, de forma que podemos nos movimentar metaforicamente em direção a ele e alcançá-lo, ou ainda podemos interromper esse deslocamento, nos posicionando em um ponto do espaço metafórico *atrás* desse destino. Conforme dito anteriormente, o verbo *tornar* dá lugar ao verbo *voltar* e *volver* com a construção *atrás*, como se vê nos exemplos a seguir, dos séculos XX e XXI:

- (145) [21 N G1 13.01.2020] Renata Santos **volta atrás de** aposentadoria e estreia como musa do Salgueiro: 'Caso de amor
- (146) [21 N G1 10.01.2020] Toffoli **volta atrás** e mantém redução no valor do seguro DPVAT
- (147) [21 N G1 27.01.2020] Governador **volta atrás** e pode avaliar com MP possibilidade de desconto na conta da água.
- (148) [20 CP Gandra (2010) PHPB] E se não tivermos uma solicitude carinhosa para com nossos sentimentos, se não houver um “big” zêlo que restará para nos despertar interesse? Eu nunca **volvi atrás**, nem mesmo deparando o sofrimento, quando cho que devo ser sincero comigo mesmo.

Nos exemplos de (145) a (148) são descritas situações em que as decisões foram claramente reconsideradas e desfeitas, em relação a *aposentadoria* em (145), *o valor do seguro* em (146), *a possibilidade de desconto na conta de água* em (147) e *sentimentos* em (148). Assim como o uso de *tornar atrás*, observa-se aqui que é possível ter como PR elementos abstratos, como decisões, valores e assim por diante.

Quando olhamos para os exemplos a partir do esquema da ORIGEM-CAMINHO-DESTINO é possível compreender a decisão, seja ela qual for, como um destino. Assim, o destino já foi alcançado, uma decisão foi tomada, mas o que o uso de *voltar atrás* denota é que esse caminho foi retomado, no sentido contrário ao movimento para um momento em que essa decisão ainda não tinha sido tomada, momento em que o destino ainda não havia sido alcançado. O que os exemplos demonstram, além da desistência de uma decisão anterior, são as consequências de tal ato: em (145) em vez de se aposentar, Renata volta a ser musa, em (146) o valor do seguro é mantido em vez de sofrer um aumento, em (147) o desconto na conta de luz, antes desconsiderado, pode voltar a ser dado, e em (148), a negação da possibilidade de recuar em relação aos sentimentos.

Além do uso do verbo *voltar*, foi identificado o uso do verbo *dar* acompanhado da construção *para trás (de)*, como é possível observar nos exemplos a seguir:

- (149) [21 RS Twitter 09.02.2020] mais um dia querendo **dar pra trás** no rolê por conta de sono kkk
- (150) [21 RS Twitter 24.01.2020] eu nunca fui de **dar pra trás**, recuar..o medinho até vem, da aquela dor de barriga, mas eu não deixo de me jogar de cabeça de jeito nenhum nada de deixar o medo ou a insegurança tomar conta
- (151) [21 N Sputnik News 11.02.2017] Trump **vai dar para trás na** transferência da embaixada dos EUA em Israel para Jerusalém?
- (152) [21 N Portal Vermelho 26.10.2013] Eu rebati dizendo que Aécio agora é presidente do partido, e quem manda é ele. Que nada, treplicou Fernando, quem manda é a perspectiva de poder. Pois é, Fernando, você tinha razão. Aécio já **começou a dar para trás**, e Serra está aparecendo mais na mídia que ganhador de big brother.

(153) [21 N Fox Sports 28.12.2012] “O Léo não é corintiano e não iria torcer pelo Corinthians. Deu uma provocada, e não foi nada de mais. Só achei uma coisa errada: o Léo não deveria **dar para trás**. Se falou, está falado”, ensinou o provocador Vampeta. Léo se retratou depois de despertar a ira de muitos jogadores do Corinthians, que se manifestaram contra o colega de profissão pelo Twitter.

Ao contrário das demais ocorrências do mesmo século, *dar para trás* não foi documentada nos *sites* de notícias de grande divulgação, mas principalmente na rede social *Twitter* e outros *sites* menos conhecidos, como mostram os exemplos (149) a (153) acima. Esse uso pode estar associado ao fato de *dar pra trás* ser geralmente rotulada como gíria ou expressão popular⁹⁸, portanto, mais próximo da oralidade e de caráter mais informal.

Nos exemplos (149) e (153), diferentemente daqueles com os verbos *voltar* e *tornar*, identifica-se que *dar pra trás* carrega principalmente a ideia de desistência. Observa-se ainda que há julgamento de valor em relação a essa desistência, de forma que *dar para trás* não é meramente uma reconsideração de uma decisão que tem como resultado a desistência, mas sim uma desistência que demonstra incapacidade ou incerteza quanto à decisão tomada, como é possível ver, principalmente nos exemplos de (150) a (153). Uma hipótese que pode ser levantada é a de que *dar pra trás* seja uma redução da expressão *dar um passo pra trás* razoavelmente similar a *dar um passo atrás*. Mais pesquisas são necessárias para comprovar essa hipótese, mas não é incoerente associar essa expressão com os sentidos das demais expressões, como já descrito em seções anteriores.

Não diferente dos exemplos com o verbo *voltar* e *tornar*, o uso do verbo *dar* acompanhado da construção *pra trás* também corresponde a uma transposição do EI ORIGEM-CAMINHO-DESTINO, de forma que a FIGURA se afasta do destino que vinha almejando, retornando a uma posição no espaço metafórico *atrás* desse destino.

Observando as ocorrências com a metáfora RECONSIDERAR E DESISTIR É POSICIONAR-SE ATRÁS, pode-se considerar os seguintes aspectos:

- (i) O sentido de reconsideração de um ato ou decisão foi identificado por Silva (1789) para *tornar atrás*; o que os dados dos séculos XVI ao XXI demonstraram foi o que o uso de *tornar atrás* com o sentido metafórico

⁹⁸ Essa afirmação se baseia na busca geral feita pelo site Google.

discutido aqui só foi documentado até o século XIX, o que aponta para uma possível desativação do uso do verbo *tornar*.

- (ii) No século XX não foi documentado o uso de *tornar atrás* e *voltar atrás*, mas apenas no século XXI; isso pode estar vinculado à tipologia de textos dos *corpora* da pesquisa, como já identificado para outras ocorrências. A expressão *voltar atrás* parece ter ficado restrita ao uso metafórico já discutido em 3.3, com a metáfora O TEXTO É UMA VIAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO.
- (iii) Ainda no século XX foi identificado o uso da expressão *volver atrás* com a metáfora em questão numa única ocorrência, o que também pode estar vinculado ao tipo de texto e a uma determinada região (carta pessoal da Bahia).
- (iv) A metáfora RECONSIDERAR E DESISTIR É POSICIONAR-SE ATRÁS envolve a transposição do EI ORIGEM-CAMINHO-DESTINO, no qual a noção de deslocamento no espaço em direção a um destino é transposta a situações abstratas, tais como nos exemplos colocados (decisões, sentimentos, valores etc.).
- (v) Foi identificado também o uso da construção *pra trás* acompanhada do verbo *dar*, apenas nos documentos do século XXI. Embora as ocorrências documentadas pelo uso não tenham sido encontradas tão facilmente quanto às demais com o verbo *voltar*, percebe-se uma relação entre o seu uso expressando a metáfora em questão e a oralidade.
- (vi) Por fim, a expressão *dar pra trás*, além do sentido metafórico de desistir, apresenta também um julgamento de valor em relação a essa desistência, vista como ruim ou insatisfatória, o que não se identifica nas ocorrências com o verbo *voltar*.

Nesta seção observei como a metáfora RECONSIDERAR E DESISTIR É POSICIONAR-SE ATRÁS foi documentada nos séculos estudados, apenas com as construções *atrás* e *para trás*. Na seção seguinte, examino a metáfora ESQUECER E ABANDONAR É COLOCAR ATRÁS que se relaciona ao esquema do CONTAINER, exposto no capítulo 2.

3.7 Transposição de Esquemas Imagéticos: ESQUECER E ABANDONAR É COLOCAR ATRÁS

Diferente das metáforas das seções anteriores, a metáfora ESQUECER E ABANDONAR É COLOCAR ATRÁS não foi identificada por nenhum dos autores dos dicionários consultados. A metáfora parte do domínio fonte de *colocar atrás*, ou seja, inserir algo ou alguém em um espaço *atrás* daquele que o coloca, de forma que fique fora do alcance de seus olhos, para atingir o domínio alvo do esquecimento e do abandono. Conforme já explorado nas seções anteriores, algumas metáforas podem gerar outras, o que pode ser examinado em alguns casos apresentados nesta seção. Para começar, observe-se o exemplo (154) abaixo, um dos poucos encontrados com a expressão *deixar atrás* no século XVI:

(154) [16 Nar Brandão, A. (1584) CTB] Na conquista, & conservação de todas || estas terras fizeram os nossos tão altas pro- | vas de seu esforço, contendendo por vezes | com o poder do Soldam[+] do Egypto, com | as armadas do Grão Turco, com as forças | dos Reys de Persia, dos de Cambaya, & | de outros Monarchas do Oriente, & Afri- | ca, (a) que de comum consentimento de to- | das as Nações levarão a palma aos que mais | se assinalarão nas empresas militares, **dei-** | **xando atrás** (como assegurarão graves Aucto- | res) as façanhas do grande Alexandre, & | dos maiores Capitães que ouve no mundo.

Nesse exemplo, a expressão *deixando atrás* revela o sentido metafórico tratado em 3.5 em que dois elementos são colocados em comparação: Portugal em relação a outras grandes nações. A partir do esquema do alinhamento *in tandem*, compreende-se que esses elementos são ordenados numa linha de comparação, em que a FIGURA (Portugal) supera o PR numa sorte de corrida, daí a ideia de comparação⁹⁹.

Esse mesmo exemplo pode ser também compreendido a partir da metáfora a ser discutida nesta seção: ao *deixar atrás as façanhas do grande Alexandre*, entende-se que estejam inseridas em um local *atrás* do campo de visão de quem poderia se lembrar delas, portanto, são esquecidas. Mais uma vez, observa-se que mais de uma metáfora pode ser reconhecida em um mesmo uso, sem que elas se anulem, mas sim cada uma delas expressando parte de um sentido maior.

⁹⁹ Foram encontrados poucos exemplos desse uso no português atual, sobretudo quando num contexto bem evidente de comparação, como em *Não ter uma boa estratégia de marketing pode te deixar atrás dos seus concorrentes* (<<https://odaradigital.com.br/inbound-marketing-voce-sabe-o-que-e/>>. Acesso em 11 nov. 2020). Como essa e outras poucas ocorrências não fazem parte do corpus da pesquisa, não foram analisados com os demais desta seção. Grande parte dos usos de *deixar atrás* se refere ao sentido abordado nesta seção.

A metáfora ESQUECER E ABANDONAR É COLOCAR ATRÁS pode ser mais claramente observada no exemplo (155) abaixo:

(155) [16 D Holanda, F. (1517) CTB] Tendo até aqui com assaz fadiga navegado minha pequena barca por passos muito arriscados e perigosos, e vendo começar a se lhe mostrar o porto e enseada, onde sperava lançar a ancora e repousar na fim da sua jornada, lhe é forçado passar alguns mui incertos e rijos perigos, que mui ocultamente debaxo das ondasconhece e vé star, onde todas as outras tormentas **atraz deixadas**, a respeito d'esta lhe parecem menores, porque tendo com trabalho até agora scrito algumaparte d'um conceito que sobre a pintura propuz de screver,

Em (155) o que é *deixado atrás* são as tormentas que já foram vividas, reforçadas pelo aspecto resultativo de *deixar* no participio. Aqui também não está descartada a compreensão, ainda que em segundo plano, da comparação: as tormentas já vividas podem ser conceptualizadas como inferiores, menores do que as que estão acontecendo no momento. Em primeiro plano parece estar a ideia de que ao deixar essas tormentas *atrás*, serão esquecidas e só são retomadas quando em face a uma nova tormenta.

Não menos importante é a semântica do próprio verbo *deixar*, detalhadamente estudada por Silva (1999, 2000). Dentre os vários sentidos desse verbo, o autor aponta como base para alguns usos metafóricos a noção de *afastar-se*, daí *liberar*, *soltar*, *libertar* (Silva 1999: 149). Dessa forma, compreende-se *deixar atrás* como um movimento físico ou mental em que a FIGURA é afastada do PR. É daí também que vem a ideia de esquecimento, ou seja, do afastamento mental, presente sobretudo no exemplo (155).

É ainda preciso reconhecer a forte ligação do uso metafórico aqui descrito com o aspecto temporal, mais precisamente com a metáfora conceptual discutida em 3.2, TEMPO É ESPAÇO. Dizer que tempo é espaço é dizer que compreendemos a noção abstrata do tempo e nos referimos a ele a partir das noções nas quais compreendemos e nos referimos ao espaço. Assim, como já abordado anteriormente, concebemos o futuro como estando ao alcance de nossos olhos, *à nossa frente*, enquanto que o passado é inserido fora de nosso campo visual, *atrás* de nós, lembrando que essa metáfora, assim como as outras, parte da nossa própria experiência corpórea e da orientação *frente-trás* do corpo humano. Observemos o esquema a seguir:

Esquema 8. Esquematização da metáfora TEMPO É ESPAÇO/ TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO



Como é possível observar pelo esquema 8, partimos sempre do tempo presente, uma vez que é nele onde estamos inseridos e, assim, o futuro é compreendido como à *nossa frente* e o passado *atrás* de nós. Dizer que *deixamos algo atrás* se assemelha a dizer que deixamos algo no passado, ou seja, em um espaço metafórico distante do presente, de onde estamos e do futuro, para onde estamos indo, representado pela seta em preto para o sentido do movimento.

Essa não é única maneira que os dados (154) e (155) podem ser interpretados quanto ao esquema transposto, como dito anteriormente; são esquemas simultâneos e não excludentes, de forma que mais de um pode atuar em uma mesma metáfora, uma vez que cada um deles dá conta de parte do sentido expreso. Assim, é ainda possível compreendê-la a partir do esquema CONTAINER¹⁰⁰, discutido no capítulo 2: quando conceptualizamos algo como um container, estamos entendendo que há algo no interior e algo no exterior desse container, ou ao menos que há uma área interna e uma área externa de algo. No caso da metáfora em questão o que é compreendido como um container é a noção de passado, sendo este um local dentro do qual diferentes elementos podem ser inseridos, enquanto que outras são localizadas fora dele. Uma vez dentro do container “passado”, ele é mantido fora de nosso campo visual, fora de nosso alcance, ou seja *atrás de nós*.

Vejamos os exemplos a seguir para compreendemos melhor como o uso metafórico atua:

(156) [20, RJ, DID, 0347, NURC] L: Bom, é. As ondas aumentam muito de tamanho, aumentam de violência na arrebentação, quer dizer, elas crescem, sobem mais e descem com mais brutalidade, eu diria assim, então isso aumenta a espuma, quer dizer,

¹⁰⁰ Embora não estejamos lidando com os verbos prototípicos do esquema do container como *entrar, sair, inserir, colocar* etc., estamos compreendendo o ato de deixar também como o ato de *colocar atrás*, ou seja, inserir algo no espaço /posterior/ demarcado por *atrás*. Dessa forma, ao tratar do esquema, estou concebendo a ideia de *colocar*; tendo em mente que os esquemas, assim como as metáforas, não atuam nos sentidos em sua totalidade, mas sim tornam possível compreendermos alguns de seus aspectos.

quando, eh, você vê a ressaca em Copacabana, o que vem bater aqui é, é, espuma pura, não é (inint.) e é isso, isso, de repente aquilo vai parando, vai diminuindo, elas vão enfraquecendo, e vão recuando.

D: E acabou.

L: E, como a vida, **deixa** os destroços **para trás**.

D: E como é que fica a terra, a terra batida por este tipo de onda como é que fica?

L: Bom, exatamente isso que eu disse, destroçada, porque o que tinha ali em geral é destruído. Evidentemente em Copacabana o que tem de, aparece de destroço é relativamente pouco

(157) [21 N G1 13.09.2019] Menino de 8 anos **deixa** limitações **para trás** e mostra superação na pista de kart

(158) [21 N G1 05.10.2019] Black Eyed Peas contam com tirolesa e Anitta para **deixar** Fergie **para trás** no Rock in Rio

(159) [21 N G1 18.12.2019] Alunos conhecem a Arena Encantada dois dias após **serem deixados para trás** por falta de transporte em Cuiabá

(160) [21 N G1 28.08.2017] Tecnologia avança e hábitos antigos **ficam para trás**

(161) [21 N G1 08.05.2018] Jornalista **deixa** tudo **para trás** e cria projeto em defesa da Amazônia

Como é possível observar pelos exemplos (156) a (161), o uso metafórico aqui abordado só foi documentado nos séculos XX e XXI. Observa-se ainda que, diferente dos exemplos anteriores do século XVI, nesses a construção utilizada não é *atrás (de)*, e sim *para trás (de)*, mantendo-se o uso do verbo *deixar*, além de demonstrar o uso do verbo *ficar* expressando a mesma metáfora.

O exemplo (156) expressa duas possibilidades de interpretação, sendo a metáfora criada exatamente a partir dessas duas possibilidades; em primeiro lugar, compreende-se o uso de *deixar para trás* com o sentido prototípico espacial, ou seja, os destroços da ressaca do mar são deixados no espaço físico *atrás*, embora não fique claro qual o PR de tal localização. Ainda no mesmo exemplo, é também *a vida* que *deixa os destroços para trás*, além da elaboração mais aparente da vida que recebe características humanas; há ainda a noção de que os destroços, os resultados dos acontecimentos ruins da vida, são colocados *atrás* dela, ou seja, no espaço metafórico destinado ao passado.

Já os exemplos seguintes, do século XXI, expressam a noção de esquecimento de maneira mais clara: em (157) temos as limitações inseridas em um container, o que favorece a superação na pista de kart, muito semelhante ao exemplo (161); sem deixar claro ao que exatamente o termo *tudo* se refere, compreendemos que ele é colocado em um espaço distante da *jornalista*, ou seja, *atrás dela* em um local que não consegue visualizar com facilidade, abandonado e esquecido, o que favorece a criação do projeto. Nesses dois exemplos, além da noção do esquecimento e do abandono, no caso,

abandonos também metafóricos, de elementos abstratos, é descrita ainda uma oposição entre aquilo que foi *deixado para trás* e o que aconteceu em seguida no tempo, como consequência desse esquecimento/abandono, que podemos compreender a partir do quadro 27 a seguir:

Quadro 27: Esquematização dos exemplos (157) e (161)

<i>Atrás (de)/Para trás (de) – Container</i>	<i>À frente</i>
Limitações	Superação na pista de kart
Tudo	Criação de projeto

Nota-se que aquilo que é inserido no container *atrás* tem o papel de impedir ou dificultar que o que está à frente aconteça, de forma que o esquecimento, ou mesmo o abandono metafórico de tais elementos permite que situações ocorram. Se enxergarmos os exemplos em questão a partir do EI ORIGEM-CAMINHO-DESTINO é ainda possível compreendermos que um elemento se movimenta, da esquerda para a direita em direção a um objetivo, no caso dos exemplos em questão, a superação e o projeto, para que o destino seja alcançado. São deixados em um ponto do espaço metafórico desse caminho os elementos que impedem a chegada ao destino. O exemplo (162) a seguir ilustra bem tal sentido:

(162) [21 RS Google Imagens 2016] **Deixe pra trás** o que não te leva para frente.

Já no exemplo (159), o que temos é uma situação mais próxima do sentido espacial, em que se compreende que houve um deslocamento físico no espaço, no qual *os alunos* também faziam parte desse deslocamento, mas são *deixados para trás*, esquecidos ou ainda abandonados, sendo inseridos em um ponto *atrás* do destino de tal deslocamento. Embora estejamos falando de uma situação espacial, a noção de abandono e de esquecimento é expressa pelo uso de *deixar atrás*.

Nos exemplos (158) e (160) há situações semelhantes: em (158) o que é *deixado para trás* é a ex-vocalista do grupo musical, *Fergie*, em função dos elementos inseridos no show (tiroleza e a cantora Anitta). A construção *deixar Fergie para trás* implica inseri-la no passado e, assim, esquecê-la. Em segundo plano parece estar a metáfora RUIM É ESTAR ATRÁS em contexto de comparação, no caso aqui de dois momentos: um

em que a cantora Fergie fazia parte do grupo musical e outro sem ela¹⁰¹. Aliada a essa interpretação está também outra possível metáfora, SER MENOS IMPORTANTE É SER COLOCADO ATRÁS. Em (160) são os hábitos antigos que *ficam para trás* com o avanço da tecnologia; nesse exemplo, uma vez esquecido o elemento que ficou para trás, outro elemento é inserido à frente, no caso o avanço da tecnologia. Diferente dos demais exemplos, temos o uso do verbo *ficar* em vez de *deixar*, o que nos remete à metáfora discutida em 3.5, RUIM É ESTAR ATRÁS, criando uma relação de oposição entre a noção de *avanço* e o *antigo*, de forma que é o *antigo* conceptualizado como algo a ser esquecido, e o *avanço*, como algo positivo, principalmente, quando comparado com aquilo que é antigo.

Acerca da metáfora ESQUECER E ABANDONAR É COLOCAR ATRÁS pode observar que:

- (i) Embora não tenha sido identificado em nenhum dos dicionários consultados, o sentido pôde ser reconhecido em poucas ocorrências do século XVI, mesmo que uma das possibilidades de interpretação leve a crer que esse sentido fosse recorrente no período.
- (ii) Além do século XVI, o sentido só foi documentado nos séculos XX e XXI. Isso não significa que o sentido não era expresso pelas construções estudadas aqui nos séculos anteriores, mas talvez aponte para uma tendência do PB de conceptualizar a ideia do esquecimento e do abandono a partir das construções com *trás*, principalmente no século XXI, cujos exemplos foram encontrados com facilidade.
- (iii) Quanto às construções utilizadas para expressar tal metáfora, foram identificadas *atrás (de)* no século XVI, acompanhada apenas do verbo *deixar*, e a construção *para trás (de)*, documentada nos séculos XX e XXI, com os verbos *ficar* e *deixar*.
- (iv) Diferente dos usos metafóricos discutidos até o momento, a metáfora em questão foi a que mais apresentou diferentes possibilidades de interpretação relacionando-se com outras metáforas. Foi possível reconhecer em seu uso as metáforas RUIM É ESTAR ATRÁS, quando o esquecimento e o abandono

¹⁰¹ Geralmente, no meio musical, quando o/a vocalista deixa seu grupo musical, acredita-se que esse grupo encerrará as atividades ou, ao menos, correrá o risco de não ter o mesmo sucesso. A comparação descrita a partir desse exemplo leva em conta essa informação cultural subjacente.

carregam um julgamento negativo, como demonstraram os exemplos (159)¹⁰² e (158), e ainda a metáfora TEMPO É ESPAÇO/TEMPO É UM OBJETO EM MOVIMENTO como base para a metáfora ESQUECER E ABANDONAR É COLOCAR ATRÁS, uma vez que se compreende o esquecimento como pertencente ao passado.

- (v) Quanto à transposição dos esquemas, identificou-se que muitos dos usos aqui discutidos partem do EI ORIGEM-CAMINHO-DESTINO, principalmente quando o ato de esquecer ou de abandonar favorece a conquista de algo que ocorre após o ato metafórico de *colocar atrás*. Reconheceu-se ainda o esquema do CONTAINER, dadas as devidas proporções, ao concebermos o passado como um *container*, no qual podemos inserir elementos distintos.

Nesta seção discuti como a metáfora ESQUECER E ABANDONAR É COLOCAR ATRÁS foi documentada nos séculos estudados, em quais construções com o item *trás* ela foi encontrada e quais os outros sentidos que a mesma metáfora carrega, assim como os esquemas nos quais a metáfora está ancorada. Na próxima seção, será observada a metáfora SER RESPONSÁVEL POR ALGO É ESTAR ATRÁS.

3.8 Transposição de Esquemas Imagéticos: SER RESPONSÁVEL POR ALGO É ESTAR POR TRÁS

Nos dicionários e gramáticas consultados durante a pesquisa, não consta o sentido metafórico que descrevo nesta seção, SER RESPONSÁVEL POR ALGO É ESTAR POR TRÁS, embora tenha sido encontrado no *corpus* estudado.

Para examinar esse uso metafórico, é necessário retomar o sentido espacial do item *trás* e de suas construções. Vimos na seção 3.1 que a localização no espaço ocorre entre uma FIGURA que é relacionada a um PR, envolvendo diferentes esquemas¹⁰³. O PR pode ter ou não uma orientação intrínseca, como pessoas, prédios, móveis e postes, árvores, mesas, respectivamente. Quando lidamos com um PR que não possui orientação intrínseca, partimos, muitas vezes, da orientação de *frente-trás* do corpo humano, de forma que aquilo que está localizado no espaço físico ao alcance de nossos olhos é

¹⁰² Além da leitura com o sentido espacial prototípico.

¹⁰³ Como abordado em 3.1, esses esquemas são: PR com orientação intrínseca, PR sem orientação intrínseca, alinhamento *in tandem* e esquema do *retorno* identificado nos dados. Além desses esquemas principais, foi identificado o esquema da visibilidade, estudado por Teixeira (2001).

compreendido como *frente*, enquanto aquilo que se encontra fora do nosso campo de visão é tido como *atrás*¹⁰⁴. O exemplo (163) a seguir tem como base a localização espacial prototípica do item *trás* na construção *por trás*:

(163) [20, RJ, DID, 0017, NURC] LOC. - Eu sei, sei, espera aí, igual àquele (inint.) ele fez um monólogo, agora o nome que eu vou dar pra ele eu não sei não. Costuma-se dizer assim ‘one man show’, né?

DOC. - Eh, indivíduos que trabalham para levar um peça, né, no teatro. As pessoas que trabalham **por trás**, né, das ...

LOC. - Cochias.

DOC. - Como?

LOC. - Aqueles que trabalham nas cochias, né? **Por trás**? Ah, os ajudantes, não sei que nome eles recebem não.

DOC. - Por exemplo o sujeito que é encarregado de projetar as luzes?

LOC. - Projetor de ima... não, espera aí. Ele tem um nome especial, iluminador, técnico de, de som, técnico de, sonoplasta, tem sonoplasta também pra sonoplastia. Será que tem outro? Tem o ponto (inint.) pra soprar.

Esse exemplo da língua falada (século XX) traz o uso da construção *por trás* e pode ser compreendido tanto a partir do sentido espacial quanto do sentido metafórico: ambos dão conta de aspectos diferentes do que o interlocutor buscou expressar. Em termos do sentido espacial prototípico, compreendemos que é estabelecida uma relação entre a FIGURA *as pessoas que trabalham* e o PR *coxias*. Nesse contexto, por se tratar de um teatro, há uma orientação intrínseca no eixo *frente-trás*, que divide os participantes em dois grupos: os que trabalham na frente (atores) e os que trabalham atrás (técnicos etc.). Os atores que não estão no palco no momento em que a peça é encenada estão posicionados nas cochias, o que remete à noção de ser a FIGURA ocultada dos observadores, considerando o esquema da visibilidade discutido em 3.1. A partir dessa concepção, compreendemos as pessoas que trabalham *nas cochias, por trás das cortinas do palco* como aquelas responsáveis pela preparação do espetáculo, como montagem de cenário, iluminação, figurino etc.

Temos, então, nesse exemplo, a junção do sentido espacial, pelo fato de as pessoas estarem localizadas no espaço físico propriamente dito (palco, cochias) e do sentido metafórico, dado que essas pessoas são responsáveis pelo o que se vai apresentar nesse espaço físico. Dessa forma, pessoas podem ser responsáveis por

¹⁰⁴ Outros elementos são fundamentais para definir o eixo *frente-trás* no corpo humano, além dos olhos, como a direção do movimento e consequentemente os nossos pés e a nossa boca, como reconhece Teixeira (2001:4).

fabricar algo concreto, por atuar no processo de construção de um evento, por ações e atitudes várias etc.

A metáfora SER RESPONSÁVEL POR ALGO É ESTAR POR TRÁS foi documentada sobretudo com a construção *por trás (de)*¹⁰⁵ em textos dos séculos XX e XX, como se vê nos exemplos (164) a (166) adiante:

(164) [20, RJ, DID, 0052, NURC] DOC. - mas... me diz uma coisa... **por trás... de** um time desse de futebol...

LOC. - bom... há um esquema muito grande...

DOC. - que atividade... se desenvolve... além do futebol?

LOC. - não não... é isso que estava ... falando mesmo... **por trás do** time envolve um esquema muito grande...

DOC. - ah:: exato... o esquema nu/ num clube de futebol... pra que possa ser... organizado... como toda:: organização... ele necessita... de um:: esteio... ou seja... de uma parte de supervisão... uma parte administrativa... um técnico que... justamente é aquele que... dá as instruções aos jogadores... um preparador físico... médicos... massagistas é um:: negócio um pouco complicado... pra explicar assim em questão de cinco dez minutos... porque... realmente... além... da diretoria do clube... você tem os diretores de futebol... vice-presidente de futebol e tal... e existe... esses... personagens... digamos assim... de... pontos... principais... pra que o clube possa ir... digamos... eh... bem coordenar... e bem esquematizar... pra não dar:: catástrofe...

(165) [21 N G1 21.03.2018] Morre suspeito de estar **por trás de** explosões no Texas, nos Estados Unidos

(166) [21 N G1 16.01.2018] A trágica história **por trás de** 'Zombie', sucesso do Cranberries composto por Dolores O'Riordan

No exemplo (164) temos uma situação, em parte, semelhante à do exemplo (163) pelo fato de jogos esportivos serem uma espécie de espetáculo, em que o campo ou quadra correspondem a um palco de teatro, mas também por envolverem pessoas que trabalham para que os jogos possam acontecer, dentre elas, os preparadores físicos, o presidente do clube, massagistas etc., conforme o diálogo entre Informante e Documentador. No exemplo, a FIGURA é representada pela expressão *um grande esquema*, que corresponde a um conjunto articulado de pessoas responsáveis por um time de futebol, e este é o PR que oculta a FIGURA. Quando do espetáculo – o jogo de futebol – apenas o PR atua, ficando a FIGURA fora do nosso campo de visão, e assim também do nosso conhecimento. Volto a esse aspecto adiante.

A associação entre o que é ocultado, escondido, fora do campo da visão, ao fato de ser responsável por uma ação, fica mais clara no exemplo (165), considerando nosso

¹⁰⁵ Trato mais adiante da construção *por detrás (de)* com esse sentido.

conhecimento de mundo sobre justiça, daí quem praticou determinado crime. Já o exemplo (166) permite pelo menos duas interpretações: uma em que se tem o sentido de responsabilidade, ou ainda aqui a causa do sucesso da canção mencionada, uma história trágica, e outra cujo sentido remete à ideia de ocultação, de algo que está escondido. Como o exemplo foi extraído da manchete de uma notícia, é no corpo do texto que esse “objeto escondido” será revelado¹⁰⁶. Assim, outra metáfora pode ser identificada com a construção *por trás (de)*, a partir de um PR que é desconhecido, com base no esquema da visibilidade (descrito na seção 3.1). Aliadas à concepção do que não é visível, o que é desconhecido, estão as metáforas SABER É VER e CONHECER É VER, conforme Lakoff; Johnson (1980)¹⁰⁷. Os exemplos (167) a (171) ilustram esses conceitos:

(167) [21 RS Google Imagens 2018] Não se preocupe com o que as pessoas falam **por trás de** você. Há uma boa razão para elas estarem **atrás**.

(168) [21 RS Google Imagens 2018] **Por trás de** um grande homem está sempre uma grande mulher... provavelmente dando ordens sobre como as coisas devem ser feitas.

(169) [21 RS Google Imagens 2018] **Por trás de** toda mulher bem sucedida, tem ela mesma.

(170) [21 N G1 22.12.201] O que pode estar **por trás da** negociação entre Boeing e Embraer, a 3ª maior exportadora do Brasil

(171) [21 N G1 11.12.2017] Muito mais que uma onda no mar: a incrível ciência **por trás do** surfe

O exemplo (167) traz uma dentre várias possíveis expressões metafóricas nesse tipo de contexto. Subentende-se que *falar por trás de alguém* implique falar mal dessa pessoa, como se vê também em *falar pelas costas*, sendo seu “oposto”, *falar na cara*. Note-se que essas duas expressões também contêm elementos que correspondem ao eixo frente-trás do corpo humano, *costas* e *cara*. Ainda que uma pessoa possa ouvir o que outra fala, mesmo esta estando atrás, conceptualizamos o que é bom em termos do que está à nossa frente, e ao contrário, o que é ruim (*falar mal*) em termos do que não vemos, do que está atrás de nós. Vê-se aqui forte relação com outra metáfora descrita em 3.5, RUIM É ESTAR ATRÁS.

¹⁰⁶ Resumidamente, a canção referida no exemplo baseia-se na morte de dois meninos ocorrida em 1993 com a explosão de duas bombas colocadas pelo grupo armado IRA (Exército Republicano Irlandês) em lixeiras numa cidade da Inglaterra. A canção *Zombie* faz referência à violência provocada por tropas britânicas e nacionalistas irlandesas.

¹⁰⁷ A metáfora é também comum na língua inglesa, onde encontramos expressões como *I see your point, I can see what you mean* etc.

Os exemplos (168) e (169) são muito semelhantes e desconstróem o ditado popular, *Por trás de um grande homem, há sempre uma grande mulher*, ou o contrário *Por trás de uma grande mulher, há sempre um grande homem*. No ditado popular é estabelecida uma relação de responsabilidade seja da mulher em relação ao homem, seja do homem em relação à mulher. Nos exemplos, se vê um uso metafórico que parte ainda da noção metonímica ao compreender o homem e a mulher pelas suas realizações. Nesses dois casos, é possível observar o sentido de responsabilidade se sobrepondo ao sentido da ocultação, possivelmente pela desconstrução do ditado tradicional.

Em (170) e (171) temos a indicação da existência de algo não visível, conhecido (FIGURA), em relação aos PRs *negociação* e *surfe*. Além de revelar algo escondido, desconhecido, aqui se vê também o sentido de responsabilidade, algo como “a responsabilidade ou a causa da existência da negociação e do surfe”.

O último exemplo desta seção traz a única ocorrência da construção *por detrás (de)* encontrada no *corpus*:

(172) [21 N G1 24.08.2019] O que estaria **por detrás da** queda no número de operações do Ibama?

Esse exemplo, não muito diferente dos demais, demonstra uma relação de responsabilidade desconhecida pela *queda no número de operações do Ibama*, expressando, mais uma vez, não somente a metáfora SER RESPONSÁVEL POR ALGO É ESTAR POR TRÁS, mas também a noção de que aquilo que não conhecemos é também aquilo que não está ao alcance de nossa visão.

Assim, a partir dos exemplos descritos nesta seção é possível compreender que:

- (i) A metáfora SER RESPONSÁVEL POR ALGO É ESTAR POR TRÁS, não documentada nos dicionários, só foi identificada nos documentos dos séculos XX e XXI, com as construções *por trás (de)* e *por detrás (de)*. Assim, é possível levantar a hipótese de que se trate de um uso inovador dessas construções com o sentido exposto nesta seção.
- (ii) Na metáfora SER RESPONSÁVEL POR ALGO É ESTAR POR TRÁS pode-se reconhecer o esquema da visibilidade, em que a FIGURA é ocultada pelo PR.
- (iii) Observa-se ainda que essa metáfora nem sempre está em primeiro plano em todas as ocorrências, dando lugar a outras metáforas, como CONHECER É VER.

Essa constatação revela que a criação dos sentidos é um processo dinâmico, e uma mesma construção pode expressar mais de um sentido.

- (iv) As expressões *haver/ter algo por trás de* e *algo estar por trás de* parecem indicar que algo que está escondido, oculto, deve ser revelado e conhecido.

Nesta seção e nas anteriores examinei como o item *trás* e as suas construções atuam nos principais sentidos metafóricos reconhecidos no *corpus*, relacionando-os sempre que possível aos esquemas espaciais tratados em 3.1. Na seção seguinte tratarei dos demais usos metafóricos, que correspondem a ocorrências isoladas e que não se encaixam nos usos abordados até aqui.

3.9 Transposição de Esquemas Imagéticos: OUTROS USOS METAFÓRICOS

Até o momento apresentei o item *trás* e as suas construções ao longo dos séculos XVI ao XXI quanto a seu sentido prototípico de espaço /posterior/ e seus usos metafóricos¹⁰⁸, tendo como base diferentes EI, principalmente, os já reconhecidos para o uso espacial. Nesta seção, apresento as ocorrências cujo sentido difere dos usos metafóricos descritos até o momento.

Vejam os exemplos a seguir:

(173) [18 CP Cavaleiro de Oliveira (1702) CTB] Vendo-me ir como um passarinho e vendo-me perdido como um garraio, **fiz pé atrás** e, metendo a mão na algibeira como quem mete mão, ao ferrolho, achei por acaso a minha folhinha.

(174) [20, RJ, DID, 0184, NURC] então, os capítulos, de acordo com o índice, né? L: (sup.) Eu acho a propaganda boa nesse ponto que leva a conhecer, mas acho também errada no ponto em que exagera e que não diz a verdade. Então, que a pessoa sempre tem que **estar com o pé atrás**, né? Embora, por isso que eu gosto de compra. Quando eu vejo pela propaganda eu compro pra ver se é mesmo aquilo. Às vezes é, né, às vezes não é. Na maioria das vezes a propaganda não é ver... não é autêntica, né?

(175) [21 N Folha de São Paulo Jul.2020] 'Eu **fico com um pé atrás** quando escuto a palavra desigualdade', diz gestor da Alaska

Os exemplos (173) a (175) trazem a expressão *ficar com o pé atrás* ou ainda *fazer pé atrás*, documentada nos séculos XVIII, XX e XXI. Nesses exemplos, é expressa uma ideia de desconfiança ou mesmo de insegurança. Em (173) não fica claro

¹⁰⁸ TEMPO É ESPAÇO, O TEXTO É UMA VIAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO, IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS, RUIM É ESTAR ATRÁS, RECONSIDERAR E DESISTIR É POSICIONAR-SE ATRÁS, ESQUECER E ABANDONAR É COLOCAR ATRÁS e SER RESPONSÁVEL POR ALGO É COLOCAR ATRÁS.

se estamos lidando com uma situação espacial propriamente dita, em que o *pé* é inserido no espaço físico marcado *atrás* do PR (o próprio escritor), ou se estamos lidando com uma situação metafórica, na qual o fato de encontrar-se perdido é um motivo para a desconfiança, incerteza quanto ao caminho seguido. Já em (174) é descrita a desconfiança em relação às propagandas, uma vez que elas *exageram e não dizem a verdade*. Semelhantemente, em (175) temos a situação de desconfiança em relação à desigualdade, na opinião do gestor.

Recuperando os sentidos identificados nos dicionários consultados, Bluteau (1712-1728) identifica para *fazer pé atrás* o sentido metafórico de “recuar”, “retroceder”, ao passo que no Aulete Digital (2007) há as expressões *estar de pé atrás com alguém* (verbetes original), significando “de má fé, prevenindo para que ele não o engane ou prejudique”, e *com o/um pé atrás* (verbetes atualizado) com o sentido de “de maneira hesitante; com desconfiança ou com má vontade; de pé atrás”. Esses sentidos são claramente identificados nos exemplos (174) e (175) acima.

A compreensão desse sentido se dá a partir da nossa própria experiência corpórea. Quando iremos iniciar um deslocamento, os nossos pés se movimentam, um de cada vez, direcionados geralmente para frente, não para *trás*. Se, ao longo desse deslocamento, avistamos algo perigoso ou que provoca medo, a direção desse deslocamento se altera, colocando um dos pés para trás, e assim movimentamos todo o nosso corpo nessa direção. A expressão *fazer pé atrás* parece evidenciar o dinamismo do deslocamento, ao passo que *estar* ou *ficar com o pé atrás* focaliza o resultado do deslocamento. Além disso, colocamos um pé para trás também buscando maior equilíbrio do corpo para, por exemplo, arremessar um objeto qualquer.

Assim, parte-se do domínio fonte do posicionamento dos pés, um na frente e outro atrás, para compreender o domínio alvo equilíbrio e proteção, gerando a metáfora PROTEÇÃO É ATRÁS¹⁰⁹. Desta maneira, a expressão *ficar/estar com o pé atrás* ou *fazer pé atrás* não demonstra, somente, incerteza, mas principalmente o desejo ou necessidade por equilíbrio e proteção, conforme exposto no Aulete Digital (2007).

Outro sentido metafórico identificado nos dicionários e encontrado no *corpus* é “em seguida de”; no Aulete Digital (2007, verbetes atualizado e original) constam para o item *atrás (de)* as definições “após, depois de, em seguida”. Pelo esquema do

¹⁰⁹ Outras situações também podem ser compreendidas a partir da mesma metáfora, como situações de perigo, quando nos posicionamos *atrás* de objetos, pessoas etc.; numa busca, não somente por proteção, mas também por ocultação.

alinhamento *in tandem*, em que objetos estão enfileirados, tem-se a transposição de elementos abstratos, como se vê nos exemplos dos séculos XX e XXI a seguir:

(176) [20, RJ, DID, 0142, NURC] E no dia que bateram em mim por detrás? A primeira coisa que eu, a primeira coisa que eu disse foi um, uma fileira, uma fieira assim, enfileirado, um palavrão **atrás do** outro, do susto. Libera a agressividade da gente aquele susto. Ou a gente reage chorando, chorando e ficando medrosa ou a gente não reage agressivamente.

(177) [20 CP SP De fã para fá, Carta 6] Ultimamente eu só tive decepção **atrás | de** decepção e ‘trauma’ era o mínimo | sintoma que ficava me doendo (...)

(178) [21 G1 15.12.2019] 'Começaram a dar tiros um **atrás** do outro', diz motorista que sobreviveu a chacina na BA

Nos exemplos (176) e (177), temos objetos abstratos ordenados em fila, *palavrões* e *decepção*, respectivamente. Em (178), o objeto é concreto (bala de arma de fogo), o que remete ao esquema *in tandem* no espaço físico em primeiro plano. No entanto, é preciso reconhecer que há uma relação também com o tempo, pois os objetos são colocados continuamente na cena, relevante o aspecto iterativo de toda a expressão *um X atrás do outro*. Os exemplos acima são facilmente parafraseáveis pelos itens *após e depois de: palavrão depois de/após palavrão, decepção depois de/após decepção e um tipo depois de/após outro*. Assim, o uso de *atrás de* aqui vincula-se à metáfora exposta em 3.2, TEMPO É ESPAÇO, compreendendo a passagem do tempo e os acontecimentos a partir do eixo espacial *frente-trás*, gerando a metáfora EM SEGUIDA DE É ATRÁS DE.

Vejamos agora o último sentido metafórico documentado, que também parte da metáfora TEMPO É ESPAÇO:

(179) [17 D Vieira, A. (1608b) CTB] Bem pudera conhecer Espanha, **voltando os olhos atrás** pela experiência, que Deus é o que desuniu de sua sujeição a Portugal, e Deus o que o sustenta desunido e o conserva vitorioso

(180) [20, RJ, DID, 0123, NURC] L: Porque hoje, quando a gente (inint.) nessa etapa da vida, como eu disse pra vocês que a gente olha pra trás e não olha mais pra frente, porque olhar pra frente é meio perigoso, a coisa é meio escura lá na frente, então a gente olha tanto pra trás, porque pra trás estão as coisas bonitas da vida, estão justamente pra trás. Então eu **olho pra trás**. De maneira que hoje talvez a gente pense um pouco mais em termos de tempo, em termos de hora, porque cada hora que passa é cada hora a menos na vida da gente.

(181) [21 RS Google Imagens 2016] Pare de **olhar para trás**, você já sabe aonde esteve, agora precisa saber aonde vai.

Documentado com a construção *atrás (de)*, apenas no século XVII, e *para trás (de)* nos séculos XX e XXI, o sentido retratado nos exemplos remete à metáfora TEMPO

É ESPAÇO, discutida em 3.2. A noção de tempo é compreendida a partir do eixo espacial frente-trás, em que o futuro está à nossa frente, eo passado é posicionado atrás de nós. Além disso conceptualizamos o tempo como um objeto em movimento, que se desloca de um ponto a outro.

Nos exemplos (179) a (181), temos a demarcação do deslocamento do tempo em toda a expressão *olhar para*, mais especificamente *para trás* indica a direção desse deslocamento no tempo: para o passado. Seu oposto costuma ser representado por expressões como *olhar para frente* ou *olhar adiante*. Em suma, a atenção dada ao passado aqui é uma projeção metafórica do ato de olhar algo se deslocando (EI ORIGEM-CAMINHO-DESTINO).

Esses foram os demais usos metafóricos encontrados para as construções *atrás (de)* e *para trás (de)*, principalmente nos documentos dos séculos XX e XXI, sendo eles PROTEÇÃO É ATRÁS, EM SEGUIDA DE É ATRÁS e O PASSADO É ATRÁS.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente descrito com o sentido espacial, expressando espaço /posterior/, o item *trás* e demais construções apresentaram, nas ocorrências do século XVI ao XXI, as propriedades semânticas já documentadas em algumas gramáticas e dicionários, comprovando os sentidos identificados pelos diferentes autores consultados, e também sentidos ainda não documentados. O objetivo desta dissertação foi identificar e analisar as diferentes propriedades semânticas do item *trás* e de cada uma das construções *atrás* (*de*), *detrás* (*de*), *por detrás* (*de*), *para trás* (*de*) e *por trás* (*de*), no decorrer dos seis séculos estudados.

No capítulo 1 foram apresentadas as classificações adotadas por diferentes autores a partir de abordagens teóricas distintas, tanto para o item *trás* quanto para algumas de suas construções, principalmente *atrás*. A partir dessa revisão da literatura foi possível levantar algumas questões com o foco nas propriedades semânticas. Em geral, as gramáticas normativas e descritivas se dedicam a apresentar uma descrição do funcionamento sintático do item *trás* e demais construções, ao passo que algumas gramáticas históricas avançam na identificação dos sentidos expressos por eles. O principal sentido e que frequenta praticamente todos os textos resenhados é o espacial, colocado muitas vezes como o sentido prototípico ou primário, sendo atestado ainda o sentido metafórico de TEMPO É ESPAÇO. É praticamente unânime entre os autores a constatação de que o item *trás* caiu em desuso, tendo sido substituído por itens como *após* e *além*, informação que ao longo da pesquisa é confirmada e datada.

No capítulo 2 descrevi os pressupostos da AM proposta por Castilho (2006, 2007, 2010) para o qual os sistemas, Gramática, Léxico, Discurso e Semântica não são dependentes entre si, e não há uma hierarquia entre eles, e da mesma forma seus processos correspondentes gramaticalização, lexicalização, discursivização e semanticização. O que ordena esses processos e sistemas, segundo o autor, são os dispositivos sociocognitivos de ativação, reativação e desativação. Apresentei, brevemente, cada um dos sistemas, com o foco na Semântica e na semanticização, processo analisado na presente pesquisa. De forma complementar, apresentei os conceitos da Linguística Cognitiva que serviram de base para a análise dos sentidos identificados para o item *trás* e demais construções, quais sejam: o conceito de FIGURA e PONTO DE REFERÊNCIA (PR), com base em Talmy (2000), Esquemas Imagéticos e as

transposições de esquemas, a partir da proposta de Lakoff (1987), estudada também por Ilari et al. (2015), entre outros, os usos metafóricos, especificamente os conceitos de metáfora estrutural, ontológica e orientacional conforme Lakoff; Johnson (1980). Nesse capítulo foram também considerados os procedimentos de seleção dos *corpora* da pesquisa, da coleta, organização e análise dos dados do item *trás* e demais construções.

O capítulo 3 foi dedicado à análise do item *trás* e suas construções quanto ao sentido prototípico espacial e aos sentidos metafóricos identificados nos dados coletados. Em 3.1, discuti sobre o sentido espacial identificado com todas as construções e com o item *trás*, a partir de quatro principais Esquemas Imagéticos (EIs): PR com orientação intrínseca, PR sem orientação intrínseca, alinhamento *in tandem* e esquema do retorno. Adicionalmente, foram observados aspectos relacionados à ideia de ocultação, visibilidade e acessibilidade da FIGURA (cf. Teixeira 2001) e também aos EIs ORIGEM-CAMINHO-DESTINO e CONTAINER, identificados em Lakoff (1987).

O esquema do PR com orientação intrínseca foi constatado para todas as construções analisadas, mas quando a cena espacial envolve o esquema de visibilidade, as construções *trás* e *para trás (de)* não atuam. No esquema do PR sem orientação intrínseca, essas mesmas construções não ocorrem, e quando o esquema da visibilidade é reconhecido, atuam apenas as construções *atrás (de)* e *detrás (de)*. No esquema do alinhamento *in tandem*, em que os elementos são posicionados de maneira ordenada, um após o outro, foram identificadas todas as construções e o item *trás*; quando a cena espacial envolve ainda o sentido de “ir em busca de”, não metafórico, ocorrem apenas o item *trás* e a construção *atrás (de)*.

Além desses esquemas propostos por Teixeira (2001) para *frente* e *trás* e por Tyler; Evans (2003) para as preposições do inglês, foi identificado um outro esquema a que chamei de *retorno* por não corresponder aos demais. Ainda que esse sentido esteja vinculado ao verbo *tornar*, na expressão *tornar atrás*, pode-se afirmar que haja aí um redobramento da informação sobre a direção do deslocamento, algo como “mover-se para trás atrás”. Nesse esquema, as construções *atrás (de)* e *para trás (de)* descrevem uma situação em que a FIGURA retorna a um dos pontos anteriores do deslocamento, daí o nome Esquema do Retorno.

A construção *atrás (de)* ocorre em todos os esquemas espaciais identificados acima, o que leva a crer que essa seja a construção, por excelência, usada para localizar objetos e seres no espaço e que, possivelmente, substituiu o item *trás* após o século XVI.

Ainda na mesma seção, apresentei a ocorrência de cada uma das construções e do item *trás* ao longo dos séculos, comprovando que esse item é documentado até o século XVI, no sentido prototípico espacial, especificamente em dois esquemas (PR com orientação intrínseca e alinhamento *in tandem*), e numa única ocorrência com a metáfora IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS, apresentada na seção 3.4.

Por fim, demonstrei a relação de cada uma das construções ao longo dos séculos, constando que as construções *atrás (de)*, *detrás (de)* e *por detrás (de)* com o sentido espacial ocorrem em todos os séculos, enquanto que a construção *por trás (de)* foi encontrada a partir do século XVIII e a construção *para trás (de)* nos séculos XVI, XX e XXI. Quando uma construção não é documentada em determinado século, atenta-se para a hipótese de que outros itens estão sendo ativados para expressar o mesmo sentido, o que também pode estar associado à tipologia de textos disponíveis nos *corpora* consultados. Mais pesquisas são necessárias para verificar essa hipótese e levantar outras questões, algumas das quais coloco mais adiante.

Nas seções 3.2 a 3.9 apresentei os usos metafóricos identificados nas construções com *trás*. Em 3.2 apresentei a metáfora TEMPO É ESPAÇO, em que são expressas diferentes cenas de localização no tempo, sendo o PR sempre constituído por expressões que remetem à categoria cognitiva de TEMPO. Assim, a partir dessa metáfora, compreende-se que o passado ocupa o espaço metafórico atrás de nós, enquanto que o futuro ocupa o espaço metafórico à nossa frente. Diferentemente do sentido espacial descrito na seção 3.1, apenas a construção *atrás* foi identificada atuando na metáfora TEMPO É ESPAÇO e sem o uso da preposição *de*. Dada a ausência das demais construções e o uso exclusivo de *atrás* com o sentido temporal, é possível que sejam ativadas outras formas, como *após*, *depois* etc., como já constatado por Castilho (2006).

Na seção 3.3, descrevi a metáfora O TEXTO É UMA VIAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO, documentada em todos os séculos pesquisados com a construção *atrás (de)*; no século XVI foi encontrada a construção *detrás (de)*, e nos séculos XX e XXI, *para trás (de)*. Essa metáfora parte do EI ORIGEM-CAMINHO-DESTINO, em que se compreende o início do texto como o ponto de origem e o texto concluído como o destino; havendo entre os dois pontos o texto propriamente dito, ou seja, o caminho. Ao concebermos textos desta forma, estamos lidando não somente com um deslocamento metafórico no espaço, ou não metafórico se consideramos o material onde o texto está sendo escrito

como espaço¹¹⁰, mas também um deslocamento no tempo. Na mesma seção, apresentei testes com as demais construções para compreender se haveria ou não possibilidade de a metáfora ser expressa a partir dessas outras construções, além das já documentadas. Concluí que o uso das demais construções causa estranheza e incompreensão, ou ainda, mudança de sentido, o que pode nos levar a crer que a concepção metafórica do texto como uma viagem no espaço e no tempo é expressa, quase que exclusivamente, pela construção *atrás (de)* e ainda que a construção *para trás (de)* seja restrita a textos orais, dada a regularidade do uso de expressões como *voltando um pouco para trás*, para a retomada de tópicos discursivos suspensos anteriormente (cf. Jubran 2015 org.).

Em 3.4, descrevi a metáfora IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS, sentido esse reconhecido também para o sentido espacial a partir do esquema do alinhamento *in tandem*. Nessa seção discuti sobre como o conceito de buscar pode ser compreendido a partir das construções com o item *trás*. Além do esquema do alinhamento *in tandem*, em que FIGURA e PR estão ordenados em fila, a FIGURA atrás do PR, é reconhecido também o EI de ORIGEM-CAMINHO-DESTINO quando a FIGURA se desloca metaforicamente em direção ao PR; nessa situação, o objetivo é que a FIGURA e o PR ocupem o mesmo espaço metafórico do destino. Identificou-se para essa metáfora o uso do item *trás*, no século XVI (*correr atrás*), e o uso da construção *atrás (de)* nos demais séculos.

Em 3.5 apresentei a metáfora RUIM É ESTAR ATRÁS, já reconhecida, dadas as devidas proporções, por Bluteau (1712-1728). Esse uso metafórico também parte do esquema do alinhamento *in tandem*, de maneira que estar atrás de algo ou alguém em um ordenamento linear em direção a um objetivo é também estar mais distante no tempo e no espaço desse objetivo. Assim o esquema é transposto tornando possível compreender *ficar para trás* ou *estar para trás* como uma situação de inferioridade, menos privilegiada, ainda podendo expressar a noção de atraso, o que demonstra uma relação com o sentido temporal já discutido em 3.2. No que concerne a mesma metáfora, foi identificada a expressão *dar um passo para trás*, para se referir, principalmente, à carreira profissional, como transposição do esquema ORIGEM-CAMINHO-DESTINO, em que carreira é conceptualizada a partir da metáfora CARREIRA É JORNADA. Mais uma vez foi identificado o uso da construção *atrás (de)* em todos os séculos, com exceção do XVII, e a construção *para trás (de)* nos séculos XX e XXI.

¹¹⁰ Como apresentei nessa seção, conceber o material onde o texto é escrito não funciona em todas as situações em que as construções com *trás* são utilizadas, ou seja, situações que não se referem ao espaço físico e sim a momentos anteriores do texto.

A metáfora RECONSIDERAR E DESISTIR É POSICIONAR-SE ATRÁS abordada na seção 3.6, foi atestada por Silva (1789) para a expressão *tornar atrás com a palavra*, que carrega também o sentido de arrependimento, de retirar a palavra já dada após uma série de ações. Assim, apresentei as ocorrências com *tornar atrás*, expressão documentada nos séculos XVII e XIX, em que se compreende conceito de desistência a partir de um deslocamento metafórico que é interrompido, retornando a uma posição anterior metafórica. Desta maneira, ao lidarmos com essa metáfora, temos como base, além do Esquema do Retorno identificado para a mesma expressão, também o EI de ORIGEM-CAMINHO-DESTINO: uma decisão ou uma promessa é conceptualizada em termos de um destino, podendo se movimentar em sua direção, se afastar dele ou ainda interromper o deslocamento em algum ponto do caminho, sendo ele retomado ou não. Além do uso de *tornar atrás*, identifiquei o uso de *voltar atrás*, apenas no século XXI expressando a mesma metáfora.

Foi documentado também o uso da expressão *dar para trás* que, além de expressar a noção de desistência daquilo já decidido, dito ou prometido, é reconhecida uma noção pejorativa em torno dessa desistência, provocando incerteza ou até mesmo demonstrando incapacidade por parte de quem desiste ou reconsidera. Mais uma vez, foi identificado um uso exclusivo da construção *atrás (de)* nessa metáfora, sendo a construção *pra trás (de)* utilizada apenas com o verbo *dar*, carregando sentidos complementares.

Em 3.7 apresentei a metáfora ESQUECER E ABANDONAR É COLOCAR ATRÁS, não reconhecida nos dicionários consultados. Essa metáfora tem como domínio fonte a ideia de *colocar atrás*, de inserir algo ou alguém em um espaço *atrás* daquele que o coloca; conseqüentemente, aquilo que é inserido nessa posição metafórica é colocado fora do alcance dos nossos olhos, o que nos leva ao domínio alvo do esquecimento e do abandono, que também se relaciona com a metáfora TEMPO É ESPAÇO, pois o passado é compreendido como estando *atrás de* nós, e assim, esquecer, nada mais é do que colocar algo no passado. Esse ato de inserir nos leva ao EI do CONTAINER, em que conceptualizamos o tempo, mais precisamente, o passado, como um container, com um interior e exterior. O sentido foi reconhecido no século XVI com a construção *atrás (de)*, e nos séculos XX e XXI com as construções *atrás (de)* e *para trás (de)*.

Além disso, apresentei algumas elaborações desse sentido, em que o ato de esquecer ou de abandonar favorece algo que ocorre em seguida, pois é possível reconhecer o ato de colocar atrás para esquecer ou abandonar como uma ação voltada a

um destino; o EI de ORIGEM-CAMINHO-DESTINO pode ser então identificado porque se compreende o momento anterior ao esquecimento como ponto de origem e o ato de esquecer como uma das ações em direção a esse destino, que só pode ser alcançado uma vez que o caminho é percorrido.

Na seção 3.8, descrevi a metáfora SER RESPONSÁVEL POR ALGO É ESTAR POR TRÁS, também não identificada nos dicionários consultados e documentada apenas nos séculos XX e XXI, quase exclusivamente com a construção *por trás (de)*. Aqui a localização da FIGURA é feita metaforicamente *por trás do* PR, criando-se uma relação de responsabilidade por parte da FIGURA. Muitas vezes essa localização metafórica também leva a uma noção de não visibilidade, de ocultação da responsabilidade, pois ao ser localizada por *por trás (de)*, a FIGURA está fora do nosso campo de visão.

Por fim em 3.9 busquei apresentar as demais metáforas identificadas para as construções com o item *trás* que diferem das metáforas anteriores, ocorrendo em dados esparsos nos *corpora*. O primeiro sentido analisado foi a metáfora PROTEÇÃO É ESTAR ATRÁS, a partir das expressões *ficar/estar com o pé atrás* ou *fazer o pé atrás*, entendidas a partir do domínio fonte espacial de posicionar o pé atrás do nosso corpo. O domínio alvo de proteção decorre possivelmente da experiência corpórea de nos posicionar com um pé atrás do outro em busca de equilíbrio, proteção. Desta forma, as expressões identificadas nos séculos XVIII, XX e XXI denotam situações em que é colocado o pé atrás metaforicamente em sinal de proteção face a uma situação incerta.

O segundo sentido identificado, documentado apenas nos séculos XX e XXI, é a metáfora EM SEGUIDA DE É ATRÁS DE constante no Aulete Digital (2007) para a construção *atrás (de)*. Nessa metáfora foi possível reconhecer o esquema do alinhamento *in tandem*, mas diferente do sentido espacial, os elementos são ordenados no tempo, evidenciando também a metáfora TEMPO É ESPAÇO. Dessa mesma metáfora, apresentei também o sentido metafórico O PASSADO É ATRÁS, sentido já discutido nas seções anteriores, em que o passado é compreendido como estando atrás de nós. A diferença entre essa e aquela apresentada em 3.2 está no fato de o passado aqui ser compreendido como um objeto estático sendo observado, e em 3.2 lidamos com uma situação de passagem do tempo. Nos casos descritos nesta seção incluem-se expressões como *olhar para trás* no tempo, documentadas no século XVII com a construção *atrás* e nos séculos XX e XXI com a construção *para trás*.

Exponho nos quadros a seguir cada um dos sentidos identificados e analisados no capítulo 3, distribuídos por séculos (quadro 28) e pelas construções com *trás* (quadro 29):

Quadro 28: Propriedades semânticas identificadas ao longo dos séculos para o item *trás* e demais construções

	XVI	XVII	XVIII	XIX	XX	XXI
PR com orientação intrínseca	✓	✓	✓	✓	✓	✓
PR com orientação intrínseca + Esquema de visibilidade	✓	✓	✓	✓	✓	✓
PR sem orientação intrínseca	✓	✓	✗	✓	✓	✓
PR sem orientação intrínseca + Esquema de visibilidade	✓	✓	✓	✗	✓	✓
Alinhamento <i>in tandem</i>	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Alinhamento <i>in tandem</i> + sentido <i>ir em busca de</i> (espacial)	✓	✓	✗	✓	✓	✗
Esquema do Retorno	✓	✓	✗	✓	✗	✗
TEMPO É ESPAÇO	✓	✓	✓	✓	✓	✓
O TEXTO É UMA VIAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO	✓	✓	✓	✓	✓	✓
IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS	✓	✗	✗	✓	✓	✓
RUIM É ESTAR ATRÁS	✓	✗	✓	✓	✓	✓
RECONSIDERAR E DESISTIR É POSICIONAR-SE ATRÁS	✗	✓	✗	✓	✗	✓
ESQUECER E ABANDONAR É COLOCAR ATRÁS	✓	✗	✗	✗	✓	✓
SER RESPONSÁVEL POR ALGO É ESTAR POR ATRÁS	✗	✗	✗	✗	✓	✓
PROTEÇÃO É ATRÁS	✗	✗	✓	✗	✓	✓
O PASSADO É ATRÁS	✗	✗	✗	✗	✓	✓
EM SEGUIDA DE É ATRÁS	✗	✗	✗	✗	✓	✓

Quadro 29: As propriedades semânticas identificadas para o item *trás* e para cada construção

	Trás	Atrás (de)	Detrás (de)	Por detrás (de)	Para trás (de)	Por trás (de)
PR com orientação intrínseca	✓	✓	✓	✓	✓	✓
PR com orientação intrínseca + Esquema de visibilidade	✗	✓	✓	✓	✗	✓
PR sem orientação intrínseca	✗	✓	✓	✓	✗	✓
PR sem orientação intrínseca + Esquema de visibilidade	✗	✓	✓	✗	✗	✗
Alinhamento <i>in tandem</i>	✓	✓	✓	✓	✓	✓
Alinhamento <i>in tandem</i> + <i>sentido ir em busca de</i> (espacial)	✓	✓	✗	✗	✗	✗
Esquema do Retorno	✗	✓	✗	✗	✓	✗
TEMPO É ESPAÇO	✗	✓	✗	✗	✗	✗
O TEXTO É UMA VIAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO	✗	✓	✓	✗	✓	✗
IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS	✓	✓	✗	✗	✗	✗
RUIM É ESTAR ATRÁS	✗	✓	✗	✗	✓	✗
RECONSIDERAR E DESISTIR É POSICIONAR-SE ATRÁS	✗	✓	✗	✗	✓	✗
ESQUECER E ABANDONAR É COLOCAR ATRÁS	✗	✓	✗	✗	✓	✗
SER RESPONSÁVEL POR ALGO É ESTAR POR ATRÁS	✗	✗	✗	✗	✗	✓
PROTEÇÃO É ATRÁS	✗	✓	✗	✗	✗	✗
O PASSADO É ATRÁS	✗	✓	✗	✗	✓	✗
EM SEGUIDA DE É ATRÁS	✗	✓	✗	✗	✗	✗

A partir desses dois quadros e do que foi discutido no capítulo 3, é possível observar que:

- (i) Quanto ao sentido prototípico espacial foi possível perceber que alguns esquemas ocorrem em todos os séculos, ao passo que outros apenas em alguns séculos. Isso pode estar vinculado, como já mencionado antes, à tipologia de textos disponíveis nos *corpora* estudados. Pelo quadro 29, constata-se que a construção *atrás (de)* atua em todos os esquemas espaciais, *trás* se restringe a dois esquemas (PR com orientação intrínseca e alinhamento *in tandem*, com ou sem visibilidade), e as demais construções atuam em alguns esquemas, não em todos. Essa diferença pode estar relacionada, dentre outros fatores, à própria semântica de cada item que

forma a construção (no caso, as preposições *a*, *de*, *por* e *para*), o que não foi estudado nesta pesquisa.

- (ii) A distribuição dos dados no esquema da visibilidade se dá razoavelmente de forma equilibrada em todos os séculos (exceto no XIX). As construções nesse esquema são: *atrás (de)*, *detrás (de)*, *por detrás (de)* e *por trás (de)*, o que leva a crer que as propriedades [-visível] e [-acessível] presentes no esquema atuam tanto no sentido espacial quanto no sentido metafórico SER RESPONSÁVEL POR ALGO É ESTAR POR TRÁS, ainda que esse só tenha sido constatado com a construção *por trás (de)*.
- (iii) Embora o esquema do alinhamento *in tandem* tenha sido identificado em todas as construções, apenas o item *trás* e a construção *atrás (de)* apresentaram o sentido de ir em busca de (espacial); o mesmo ocorre para o sentido metafórico de IR EM BUSCA DE É ESTAR ATRÁS, o que demonstra que o sentido de busca é somente expresso por essas construções.
- (iv) Já o esquema do retorno é apenas reconhecido para as construções *atrás (de)* e *para trás (de)*, assim como para o uso metafórico que tem esse esquema como base, o de RECONSIDERAR E DESISTIR É POSICIONAR-SE ATRÁS.
- (v) As metáforas documentadas em todos os séculos são: TEMPO É ESPAÇO e o TEXTO É UMA VIAGEM NO TEMPO E NO ESPAÇO, a primeira identificada apenas com a construção *atrás*, e a segunda com as construções *atrás*, *detrás* e *para trás*. Isso permite afirmar que a conceptualização do tempo e do texto se manteve estável ao longo dos séculos. A ocorrência ou ausência de determinada construção com *trás* nessas duas metáforas ao longo dos séculos só poderá ser observada em pesquisas futuras.
- (vi) A construção *atrás (de)* foi a única identificada em quase todos os sentidos analisados, o que demonstra uma preferência em relação às outras construções, ou mesmo a única que expressa sentidos específicos, como é o caso da metáfora TEMPO É ESPAÇO.
- (vii) A ausência de ocorrências dos sentidos ESQUECER E ABANDONAR É COLOCAR ATRÁS e PROTEÇÃO É ATRÁS, por exemplo, em alguns séculos pode estar vinculada apenas à tipologia dos textos, não revelando eventuais mudanças semânticas, gramaticais e lexicais.
- (viii) As construções *detrás (de)* e *por trás (de)* demonstraram ter um uso mais restrito quanto aos sentidos metafóricos, algumas delas identificadas apenas

em ocorrências isoladas (*detrás (de)*) ou em um sentido metafórico específico, a exemplo de *por trás (de)*, documentado só com a metáfora SER RESPONSÁVEL POR ALGO É ESTAR POR TRÁS DE, a única em que a construção *atrás (de)* não ocorre. Já a construção *por detrás (de)* teve o seu uso restrito ao sentido espacial, não sendo identificada nos usos metafóricos mencionados. Essas constatações também merecem mais pesquisas, pois a restrição pode estar atrelada à semântica da preposição *por*, além do sentido das construções e dos contextos discursivos de uso.

- (ix) Por fim, observa-se que, embora de maneira desigual, as construções com o item *trás* atuam em diferentes sentidos, sejam eles espaciais ou metafóricos, sendo poucos os sentidos restritos a uma única construção.

Além das propriedades semânticas analisadas, foram reconhecidas as possibilidades de análise quanto à gramaticalização¹¹¹ do item *trás* e de suas construções, embora não tenha sido esse o objetivo da pesquisa. Aponto alguns possíveis caminhos de análise quanto a esse processo:

- (a) A fonologização de *trás*, geralmente produzido de forma ditongada no PB atual [*a.trais, di.trais* etc.] e a morfologização das formações *atrás, detrás, por trás, para trás* ou ainda *para detrás e por detrás* seguidas ou não da preposição *de*.
- (b) A sintaticização quanto às funções sintáticas que a expressão com *trás* desempenha: argumento verbal (complemento oblíquo), adjunto adverbial e adnominal, complemento nominal.
- (c) Posição que as construções com *trás* ocupam na sentença, aliada à função sintática, pois adjuntos costumam ocorrer na cabeça ou no final da sentença, ao passo que argumentos geralmente aparecem mais ligados a verbos (Castilho 2010: 595).
- (d) Escopo do item *trás*: sintagma nominal (*trás o prédio*), sentença com verbo na forma nominal (*trás o desenrolar dos fatos*), além do escopo das construções formadas por *trás* (*atrás da casa, por detrás da realidade* etc.).

¹¹¹ Vale lembrar que a Abordagem Multissistêmica da língua compreende um grupo de pesquisas coletivas, pois cada um dos processos e sistemas cognitivos que compõem a língua são independentes e não dispostos hierarquicamente. Por isso aponto alguns possíveis caminhos de análise para o item *trás* e suas construções que possam dar conta dos aspectos não abordados na presente pesquisa.

(e) Discussão a respeito do estatuto categorial do item *trás* e demais construções, conforme parcialmente apresentado no capítulo 1. Especificamente, uma análise mais apurada de dados que permita ou não definir *atrás de* como preposição complexa e *atrás* como advérbio, por exemplo.

Na pesquisa realizada aqui busquei, exclusivamente, analisar as propriedades semânticas do item *trás* e demais construções, levantando outros possíveis caminhos de análise não somente quanto aos sentidos, mas também a outras propriedades. Não posso concluir sem mencionar a importância das propriedades discursivas dos textos que serviram de base para a coleta dos dados. Ainda que não tenha explorado essas propriedades, ficaram, por vezes, evidentes certos contextos que favorecem a ativação de uma construção e/ou sentido, a exemplo da ocorrência (166), *A trágica história por trás de 'Zombie', sucesso do Cranberries composto por Dolores O'Riordan*. O entendimento do uso da construção e de seu sentido é recuperado pelo contexto em que aparece e está vinculado ao fato de ser uma manchete de notícia. Essa e outras várias questões e aspectos que foram surgindo ao longo da elaboração da dissertação só poderão ser exploradas em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de; LEMOS DE SOUZA, Janderson; KEWITZ, Verena (2018) *Preposições complexas: moldes e modos*. In A. M. Tenuta; S. M. Coelho (Orgs.) Uma abordagem cognitiva da linguagem: perspectivas teóricas e descritivas. Belo Horizonte: FALE UFMG, p. 157-179.
- BATORÉO, Hanna J. (2000) *A expressão do espaço no português europeu*. Contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- BECHARA, Evanildo (2009) *Moderna Gramática Portuguesa*, 37ª ed., Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- BECHARA, Evanildo (1989) *Moderna Gramática Portuguesa*, 33ª ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- BLUTEAU, Raphael (1712-1728) *Vocabulario Portuguez & Latino: Aulico, Anatomico, Architectonico*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 8 v. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/1>> Acesso em 20 fev. 2019.
- CASTILHO, Ataliba T. de; MORAES DE CASTILHO, Célia M.; MORONEZE, Bruno; BUIN, Edilaine; CALDEIRA, Marcel; FERNANDES, Flávia Orci; OLSEN, Janaína (2019) Diacronia da Concordância. In A.T. Castilho (Org. 2019) *História do Português Brasileiro*. Vol. V: Mudança sintática das construções. Perspectiva funcionalista. São Paulo: Contexto, p.284-399.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2004) *Diacronia das preposições do eixo transversal no português brasileiro*. In Negri, L.; Foltran, M.J.; Oliveira, R. P.de (Orgs. 2004) Sentido e Significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, p. 11-47.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2006) *Proposta funcionalista de mudança linguística: os processos de lexicalização, semanticização, discursivização e gramaticalização na construção das línguas*. In T.Lobo; I.Ribeiro; Z.Carneiro; N.Almeida (Orgs.) Para a História do Português Brasileiro. Vol.VI: novos dados, novas análises, Tomo I. Salvador: EDUFBA, p. 223-296.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2007) *Abordagem da língua como um sistema complexo. Contribuições para uma nova Linguística Histórica*. Em: A.T. de Castilho; M.A.T. Moraes; R.E.V. Lopes; S.M.L. Cyrino (Orgs. 2007) Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro. Homenagem a Mary A. Kato. Campinas: Pontes /Fapesp, pp. 329-360.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2009) *Para uma análise multissistêmica das preposições*. In Castilho, A.T. (2009 Org.) História do Português Paulista. Série Estudos, Vol.1. Campinas: IEL Publicações/FAPESP, p.279-331.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2010) *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2012) Funcionalismo e gramáticas do Português Brasileiro. Novos desdobramentos. In Edson R.F. de Souza (2012 Org). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. Volume 1. São Paulo: Contexto.
- CASTILHO, Ataliba T. de (2015) *O que se entende por língua e por gramática*. Reformulação do cap. 1 de Nova Gramática do Português Brasileiro, ms.
- CASTRO, Ivo (2006) *Introdução à História do Português*. Lisboa: Colibri.
- COUTINHO, Ismael de Lima (1958). *Pontos de Gramática Histórica*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Biblioteca Brasileira de Filologia – Livraria Acadêmica.
- CUNHA, Celso (1980) *Gramática do Português Contemporâneo*., Rio de Janeiro: Editora Padrão 8ª ed.
- Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* (1980) Coordenação de Theodoro Henrique Maurer Jr., Adalberto Brado e Silva et al. São Paulo: Melhoramentos / Mirador Internacional, 4ª edição, 2 vols.

- Dicionário Caldas Aulete Digital* (2007). Disponível em < <http://www.aulete.com.br/>>. Último acesso em 23 dezembro 2020.
- EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie (2003) *Cognitive Linguistics. An Introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- FERNANDES, Flávia Orci (2012) *Sintaticização e semanticização das construções andar, continuar, ficar, viver + gerúndio na história do português paulista*. Dissertação de mestrado (Linguística), Campinas, IEL/Unicamp. Disponível em < http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270457/1/Fernandes_FlaviaOrci_M.pdf>. Acesso em 15 ago. 2020.
- GOLDBERG, Adele E. (1995) *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press.
- HUBER, Joseph (1933). *Gramática do Português Antigo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ILARI, Rodolfo; CASTILHO, Ataliba T. de; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de; BASSO, Renato; KLEPPA, Lou-Ann (2015) *A preposição*. In Ilari, R. (Org.) *Palavras de Classe Fechada. Gramática do Português Culto Falado no Brasil*. Vol IV. São Paulo: Contexto, p. 163-310.
- JACOB, Daniel (2001) *¿Representatividad lingüística o autonomía pragmática del texto antiguo? El ejemplo del pasado compuesto*. In Jabob & Kabatek (eds.) *Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica. Descripción gramatical – pragmática histórica – metodología*. Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, p. 153-176.
- JUBRAN, Clélia C.S. (2015 org.) *A construção do texto falado*. Gramática do português culto falado no Brasil. Vol. 1. São Paulo: Contexto.
- KABATEK, Johannes (2006) *Tradições Discursivas e mudança linguística*. Em Lobo et al. (orgs.) *Para a História do Português Brasileiro*. Vol. VI: Novos Dados, Novas Análises. Salvador, Edufba. Tomo II, p. 505-527.
- KEWITZ, Verena; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de; LEMOS DE SOUZA, Janderson; GONÇALVES, C. A. (2018) *As preposições: aspectos históricos e usos atuais*. In Lopes, C. (Org.) *História do Português Brasileiro*. Vol. IV: Mudança sintática das classes de palavras: perspectiva funcionalista. São Paulo: Contexto, p.294-386.
- KEWITZ, Verena; ALMEIDA, Maria Lucia Leitão de; LEMOS DE SOUZA, Janderson (2020). *Algumas dimensões espaciais do português: o caso de cerca, cima e baixo*. In Ilari, R.; Basso, R. (Orgs.) *História do Português Brasileiro*. Vol. 8: Mudança Semântica do Português. São Paulo: Contexto.
- KEWITZ, Verena (2007) *Gramaticalização e semanticização das preposições a e para no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado (Filologia e Língua Portuguesa), FFLCH, USP, São Paulo. Disponível em <www.teses.usp.br>.
- KEWITZ, Verena (2009) *Gramaticalização, semanticização e discursivização das preposições a e para no Português Brasileiro*. In Castilho, A.T. de (Org.) *História do Português Paulista. Série Estudos*, Vol. 1. Campinas: IEL Publicações/FAPESP, p.603-633.
- KEWITZ, Verena (2011) *A representação de movimento no Português Paulista*. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 13, p. 89-125.
- KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. (1985) *Sprache der Nähe - Sprache der Distanz. Mündlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und Sprachgeschichte*. *Romanistisches Jahrbuch*, 1985, vol. 36. Tradução para o português: Urbano/Caldas (2013) *Linha D'Água*, vol. 26, n. 1., 1985. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/55677/60935>>.
- LAKOFF, George (1987) *Women, Fire and Dangerous Things*. What categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. (1980) *Metaphor we live by*. Chicago: The University of Chicago Press,
- LEMLE, Miriam (1989) *Análise sintática* (Teoria geral e descrição do português). São Paulo: Ed. Ática. 2ª edição.

- LISPECTOR, Clarice (1999) *Brincar de pensar. A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- MACHADO FILHO, Américo Venâncio (2013) *Dicionário Etimológico do Português Arcaico*. Salvador: EDUFBA.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1989). *Estruturas Trecentistas*. Elementos para um Gramática do Português Arcaico. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda; Estudos Gerais - série universitária.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2006) *O Português Arcaico - fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto.
- MICHAELIS (2018) *Moderno dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo. Melhoramentos. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>
- MORAES DE CASTILHO, Célia Maria (2005) *O Processo de redobramento sintático no português medieval. A formação das perífrases de estar*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, tese de doutoramento.
- MORAES DE CASTILHO, Célia Maria; CASTILHO, Ataliba T. de (2012) *A perspectiva multissistêmica da concordância na história do português brasileiro*. In Santiago-Almeida, M.M.; Lima-Hernandes, M.C. (Orgs. 2012) *História do Português Paulista*. Vol. III, Série Estudos. Campinas: IEL Publicações/Fapesp, p. 111-132.
- MORAES DE CASTILHO, Célia Maria & CASTILHO, Ataliba T. de (2013) *Aspectos da concordância verbal no português médio*. In Blanco, R.A.; Martins, A.M.; Romero; H.M.; Ramos, M.A. (Orgs. 2013) *Ao sabor do texto: estudos dedicados a Ivo Castro*. Santiago de Compostela: Univ. de Santiago de Compostela, Servizo de Publicacións e Intercambio científico, p.107-124.
- NASCENTES, Antenor (1955) *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro. Disponível em <<https://archive.org/details/AntenorNascentesDicionarioEtimologicoDaLinguaPortuguesaTomol/pa/ge/n91>>. Acesso em 12 jan. 2019.
- NEVES, Maria Helena de Moura (2011) *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Editora da UNESP, 2ª ed.
- OLIVEIRA, Aparecida A. de (2009) *Relações semântico-cognitivas no uso da preposição 'em' no português do Brasil*. 317 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Linguística, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/LETR-8T9NRJ>>. Acesso em 31 maio 2018.
- PINTO, Luiz Maria da Silva (1832). *Diccionario da Lingua Brasileira* por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1823. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/3>>. Acesso em 10 jan. 2019.
- POGGIO, Rosauta M.G.F. (1999) *Relações expressas por preposições no período arcaico do português em confronto com o latim*. Salvador, UFBA, Tese de Doutorado. 4 Vols.
- PONTES, Eunice (1992) *Espaço e Tempo no Língua Portuguesa*. Campinas: Pontes.
- RADDEN, Günter (2003) *The metaphor TIME AS SPACE across languages*. Zeitschrift für interkulturellen Fremdsprachenunterricht, v. 8, n. 2. Disponível em <https://www.researchgate.net/profile/Guenter_Radden/publication/247931562_The_metaphor_TIME_AS_SPACE_across_languages/links/572508e808ae262228adbc6b/The-metaphor-TIME-AS-SPACE-across-languages.pdf>. Acesso em 20 jul. 2020.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique (1992) *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 22ª ed.
- ROMERO, Nanci (2009) *Gramaticalização, lexicalização e semanticização de com e sem*. In Castilho, A.T. de (Org.) *História do Português Paulista*. Série Estudos, Vol. 1. Campinas: IEL Publicações/FAPESP, p.519-558.

- SAID ALI, Manuel (1971 [1921]). *Gramática Histórica de Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 7ª ed. melhorada e aumentada.
- SAID ALI, Manuel (1964). *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. Brasília: Universidade de Brasília, nº da ed.5.
- SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo (2009) *Os Manuscritos e impressos antigos: via filológica*. In: Beatriz Daruj Gil; Elis de Almeida Cardoso; Váleria Gil Condé (Orgs.). *Modelos de Análise Linguística*. São Paulo: Contexto, p. 223-234.
- SILVA, Antonio de Moraes (1789). *Diccionario da Lingua Portuguesa* - recopilado dos vocabulários impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA. Lisboa: Typographia Lacerdina. Disponível em: <<http://dicionarios.bbm.usp.br/en/dicionario/edicao/2/>>. Acesso em 16 fev. 2019.
- SILVA, Augusto Soares da (1997) A Linguística Cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. *Revista Portuguesa de Humanidades* 1, 59-101.
- SILVA, Augusto Soares da (1999) *A semântica de DEIXAR: uma contribuição para a abordagem cognitiva em Semântica Lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e da Tecnologia (dissertação de doutorado, Braga, 1997).
- SILVA, Augusto Soares da (2000) Image schemas and coherence of the verb category: the case of the Portuguese verb *deixar*. In H. Cuyckens; B. Zawada (eds.) *Polysemy in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins.
- SILVA, Augusto Soares da (2006) *O mundo dos sentidos em Português. Polissemia, Semântica e Cognição*. Coimbra: Almedina.
- SILVA, Joaquim Carvalho (2009). *Dicionário da Língua Portuguesa Medieval*. 2ª ed., Londrina: EDUEL.
- SIMÕES, José da Silva (2007) *Gramaticalização, Semanticização e Discursivização das orações de gerúndio no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado, FFLCH-USP, disponível em <www.teses.usp.br>.
- SIMÕES, José da Silva (2009) *A gramaticalização das orações de gerúndio no Português Brasileiro do séc. XVIII ao séc. XX*. In Castilho, A.T. de (Org.) *História do Português Paulista. Série Estudos*, Vol. 1. Campinas: IEL Publicações/FAPESP, p.417-463.
- SIMÕES, José da Silva (2019) *A gramaticalização das orações de gerúndio no português brasileiro do século XVIII ao século XX*. In Castilho, A.T. de (Org. 2019). *História do Português Brasileiro*. Vol. V: Mudança sintática das construções: perspectiva funcionalista. São Paulo: Contexto, p. 222-282.
- TALMY, Leonard (2000) *Toward a Cognitive Semantics*. Cambridge, Massachusetts, MIT Press. 2 Vols.
- TEIXEIRA, José (2001) *Verbalização do Espaço: modelos mentais de frente/trás*. Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, Coleção Poliedro, Braga. Disponível em <<http://hdl.handle.net/1822/4517>>, acesso em 25 jun. 2017.
- TYLER, Andrea; EVANS, Vyvian (2003). *The semantics of English Prepositions*. Nova Iorque, Estados Unidos da América, Cambridge University Press.
- VIARO, Mário E. (1994) *Das preposições latinas às do português e do romeno: derivações semânticas*. Dissertação de mestrado (Letras Clássicas), São Paulo, FFLCH, Universidade de São Paulo. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-02022018-113148/pt-br.php>>. Acesso 26 jun .2017.

REFERÊNCIAS DOS CORPORA

- CIPM** (*Corpus Informatizado do Português Medieval*). Todos os textos listados abaixo estão disponíveis na página <<https://cipm.fcsh.unl.pt/>>
- LOPES, David (ed. 1897) *Chronica dos Reis de Bisnaga*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- MARTINS, Ana Maria (ed. 2000) *Documentos Notariais dos Séculos XII a XVI*. Edição digitalizada.

SILVA, Elsa Branco da (ed. 2001) *O catecismo* pequeno de Dom Diogo Ortiz. Lisboa: Colibri. Edição digitalizada cedida pela editora.

CTB (*Corpus Histórico do Português Thyco-Brahe*. Todos os textos listados abaixo estão disponíveis na página <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/corpus/>>)

ALMEIDA, Manuel Pires de (1597). *Poesia e Pintura*.

BRANDÃO, António (1584) *Monarchia Lusitana*. Tomo II. Lisboa, Tipografia da Academia Real das Sciencias.

CHIADO, António Ribeiro (1520). *Teatro, António Ribeiro Chiado*.

COUTO, Diogo do (1542). *Décadas*. Vol 1. Lisboa, Livraria Sá da Costa – Editora.

D. JOÃO III (1502): *Cartas, D. João III*.

GANDAVO, Pero Magalhães de (1502). *História da prouincia Sãcta Cruz que vulgarme[n]te chamamos Brasil*. Em Lisboa: na officina de António Gonsaluez: HOLANDA, Francisco de (1517). *Da Pintura Antiga*. Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

MACEDO, António de Sousa de (1606). *Mercurio Portuguez*, com as novas da Guerra entre Portugal, e Castella : começa no principio de anno de 1663. Lisboa: na Officina de Henrique Valente de Oliveira, Impressor delRey N.S.

MARQUILHAS, Rita. (1996) *Manuscritos das Mãos Inábeis*. In. A faculdade das letras: Leitura e escrita em Portugal no século XVII. Lisboa: Universidade de Lisboa (Tese de Doutoramento).

MELO, D. Francisco Manuel de (1608a). *Cartas Familiares* (seleção, prefácio e notas por M. Rodrigues Lapa). Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1942.

MELO, Francisco Manuel de.(1608b) *Tácito Português* (prefácio e leitura do manuscrito por Raul Rêgo). Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1995.

MELO, Francisco Manuel de. (1608c) *Obras Métricas de Don Francisco Manuel al Sereníssimo Señor Infante Don Pedro*. León de Francia (Lyon). Horacio Boechat & George Remeus. 1665.

PINTO, Fernão Mendes (1510). *Perigração*. Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Gráfica Maiadouro - Vila da Maia.

SOUSA, Frei Luís de. (1556) *A Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires* (introdução de Aníbal Pinto de Castro; fixação do texto de Gladstone Chaves de Melo e Aníbal Pinto de Castro). Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

VIEIRA, António. (1608a) *Cartas do Padre António Vieira*. Tomo I. Coimbra, Imprensa da Universidade.

VIEIRA, António (1608b) *História do Futuro* (Introdução, actualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu). 2ª edição, Imprensa Nacional - Casa da Moeda

PHPB (*Para a História do Português Brasileiro*. todos os textos listados abaixo estão disponíveis na página <https://sites.google.com/site/corporaphpb/home>)

AGUILERA, Wanderci de Andrade; VASCONCELOS, Celciane Alves (Orgs. 2007) *Scripturae nas Vilas de São Luiz de Goaratatuba e Antonina: manuscritos setecentistas e oitocentistas*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina.

ALDRIGUE, Ana Cristina de Sousa; NICOLAU, Roseane Batista (2009), *Quem pretende comprar dirija-se a.... João Pessoa*: Editora Universitária da UFPB.

- ALMEIDA, Erica Sousa de; THOMÉ VIEGAS, Elaine Marques (2013). *Editoriais* - Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Projeto PHPB/RJ.
- ALMEIDA, Erica Sousa de (2011). *Cartas de Leitores* – Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Projeto PHPB/RJ, 2011.
- ATAÍDE, Cleber; SILVA, Pedro Henrique Corrêa. (2010) *Cartas Oficiais do século XX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, CD-rom. Cartas particulares – carta 1.
- ATAÍDE, Cleber; VIEIRA FILHO, Manoel Pedro. (2010) *Cartas Particulares do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, CD-rom, Cartas Particulares. Carta 1.
- ATAÍDE, Cleber; FORCIONI, Daniela. (2010) *Cartas Particulares do século XIX – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB/PE, 2010, CD-rom. Carta Particular. Carta 2.
- ATAÍDE, Cleber; GOMES, Valéria Severina. (2010) *Cartas Particulares – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB /PE, 2010, CD-rom. Cartas Particulares - Carta 1.
- BARBOSA, Afranio G.; LOPES, Célia Regina dos S. (2006) *Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do séc. XIX: cartas de leitores*. Rio de Janeiro: UFRJ, Pós-Graduação em Letras Vernáculas: FAPERJ. 299 p.
- BARBOSA, Afranio G.; LOPES, Célia Regina dos S. (2004) *Críticas, queixumes e bajulações na Imprensa Brasileira do séc. XIX: cartas de leitores e cartas de redatores*. Rio de Janeiro: Projeto PHPB-Rio/FAPERJ..
- BARBOSA, Afranio G. (1999) *Para uma História do Português Colonial: aspectos lingüísticos em cartas de comércio*. Rio de Janeiro: UFRJ, Fac. de Letras, 484 fl. mimeo. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.
- CARNEIRO, Zenaide (2011a) *Edição semidiplomática fac-similada de cartas de leitores do jornal Folha do Norte (1909-1950)*.
- CARNEIRO, Zenaide (2011b) *Edição semidiplomática fac-similada de cartas de leitores do jornal Folha do Norte (1951-1997)*.
- CARNEIRO, Zenaide (2011c) *Edição semidiplomática fac-similada de cartas de redatores do jornal Folha do Norte (1909-1950)*.
- CARNEIRO, Zenaide (2011d) *Edição semidiplomática fac-similada de cartas de redatores do jornal Folha do Norte (1951-1997)*.
- CARNEIRO, Zenaide (2011e) *A edição fac-similada dos anúncios do jornal Folha do Norte (1909-1936)*.
- CARNEIRO, Zenaide (2011f) *A edição fac-similada dos anúncios do jornal Folha do Norte (1937-1945)*.
- CARNEIRO, Zenaide (2011g) *A edição fac-similada dos anúncios do jornal Folha do Norte (1946-1950)*.
- CARNEIRO, Zenaide (2011h) *A edição fac-similada dos anúncios do jornal Folha do Norte (1951-2006)*.
- CARNEIRO, Zenaide (2005a) *Cartas Brasileiras (1808-1904): um estudo lingüístico-filológico*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP. 2º volume, 1ª parte: cartas avulsas para vários destinatários.
- CARNEIRO, Zenaide (2005b) *Cartas Brasileiras (1808-1904): um estudo lingüístico-filológico*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas. 2º volume, 2ª parte: cartas para Severino.
- CARNEIRO, Zenaide (2005c) *Cartas Brasileiras (1808-1904): um estudo lingüístico-filológico*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP, 2005. 2º volume, 3ª parte: cartas para Cícero Dantas Martins, barão de Jeremoabo.

- CARVALHO, Adriano Lucas da Silva (2011a) *Cartas de Leitor – Jornal Impresso Século XX (1ª Fase, PR)*.
- CARVALHO, Adriano Lucas da Silva (2011b) *Cartas de Redator – Jornal Impresso Século XX (1ª Fase, PR)*.
- CARVALHO, Adriano Lucas da Silva (2011c) *Anúncio – Jornal Impresso Século XX (1ª Fase, PR)*.
- CAVALCANTE, Sílvia (2012) *Cartas de Redatores em Jornais Cariocas: 1ª metade do século XIX*. Rio de Janeiro.
- CHAVES, Elaine; ALKMIM, Mônica G. R. (orgs 2002) *Cartas Pessoais do Século XIX: Acervo Histórico Monsenhor Horta (MG)*. Mariana: Publicação Independente, 1 CD-ROM.
- CHAVES, Elaine. (2006a) *A Implementação do pronome Você: a contribuição das pistas gráficas*. Belo Horizonte: UFMG/ FALE/ PosLin, 2006. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos. Carta 01.
- CHAVES, Elaine. (2006b) *A Implementação do pronome Você: a contribuição das pistas gráficas*. Belo Horizonte: UFMG/ FALE/ PosLin. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos. Carta 36.
- CHAVES, Elaine. (2006c) *A Implementação do Pronome Você: a contribuição das pistas gráficas*. Belo Horizonte: UFMG/ FALE/ PosLin, 2006. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos. Carta 01.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et alii. (2011a) *Cartas de Leitores de Santa Catarina - 1ª metade Séc. XIX*. Santa Catarina: Centro De Comunicação E Expressão – UFSC / Projeto Para A História Do Português Brasileiro – Equipe Santa Catarina.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et alii. (2011b). *Cartas de Leitores de Santa Catarina - Séc. XIX - XX*. Santa Catarina: Centro De Comunicação E Expressão, UFSC, Projeto Para A História Do Português Brasileiro – Equipe Santa Catarina.
- COELHO, Izete Lehmkuhl et alii. (2011c) *Cartas de Leitores de Santa Catarina - 2ª metade Séc. XX*. Santa Catarina: Centro De Comunicação E Expressão – UFSC / Projeto Para A História Do Português Brasileiro – Equipe Santa Catarina..
- COELHO, Izete Lehmkuhl et alii.. (2011d) *Anúncios de Santa Catarina - 1ª metade Séc. XX. Santa Catarina: Centro De Comunicação E Expressão, UFSC, Projeto Para A História Do Português Brasileiro – Equipe Santa Catarina.*
- COELHO, Izete Lehmkuhl et alii. (2011e) *Anúncios de Santa Catarina - 2ª metade Séc. XX*. Santa Catarina: Centro De Comunicação E Expressão, UFSC, Projeto Para A História Do Português Brasileiro – Equipe Santa Catarina.
- CYRINO, Sonia M. Lazzarini; BARRICHELO, Jerusa; PAULA, Flávia Figueiredo de. (2004) *Cartas não-oficiais – Curitiba, Paraná*. Curitiba: Projeto PHPB /PR, 2, CD-rom. Cartas Familiares ao Sr. José Lourenço.
- DUARTE, Maria Eugênia. (2012a) *Cartas de Leitores em Jornais Cariocas: 1ª metade do século XX*. Rio de Janeiro.
- DUARTE, Maria Eugênia. (2012b) *Cartas de Leitores em Jornais Cariocas: 2ª metade do século XX*. Rio de Janeiro.
- DUARTE, Maria Eugênia. (2012c) *Anúncios em Jornais Cariocas: 1ª metade do século XX*. Rio de Janeiro..
- DUARTE, Maria Eugênia. (2012d) *Anúncios em Jornais Cariocas: 2ª metade do século XX*. Rio de Janeiro..
- ELIZA, Silmara (2011) *Cartas de Leitor de MG, Século XX (2ª Fase)*.
- FONSECA, Maria Cristina de Assis (2004) *Cartas oficiais da Paraíba dos Séculos XVIII e XIX*. João Pessoa: Idéia. 186 p.
- GOMES, Valéria Severina (2010a) *Editoriais – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB/PE, CD-rom. Editoriais da primeira metade do século XIX.

- GOMES, Valéria Severina e SILVA, Jéssica Pereira (2010b) *Editoriais* – Pernambuco. Recife: Projeto PHPB /PE, CD-rom. Editoriais da primeira metade do século XX.
- GANDRA, Ana Sartori. (2010) *Cartas de amor na Bahia do século XX: normas linguísticas, práticas de letramento e tradições do discurso epistolar*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador. 2v. + 1 CD-ROM.
- GUEDES, Marymárcia; BERLINCK, Rosane de Andrade (Orgs 2000) *E os preços eram commodos...: anúncios de jornais brasileiros século XIX São Paulo*: Humanitas/FFLCH/USP, 465 p. (Série Diachronica: Fontes para a História da Língua Portuguesa).
- LOBO, Tânia; FERREIRA, Permínio Souza; GONÇALVES, Uílton; OLIVEIRA, Klebson. (Orgs. 2001) *Cartas baianas setecentistas*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP (Série Diachronica: Fontes para a História da Língua Portuguesa, 3).
- IAPECHINO, Mari Noeli Kiehl. (2010) *Cartas Oficiais – Pernambuco (2ª metade do século XVIII)*. Recife: Projeto PHPB/PE, CD-rom.
- MARTINS, Marco Antonio, COSTA, Alessandra Castilho Ferreira da (2011a) *Cartas de Leitores XIX/2 RN* – Corpus Mínimo Comum Impresso. Projeto de História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte (PHPB – RN).
- MARTINS, Marco Antonio, COSTA, Alessandra Castilho Ferreira da (2011b) *Cartas de Redator XIX/2 RN* – Corpus Mínimo Comum Impresso. Projeto de História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte (PHPB – RN).
- MARTINS, Marco Antonio, COSTA, Alessandra Castilho Ferreira da (2011c) *Anúncios XIX/2 RN* – Corpus Mínimo Comum Impresso. Projeto de História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte (PHPB – RN).
- MARTINS, Marco Antonio, COSTA, Alessandra Castilho Ferreira da (2011d) *Cartas de Leitores XX/1 RN* – Corpus Mínimo Comum Impresso. Projeto de História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte (PHPB – RN).
- MARTINS, Marco Antonio, COSTA, Alessandra Castilho Ferreira da (2011e) *Cartas de Leitores XX/2 RN* – Corpus Mínimo Comum Impresso. Projeto de História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte (PHPB – RN).
- MARTINS, Marco Antonio, COSTA, Alessandra Castilho Ferreira da (2011f) *Cartas de Redatores XX/1 RN* – Corpus Mínimo Comum Impresso. Projeto de História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte (PHPB – RN).
- MARTINS, Marco Antonio, COSTA, Alessandra Castilho Ferreira da (2011g) *Anúncios XX/1 RN* – Corpus Mínimo Comum Impresso. Projeto de História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte (PHPB – RN).
- MEDEIROS, Rebecca Ramos (2011a). *Anúncios Século XX (1ª Fase, CE)*.
- MEDEIROS, Rebecca Ramos (2011b). *Anúncios Século XX (2ª Fase, CE)*.
- NICOLAU, Roseane Batista F.; ALDRIGUE, Ana Cristina S.; ASSIS, Cristina. (2011a) *Cartas do Leitor XIX/2* (Paraíba).
- NICOLAU, Roseane Batista F.; ALDRIGUE, Ana Cristina S. (2011b). *Editoriais Século XIX/2* (Paraíba).
- OLIVEIRA, Maria Sandy Nunes de (2011a) *Cartas de Leitor – Jornal Impresso Século XX (1ª Fase, Pará Oeste)*.
- OLIVEIRA, Maria Sandy Nunes de; (2011b) *Cartas de Redator – Jornal Impresso Século XX (1ª Fase, Pará Oeste)*.
- OLIVEIRA, Maria Sandy Nunes de; (2011c) *Anúncio – Jornal Impresso Século XX (1ª Fase, Pará Oeste)*.
- PAIXÃO, Vivian Borges; ALMEIDA, Erica Sousa de (2011). *Editoriais* – Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Projeto PHPB | RJ.

- RIBEIRO, Ilza (1999) Projeto Cartas de 1860-1863. *Contribuições para a História da Santa Casa da Misericórdia de Salvador* (CNPq). Projeto desenvolvido na Universidade de Salvador (UNIFACS), Salvador, Bahia.
- SANTANA, Tiago Aquino Silva de (2011a) *Cartas de Leitor – Jornal Impresso Século XX (1ª Fase, Pará Oeste)*.
- SANTANA, Tiago Aquino Silva de (2011b) *Cartas de Redator – Jornal Impresso Século XX (1ª Fase, Pará Oeste)*.
- SANTANA, Tiago Aquino Silva de (2011c) *Anúncios – Jornal Impresso Século XX (1ª Fase, Pará Oeste)*.
- SILVA, Andréa Souza; SILVA, Mauricio Vieira da (2010a). *Cartas de Leitores – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB/PE, CD-rom. Cartas de Leitores do século XX.
- SILVA, Andréa Souza; SILVA, Mauricio Vieira da. (2010b) *Anúncios – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB/PE, CD-rom. Anúncios do século XX.
- SILVEIRA, Letícia Pena. (2011a) *Anúncios do Século XX (1ª Fase, MG)*.
- SILVEIRA, Letícia Pena. (2011b) *Anúncios do Século XX (2ª Fase, MG)*.
- SOARES, Katherine Silva de Oliveira. (2011c) *Cartas de Leitor Século XX (1ª Fase, CE)*.
- SOARES, Katherine Silva de Oliveira. (2011d) *Cartas de Leitor Século XX (2ª Fase, CE)*.
- TEIXEIRA-PINTO, Maria Edineuda (2011a) *Anúncios Século XIX – 1ª Fase. Ceará*.
- TEIXEIRA-PINTO, Maria Edineuda (2011b) *Anúncios Século XIX – 2ª Fase. Ceará*.
- TRAVASSOS, Tarcísia; GOMES, Valéria Severina. (2010) *Cartas Particulares – Pernambuco*. Recife: Projeto PHPB/PE, CD-rom. Cartas particulares da segunda metade do século XX.
- ZAVAM, Aurea S.; MOURÃO, Angícia G. P. (2011a) *Cartas de Redator Século XIX (1ª Fase, CE)*.
- ZAVAM, Aurea S.; MOURÃO, Angícia G. P. (2011b) *Cartas de Redator Século XIX (2ª Fase, CE)*.
- ZAVAM, Aurea S.; MOURÃO, Angícia G. P. (2011c) *Cartas de Redator Século XX (1ª Fase, CE)*.
- ZAVAM, Aurea S.; MOURÃO, Angícia G. P. (2011d) *Cartas de Redator Século XX (2ª Fase, CE)*.
- PHPP** (*Projeto de História do Português Paulista*. Todos os textos listados abaixo estão disponíveis na página <<http://phpp.fflch.usp.br/corpus>>)
- CASTILHO DA COSTA, Alessandra (2010 ed.). *Corpus de jornais paulistas dos séculos XIX e XX: contribuição para o Projeto de História do Português Paulista*.
- CASTILHO, Ataliba T de et al. (2002 Org.) *Cartas em jornais oitocentistas de São Paulo*. Projeto História do Português Paulista.
- FERREIRA, Andréa Hitos; MORAIS, Kathlin C. de; KEWITZ, Verena (2015 [2008]). *Atas da vereança de Mogi das Cruzes do século XVII (1612 a 1650)*. Revisão da edição de 2 cadernos de atas de Mogi das Cruzes, extraídos da dissertação de mestrado, defendida em 2008 (FFLCH-USP).
- GARCIA, Rosicleide R. (2012). *Ofícios de Capivari (sécs. XVIII-XIX): Para o estudo da formação e expansão do dialeto caipira em Capivari*. Edição extraída da dissertação de mestrado, defendida em 2009 (FFLCH-USP).
- KEWITZ, Verena (Org. 2016). *Cartas Familiares: em torno de Washington Luís. Edição semidiplomática de cartas particulares da 1ª metade do século XX (1901-1950)*. FFLCH-USP.
- KEWITZ, Verena (em preparação) *Edição fac-similar e semidiplomática de descrições de municípios paulistas – século XIX [circulação restrita]*.

- KEWITZ, Verena; BERTO, Eloane L. (2016). *De fã para fã: edição de cartas particulares da 2ª metade do século XX*. Projeto História do Português Paulista.
- LOMBARDO, Elena (2015). *Do 'Grande Incendio que com tam raro movimento a berberia perturbou': Estudo e edição diplomática de uma crônica portuguesa anônima do século XVI*.
- MEDEIROS, Joice de; ARAUJO, Maria Cristina Lopes; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto (2015), *Edição de Cartas do Editor/Editoriais da Revista 'Album das meninas' XIX/2*. Edição de Textos Jornalísticos Paulistas – séculos XIX-XXI (Fase 1). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- MÓDOLO, Marcelo; SANTOS, Vinícius Gonçalves dos (2010?), *Sangue Limpo de Paulo Eiró 1963*. Corpus Diacrônico do Português Paulista.
- MONTE, Vanessa Martins (2013). *Correspondências paulistas de circulação pública (1765-1775)*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- MORAIS, Kathlin Carla de (2014). *Atas da Câmara de Jundiá (1663 e 1669)*. Projeto História do Português Paulista II.
- MORAIS, Kathlin Carla de (2018) '*Damos aos suplicantes os chãos que pede*': edição fac-similar e semidiplomática e estudo do manuscrito *Cartas de Datas de Jundiá do século XVII*. 2018. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa), São Paulo, FFLCH, USP. Disponível em <www.teses.usp.br>. Acesso em 15 setembro 2019.
- OLIVEIRA, Kelly C. (2012). *Anúncios de Emprego em jornais paulistanos do século XIX*. Projeto para a História do Português Brasileiro.
- RODRIGUES, Angela Cecília de Souza (2013) *Português Popular Brasileiro em São Paulo: materiais para seu estudo*.
- SIMÕES, José da Silva; MANOEL, Patricia Simone Ferucio; MORAIS, Priscilla Uvo (2013a, Eds.) *Edição de Memórias Históricas e Diários de Viagem: Fr. Gaspar da Madre de Deus (1780a)*
- SIMÕES, José da Silva; MANOEL, Patricia Simone Ferucio; MORAIS, Priscilla Uvo (2013b, Eds.) *Edição de Memórias Históricas e Diários de Viagem: Fr. Gaspar da Madre de Deus (1780b)*
- SIMÕES, José da Silva; MANOEL, Patricia Simone Ferucio; MORAIS, Priscilla Uvo (2013c, Eds.) *Edição de Memórias Históricas e Diários de Viagem: Francisco José de Lacerda e Almeida (1788)*
- SIMÕES, José da Silva; MANOEL, Patricia Simone Ferucio; MORAIS, Priscilla Uvo (2013d, Eds.) *Edição de Memórias Históricas e Diários de Viagem: Marcelino Pereira Cleto (178?)*
- SIMÕES, José da Silva; MANOEL, Patricia Simone Ferucio; MORAIS, Priscilla Uvo (2013e, Eds.) *Edição de Memórias Históricas e Diários de Viagem: Marcelino Pereira Cleto (1781)*
- SIMÕES, José da Silva (2007). *Cartas Oficiais Paulistas*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- SIMÕES, José da Silva (2007) *Memoria economica e metallurgica sobre a fabrica de ferro de Ipanema Sorocaba de José Bonifácio de Andrada e Silva 1820*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- SIMÕES, José da Silva; KEWITZ, Verena. (2006) *Edição de Cartas Paulistas dos séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Humanitas, ed. em CD-ROM.
- SIMÕES, José da Silva; OLIVEIRA, Tábata Augusto de; SOUZA, Mariana Guimarães Lopes (2015). *Edição semidiplomática das Cartas Andradinas (1820-1828)*. Projeto História do Português Paulista.
- NURC** (*Projeto Norma Urbana Culta*. Todos os textos listados abaixo estão disponíveis na página <<http://www.nurcrj.letas.ufrj.br/>>)
- CALLOU, D. (Org. 1991) *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. Rio de Janeiro: UFRJ, FUJB. Elocuções formais vol. I.

CALLOU, D.; LOPES, C.R. (Orgs. 1993) *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. Rio de Janeiro: UFRJ, Brasília: Capes. Diálogos entre Informante e Documentador, vol. II.

CALLOU, D.; LOPES, C.R. (Orgs. 1994) *A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo*. Rio de Janeiro: UFRJ, Brasília: Capes. Diálogos entre Dois Informantes, vol. III.

CEDAE (Centro de Documentação Alexandre Eulálio, IEL/Unicamp). Disponível em <<http://eulalio.iel.unicamp.br/sys/audio/albums.php?action=show&album=33>> Acesso em 10 dez. 2019.

ANEXOS – COLETA DE DADOS DO ITEM TRÁS E SUAS CONSTRUÇÕES
Séculos XVI a XXI

Século XVI

1. [16 CRB CIPM] e chegou a hu~u ryo gramde d augoa sallgada, que passara~o a vao, e da outra parte do ryo estava elrey d Orya com sua gente, e elrey Crisnarao asentou seu arayall d aquem do ryo, e mandou lhe hu~u recado, que se elle quysesse pellejar com elle, que elle se afastarya **atras do** rio duas legoas, pera poder passar o rio a sua vontade, e quoamdo na~o que elle passarya, e lhe daria a batalha, ao quoaal recado elrey d Oria na~o respomdeo, mas antes se fez preste para lhe dar batalha
2. [16 CRB CIPM] E despois d elrey ter ysto acabado, dise a Salvatinea seu regedor, que tornasse **atras** aquella fortal leza que lhe ficava sem sentir suas forças, e se veyo por sobre ella, omde esteve sobre ella dous meses, e a tomou, e deu a capitanya d ella a Salvatinea, o quoall deixou nella de sua ma~o por capita~o hu~ seu yrma~o, por hir com elrey avante por o reyno d Orya, e passamdo elrey o rio outra vez, e himdo no allcamço d elrey d Orya tomamdo e destroymdo toda a terra; que na~o avya cousa que o esperase, chegou a hu~a cidade que se chama Comdepallyr
3. [16 CRB CIPM] Depois de Crisnarao ter feitas as pazes e casamento com hu~a filha d elrey d Orya, e temdo lhe tomada sua molher e as terras d allem do rio, como **atras conta**, fez muita gente prestes, e detreminou de hir sobre Catur, que hera terra de hu~u senhor que avya cimcoenta anos que estava allewantada, esta terra he do em bamda de Charama~odel, e foy sobre ella, e pos cerco a hu~a princippall cidade, omde o senhor da terra estava, a quoaal se chama [...], e cercada d augoa.
4. [16 CRB CIPM] (Ocorrencia 1) Depois de ter elrey feito suas ofertas e sacrificios a seus ydolos, partio da cidade de Bisnaga con toda a sua gente, aquoall hia d esta maneira, convem a saber, o porteiro moor, que se chamava Camanayque, levava a dianteira con trinta mil home~s de pee, e dous mill, diguo, trinta mill home~s de pee, archeiros, adargueiros, e de espimgardoe~es, e llamceiros, e mill de cavallo, e seus allyfantes; **tras** este hia Trimbicara com cimcoenta mil home~es de pee, e dous mil de cavallo, e vinte alyfantes; **tras** este hia Timapanayque, levava sesenta mil home~es de pee, e tres mill e quinhentos de cavallo, e trinta alyfantes; e **tras** este hia Adapanayque, levava cem mil home~es de pee, e cymco mill de cavallo, e cimcoenta alyfantes; **tras** este hia Comdamara, e levava cento e vinte mil home~es de pee, de cavallo seis mil, e sasenta alyffantes; **tras** este hia Comara, e levava oytenta mil home~s de pee, e de cavallo dous mill e quynhentos, e corenta alyffantes; **tras** este hia a gente d Ogemdraho, governador da cidade de Bisnaga, com hu~u capita~o seu, que levava mill de cavallo, e trinta mill home~s de pee, e dez alyfantes; **tras** este hia~o tres capados, privados d elrey, que levava~o corenta mill homes de pee, e mill de cavallo, e quimze alyfantes; o pagem do betelle d elrey, levava quymze mill homes de pee, e duzentos de cavallo, na~o levava alyfantes; Comarberca levava oyto mill piois, e quatro centos de cavallo, e vinte alyfantes
5. [16 CRB CIPM] tambem levava~o allgu~s tiros de fogo, na~o fallo aquy nos maynatos, que sa~o aquy sem conto, estes lavao roupa, nem nas molheres solteiras que passava~o, as que fora~o com elrey nesta viagem, de vinte mill, pode cada hu~u cuydar a recovagem que poderya levar tanto numero de gente; **tras** elrey, sempre pello caminho diante de sy, obra de dez ou doze mill home~es de hodores, que amda~o buscamdo augoa, e se poem no caminho
6. [16 CRB CIPM] e a da~o a todos aquelles que na~o tem quem lha leve, ysto faz porque lhe na~o moura a gente a sede; diante de toda esta gente vem tres ou coatro legoas **atras**, obra de cimcoenta mil home~es, estes sa~o como corredores que va~o sempre descobrindo a terra, sempre amda~o asy afastados, nas costas d estes va~o dous mill de cavallo, dos cavallos da terra sa~o todos estes archeiros, sempre va~o nas costas d estes corredores.
7. [16 CRB CIPM] fez muy gramde dapno nos contrayros, que matara~o com ella muytos de cavallo, e de pee, e allifantes, que comveyo aos d elrey **retraer sse atras**; tanto que os contrayros vira~o que elles começava~o de deixar o campo, dera~o todos juntos nelles, de maneyra que lhe na~o ficou homem em sella, nem que lhe tevese rosto
8. [16 CRB CIPM] mas todos os d elrey começara~o a fugir, e os mouros **tras** elles deribamdo nelles, obra de meya legoa. Como elrey vio da maneyra que os seus vinha~o começou de dizer que os seus

- traydores, e que elle viria os que com elle hiria~o, e avya~o de morrer pedido ausa da morte segumdo ho tem de costume, e dise, quero ver quem se conta comiguo;
9. [16 CRB CIPM] e que na~o deyxassem de hos seguir todo aquelle dya, aos quoaes respomdeo que muytos hera~o mortos que na~o tinha~o culpa, que se ho ydallca~o lhe tinha feyto allgu~u desprazer que jaa lho tinha pago, e tambem que lhe na~o parecia bem, ficamdo **atras** Rachol por tomar, hirem adiante, que se fizesem prestes pera o combate, por que avia de ser d outra maneira do que fora atee lly; sempre a elrey lhe pareceo que omde o ydallca~o perdia tanta gente
 10. [16 CRB CIPM] Porque se pode preguntar, que se fez do capita~o que sayo de Rachol com os dozentos de cavallo, e allyfantes, e gente de pee, diguo que este sempre esteve sobre avysso do que passava no campo, e tanto que soube de como ho ydallca~o hera desbaratado, tornou **atras** pera se meter na cidade, mas os de demtro o na~o quisera~o acolher, por estarem mal com elle, o outro capita~o que na cidade ficou; elle vemdo em como o na~o querya~o acolher, foy lhe forçado buscar por homde se sallvase,
 11. [16 CRB CIPM] e fez regedor hu~u filho Codemerade, que matou o filho d elrey, Narsymga na cidade de Penagumdy, na orta, a treiza~o, que **atras** conta a ystorya, por mamdado d elrey seu pay. E neste tempo fugio da prisa~o Danayque, filho de Salvatinica, e se foy a hu~a serra, em a quoaal na~o abitava~o sena~o ladrois e salteadores de caminhos, e nella estava hu~a fortalleza em que estava hu~u capita~o seu parente, o quoaal o recolheo, e o ajudou en todo ho que pode
 12. [16 CRB CIPM] Capitullo como por morte de Crisnarao foy allevantado por rey seu yrma~o Achetarao, &c. Depois de morto elrey Crisnarao de sua doemça, que **atras** conta, estamdo doente, descomfyado jaa de sua vida, fez hu~u testamento que dos tres seus hirma~os que elle mamdara meter na fortalleza de Chamdegary, com seu sobrinho filho d elrey Busbalrao, quoaamdo ho alevantara~o por rey, fizesem rey Achetarao seu yrma~o
 13. [16 CRB CIPM] (Ocorrência 1) todos home~es de bem postos todos em hordem por as ylhargas, e diante vay ho allcaide moor, com obra de trinta de cavallo com suas canas nas ma~os como porteiros, e o alcaide moor com outra cana, o que agora he alcaide mor d este rey chama se Chinapanayque; e **detras** vay na resaga ho estribeiro moor com os duzentos de cavallo; detras dos cavallos va~o cem alyffantes, e em cima d elles va~o home~s muy honrrados, leva diante de sy doze cavallos a destro sellados, e diante d estes cavallos va~o cimco alyfantes, em que elrey cavallga, e diante d estes alifantes va~o obra de vinte e cimco de cavallo
 14. [16 CRB CIPM] (Ocorrência 2) todos home~es de bem postos todos em hordem por as ylhargas, e diante vay ho allcaide moor, com obra de trinta de cavallo com suas canas nas ma~os como porteiros, e o alcaide moor com outra cana, o que agora he alcaide mor d este rey chama se Chinapanayque; e detras vay na resaga ho estribeiro moor com os duzentos de cavallo; **detras dos** cavallos va~o cem alyffantes, e em cima d elles va~o home~s muy honrrados, leva diante de sy doze cavallos a destro sellados, e diante d estes cavallos va~o cimco alyfantes, em que elrey cavallga, e diante d estes alifantes va~o obra de vinte e cimco de cavallo
 15. [16 CRB CIPM] e acabado o pranto lhe dizem seus parentes e aconselha~o que se queime, e que na~o deshonne sua geraça~o, e depois d ela dizer que sy po~em o morto em hu~u catre enramado cuberto de flores, e a molher po~em em cima de hu~u rocim, e vay **detras d** elles com muytas joyas, e cuberta de rosas, e leva hu~u espelho na ma~o, e na outra hu~u ramo de flores, e com muytos tamgeres, e os parentes d elle com muyto prazer, e asy vay hu~u homem tamgemdo com hu~u adufe cantamdo lhe cantigas e que se vaa asynha pera seu marido
 16. [16 CRB CIPM] E os outros pagodes **atras** ditos sa~o feitos pella maneyra d este, mas este he o principal e mays antiguo, todos tem muytas casarias, com ortas de muyto arvoredado, os bramines semea~o seus bredos e outras ervas que comem, e quoaamdo quer que vem a festa de quoaalquer d estes pagodes trazem hu~s carros triumfaes que amda~o sobre suas rodas, omde amda~o bailhadeyras e outras molheres com tamgeres ao paguode
 17. [16 CRB CIPM] (Ocorrência 1) esta~o muytos capita~ees e home~es honrrados, pera d aly averem de ver, e no cha~o junto com o tabolleiro da casa esta~o omze cavalos com suas cubertas galantes e bem concertados, e **detras d** elles quoaatro alyfantes e fremosos, com muytas galantaryas, e depois d elrey estar asy dentro vem fora, e junto com ele hu~u bramine, e tras nas ma~os hu~u cesto cheo de

- rosas brancas, e chega se a elrey sobre o taboleyro, e toma tres ma~o cheas d aquellas rosas, e lamça as ao cavallo, e depois de lhas ter lamçadas toma~o hu~u cesto de perfumes
18. [16 CRB CIPM] e o principall d estes he hu~u que he rey de Syringapata~o e de toda a terra que confina com o Mallavar, e este rey ha nome Eumarvirya, e asenta se tanto avante como elrey, da outra bamda do estrado, e os outros **atras**; aly esta ho rey vestido dos panos brancos, todos cheos de rosas d ouro, e com suas joyas, e d estes panos brancos he elrey muyto, e sempre o vy com elles, deredor d elle esta~o os seus page~es com seu betre
 19. [16 CRB CIPM] Mas tornamdo as festas, como elrey he asentado, entra~o loguo os capita~ees que de fora esta~o cada per sy, com aquella gente honrrada que cada hu~u tem, e asy em sua hordem na maneira se va~o a fazer a salema ao dito rey, e se va~o a seus lugares, varamdas que jaa **tras** he dito, e tanto que acaba~o d entrar este, entra~o os capita~ees da gente de guerra d adarga e d espada, e asy entra~o outros capita~ees de arqueiros; esta gente estaa toda no cha~o,
 20. [16 CRB CIPM] e tanto que esta~o d esta maneyra sesegados saya de dentro dos paços hu~u bramine, o primcypal que elrey tem, outros dous comsyguo, e este bramine mor leva nas ma~os hu~a batega com hu~u coco e arroz e fullas, e outros leva~o hu~a caldeira d augoa, e vay se **por de tras dos** cavallos, os quoaes estava~o todos com os rostros pera elrey, e d aly lhe faz suas cerimonyas, e torna se dentro dos paços.
 21. [16 CRB CIPM] e junto com os capados vem muytas molheres, tamgemdo muytas trombetas, e atabaques, e charamellas, e na~o como as nossas, e viollas, e outros muytos tamgeres; e **detras d estas** molheres vira~o obra de vinte molheres porteyras, com suas canas nas ma~os todas forradas de prata, e junto com ellas vem molheres vestidas d esta maneyra, com panos muy delgados e ricos de seda, na cabeça trazem hu~as carapuças altas, a que elles chama~o colla~es, e nestas carapuças trazem hu~as flores feytas de perollas grossas
 22. [16 CRB CIPM] e d esta temda atee os paços d elrey se po~em os capita~ees com sua gente e hordenamça, cada hu~u em seu lugar asy como o tem na casa d elrey, a gente estaa d esta maneyra, e em fio, na~o vos pareça que hera hu~u fio so, mas a lugares dous e tres, hu~u **detras d outro**, omde avia algu~a alaguo cercava~o na de gente, e omde a estrada era estreya punha~o se pelo campo
 23. [16 CRB CIPM] e pellas recostos das serras e outeiros, de maneira que na~o vieis campo nem serra, que tudo na~o fosse cheo de gente, os de pee esta~o diante dos de cavallo, e os alifantes **detras dos** cavallos, n esta hordenamça estava cada capita~o com sua gente, os capita~es que tinha~o suas ynstancias de dentro da cidade, por que a gente lhe na~o cabia sobre os terrados das casas, e fazia~o no bocal das ruas atravessar palamques pera que a gente coubesse, de maneira que tudo era cheo, asy fora como de dentro.
 24. [16 DN200 CIPM] Em sua vida ou aa ora de sua morte q(ue) nom SeJa de mayor condicam q(ue) elles Com estas erdades (e) p(er)tenças q(ue) se seguem It(em)p(ri)meiram(ente) hu~u~a casa (e) hu~u~a corte It(em) hu~u~a lorangeira ((L006)) It(em)**tras esta casa** esta hu~u~a lata com vueyras darredor (e) çepas de castinhei'ro It(em) nas correi'ras hu~u~a lei'ra q(ue) leua de semente de t(ri)guo do(us) alq(uei)r(e)s
 25. [16 DN200 CIPM] It(em) no souelho hu~u~a leira q(ue) leua hu~u //q alq(uei)re// ((L011)) quarto de linhaca com hu~u castanhei'ro It(em)no tello hu~u canpo que leua hu~u alq(uei)re (e) m(eo) de centeo (e) tem tres vuei'ras It(em)**atras das casas** desta di(c)ta quebrada esta hu~u~a lei'ra que leua ((L012)) hu~u alq(uei)re(e) m(eo) de centeo de semente de darredor sete ou oyto vueyras (e) tres nogueiras (e)out(ra)s aruores (e) hu~u meo pardi'ei'ro
 26. [16 DN203 CIPM] hos di(c)tos #iiijº allquejres de mjlo ha di(c)ta IgreJa de carualhosa ((L021)) seg(undo) forma do di(c)to testam(ento) (e) doacom Reconheçendo ser e~ elles e~ cada ((L022)) hu~a~no p(er)a semp(re) ho di(c)to casall hobryguado,, pedjmdo p(or) merce ao di(c)to S(e)n(h)or p(ri)or ((L023)) lhe p(er)doase ho **atras** pasado se pella ue~tura paguo no~ fose,, p(or)quanto doJe ((L024)) p(er)a semp(re) elle se hobryguaua p(or) sy (e) seus sobcesorres
 27. [16 DN204 CIPM] (Ocorrência 1) % E depois desto dou(s) dias do mes de ((L062)) Junho de quinhemt(os) (e) vynte (e) dou(s) a~nos na villa de gjmara~a~es na Rua dos ((L063)) mercadores ao p(or)tall das casas dalluaro gomcalluez barb(ei)r(o) p(er)ant(e) mjm notairo ((L064)) (e) testemumhas ao diant(e) nomeadas pareceo catarjna p(er)iz molh(er) de cristovam ((L065)) allu(ar)ez comtheud(os) no p(ra)zo **atras** esp(ri)to q(ue) lhe o p(ri)or de villarinho tem ((L066)) emp(ra)zado aa

- quall catarjna p(er)iz eu taballjam lly o p(ra)zo atras esp(ri)to (e) lljdo ((L067)) lhe fiz p(er)gunta se o outorgava ella asy (e) da maneJra q(ue) em elle se co~tem ((L068))
28. [16 DN204 CIPM] (Ocorrência 2) % E despois desto dou(s) dias do mes de ((L062)) Junho de quinhemt(os) (e) vynte (e) dou(s) a~nos na villa de gjmara~a~es na Rua dos ((L063)) mercadores ao p(or)tall das casas dalluaro gomcalluez barb(ei)r(o) p(er)ant(e) mjm notairo ((L064)) (e) testemumhas ao diant(e) nomeadas pareceo catarjna p(er)iz molh(er) de cristovam ((L065)) allu(ar)ez comtheud(os) no p(ra)zo atras esp(ri)to q(ue) lhe o p(ri)or de villarinho tem ((L066)) emp(ra)zado aa quall catarjna p(er)iz eu taballjam lly o p(ra)zo **atras** esp(ri)to (e) lljdo ((L067)) lhe fiz p(er)gunta se o outorgava ella asy (e) da maneJra q(ue) em elle se co~tem ((L068))
29. [16 DN208 CIPM] asy com elles Juntamente Juramos em presença do prior (e) conuento do dito mosteyro, (e) as cousas ((L015)) que achamos sa~o as seguintes; (item) duas casas palhaças q(ue) seruem de cozinhas s(cilicet) hu~a velha (e) outra mays noua, (e) duas casas q(ue) serue~ de celeyro tambe~m colmadas, (item) duas adeguas palhaças (e) na~o muyto bo~as, (item) dous quynt(eiros)((L016)) com duas cortes cada hum tambem colmados tem **atras as casas** hum pumar cerrado sobre sy q(ue) tem em compyrdo vynte (e) noue varas (e) em traues dezoyto varas (e) tem tres uueyras (e) certas aruores de fruyto leuara de semente
30. [16 DN208 CIPM] Dizemos nos luys dalmeyda dom p(ri)or do most(eiro) de vylarynho ((L073)) (e) o conuento q(ue) fomos presentes a esta veedorya **atras** escrita, A qual avemos por bo~a por ser em proueyto da casa, (e) porquanto depoy de ser feyta a dita veedorya se falleção Joha~o guonalvez ((L074)) emprazante,
31. [16 DN204 CIPM] aos doze dias de Janeiro de mill (e) quinhemtos (e) ((L068)) quoremta (e) çimquo anos em a casa da morada do s(e)n(h)or L(icenciado) sebastia~o g(onça)l(vez) prouisor (e) vig(airo) neste arçeb(is)pado de bragua polos s(e)n(h)ores do cabido a see vagamte c(etera) peramte ele ((L069)) s(e)n(h)orpareção Jo(am) g(onça)l(vez) (e) sua molher apelsonia f(e)r(nande)z emprazadores comteudos em a pitiça~o (e) carta de vedoria **atras** esp(ri)tas (e) asy ta~obem d(iogo) varela terçenari'ó (e) sochamtre ((L070)) em esta see de bragua procurador de luis dalmeida dom prior do most(eiro) de sa~o miguell de vilarinho da ordem de samto agustinho deste arçeb(is)pado (e) de fr(ancisco) f(e)r(nande)z p(ri)oll ((L071)) crasteiro (e) de manuell gorge
32. [16 DN209 CIPM] (e) de g(onçalo) anes coneguos (e) o comvento do dito most(eiro) como mais larguamente se comtem em ha procuraça~o ao diamte esp(ri)ta (e) per eles ((L072)) foi apresemtdo ao dito s(e)n(h)or esta apegaça~o **atras** esp(ri)ta pedimdo ao dito s(e)n(h)or que lhes mandase pasar seu prazo em forma ho que visto por ele deu Jurame~to ((L073)) dos samtos evangelhos ao dito d(iogo)varela em que pos sua ma~o dereita
33. [16 DN209 CIPM] Jurou em ha alma do co~stituintes/sic/ segumdo ha emformaca~o que tinha que ho dito prazo se ((L074)) fazia em proueito do dito most(eiro) sem em iso emtrar peita fraude nem emgano algum (e) hos ditos emprazadores Jurarom ho mesmo (e) que amostrar~ todas as teras ((L075)) do dito casall pertemçemtes ao dito most(eiro) aos vedores (e) home~s bo~os comteudos em ha apegaça~o **atras** esp(ri)ta a q(ua)L fora feita per p(essoas) sem sospeita t(estemunhas) que pressentes estaua~o ant(onio) ((L076)) baroso que ha dita emprazadora Roguou que asinase por ela (e) a(fonso) p(er)iz
34. [16 Nar Gandavo, P.M (1502) CTB] que se chama Ascençam . Ate qui | se nauega por elle , & ainda dahi pordiãte muitas legoas . | Neste rio pela terra dentro se vem meter outro a ~q cha- | mão Paragoahi , que tambem procede do mesmo lago | como o de fam Francisco que **atras** fica.
35. [16 Nar Gandavo, P.M (1502) CTB] Duas legoas deste mesmo arrecife, | pera o Norte, está outro, que he o porto, onde en- | trou a frota quando esta prouincia se descobrio . E | porque entam lhe foy pofto este nome de Porto fe-| guro , como **a tras** deixo declarado, ficou dahi a ca- | pitania com o mesmo nome: & porifo se diz Por- | to Seguro.
36. [16 Nar Gandavo, P.M (1502) CTB] H E tam grande a copia do fabrofo & fa- | dio pescado que se mata, afsi no mar al | to , como nos rios & bahias desta puin | cia de ~q geralmente os moradores fam | participãtes e todas as capitánias, ~q esta | fô fertilidade baftára a suftentalos abũ | dantifsimamente , ainda que nam ouuera carnes nem | outro genero de caça na terra de que se proueram como | **atras** fica declarado.

37. [16 Nar Gandavo, P.M (1502) CTB] E o que he bom pesca- | dor (pera que nam faça tiro em vão) quando os vé vir | deixa os primeiro passar , & espera ate que fiquem a gei| to que possa arpoalos **por detras** de maneira, ~q o arpam | entre no peixe sem as escamas o impedirem, por~q sam | (como digo) tam duras ~q se acerta de dar nellas de ma- | raulha as pode penetrar.
38. [16 Nar Gandavo, P.M (1502) CTB] Estes peixes sam todos | cubertos de hūas cōchas , difintas naturalmente como | laminas , cō as quaes andam armados da maneira dos | Tatús de que **a tras** fiz mençam , & sam muito fábrosos | & os moradores da terra os tem em muita estima .
39. [16 Nar Gandavo, P.M (1502) CTB] mas de hū & doutro , ha fãido | muito nesta prouincia , & fae oje ã dia, de ~q algūs mora- | dores enriquecã & enriquecẽ cada hora como he no- | torio . Finalmẽte ~q como Deos tenha de muito lōge esta | terra dedicada á Christandade , & ointereste seja o ~q ma | is leua oshomẽs **tras fi** ~q outra nenhūa coufa ~q aja na vi | da , parece manifesto querer intertelos na terra cō esta ri | queza do mar, ate chegarẽ a descobrir a~qllas grãdes mi- | nas ~q a mesma terra promete,
40. [16 Nar Gandavo, P.M (1502) CTB] Os mantimentos ~q plantam em | suas roças cō ~q se fultentam , sam a~qlles de ~q **atras** fizmẽ | çam .f. mandioca & milho zaburro.
41. [16 Nar Gandavo, P.M (1502) CTB] por festejarem a execuçam | desta vingança, aparelham muita louça noua , & fazẽ | muitosinhos do çumo de hūa planta, ~q se chama Ai- pim, de que **atras** fiz mēçam
42. [16 Nar Gandavo, P.M (1502) CTB] E tanto que o tornam a trazer vanfẽ | com ele a hū terreiro ~q está no meyo da aldea & ali lhe | mudamaquella corda do pescoço á cinta, passandolhe | hūa ponta **pera tras** outra pera diãte : & em cada hūa de- | las pegados dous tres Indios .
43. [16 Nar Gandavo, P.M (1502) CTB] porque | tanto ~q vem tempo opportuno , fazem seus saltos , & lo- | go se recolhem ao mato muy de pressã , onde sam tam li | geiros & manhofos , que quando cuidamos que vam fo | gindo ante quem os persegue, entam ficam **atras** escon | didos atirando aos ~q passam descuidados: & desta ma- | neira matam muita gente.
44. [16 Nar Brandão, A. (1584) CTB] Porem o que **atraz** deixamos escrito | do apparecimento de Christo, & da prati- | ca que teve com elRey Dom Afonso, mos- | trãobem a verdade deste ponto; o qual | seguem em seus escritos graves Auctores, | confessando não sò a visão de nosso Salva- | dor,
45. [16 Nar Brandão, A. (1584) CTB] este sem falta era o ir- | mão do Emperador, o qual se deixaria fi- | car em Portugal para ajudar a seu primo | naguerra dos Mouros, como o anno an- | tes parece que fez na batalha de Ourique | (como ja**atraz** adverti) ou por outros res- | peitos que não sabemos.
46. [16 Nar Brandão, A. (1584) CTB] Em o modo de restauração de Leiria | vejo difficuldades, porque os Chronistas di- | zem seganhou por combate, & a Historia | dos Godos affirma que ficou destruida, com a qual se confirma mais a doação delRey | Dom Afonso **atraz** citada.
47. [16 Nar Brandão, A. (1584) CTB] Resolvemse algumas difficuldades, que ha | na relação das Cortes de Lame- | go **atraz** escritas.
48. [16 Nar Brandão, A. (1584) CTB] NÃO tem era nem subscrição este pa- | pel, mas com se fazer nelle memo- | ria dosBispos de Viseu, & Lamego, se | deviã celebrar as Cortes de que nelle se | trata depois doanno de II43. ou no fim | delle, pois atẽ este tempo me consta de | Escrituras authenticas, que não ouve Bispos | particulares naquellas Cidades, as quais es- | tavã sogeitas atẽtãõ aos Bispos de Coim- | bra, como **atraz** fica dito.
49. [16 Nar Brandão, A. (1584) CTB] Isto se dà a | entender em nossas Chronicas, & na Histo- | ria dos Godos, como **atraz** fica dito.
50. [16 Nar Brandão, A. (1584) CTB] quede comum consentimento de to- | das as Nações levarão a palma aos que mais | seassinalarão nas empresas militares, dei- | xando **atraz** (como asseguração graves Aucto- | res) as façanhas do grande Alexandre, & | dos maiores Capitães que ouve no mundo.
51. [16 Nar Brandão, A. (1584) CTB] em tempo que os Reys Christãos não usavã deste titulo, & pelo | mesmo estilo vão continuando os mais Pon- | tifices aos Reys que se seguirã, como se | pode advertir da Carta de Pio Quinto **atraz** | referida.
52. [16 Nar Brandão, A. (1584) CTB] O Reyno de Portugal respeitando sua | ultima promoção á dignidade Real, teve | principioem o anno do Senhor de II39.não importa neste ponto dar maior luz do | que **atraz** fica dito.

53. [16 Nar Brandão, A. (1584) CTB] Do- | na Elvira se chamou a Condessa de Faia, | & casou com Sueiro Mendesmãos de A- | guia, o qual por seu pai decendia dos de | Pereira, & por sua mãy era neto do Con- | de Dom Gomez, que jaz em Pombeiro (de | quem **atraz** fica dito.)
54. [16 Nar Brandão, A. (1584) CTB] Bem se | vê na successão presente, que tendo Egas | Moniz dous filhos, de quem ficou decen- | dencia, como vimos em a Escritura de | Arouca **atraz** citada, os passarem silencio | o Conde Dom Pedro, tão diligente inves- | tigator destas antiguidades.
55. [16 Nar Brandão, A. (1584) CTB] Rogerio, o Auctor anti- | go **atraz** referido, he de parecer, que Alma- | dase ganhou antes da partida dos estran- | geiros, (b) & o Conde Dom Pedro primei- | ro faztomada Palmela que Lisboa.
56. [16 Nar Brandão, A. (1584) CTB] O proprio Rey o | casou com Dona Dordia filha do Alcaide | Pero Viegas, de quem **atraz** fallamos.
57. [16 Nar Pinto, F. M. (1510) CTB] Dos nossos a este t~epo inda auia quar~eta & dous ~q podiaõ pelear, estes vedo ~q só no seu braço estaua a suasaluação, cõ tanto impeto & esforço cometeraõ a Capitaina das tres, em ~q vinha Soleymão Dragut, Capitão mor da frota, ~q a axoraraõ logo toda de popa a proa, cõ morte de vinte e sete Ianiçaros, porem acudindolhe então as outras duas, que estauão mais afastadas hum pouco **atras**, lhe lançaraõ dentro quarenta Turcos, com o qual socorro os nossos ficaraõ de todo rendidos
58. [16 Nar Pinto, F. M. (1510) CTB] pelo que então acabamos de entender que eraõ Turcos: nostanto que as conhecemos, differimos com muyta pressa a vella grande, que ja tinhamos de verga dalto, & nos fizemos na volta do mar com bem grãde arreceyoque por nossos pecados nos acontecesse aly outro desastre semelhante ao de que **atras** tenho tratado.
59. [16 Nar Pinto, F. M. (1510) CTB] Partida a nao para Goa, Fernão de Moraes com assuas tres fustas seguiu sua viagem na volta do porto de Dabul onde chegou ao outro dia às noue horas, & tomando nelle hum paguel de Malauares, que no meyoda angra estaua surto, carregado de algodão, & de pimenta, pôs logo a tormento o Capitão & o piloto delle, os quais confessaraõ que os dias **atras** viera aly terh~ua nao do Baxà a buscar mantimentos
60. [16 Nar Pinto, F. M. (1510) CTB] por isso cometeo Pero de Faria com esta noua amizade que **atras** disse, a qual lhe elle aceitou de muyto boa vontade, por~q entendia quão importante ella era aoseruico del Rey, & à segurança daquella fortaleza, & quanto com ella crecia o rendimento da alfandega, & o proueito seu delle, & dos Portugueses que naquellaspartes do Sul tinhaõ seus tratos, & fazião suas fazendas.
61. [16 Nar Pinto, F. M. (1510) CTB] E despindome delle cõ muyta sobegidão de hõras, como sempre me fizera, mostrando ser de suaparte muyto fixa esta noua amizade ~q tomara com nosco, me vim embarcar, acompanhado do mesmo Aquarem Dabolay seu cunhado, que fora por Embaixadora Malaca, como **atras** ja fica dito.
62. [16 Nar Pinto, F. M. (1510) CTB] & h~ua boa quantidade de padeses almagrados, paradesaõ dos que pelessem na tranqueyra, & mil panellas de cal virg~e em pò, para no abalroar lhe servir~e em lugar de alcanzias de fogo, & obra de tres ou quatro bateis de calhao, & outras miserias & pobrezas tanto **atras do** que conuinha para remedio daquelle aperto em ~q estaua, que por ellas mesmas, em as euvendo, logo entendi quão pouco trabalho os inimigos terião em lhe tomarem o reyno:
63. [16 Nar Pinto, F. M. (1510) CTB] E tambem nesta perda (que Deos por sua infinitamisericordia nunca permitirà que aja, por mais descuidos & peccados ~q aja em nõs) se arrisca perderse a alfandega do Mandouim da cidade de Goa, que he amilhor cousa ~q temos na India, por ~q nos portos & ilhas **atras** nomeadas consiste a mayor parte do seu rendimento, a fora a droga de crauo, noz, & maça, quede là se traz para este reyno.
64. [16 Nar Pinto, F. M. (1510) CTB] E com isto me torno ameu proposito. Este tyrão Achem foy aconselhado pelos seus, que se queria tomar Malaca, por nenh~ua maneyra o poderia fazer cometendoa de mar em fora, como ja por seis vezes tinha tentado no t~epo de dom Esteuão da Gama, & de outros Capita~es **atras** passados, senão com se fazerprimeyro senhor deste reyno de Aarù, & se fortificar no rio de Paneticão, donde as suas armadas podiaõ continuar de mais perto a guerra que lhe pretendia fazer,

65. [16 Nar Pinto, F. M. (1510) CTB] Esta frota chegou toda a saluamento ao rio de Puneticão, onde então el Rey deAarù estaua fortificando a tranqueyra, de ~q ja **atras** fiz menção, na qual tinha cõsigo seis mil hom~es Aarùs,
66. [16 Nar Pinto, F. M. (1510) CTB] A raynha de Aarù (que todo este tempo estiuera metida no mato daly sete legoas, para onde se recolhera, como **atras** fica dito) sendo daly a alg~us diascertificada da morte del Rey seu marido, & de tudo o mais que socedera neste triste caso,
67. [16 Nar Pinto, F. M. (1510) CTB] na qual fez embarcar quinze mil hom~es, os doze mil depeleja, a que elles chamão de baileu, & os mais chuzma do remo, & por general desta frota mandou o mesmo Heredim Mafamede que antes tomara este reyno, como **atras** fica dito, pelo ter por homem de grãdes esritos, & bem afortunado na guerra,
68. [16 Nar Pinto, F. M. (1510) CTB] AGORA me quero tornar ao proposito de ~q hia tratando. Sendo eu, como ja **atras** tenho dito, cõualecido da do~eça ~q trouxe do catiueyro de Siaca, Pero deFaria desejando de me abrir alg~u caminho por onde eu viesse a ter alg~ua cousa de meu, me mandou em h~ua lanchara de remo ao reyno de Pão
69. [16 Nar Pinto, F. M. (1510) CTB] E porque na conjunção em que aquy chegamos, como **atras** disse, era o tempo desta franquia, eraõ tantos osmercadores que vinhaõ de todas as partes, que se affirmaua serem entradas nesta cidade passante de mil & quinhentas embarcações de diuersas partes cominfinidade de faz~edas ricas.
70. [16 Nar Pinto, F. M. (1510) CTB] Evendo que a terra aly era alagadiça, & cheya de muytos lagartos & cobras, ouemos que o melhor conselho era deixarmonos aly ficar tambem aquella noite, aqual passamos atolados na vasa até os peitos, & ao outro dia, sendo ja menham clara nos fomos ao longo do rio até hum esteiro pequeno, que nos não atreuemos a passar, assi por ser muyto fundo, como pela grande soma de lagartos que nelle vimos: & aly passamos tambem a noite com assaz de trabalho, no qualcontinuamos mais cinco dias, sem podermos yr **atras** n~e adiãte, por seu tudo apaulado, & cheyo de grandes eruaçais,
71. [16 Pinto, F. M. (1510) CTB] o Capitão Sardinha, & perguntando ao Armenio por elle, ou onde estaua, disseque estaua escondido na proa do junco no payol das amarras, muyto ferido, com mais outros seis ou sete. Antonio de Faria se leuanteo logo com muyta pressa, ese foy ao lugar onde o perro estaua, & os mais soldados se foraõ **tras** elle, & abrindo o escotilhão do payol para ver se era verdade o que o Armenio dissera,
72. [16 Nar Pinto, F. M. (1510) CTB] Porque na segunda sayda que os de dentro fizeraõ os cometeraõ os Batas por duas partes com muyto animo, & depois de andar a briga humpouco trauada; fingindo os Ach~es fraqueza se lhes vieraõ retirando pera a tranqueyra onde os dias **atraz** o Rey Bata lhe tomara as doze peças de artilharia, &seguintoos hum Capitão dos Batas desmandadamente, &, sem ordem, por lhe parecer que ja tinha a victoria certa, os meteo por dentro dos vallos, porem osinimigos lhe tornaraõ aly a fazer rosto
73. [16 Nar Couto, D.(1542) CTB] Pelo que se há de saber, que partido Hamau Paxá do Reino do Cinde, (como **atrás** dissemos no Cap. III do X. Liv. da quarta Década ,) foi ter à Corte de Casbim, onde Xá Ismael residia, que o recebeo honradamente, compadecendo-se de suas misérias, e consolando-o, prometeu-lhe tôda ajuda, e favor que pudesse pera cobrar seus Reinos, mandando-lhe dar aposentos, e tôdas as cousas necessárias à sua pessoa, e Estado.
74. [16 Nar Couto, D.(1542) CTB] A Rainha meteo-se na serra, que era forte, onde se deixou estar com grande dor, e tristeza, por não ter novas deD. Christovão, que ela amava como seu filho. Affonso Caldeira, (que, como **atrás** dissemos, deixou D. Christovão com tôda a preza que tomou na serra do Judeo,) quiz sua boa fortuna,
75. [16 Nar Couto, D.(1542) CTB] Tanto que o Governador Martim Affonso de Sousa tomou posse da governança da India, começou de entender nas cousas da justiça, e fazenda, achando uma grande quebra nas pareas, que os Reis de Ormuz pagavam, em que já o Governador D. Estevão da Gama o verão **atrás** tinha bulido. E porque o rendimento do Estado não viesse tanto a menos, e EIRei de Ormuz se não fõsse penhorando mais em dividas, desejando de prover naquelas cousas, as poz em conselho
76. [16 Nar Couto, D.(1542) CTB] De longo de ambos há algumas abrigadas, a que as fustas que ali andam da Armada, se acolhem em tempos rijos. Surto o Governador Martim Affonso de Sousa,

- mandou requerer á Rainha "que lhe mandasse pagar as pareas, que devia dos anos atrás passados, e que lhe entregasse logo todos os navios de remo, que em seu porto estivessem, porque dali saíam a roubar todo aquele mar, e ela os recolhia dentro .
77. [16 Nar Couto, D.(1542) CTB] Informado o Governador Martim Affonso de Sousa disto, querendo prover a tamanhas desordens, mandou Simão Botelho (como atrás dissemos neste mesmo Capítulo) com novos Regimentos pera tirar aqueles costumes antigos, ordenando:
 78. [16 Nar Couto, D.(1542) CTB] Atrás contámos no Cap. X. do Liv. VIII. como despedira um Bargantim, e a galeota, que se tornou; e o Bargantim foi tomar Abuyo, e os da terra os agazalharam bem.
 79. [16 Nar Couto, D.(1542) CTB] Foi isto já no fim deste ano de quarenta e três, quási no mesmo tempo que Ruy Lopes de Villa-Lobos chegou a Cogalá, (como atrás dissemos no sexto Cap. do Livro Liv. IX.)
 80. [16 Nar Couto, D.(1542) CTB] pera daí caminhar pera o sertão doze léguas, (que tantas estava dela aquele pagode,) e lhe era necessário passar os baixos de Chiláo, primeiro que a vara de Choromandel descarregasse, que de ordinário costuma a dar na Lua de Setembro, ainda que outras vezes na de Outubro, e que se o tomasse atrás deles, além do risco que corria por ser o tempo muito grosso, não poderia depois passar avante, e seria forçado arribar a Goa.
 81. [16 Nar Couto, D.(1542) CTB] Partido o recado de D. Garcia de Castro pera Cochim, em poucos dias chegou áquela Cidade, sendo o Governador chegado de dous, ou três atrás.
 82. [16 Nar Couto, D.(1542) CTB] Já atrás temos dado conta no Cap.VIII. do Liv. IX de como o Idalcan fôra avisado dos movimentos do Accedecan, sem saber dos tratos que havia antre êle, e o Governador; e sendo-lhe necessário acudir áquelas cousas em pessoa, ajuntou todo o seu poder, e poz-se no campo pera começar a marchar,
 83. [16 Nar Couto, D.(1542) CTB] lhe chama Magon, ou Meton) foi conquistar a Terra Santa, que os Turcos tinham tomado os anos atrás de 1172, persuadido do Papa Inocência IV. que a isso lhe mandou Religiosos; e em tôda esta conta vai Marco Polo Veneto errado: e diz êle, que Tartaro Maguchan se fizera Cristão a rogo de Aiton
 84. [16 Nar Couto, D.(1542) CTB] Êste Xargol mandou depois Nuno da Cunha pera ir suceder no Reino, vindo-lhe novas da morte d'ElRei Ceidafim, e foi o que concedeo a Alfândega aos Reis de Portugal, como consta das Doações, que estam na Feitoria de Ormuz, como atrás temos dito noCap. V. do IX. Liv.
 85. [16 Nar Couto, D.(1542) CTB] e o embarcaria pera a India, e que então iria Elei D. Manoel, e que tomaria livre, e desembaraçadamente posse do seu Reino. Pareceo aquilo bem a ElRei, e ao Capitão de Malaca, e mais Fidalgos, e Capitães, que ali havia, que pera isso se chamaram. Vinda a monção, se embarcou Jordão de Freitas, e foi surgir em Talangame, como atrás dissemos.
 86. [16 Nar Couto, D.(1542) CTB] Vendo o Governador aquilo, lhe tornou a Provisão, e lhe disse, que fizesse o que quizesse. D. Manoel de Lima lhe disse: "Vou-me; e seguro-vos uma cousa, que em Portugal não faça queixume de vós a ElRei". Saindo dali, embarcou-se em um catur, ligeiro, e se foi pera Cochim, onde tomou as náos de verga d'alto, e se embarcou com Fernão Peres de Andrade; e João de Sepulveda lhe deo toda a sua matalotagem, porque deixou de ir pera o Reino pelas razões que atrás dissemos.
 87. [16 Nar Sousa, F. (1556) CTB] E daqui nace haver hoje tão poucos pais que se gabem de filhos amigos e obedientes; porque como todo seu intento foi fundado em lhes negociar pão temporal, com menos providência do espiritual, é permissão divina que paguem o erro com receberem deles temporalmente muita desconsolação. Não se fez assi com Bertolameu. Logo foi mandado ao estudo. E logo mostrou quanto importa correr trás a boa inclinação.
 88. [16 Nar Sousa, F. (1556) CTB] Outras vezes, recolhendo-se de completas e matinas, abria a janela, pregava os olhos no céu, chamava pelo Senhor dele, com requebros e branduras amorosas, pronunciadas com tal afeito que não parecia menos senão que a alma se lhe ia atrás elas e que tinha o mesmo Senhor presente. alg~uas vezes foi ouvido cantar em voz baixa e sentida ~ua letra pouco aparada no metro, mas no conceito bem significadora de qual andava seu espírito. Por isso a escrevemos.

89. [16 Nar Sousa, F. (1556) CTB] Pera tesoureiros do dinheiro buscou os mais afeiçoados aos pobres e a fazer esmolas. O cileiro, que era a parte mais grossa de todo o rendimento do arcebispado, entregou a um pobre clérigo que levou consigo, passando de caminho polo convento da Batalha. E a ocasião de o levar foi esta: sendo leitor naquele convento, como **atrás** fica dito, foi um dia pregar a um lugar vizinho, que chamam a Barreira, e agasalhou-se em casa do cura.
90. [16 Nar Sousa, F. (1556) CTB] Neste título apontava o Arcebispo juntamente o que montava a renda de cada igreja; e estas memórias passou depois ao livro maior que **atrás** dizemos, e serviam-lhe muito pera quando algum súbdito lhe pedia informação ou benefício, porque logo tinha à mão quem era o homem e o que pretendia.
91. [16 Nar Sousa, F. (1556) CTB] Ultimamente, buscava o registro do seu livro secreto, que **atrás** dissemos era o epítome das visitações, a ver se contra os tais resultava delas culpa.
92. [16 Nar Sousa, F. (1556) CTB] E como os exemplos dos Santos penetram e movem muito, não só as orelhas pias, mas aconteceu já homens devassos na vida e nos costumes tornarem sobre si e deixarem o mundo só com ouvirem um acto de penitência dos Santos do ermo, uns tostados do sol e do frio, outros consumidos de perpétuos jejuns e vigias, e outros quasi transformados em feras, na vivenda, no mantimento e até no gesto, sendo nas almas puros anjos, pediu ao mesmo religioso **atrás** referido, Fr. Diogo do Rosário, que fosse compondo em português as Vidas dos Santos que a Igreja celebra, pola ordem do calendário romano, o que ele fez com boa diligência.
93. [16 Nar Sousa, F. (1556) CTB] **Atrás** fica dito como, tirado o pouco que despendia com sua casa e o que montavam os salários dos oficiais de justiça, tudo o mais se entesourava nas mãos dos pobres, que era o mesmo que passá-lo ao Céu por elas, como o dizia a Daciano o glorioso mártir **S.** Lourenço, em cujo dia isto vamos escrevendo.
94. [16 Nar Sousa, F. (1556) CTB] A esta dúvida satisfiz o Arcebispo, dando-lhe conta donde, e como, e com que contia podia ajudar a obra, que era traça de muito **atrás**; e como trazia em pronto e como contadas polos dedos todas as despesas que fazia, e os ministros eram fiéis, e ele assistia em tudo, e não se perdia nem mal-gastava nada
95. [16 Nar Sousa, F. (1556) CTB] Do que tiramos duas bem provadas conclusões: primeira, que tem o lugar muito maior antiguidade da que comumente lhe dão suas lembranças e cartórios, que não chegam mais que a el-Rei D. Afonso III de Portugal, e, aqui, lha damos de mais de quatrocentos anos **atrás**; segunda, que não há que fazer caso de ~ua dirivação, que anda no povo, do nome de Viana, fazendo dele duas dições e contando certo sucesso, que querem acreditar com o Príncipe, filho d'el-Rei D. Afonso, o qual, podendo haver acontecido, aqui não tem lugar, visto não dar el-Rei nome à vila,
96. [16 Nar Sousa, F. (1556) CTB] E se Viana já então possuía autoridade e o nome que hoje tem, bem se segue que ~ua cousa e outra tinha, de muitos anos **atrás**.
97. [16 Nar Sousa, F. (1556) CTB] Porque ~ua celebridade ilustre em fama e reputação não se vence em pouco tempo e, quando lha não concedamos de mais anos que duzentos, antes dos Mártires, já fica com a ventagem de mil e quinhentos de ancianidade na primeira fundação e no nome. Mas de muito mais **atrás** lhe dá princípio Florião do Campo, grave historiador espanhol, dizendo que os Galos célticos, havendo tempos que senhoreavam as ribeiras do rio Guadiana, saíram delas trezentos e catorze anos antes do nascimento de Cristo, acompanhados dos Túrdulos andaluzes, contra as terras setentrionais da Lusitânia,
98. [16 Nar Sousa, F. (1556) CTB] E não parecerá isto muito a quem souber que, havendo oitenta barcas de pescadores naturais, cinquenta anos **atrás**, que se contentavam com o pão de cada dia, ganhado com pouco suor nas pescarias de perto e ao longo da costa, hoje não há nenh~ua, deixando todos animosamente a pobreza das redes e a segurança das praias, polas esperanças e perigos de alto;
99. [16 Nar Sousa, F. (1556) CTB] nem ele deixava de acudir aos que lhe tocavam, juntamente, pregando sempre e fazendo pontificais com a continuação que **atrás** referimos; e pera tudo tinha tempo; e a rezão era, porque não perdia nenhum, que o mesmo lhe acontecia no tempo que na fazenda.
100. [16 Nar Sousa, F. (1556) CTB] E, encomendando primeiro o negócio a Nosso Senhor, nomeou por governador do arcebispado o Padre Fr. João de Leiria, de quem **atrás** temos feito menção, e deu-lhe por companheiros pessoas de tão boas partes que seu zelo e escrúpulos ficaram bem satisfeitos.

- 101.[16 Nar Sousa, F. (1556) CTB] Não sabia que respondesse o porteiro, de embarçado em ouvir ~ua cousa a seu parecer tão nova; somente disse que verdade era que estavam em casa dous frades do hábito, portugueses, chegados do dia **atrás**.
- 102.[16 Nar Sousa, F. (1556) CTB] Daí passou à insigne vila de Brissiers e a Santuberi e a Lupian, onde se vai tomar vista do Mar Mediterrâneo; e logo à cidade de Mompelher, onde foi ver o mosteiro da Ordem que nela há, grande e magnífico nos tempos **atrás**, mas então posto por terra e com oito frades somente, onde dantes havia cem celas.
- 103.[16 D Holanda, F. (1517) CTB] Mas o que se movia ou andava quietamente já as maes das vezes com o pé esquerdo diante, e com o rosto voltado um pouco **para tras**, e o outro pé que vinha de tras meo erguido, afastado d'estoutro, tanto quanto é a medida d'ummesmo pé.
104. [16 D Holanda, F. (1517) CTB] Mas o que se movia ou andava quietamente já as maes das vezes com o pé esquerdo diante, e com o rosto voltado um pouco para tras, e o outro pé que vinha **de tras** meo erguido, afastado d'estoutro, tanto quanto é a medida d'ummesmo pé.
- 105.[16 D Holanda, F. (1517) CTB] O que pellejava na guerra ou combatia, a este fazião variado de muita maneiras; e o braço d'este sempre andava ou muito alto, ou muito **atrás**, com a espada ou lança, porque ambos são effeitos de grande força e o escudo andavadiante;
- 106.[16 D Holanda, F. (1517) CTB] As feçuras assentadas têm seu primor em terem o pé diante direito, com aquella perna saída e a outra **atrás**, como o que anda; e o corpo não se erguia muitodireito e supito do assento em que stava, mas quasi jazia um pouco inclinado, por ter mais graça e descanso.
- 107.[16 D Holanda, F. (1517) CTB] E ao menos dizem os Italianos que, se o Emperador, quando entrou por Provença, mandára primeiro debuxar a maneira do correr do rio Rodano, que não recebera tanta perda, nem retirara o seu exercito tão desmanchado, nem lhe debuxáram depois a elle um cranguejo em Roma, o qual anda ao travês, que querendo ir para deante tornava **para tras**, com a letra que em as columnas de Hercules: Plus ultra.
- 108.[16 D Holanda, F. (1517) CTB] Tendo até aqui com assaz fadiga navegado minha pequena barca por passos muito arriscados e perigosos, e vendo começar a se lhe mostrar o porto e enseada, onde sperava lançar a ancora e repousar na fim da sua jornada, lhe é forçado passar alguns mui incertos e rijos perigos, que mui ocultamente debaxo das ondas conhece e vé star, onde todas as outras tormentas **atrás** deixadas, a respeito d'esta lhe parecem menores, porque tendo com trabalho até agora scrito algumparte d'um conceito que sobre a pintura propuz de screver,
- 109.[16 C D. João III (1502) CTB] e lhe direis: que eu estimey sempre tanto sua amizade e que aa antigua, e que ambos de tantos tempos **atrás** quasi pera herança nos ficou de nossos avoos e antepassados, não soom~ete trabalhey por comservar muy imteiram~ete sempre, mas por minha parte, aimda quamto em mym foy, fiz polla acrec~etar; e que aas Resões amtiguas de grande irm~idade que os Reys d'estes Reynos cõ os de França teveron sempre,
- 110.[16 C D. João III (1502) CTB] E como acima vay apontado, podes tocar ~ecamanho trato e quantas casas de feitorias eu tenho ~e todos aqueles mares, como em partes muy proprias minhas, e que de tantos tempos **atrás** foram achadas, ganhadas, e pesuydas por m~y e por a coroa d'estes Reinos;
- 111.[16 C D. João III (1502) CTB]E ao emperador sera bem que sprevaes como eu vos mamdey v~yr, e que dom Pedro lhe dira o que he feito, e tudo o que pasou, e lho spreveres como **atrás** fiquaja dito. E se mãda de vos alg~u~u serviço ou alg~u~u Recado pera a emperatriz minha irmãã,
- 112.[16 C D. João III (1502) CTB] Iteem: Avendovos vos de desconcertar no ponto em que vos determinardes ho avees de fazer, direis a elRey que vos veio recado meu, que estas naos de França eram ydas ao caso, que **atrás** vos diguo, de esperar~e as minhas naos da India, a quall cousa eu nunca podera cuidar nem esperar que se fizese,
- 113.[16 C D. João III (1502) CTB]E se, no caso que ouveseis de fazer o concerto, eles o nõ quisessem fazer sem estecapitulo, vos em nehu~ua maneira o fares; por que a cousa **atrás** dita ey por abastante por ela soo o nom fazerdes.
- 114.[16 C D. João III (1502) CTB]E porque neste negocio nam ha mais que fazer que fazerse a spritura do cõcerto no modo **atrás** dito, eu ey por beem que vos vos venhaes a m~y em booa ora: easy vos encomemdo e mando que o façaes; e podemdo a trazer, averey d'iso prazer; e, se nam, fique a Gaspar Vaaz cuydado de ha tirar no modo sobre dito, esegundo que cõpre, e de ha emviar.

- 115.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] Toda via me pareceo q~ pera o procedimento desta historia de ver de ser | milhorm entendida era couza necessaria começar este discurso hu~ pouco| mais **de tras**, tratando nelle da origen da quella guerra, e causa porq~ pro | cedeu o grande incendio q~ com tam raro movimento a Berberia perturbou.
- 116.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] epondo sua gente em ordem, armou no meyo della | huã tenda segundo Costume dos Turcos, em sinal, q~ nenhu~ pode mover opee | **a tras**, senaõ pelejando morrer todos diante da tenda, entendeo o Maluco | o desenho do Xarife na ordem em q~ pos seu campo em mea lua, epara se | poder a segurar delle o mais q~ lhe fosse posiuel fes da sua gente hu~ so corpo
- 117.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] vendo | os Turcos que estes se punhaõ em fugida carregaraõ sobre o esquadrão q~ hia | sobindo pello monte, q~ com os derriba os constringerão arrenderse, oxarife | que estava **de tras do** monte naõ prezente com avista atodas estas cousas, | em meyo de sua gente com dous mil arcabuzeiros de guarda diante de | si amor parte renegados, e tinha os cinquenta mil de cavallo repartidos | entre dez Alcades por partes iguoaes, q~ cada huã das allas tinha cinco
- 118.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] e como a jente do Xarife | tinha concebido o medo do tempo **atras**, he cousa certa q~ posto hu~ cam | po, e outro na ordem costumada pera pelejar, os primeiros q~ em disparan | do a artilheria se abateraõ em terra foram os Guazules de sus, esem | dispararem hu~ tiro, dandose o resto por perdidos começando tumulto| [[sa]]
- 119.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] a moor parte dos | quaes saõ Espanões do Reino de Granada, q~ no levantamento dos annos | **atras** se passavam a Berberia, E outros arrenegados de diuersas nações | todos mui praticos do continuo exercicio das guerras ciuis que tem hus~ | com outros ha muitos annos, E mais de outros quinze mil a tiradores mou | ro
- 120.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] e assi chegandosse ja o termo em que a jornada se aprazara | tinhaõ os mais por apreceber a mayor parte do q~ para ella lhe cumpria, por | que ja no anno **atras** na primavera, eno outono, tiuera el Rey por ve | zes atermado a partida, e sempre o tempo,
- 121.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] e a falta de couzas q~ se requeri | am, lha tinhaõ impossibilitado, porq~ so por esta via se procurava de lha im | pedir desauiolhe a percebimentos, e gastandolhe o tempo, ate o mesmo | tempo lhe vir a mostrar q~ ho naõ auia, como se fizera o anno **a tras** que | dilaoe~s o meteraõ no inuerno sem se aduirtir, nem poder nisso culpar | alguã pessoa, por q~ nhu~ ousava tomar sobre si a culpa dalguã couza | destas,
122. [16 Sum Lombardo (2015) PHPP] assi nas partes d’Africa em foro desol | dado, e Capitaõ de Infanteria, como depois sendo Governador, e capitaõ | das fortalezas de Çofala, e Mocambique na India, onde poucos annos **atras** | naõ quis ir por visorrey, por hu~ ponto de regimento q~ se lhe inuiu, em q~ ouve, | q~ se diminuhia o poder, e authoridade do Cargo, q~ foi cauza de orenu~ | ciar a El Rey
- 123.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] avendo ja doze dias, q~ o campo del Rey alojava de longo dos muros | d’Arzilla, sendo fora cento de Cavallo do Xarife com Cide Hamu, Be | namazar Visorrey de Mequinez, e tendo saido **de tras delle** Cide Albe | carim com outros cincoenta q~ sahiaõ a descobrir, o campo, E para fauo | recer algus~ mouros se decessem da serra do Farrobo a vender mantimen | tos, ao Arrayal como costumavaõ,
- 124.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] onde o eu vi bem desviado ir correndo misturado com mais de vinte de | Cavallo mouros Alcades do Xarife cõ lanças em punho, **de tras**, e diante delle apar | tado de todollos seus com tanto intervallo q~ qualquer dos seus osintio, e qualquer dos mou | ros q~ o determinara podera muito bem matar El Rey, e salvarse para os Jnimigos
- 125.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] eo nosso campo se aquietou, ate as nove horas da menhã, q~ se | tornou a dar nelle outro rebate aq~ acudio o mestre de Campo Dom Du | arte de menses, q~ de pouco alem do facho, mandou dizer a El Rey q~ os | mouros do Xarife corriam **tras** os Almogavares q~ tomarão os ar | bolarios, e q~ o seu Adail lhe hia dando costas, q~ elle as queria dar, ao | Adail, q~ devia Sua Alteza de lhe mandar algus~ de Cavallo aligei | ra para o acompanhare
126. [16 Sum Lombardo (2015) PHPP] porem El Rey lhe | mandou dizer por simaõ lopez de mendoça, q~ leixasse de os seguir, pois | hiaõ ja tam alongados, etambem, Cide Albecarim o

- tirava ja di[sso], di | zendo, q~ não era tempo, q~ tinha passado a occasião, em q~ se podera, e deve | ra fazer, e logo **tras isto** chegou El Rey q~ tinha corrido diante ate | a derradeira gente perto de quatro legoas arredea solta, Evendo ja o Ca | pitaõ parado em hum outeiro donde os mouros seviaõ ir (leixando | a mais gente hum pouco abaixo levando somente consigo Christovaõ de | Tavor
- 127.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] q~ (se os inimigos q~ se achavão descansados, edesempedi | dos se atreveraõ a cometellos nesta occasião) q~ com a quelle pequeno po | der tiveram azo, de poor em grande aventura o fim da empresa, sem | se poder receber socorro da Infanteria, por ficarem totalas bandeiras | muito **atras** perto do alojamento, mas com grande multidaõ de gente | de pee solta pello Campo, q~ por ser muito largo, se achavaõ por diver | sas partes muito espalhados, q~ seguiuõ El Rey sem alguã ordem
128. [16 Sum Lombardo (2015) PHPP] onde se podiam assi aventurar duzentos homeñs, aventurandosse | por terra (com a pessoa Real) todo a quelle poder, e cabedal q~ trazia, oqual senão | arriscava menos com as faltas, e necessidades notorias, aq~ se offreciam, q~ com as for | ças e armas dos mouros, porem outros q~ votaram **tras** vasco da Silveira torna | ram logo a ser da opiniam del Rey, aqual corroborou mais o voto de Christovam de Ta | vora seu privado, q~ tendo louvado muito as rezoẽs do coronel,
- 129.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] **Etras** isto chegou recado ao | Corregedor Diogo da fonsca, q~ prendesse Diogo de Palma, E o | metesse prezo na Alcaçova, o q~ logo foi feito, com muito desgosto ||203v|| do Corregedor, por ser Jrmam do frey Roque com quem o Palma vinha | e pousavam ambos com elle na sua tenda, onde se acharam juntos quando | lhe chegou recado para o prender, pella qual rezam, o corregedor desgo | toso disso, e tendo a quella prizam por prejudicial ao serviço del Rey,
- 130.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] Tanto q~ a frota do Algarve chegou, q~ se El Rei vio com algum proui | mento de Carriagem, cuja falta somente o tinha detido começou | logo a entender em executar mui a pressada totalas mais | cousas q~ se requeriam para poder a ballar, as quaes por essa so rezam, | estiveram reparadas nos dias **a tras**, e (insistindo ainda em conside | raçoẽs de respeitos aq~ tinha passado a occasiam de aproueitarem) | espedio entam para Mazagam Martim correa da silva com o filho | do Xarife em tres caravellas
- 131.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] mas El Rey (nam julgando | isso assi) tendo provido as couzas da partida como lhe pareceo q~ convinha | para fazer a jornada por terra com o a percibimento de provisoe~s q~ disse | mos na repartiçam dos carros, e o repartimento dos seis dias de mantime~ | to q~ declaramos no capitulo **atras**, mandou lançar bando a segunda | feira vinte sete de Julho
- 132.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] | o seu guiam, q~ trazia Dom Jorge tello, de huã parte para outra or | denando as cousas, e provendoas por si mesmo, sem as cometer aoutrem, | e sem descansar, nem ter lugar certo, a parecendo em totalas partes | **a tras**, e a diante, ora em hu~ terço, ora em outro, correndoos todos, e | vistando a carriagem com hum trabalho incompportavel, sem trazer ma | is consigo q~ Christovam de Tavora q~ continua mente o acompanhava, nam | dando El Rey lugar a outrem para o poder seguir, nem gastando mais tem | po com as outras pessoas
- 133.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] E primeira mente hum sobresalto | grande q~ ao chegar alli, aconteceu no Arrayal aboca da noite aca | bandose de armar tendas quando todos andavam entendendo em se | alojar, salvo vasco da silueira q~ ainda **vinha marchando** com seu | terço, por q~ ficara **de tras** em guarda da carriagem, q~ caminhava deva | gar, Eo deteve muito; e tocouse arma de supito em todo o Arrayal por | huã voz falça q~ nelle se levantou, dizendo q~ Vasco da silueira pelle | java na **retaguarda** com mouros de Cavallo q~ vieram dar nella
- 134.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] onde El Rey por si mesmo mandou enfor | car outro soldado Castelhana por q~ o vio dar cotilladas em hum Boi que | passava correndo de longo de seu terço fugindo de certos alabardeiros da | guarda do Duque de Barcelos que vinham **tras** elle, e El Rey atrave | sando a caso a certou de lho ver jarretar, e mandando q~ o prendessem o | entregou ao Sargento mor do terço, e mandando chamar o mestre de Cam | po dos Castellanos Dom Alonso d'Aguilar
- 135.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] q~ | nam saem do Juizo de quem os da, senam de respeito,

- emotivo lison | geiro, lhe faziam grandeza de ter os senhores efidalgos de Portugal | mais avassallados do q~ nunca foram, e do pouco respeito com que | tratava os grandes; de maneira que (sendo todos nos tempos **atras** | muito mal satisfeitos da maneira del Rey em reconhecer merecime~ | tos, e dispensar gallardoe~s,
- 136.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] Por q~ a pri | meira gente sua q~ semostrou ao exercito foi aq~ a pareceo neste dia | da outra parte da ponte, sem dantes aver noticia delles, senam | da maneira q~ se tinha em Arzilla por rumores incertos de novas | diferentes huãs das outras, sem a parecerem mouros por algu~a par | te do Campo, salvo alguns~ alarues, que a furto começaram logo, ao | segundo dia, de seguir o exercito, vindo **de tras** a panhando cou | sas de pouca valor q~ os cansados vinham deixando
- 137.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] quanto mais q~ | ficavam semeadas pello campo, muitas peças de armas, ecorpos | dellas inteiros, eoutros petrechos, q~ a calma, e cançaso faziam | largar a seus donos, e tambem ficavam **a tras**, algu~s cansados, e | doentes, para os quaes se mandaram dar carros, a Simam Lopez | de mendoça q~ os vinha recolhendo com agente q~ dissemos defen ||227v|| dendo a retaguarda
- 138.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] q~ Christovam de Tavora (da parte del Rey) | mandou fazer de noite ao redor do alojamento, por Simam Lopes de men | doça, com quatro centos gastadores, por rezam do feno, aq~ os mouros podiam por | fogo, por q~ ja o puseram aquelle dia de baltravento **de tras do** exercito que | caminhava
- 139.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] mas o mesmo Simam Lopez, q~ vinha nas costas da retaguar | da, com agente de Cavallo q~ dissemos, o a pagou com singular diligencia, | leixando suas atalayas **por detras**, e dando muitas vezes nos mouros, aq~ | tomou hum Capitam Italiano, q~ se tinha leixado ficar, com huã gentil | Dama Espanhola,
- 140.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] eos Castelhanos, ficandolhe da outra parte, outro | igual, ou pouco mayor numero de arcabuzeiros dos soldados velhos | de Tangere, q~ da mesma maneira vinham a ficar pella mam direi | ta entre os eaventureiros, e Tudescos, tal foi a forma da vanguarda ||236v|| **De tras da** qual seguia oescoadram da batalha em q~ se juntaram dous | terços debaixo do coronel Vasco da Silveira § o seu, eo de Diogo lo | pez de Siqueira, ficando em retaguarda os outros dous terços da Jn | fantaria do Reino, dos coroneis Dom Miguel de Noronha
- 141.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] Eo Du | que da Veiro da mam direita, com outro batalham de Cavallaria, | tambem posto em fileiras pouco mais delgadas, q~ passavam de tre | sentos de Cavallo, e **de tras delle** o Xarife com duzentas, e cincoenta | lanças suas, e de mouros, q~ selhe tinham passado
- 142.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] tendo mais o Xarife a sua | Jlharga os seus arcabuzeiros de pee q~ seriam coatro çentos, com que | se pos da mesma parte direita, mas a fastado, emais **a tras** q~ o Du | que, e alem do Xarife da mesma banda estava em dianteira | o mestre de Campo Dom Duarte de Meneses mais dianteiro a fas | tado com orosto da Cavallaria q~ portoda nam passavam de mil | e quinhentas lanças
- 143.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] por comunicaçam dos mou | [[ros]] ||239r|| ros passou a Espanha o nome de Almazes tam costumado nella, mas | este he o Rio q~ tem a ponte de q~ falamos **a tras**, e he de mares, por onde no | veram tem conjunçoe~s de se passar o vaoo em baxa mar,
- 144.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] eapartan | dosse com Christovam de Tavora, se foi meter no Coche q~ tinha man | dado ir a sua Jlharga de longo do terço dos Castelhanos, hum pouco| **atras** onde ficava huã praça para os pageñs, e Cavallos del Rey q~ caminha | vam por a quella banda entre os Castelhanos, Eo terço de Francisco de Ta | vora, e como foi dentro no coche pedio logo de comer, nam avendo mui | to q~ almorçara
- 145.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] mas lembrame q~ soube como a Dom Francisco de moura fauoreceo El | Rey nisto notavel mente, dizendolhe perante muitos, q~ lhe guardasse a | sua bandeira, por q~ delle o esperava, e nam avia **dalli para tras** alguã es | pecialidade, avendo muitas pessoas especiaes a q~ se deviam preminenci | as erespeitos, q~ se lhe nam guardaram,
- 146.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] o qual tambem acompanhava dom Gemes Jrmam do | Duque de Bragança, q~ (sem ser dos Chamados) procurou acharse perto | da bandeira Real, com outros q~

- poderam a hi tomar lugar, desejan | do todos, e procurando, quanto podiam por ser os dianteiros, mas como, is | to nam era posiuel, ficaram dalli **para tras** todos, assi os intitulados co | mo todos os mais senhores de casas, e herdeiros dellas,
- 147.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] E aesse tempo | se quebrou oescoadram **por detras**, esem faser mais detensa se co | meçou a retirar, a qual retirada dos aventureiros foi a primeira cau | sa de nosso desbarato, e da victoria dos mouros, por q~ deu animo | para voltar aos q~ viram fugir a quelle terço, desamparando as cin | co fileiras da dianteira
- 148.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] eos primeiros que | chegaram aos mouros do escoadram do Duque foram Dom Antonio | filho do Conde de Mira, e Francisco Barreto do Algarve cada hum | por sua parte, mas isto foi de maneira, q~ as fileiras dianteiras pellei | javam jaa, e nas traseiras nam se sabia, porem tanto que os | [[**detras**]] ||246r|| de tras o sentiram, deram logo todos com tanto impeto nos mouros | q~ os fizeram retirar a costas viradas, entrando tanto por elles q~ leixa | ram muitos entre si, eo escoadram, por q~ se mesturaram muito com | elles,
- 149.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] Eindo assi El Rey com poucos cercado de mou | ros por totalas partes caminhava passeando, com as costas na gente de | pe, q~ posto q~ nam peleijava tolhia poderem os mouros dar em El Rey **por | de tras**, mas como elles lhe tinham tomado a dianteira, eas Jlhargas nam | ficava q~ fazer aos seus q~ se acertavam com elle senam irselhe pondo | diante como faziam sendo sempre muito poucos
- 150.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] por q~ nisto nam rece | bia seruiço senam dos de Cavallo, q~ se gastavam peleijando, perdendose | hus~, e sobre vindo outros, e algu~s ficando **atras** pelleijando se torna | vam por vezes a juntar com El Rey,
- 151.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] sem pertenderem outra cousa senam | seguillo leixando **por de tras** o campo cuberto de mortos, porem ja daqui | por diante os mouros quando podiam se davam mais a cativar q~ a | matar, por nam verem ja força na gente Christam q~ fosse para temer, | tendosse consumido agente de Cavallo q~ sendo tam pouca
- 152.[16 Sum Lombardo (2015) PHPP] Eo guiam sem lanças, demandar | algus~ seus de Cavallo q~ pelleijavam de frente, onde os mouros lhe atalhavam | se os dous companheiros lançandosse diante com dous piques lhe nam deram | azo de se recolher aos outros **por detras delles**, E el Rey querendo socorrer | aos q~ o socorreram,

Século XVII

- 153.[17 N Macedo, A. de S. (1606) CTB] estesfe alojãrão na Ribeira de Solor; & com a cauallaria que affirma diffemos, andou Dõ Dio-go de fima para baixo sempre de longe, sem fazer coufa alguma mais queperder os caualllos que por al-gum accidente não se apartauão tanto de nós, & queimar alguns pães do feu País, porque não nos aproueitaffemos delles: em hum dia vio fair parte da noffa cauallaria a forragear, & se poz em manifesta fu-gida, metendose **detras** de hũa ferra.
- 154.[17 N Macedo, A. de S. (1606) CTB] O Inimigo, deixando **atraz** todas as Praças em que imaginou refitencia, destruido & abrafando barbaramente quanto hauia na campanha, passou atreuido até aCidade de Euora, & de caminho mandou bolatim â Villa de Euora-monte, para que se lhe entregaffe, mas deuefelhe a respofta que con-uinha.
- 155.[17 N Macedo, A. de S. (1606) CTB] No vltimo deste mez chegou a Lisboa prifioneiro hum filho do Conde de Cazares, que partindo de Ge-rom[e]nha os dias passados com Dom João de Auftria já den[o]jite, & ficando **atraz**, se perdeu no caminho, & foy dar em Terena, aonde os noffos o aprifionãrão.
- 156.[17 N Macedo, A. de S. (1606) CTB] Em 10. ouue auifo na praça de Moura ã 25. caualllos do inimigo passauão o Zebre abaixo. Mõtou oTenente general D. Luis de Costa, & foi bufcar o porto, no qual os achou já de volta cõ algũ fato da Aldea dos Albardeiros; & tẽdo passado a metade, quãdo virãdos noffos **tornãrão atraz**; os noffos os in-ueftirão, & tomãrão 8. caualllos, escaparão os mais pela aspereza da terra, & fer muito cuberta de matos.
- 157.[17 C Melo, F. M. de. (1608a) CTB] Lembrar-se-á V. S. como os tempos passados me avisou por um próprio, lhe enviasse um Tratado de Penitência, que ouvira dizer eu havia composto. Ao que então respondi a V. S. quanto **atrás** me achava de autor de penitências; mas que em breve ofereceria a V. S. algum outro Discurso Moral, que começava nos próprios dias a escrever.
- 158.[17 C Vieira, A. (1608a) CTB] ois se França, havendo de ficar em paz, tinha por impossível um tão pequeno socorro, e queria que lhe achássemos razão; porque não valerá com ela agora a nossa, e porque lhe não faremos crer que é impossível socorrê-la, quando estamos em toda a parte cercados de tantas guerras? Prouvera a Deus que foram estas razões só aparentes, como as suas, e não tão certas e verdadeiras! E se não, julguemos o futuro pelo passado, e tornemos quatro anos **atrás**.
- 159.[17 C Vieira, A. (1608a) CTB] Entre concertar, assinar, ratificar e executar, há mui compridas jornadas, e em qualquer delas pode S. M. , muito a seu salvo, seguir o caminho que melhor lhe estiver, o que eu cuido que lá não consideram nem sabem, porque têm para si que, do que uma vez disse ou prometeu o embaixador, não se pode **tornar atrás**: o certo é que faz V. Ex.a grandíssima falta naquele Conselho
160. [17 C Marquilhas (1996) CTB] a mula que estava com desejos de fazer tal cousa e que o conhecia a mula e diz que não é bautizado nem é cristão que pera o ser que o hão-de tornar a bautizar diz à mulher que lhe beije sua natureza e que comprirá com ela na boca e **por detrás** diz que dorme com a mulher por não dormir com uma burra diz que os santos que são abantesmas e antão torna a dizer que o dizem os turcos porque se teme dos bons cristãos que lhe vão à mão diz co casamento que se não fez per bom título nem pera acrescentamento do género humano
- 161.[17 C Marquilhas (1996) CTB] que logo ma lavaria eu vendo isto por não ter criada que mandasse e ser uso no meu bairro irem as vizinhas em casa umas das outras com liberdade fui eu um dia às trindades com um pauzinho na mão a casa da forneira disseram-me que estava na eira que está **atrás da** parede das casas fui lá ter com ela achei-a assentada a par dum monte de espigas de milho com uma menina que tinha de poucos meses
- 162.[17 Nar Melo, F. M. de. (1608b) CTB] Por esta causa, em beneficio de sua compostura, será além de força obrigação recorrer ao progresso de alguns estranhos accidentes que não só adornam mas explicam, manifestando a origem dos casos propínquos a referir-se, não porque o tirador destro que faz a seta no arco procure atrasar seu curso, quanto mais a puxar **atrás** no tiro se adianta.
- 163.[17 D Vieira, A. (1608b) CTB] Que vida haverá em Portugal tão cansada, que idade tão decrépita, que à vista do cumprimento destas esperanças, não **torne atrás** os anos para lograr tanto bem? Vivei, vivei, Portugueses, vós os que merecestes nascer neste venturoso século! Esperai no Autor de tão estranhas esperanças, que quem vos deu as esperanças, vos mostrará o cumprimento delas.

- 164.[17 D Vieira, A. (1608b) CTB] Que gentes feras e belicosas não domaram? Que cidades e castelos fortes na terra; que armadas poderosíssimas no mar não renderam? Que trabalhos, que vigias, que fomes, que sedes, que frios, que calores, que doenças, que mortes não sofreram e suportaram, sem ceder, sem parar, sem **tornar atrás**, insistindo sempre e indo avante, com mais pertinácia que constância?
- 165.[17 D Vieira, A. (1608b) CTB] Bem pudera conhecer Espanha, voltando os olhos **atrás** pela experiência, que Deus é o que desuniu de sua sujeição a Portugal, e Deus o que o sustenta desunido e o conserva vitorioso
- 166.[17 At Ferreira; Morais; Kewitz (2015 [2008]) PHPP] Ellogo nodito dia mes Eano **atrás** Escrito deraõ os ditos ofisiais Cumprimento apru uizamatras declarada por ser obem Cumum Eosditos ofisiais buscarem outro Escriuãõ Enaõ acharaõ mais sofesi Ente queoditomiguel fernandes noguera
- 167.[17 At Ferreira; Morais; Kewitz (2015 [2008]) PHPP] (Dado 2) Ellogo nodito dia mes Eano atrasEscrito deraõ os ditos ofisiais Cumprimento apru uizam**atras** declarada por ser obem Cumum Eosditos ofisiais buscarem outro Escriuãõ Enaõ acharaõ mais sofesi Ente queoditomiguel fernandes noguera
- 168.[17 At Ferreira; Morais; Kewitz (2015 [2008]) PHPP] Em Cor porado nelle as pro uizois que nos anos **atras** se auiaõ se adado afran cisquo de souza sobre ohauer
- 169.[17 At Ferreira; Morais; Kewitz (2015 [2008]) PHPP] Elogo nomesmo dia mes eanno **atrás** declarado pareseo emcamera gaspar desouzafilho a fidalgo dacaza delReis nosso senhor caualeiro do habito dechristo ecapitammor desta Capitania
- 170.[17 At Ferreira; Morais; Kewitz (2015 [2008]) PHPP] Enaõ fazendo os per deraõ se não fizerem ua sen to **atrás** E tam bem todos aqueles que tiuerẽ chaüs da agoada desta uilla dei charaõ qua tr obra asas de rua pera a banda do ribero de huã banda
- 171.[17 At Ferreira; Morais; Kewitz (2015 [2008]) PHPP] Eda Capitania Edouminha fee que EnCon prinmento do des pacho asima do iuis andre montero três ladei aqui asertidaõ que me foi apre zentada iuntam ente Com aptisaõ **atras** daqual otheor Etres lado di berbo aberuo E o seginte El rei darmas portugal edopoderque muito allto Esese Cente poderozo prinsepe dom manael por grasa dedeus rei de purtugal
- 172.[17 At Ferreira; Morais; Kewitz (2015 [2008]) PHPP] Emais testemunhou fe lipe gomes Es Cudero fidalgo morador nadita Em **atras** Edeclararãõ Em seus testemunhos osin de serto sabedoria Como deuouida quanto obasta ade ser dadita gerasaõ dos al bar nazes Euisto por min sua proua ser firme
- 173.[17 At Ferreira; Morais; Kewitz (2015 [2008]) PHPP] Aos dezoito dias do mes de nouenbro deseis sentos ECorenta Esinquo anos fizeraõ os ofisiais daCamara desta uilla de santana daCrus aiuntamento pera obem Cumun Com forme otermo **atras** de que fis Estetermo
- 174.[17 At Morais (2014) PHPP] Eentregarãõ sento EsinCoEnta mil Enovesentos Edes a[o]tudo dotermo a Sima diguo queCom os vinte Enove mil Equatrosentos Etrinta Reis Bezerra Manoel bemasomar Com o termo **atras** osento EsinCoEnta mil Enovesentos Edes deque farias o que sedeu per Emtrege [E] seasinou
- 175.[17 At Morais (2014) PHPP] Resevi dos senhores ofisiais sento esincoenta mil enovesentos — e des como conta dos dous termos asima **eatras** emeasinei neste termo, como, capitãõ desta villa Pascoal Ribero deFaria
- 176.[17 At Morais (2014) PHPP] Eloquo no mesmo dia mes Eanno **atras** deClara do E na mesma Camera os ofissiais daCamera todos juntos os abaCho asinados ConCordarãõ Entressi que visto terhido fora desta dita villa o aLmotasseê Manoel Lopes dafonssequa
- 177.[17 At Morais (2014) PHPP] Aos vinte E tres dias do mes de abril dahera **atras** fizerãõ ajuntos os ofissiais daCamera Enella prezidente ojuís ordinario pasCoal dias Rodrigues Epello Breador mais velho joã Leme doprado
- 178.[17 At Morais (2014) PHPP] Elloquo momesmo diames Eanno assima **Eatras** EsCrita Requereu oproCurador doComsselho joã mendes dematos aos ditos ofissiais daCamera que ssuas mersses fizessem almotasseê deque Estava Estavilla
- 179.[17 At Morais (2014) PHPP] Eloquo no mes mo dia mes Eanno assima **Eatras** deClarado Ena mesma Camera forãõ Chamados os nomeados para Efeito das fintas dopedido Real Epello juis pasCoal dias Rodrigues

- 180.[17 At Morais (2014) PHPP] o termo **atras** deque fis Esta deClarassam Eu PedroAlveres Bezerra EsCrivão daCamera oEsCrevy
- 181.[17 At Morais (2014) PHPP] Elloguo no mesmo dia mes Eanno **atrás** deClarado Ena mesma CameraComCordaram os ofissiais daCamera que avíam desse fazerCamera Cada mes por Respeito da lLemitassam desta dita villa
- 182.[17 At Morais (2014) PHPP] Aos vinte Eoito dias do mes deagosto da hera **atras** deCLarad[a] fizerão ajunto os ofissiais daCamera os abaCho assinados afazer Breanssa Enella prezedio ojuís ordinario Antonio Rivero Epello Breador
183. [17 At Morais (2014) PHPP] Essendolloguo no mesmo dia mes Eanno **atras** decLarado Enamesma Camera ajunto todos os abaCho assinados pellos os ofissiais foramComCordados norequerimento do proCurador doComsselho manoel Fernandez varella
- 184.[17 At Morais (2014) PHPP] Edo reino azeite Evinagre para que nenhuma pessoa pudesse vender mais que apessoa ou pessoas que neste Contrato llanssasse na forma do termo **atrás** feita
- 185.[17 At Morais (2014) PHPP] Em o primeiro dia dessetenbro Erequerimento que nelle tinha feito Epellos ditos ofissiais daCamera foi Respondido que na formado primeiro Requerimento **atras** otinham mandado por Empregam pello juis ordinario domingos Cordeiro depaiva Corendo os termos dallei athe os quinze deste presente mes
- 186.[17 At Morais (2014) PHPP] Em que lhe foi a[g]ora Rematado ComoConsta do termo **atras** Eque porquanto o dito JoãoLemedo prado não dera fiasssa a pagar os ditos ssinCoEnta Eoito mil Reis EmCada hú anno dos tres
- 187.[17 At Morais (2014) PHPP] Eloguo no mesmo dia mes Eanno **atras** declarado Estando juntos EmCamera os ofissiais delLa assima assinados aparesseu João Leme doprado EporelLedito
- 188.[17 At Morais (2014) PHPP] to JoãoLeme doprado Edistratado o termo **atrás** posto Eque Em tempo algum sselhe pederia o que no dito termo Constava Eque fosse posto
- 189.[17 At Morais (2014) PHPP] Eabonada Enão faltandoCom os generos **atras** deCLarado aEste povo Edeque ouveram por dezobrigadado ao dito João lLeme doprado
- 190.[17 At Morais (2014) PHPP] Em pregam oComtrato dos generos **atras** nomeados oqual Contrato andando apregam pella Rua Eprassa publica desta villa
- 191.[17 N Menezes, F.X. (1673) CTB] Contaçe da Vidigueira hum caso tragico se como afirmão he verdadei- ro, huã molher sem saber que dous filhos seus de pouca idade se tinhão hido meter em hum forno donde adormeçerão **detras da** lenha, lhe deu fogo, e quando voltou os achou queimados, sahiu desesperada, querendo lançarçe em hum posso fora da villa; o cura que vinha de fora se abraçou com ella para a deter, e o marido, que se recolhia da cassa, com bem diffe- rente supoçição os matou a ambos.
- 192.17 Nar Costa, M. (1601) CTB] Neste passo me negaõ tudo, quanto tenho dito neste capitulo, os que se sentem comprehendidos: e para que me deixem, retracto tudo, e só o digo, para que não aconteça, e passo a couzas notorias. Passando eu ha poucos annos por Montemór o Novo, vi huma tropa de pádeiras irem gritando **atrás** de dous meirinhos, que levavaõ ás costas de quatro negros outros tantos sacos de paõ amassado: perguntey, que briga era aquella.
- 193.[17 Nar Costa, M. (1601) CTB] E disto tenho na minha maõ hum papel, ou Regimento, que já **atraz** toquey, digno de se imprimir pelas muitas couzas desproporcionadas, que contém, e por ser da maõ, e letra delRey Filippe o Prudente, que nestes pontos mostrou, que o não era muito; pois mandava aos Prelados inferiores ao Papa, que revogassem os poderes das Bullas, e as licenças, que só os Summos Pontifices pódem tirar: mas como a pertençaõ principal era nulla, não ha que espantar, de que os meyo para ella fossem nullidades.
- 194.[17 Nar Costa, M. (1601) CTB] Admito que he muito mal feito dilatar os requerentes na Corte fóra de suas casas: mas peor o faz quem requer, o que lhe não he devido e para se averiguar a verdade de todos, e seus merecimentos, he necessario tempo, porque ha muitos enganos nas justificaçoens dos serviços, que se allegaõ. E acontece muitas vezes virem das Conquistas, e das fronteiras carregados de certidoens de grandes serviços, os que mais roubaraõ a Sua Magestade, e á força querem que lhes pague com comendas, e officios de muitos mil cruzados os latrocínios, que lá fizeraõ, e vem provados **atraz** delles na retaguarda de sua fortuna; e se espera, que cheguem para rebater as baterias de certidoens falsas, que apresentaõ na vanguarda de seus requerimentos.
- 195.[17 Nar Barros, A. (1675) CTB]Pela uma hora da tarde saía da Igreja dos Padres até a Matriz em ornadas fileiras um vistoso, e numeroso concurso de almas a beber luz daquele coração, que era o depósito da sabedoria, e do zelo. Ia como bandeira sagrada na retaguarda um guião de cor branca, e

- nele a pintura de Santo Ignácio de Loyola , luz do Mundo, e terror do Inferno: arvorava-o um Índio principal das aldeias da Cidade, ou algum outro entre eles de respeito. Adiante iam os Índios, **atrás** destes as Índias, entoando a acentos harmoniosos entre aquela infantaria os estudantinhos, que já frequentavam as classes, a Ladainha da Mãe de Deus: clarins, que no suave das vozes deleitavam os ouvidos, os corações no devoto.
- 196.[17 Nar Barros, A. (1675) CTB] LXXV. Concluída de manhã com aplauso nunca ali ouvido a solenidade, seguiu-se de tarde outra. Saiu a fazer doutrina na Sé daquela Cidade o Padre ANTÓNIO VIEIRA: iam em procissão as classes dos meninos; adiante o Padre Pedro Barrozo tocando a campainha, e **atrás** de todos com a cana da santa doutrina o Apostólico Missionário: o povo em multidão confusa concorreu sem número, sendo estreitos os limites de um Templo a levar gente, que enchia uma Cidade.
- 197.[17 C Brochado, José C. (1651) CTB] A declaração do novo Rei se fêz com grande cerimónia. Em uma audiência que pediu o Embaixador, em que apresentou segunda carta da Regência, lhe disse El-Rei Cristianíssimo que ali tinha o seu Rei, e lhe mostrou o Duque de Anju, que estava **de trás da** porta do pequeno gabinete de El-Rei. O Embaixador lhe beijou a mão de joelhos, e logo o Duque passou, para a mão direita de seu avô, na mesma linha.
- 198.[17 CD Morais, K. (2018) Fl. 7r.] Da mos aosupplicante uinte braços deChaões em Co a dra | na Rua direjtta que uaj **per detras** dos quintais de | Saluador doLiuejra o esCriuaõ daCamera lhepaçara | Carrtta
- 199.[17 CD Morais, K. (2018) Fl.8v.] pelo | quepede aVossasMersses lhedem na Rua queuaj **per detras** dos quin | tais de Manoel pretto Jorge uinte braços de chaões de | testada E trinttadequinttal cortando pera baixo E | Resebera Mersse, aqual petissaõ uistaper nos Eseupedir ser Justo | puzemos por nossodespacho, damos aosupplicante uinte | braços de chaós detestada naRuaderejtta **detras dos** quin- | tais de manoel pretto Jorge Equarentta braços de quintal | pella Rua traueça queuaj pera abanda dagoada
- 200.[17 CD Morais, K. (2018) Fl. 11r.] Manoel | fernandes teues Morador Epouoador Em esta uillafer = | moza denossa senhora dosterro que elle suplicante | quer fazer suas moradas deCazas em esta uilla | pello que pede aVossasmersses lhedem doseu outtaõ athe | o outtaõ dasCazas de Mathias Machado E | de quinttal athe aRua que uaj **porde traz** | doquintal de Manoel Jorge
- 201.[17 CD Morais, K. (2018) Fl.17v.] Damos aos suplicantes trinttabraças | de chaões de testada naRua derejtta queuaj **por detras** | dasCazas de Domingos Cordeiro E Joze doLiueira dortta E | dequinttal uinte braços
- 202.[17 CD Morais, K. (2018) Fl.18r.] que elle suplicante querfazer | suas Cazas pera auer deasistir E morar nesta Uilla | E não tem chaões pera aspoder fazer pelloque pede | aVossasMersses lhefaçaõ mersse darlhe uinte braços dechaões | de testada naRua que uaj **por detras** dos quinttais | deSaluador doLiueira EBentto giL partindo Con | chaões de Asenço dias E de quinttal uinte braços | noque Resebera Mersse aqual pettissaõ uista per nos eseupedir | ser Justo puzemos por nosso despacho Damos ao | suplicante as uinte braços de chaões quepede Euinte | de quinttal **per detras** dos quinttais de Bentto | gil o esCriuaõ daCamera lhepaçara Carrtta
- 203.[17 CD Morais, K. (2018) Fl.19v.] pelloque pedem a VossasMersses lhedem uinte braços | aCadahú de testada naRua que uaj por detras das | Cazas depedroCabral de mello E Resebera Mersse aqual pe | ttissaõ uista pernos eseupedir ser Justo puzemos | por nosso despacho Damos aos suplicantes uinte braços | de chaões de testada **porde tras** dos quinttais de | Mathias machadoCastanho EdopedroLeme do | prado E manoel fernandes teues E dequinttal vintte braços
- 204.[17 CDJ (Morais 2018) Fl. 21r.] pelo quepede aVossasMersses lhedem des braços dechaões | Em aRua que esta **per detras** das taipas de Manoel | pretto Jorge E de quinttal Ladeira abaixo uinte | digo quinze braços
- 205.[17 CD Morais, K. (2018) Fl. 36r.] pello que pedem | aVossasMersses lhesdem os sobeios que ficaõ **detras** dadatta do | Juis PedroCabral de mello Corttando athe aquadra | de Bentto giL pello Baixo desta uilla
- 206.[17 CD Morais, K. (2018) Fl. 50r.] Enaõ tem chaões pera isso pelloque pedem aVossasMersses | lhefaçaõ mersse dar pera ellas anbas supplicantas quarentta | braços de chaões EmCoadra noLemitte daditta uilla | quesera **perdetras das** dattas de Maria Jorge E Agostinha | Rodrigues E João Ribeiro pella Rua direjtta queuaj per | baixo dapraça daBanda dePedroCabral
- 207.[17 CD Morais, K. (2018) Fl.36r.] E prouaraõ elles supplicantes quandoseiaõ exzabidos das merces | quesua magestade Eo propiettario lhes fas aos que ttais prençi = | pios daõ qual VossasMersses oje uem he perquanto elles supplicantes athe | oje não tem pedido chaões afim deque os mais que **atriz** | uieraõ lhes desem VossasMersses donde elles E VossasMersses quizesem Eper | quanto lhes he uindo as suas Nottissias que estaõ prouidos todos | ou os mais delles nomelhor desta uilla E[a]sim mais

- outras | pessoas quedenouo uem apedir com capa deuir pouoar oquanto este | pouoado Efeito uilla de nossasenhora dodesterro
- 208.[17 CD Morais, K. (2018) Fl.7r.] uirem EoCenhesimento della condirejto pertencer | Como anos nos em uiou adizer per sua petissaõ namea | folha **atras** esCritta Asenco dias filho
- 209.[17 CD Morais, K. (2018) Fl.7r.] sette de Janejro de mil eseis sentos esincoenta esette | Annos; Antonio Luis de pinha – Joaõ Ribeiro Joze | duarte PedroCabral de mello como mais Larga | mentte seue doditto nossodespacho **atras** asim que | per estadamos aosupplicante os chaós

Século XVIII

- 210.[18 Mem Simões; Manoel; Morais (2013a, Eds.) PHPP] e partia com terras de Bras Cubas por Geribativa, rio bem conhecido, que se mette no de Santos defronte da Villa **por detras** da Ilha dos Padres, paralela á mesma Villa: Corimaquara hé huã Ilha, ou Coroa de Mangues, que demora no meyo do rio de Santos a- baixo do Caneu, e defronte das Neves
211. [18 Mem Simões; Manoel; Morais (2013a, Eds.) PHPP] Já vimos, que Jorge Ferreira na Sesmaria **atras** copiada, e Concedida ao Ferreiro Rodrigo aos 9. de Agosto de 1557.
- 212.[18 M Simões; Manoel; Morais (2013a, Eds.) PHPP] afirma Ser do filho de Pedro Lopes a Ilha de Santo Amaro tempos **atras** fez Canaviaes e roçarias de mantimentos nas ditas terras, e ora com ajuda de Nosso Senhor tem ordenado com Seus Cunhados, e parentes, e alguns
- 213.[18 Mem Simões; Manoel; Morais (2013b, Eds.) PHPP] para constar doque oSuplicante pede em-, sua petição **atras** porbem do despacho nelladado doProvedor, Mor daFazendaReal deste Estado
- 214.[18 Mem Simões; Manoel; Morais (2013b, Eds.) PHPP] oSupplicante não ouzou fazer sua fazenda nas ditas terras, sem embargo denellas trazer muito gado vacuum, tempos **atras** paSsados fez canaviaes, eroçaria demantimentos nas ditas terras
- 215.[18 Mem Simões; Manoel; Morais (2013d, Eds.) PHPP] Indios principaes da terra tomarem a roçar militares neSsesarios, para guarnecerem a Fortaleza. Eisqui arazaõ, porque Gonçalo Monteiro, falando dallha deSaõ Vicente naSesmaria, que **atras** citei numero 38. diSse Defronte desta Ilha deSaõ Vicente on de todos estamos.
- 216.[18 Mem Simões; Manoel; Morais (2013e, Eds.) PHPP] que por parte do Capitam Diogo de Quadros Provisor das MinnaS deSua Magestade mefoi feita a[provizaõ] **atrás** naoutra meia folha desta, e avendo respeito ao que nella dis e por serviço de Sua Magestade mando aos Almojarifes desta Capitania Rio de Ianeiro eSaõ Vicente, que sendolhe esta apresemntada entre-
- 217.[18 CAP Simões, Kewitz (2006) PHPP] Recomendey aAntonio Joseph que Seachava, pRezente, o tiraçe; RecolhendoSe para avilla mediSe já Setinha tirado omenino, eque logo chegava; d[isto] dey parte aSua exçelencia eComo não cheguaçe, odito mefoy pReçizo [mandar] a Antonio Joseph Eoutra peSoa, **atras** [doSugeito] eabacho dabarra deSoroCa[ba], m[ei]o dia deviage alcansaraõ omoSso, etrouxeraõ odito menino
- 218.[18 CAP Simões, Kewitz (2006) PHPP] em 4 de agosto deste presente anno, dezertarão 3 Raparigas Sorteiras. mandando eu dous Indios **atras** destas para astrazer; foraõ topar Com as ditas 3 Raparigas em Caza destedito Antonio de Camargo
- 219.[18 CAP Monte (2013) PHPP] Dou parte a uossa merce em como Saimoz dezta Povoação a continu= ar a nossa picada, a vinte, e sinco de Ianeiro; com uinte, e doiz Homeins, cujoz nomes saó oz seguinte Antonio Correa Barboza Luiz vâz de Toledo, que fica para seguir **atras** com mais mantimentos Francisco GonçaLvez Padilha, Ioaó de Souza, Antonio Rodriguez, Manoel Pedrozo, Domingos Furquim Antonio Fragozo
- 220.[18 CO Iapechino (2010) PHPB] Attesto em como no dia quatorze de Novembro | de mil setecentos noventa edous, estando eu de guarda na guarda | principal deste prezidio, sendo Cabo da guarda nesse dia fui | mandado, pelo Sargento da mesma guarda o Soldado Joa- | quim Jozé deSanta Anna, fui mandado, que com o Solda- | do Jozé dos Santos Torres do Regimento Deolinda acom- | panhace- mos ao Piloto (ilegível) de Bitancuur que hia acum- | prir hua pensãõ da natureza, echegando o dito Piloto ao Sitio | da boboca **por detras** do Aquartelamento daVilla se reti- | rou o dito para detras de huma moita de matto, que eu, co meu | Camarada decimulemos por presumirmos se resguardava o di - | to para fazer aoperação da natureza,
- 221.[18 CO Iapechino (2010) PHPB] Attesto em como no dia quatorze de Novembro | de mil setecentos noventa edous, estando eu de guarda na guarda | principal deste prezidio, sendo Cabo da guarda nesse dia fui | mandado, pelo Sargento da mesma guarda o Soldado Joa- | quim Jozé deSanta Anna, fui mandado, que com o Solda- | do Jozé dos Santos Torres do Regimento Deolinda acom- | panhace- mos ao Piloto (ilegível) de Bitancuur que hia acum- | prir hua pensãõ da natureza, echegando o dito Piloto ao Sitio | da boboca por detras do Aquartelamento daVilla se reti- | rou o dito **para detras** de huma moita de matto, que eu, co meu | Camarada decimulemos por presumirmos se resguardava o di - | to para fazer aoperação da natureza,

- 222.[18 CO Iapechino (2010) PHPB] Ja mais eu vi, ou ouvi di- | zer que huma Tropa Militar, que anda na diligencia de pren = | der criminozos, proceda detal modo. Atacar em huma noite | de Lua clara a dois homens aceados, montados em bons cava- | los, com hum Page **atraz**; ouvirem huma, emuitas vezes o meu | nome, e continuarem a querer ferir-me, sem me darem alguã | voz; não sei, Exmo Sr., o que deva prezumir de hum tal atentado. | Eu respeito aV. Exa. mais do que algum dos seos subditos;
- 223.[18 N (Gazeta de Lisboa) CTB] (...) houve o seguinte combate de postos em Barba de Porco. Este ponto defendido por 200 Caçadores Inglezes foi vivamente atacado á meia noite pelos inimigos, que em número de 1500 infantes sahíraõ de S. Felices pelas 10 horas da noite; e descendo hum a hum sem serem percebidos se escondêraõ junto á ponte; e a hum sinal dado á meia noite, huns 500 a passáraõ rapidamente, e principiáraõ a subir o despenhadeiro, onde foraõ taõ bem recebidos pelos Inglezes que, passados alguns momentos, tiveraõ de voltar **para traz** e se retiráraõ com grande precipitaçaõ, deixando dois Officiaes e sete Soldados mortos, hum Sargento e cinco feridos, que cahiraõ em nosso poder, e tres prisioneiros que ficaraõ illesos.
- 224.[18 Narr (Garrett) CTB] A velha com as mãos postas, a face alevantada e os apagados olhos para o céu, oferecia a Deus todo o amargor daquela austeridade que não cuidava merecer nem lhe parecia entender. Joanhina, que insensívelmente se fora aproximando da avó, e a tinha como amparada **por trás** com um de seus braços, firmava a outra mão nas costas da cadeira e cravava a fita no frade a vista penetrante e cheia de luz.
- 225.[18 Narr (Garrett 1799) CTB] (...) [o oficial] seu porte gentil e decidido de homem de guerra desenhava-se perfeitamente sob o espesso e largo sobretudo militar - espécie de great-coat inglês que a imitação das modas britânicas tinha tornado familiar nos nossos bivaques. Trazia-o desabotoado e descaído **para trás**, porque a noite não era fria; e via-se por baixo elegantemente cingida ao corpo a fardeta parda dos caçadores, realçada de seus característicos alamares pretos e avivada de encarnado...
- 226.[18 Narr (Garrett) CTB] Carlos tinha velado toda a noite; (...) bem esperava ele, estando ali saber de mais perto da sua família, vê-los talvez, mais dia menos dia, encontrar-se com algum deles ... e de todos eles, a inocente e graciosa criança com quem vivia como irmão desde os seus primeiros anos, era quem ele mais esperava, mais desejava ver decerto. Mas uma criança era a que ele tinha deixado, uma criança a brincar, a colher as boninas, a correr **atrás das** borboletas do vale ... uma criança que sim o amara ternamente, cuja suave imagem o não tinha deixado nunca em sua longa peregrinação, (...)
- 227.[18 Narr (Garrett 1799) CTB] Interessou-me aquela janela. Quem terá o bom gosto e a fortuna de morar ali? Parei e pus-me a namorar a janela. Encantava-me, tinha-me ali como num feitiço. Pareceu-me entrever uma cortina branca ... e um vulto **por detrás...** Imaginação decerto! Se o vulto fosse feminino!... era completo o romance.
- 228.[18 Narr Garrett (1799) CTB] Mas que é? olha, Joana: eu sinto passos na estrada vê o que é." - "Não vejo ninguém." - "Mas ouço eu... Espera... é Fr. Dinis; conheço-lhe os passos." Mal a velha acabava de pronunciar este nome, surdiu, **de trás de** umas oliveiras que ficam na volta da estrada, da banda de Santarém, a figura seca, alta e um tanto curvada de um religioso franciscano que abordado em seu pau tosco, arrastando as suas sandálias amarelas e tremendo-lhe na cabeça o seu chapéu alvadio, vinha em direcção para elas.
- 229.[18 CP M. Alorna (1750) CTB] Voltei desconsolada para o oratório, aonde achei Dona M... A..., que com palavras misteriosas pretendia animar-me. Tinha razão, porque, chegando depois o Conde de Oeynhausen, veio **atrás dele** o Visconde de Ponte de Lima e lhe disse com grande aceleração que Sua Majestade acabava de o nomear Ministro Plenipotenciário para a Côrte de Viena, e que lhe podia ir agradecer essa graça.
- 230.[18 CP M. Alorna (1750) CTB] Carta a Napoleão, escrita de Inglaterra (Tradução do francês) | Apenas vos falta um género de glória, e, depois de ter percorrido a carreira de Augusto, tenho dúvidas sôbre se a vossa alma se sujeita a ficar **atrás dele**, no que toca à generosidade. Tenho sido vossa inimiga até o presente - confesso-vo-lo.
- 231.[18 PT J.A. Silva (1705) CTB] *Sanch.* Iflo he outra coufa. O' lá, todos os nofflos foldados fe ponhaõ em ala com as mãos atadas **para traz**, para que logo fejaõ degollados; e quando os inimigos vierem, ninguem lhes faça mal: deixem-lhe tomar a Ilha,
- 232.[18 PT J.A. Silva (1705) CTB] *Efop.* De burro: iflo he não fer valente, vossê com gente de escolta **a traz**? Aonde está ahi a graça?
- 233.[18 PT J.A. Silva (1705) CTB] *Tem.* Eu venho fô, e não trago nenhum comigo. *Volta-fe. Efop.* Quer agora negar, o que eu eftou vendo? Olhe **para traz**, e verá com os feus olhos: ahi! hum, dous, tres, dezanove, cincoenta. [*Ao voltar Temístocles a cara, dá-lhe Efopo huma cutilada, e deitará a fugir para a Praça, e cahe Temístocles.*]

- 234.[18 PT J.A. Silva (1705) CTB] *Sahem Xanto, Periandro, e Efopo, que ficará como escondido.*
Xant. Efopo, efpera aqui **detraz desta** cortina.
Efop. He muy boa fala vaga!
- 235.[18 PT J.A. Silva (1705) CTB] *Vay dictando Efopo, e escreve Filena.*
Efop. Meu bem Efopo, de quem fio os segredos do meu coração, diga o quanto este se abraza nas chammas do amor; não lhe posso dizer mais, nem menos, que aos bons entendedores pouco lhe bafta: à manhã à noite efpero vêlo no pateo efcurado para o enxergar melhor, o qual cahe para a eftribaria[+] do cavallo de meu pay. Deos te guarde, que te não quero dar quebranto. Muito fua pelo fovaco.
 Ponha hum F com hum E **atraz**.
Filen. Ha de fer P, e não E: não vês tu, que se chama Periandro?
Efop. He o que me faltava, querer a Difcipula enffinar ao Meftre! Diga lá o A, B, C.
Filen. A, B, C, D, E, F.
Efop. Bafta; páre ahi: não vê tollinha, que o E eftá **atraz do F**, e não o P? Ponha, ponha como lhe digo.
Filen. Tens razaõ, eu ponho.
Efop. Ao menos a carta he toda lida nefta fórma.
Lê Efopo, virgulando como acima.
Efop. Meu bem Efopo, de quem só fio os segredos do meu coração.
Filen. Não quero; has de ler affim: Meu bem, virgula, Efopo de quem só fio, &c.
Efop. Não faço cafo de pontos, e virgulas, que já se não ufaõ. Ay que ahi vem feu pay!
Filen. Pois dá a carta a Periandro. *Vai fe.*
- 236.[18 CP Cavaleiro de Oliveira (1702) CTB] Vendo-me ir como um passarinho e vendo-me perdido como um garraio, fiz pé **atrás** e, metendo a mão na algibeira como quem mete mão, ao ferrolho, achei por acaso a minha folhinha.

Século XIX

- 237.[19 CP Kewitz, Simões (2006) PHPP] O inventario continúa no mesmo, nem **para traz** nem para adiante, o que de certo não agrada muito aos credores, mas elles que esperem porque devem saber que não tem faltado boa vontade da nossa parte.
- 238.[19 A Oliveira (2012) PHPP] O bacharel Antonio Benecedito de Cerqueria Cesar, tem o seu escriptorio de advocacia na rua de Barreto Leme número10 **atraz da** Matriz Velha, e encarrega-se de todos os trabalhos de sua profissão no civil, crime, commercial, e tambem de inventarios; bem como encarrega-se de cobranças na terra, e na circunvisinhança mediante modica porcentagem.
- 239.[19 A Oliveira (2012) PHPP] Adverte-se que elle foi perdido nas ruas seguintes: rua Direita, rua de São Bento para São Fran-cisco, rua da Freira, rua de São Gonçallo até o lar-igo, rua **de traz dos** Quarteis e rua de Tabatinguéra.
- 240.[19 CP Simões (2007) PHPP] tendo no meyo hum bom embar= | que, edembarque *para* Caixas de assucar, etoda aquantidade deefeitos, por onde | igoalmente podem entrar vasos, *que* ficando na agua, igoalmente ficaõ de= | baixo daCoberta do Sobrado, [etelhado] da obra, *que* tenho dap[ar]te domar, du= | as salas de recreio, tem **por detraz** diferentes vacecos, *para* os efeitos mais le= | ves, epor baixo bons armazens, podendo alojar-se emtudo os Retidos e= | feitos *para* quatro grandes Navios
- 241.[19 PT Módolo/Santos (2010?) PHPP] VICTORINO. Aqui estou, padrinho. (A' parte). Lá vai sermão. RAPHAEL.D'aqui a pouco há de vir procurar-me um ho-| mem. Chama-se Dom José de Saldanha. Faça-o entrar| para aqui, entendeu? VICTORINO. Sim, senhor. (Partindo). Saldanha. Aonde foi que| ouvi este nome? LUIZA, vacillando. Meu Deos ! (Victorino **torna atraz** vivamente). RAPHAEL. (Correndo para Luiza e amparando-a). Que foi isso? LUIZA. Nada.... Uma vertigem.... VICTORINO. Há de ser fraqueza. Se ella não almoçou !
- 242.[19 PT Módolo/Santos (2010?) PHPP] Liberato não pôde mais, fugiu. Foi gente **atraz**,| e pegaram nelle. Sinhá disse : Surrem até morrer.| –Liberato apanhou tres dias.
- 243.[19 CR/E Castilho da Costa (2010, Ed.) PHPP] e o vento o fez arribar a uma loja | de ferragem da rua do Commercio; – o lo- | gista logo que viu a presa nos seus do- | minios lançou-lhe as garras e entregou a | pobre ave a um moleque, indicando – ao | mesmo tempo a sua moradia – e descon- |

- fiando que o moleque se poderia enganar | com a casa partio **atraz** do mesmo. Eu | que presenciava o facto, dirigi-me então á loja | – reclamando a minha propriedade e | o caixeiro da loja respondeu-me que não | poderia entregar-me sem ordem de seu | amo.
- 244.[19 CR/E Castilho da Costa (2010, Ed.) PHPP] **Ha** 15 annos **atraz** em todas as provincias do impe- | rio, havia credito e animação. Hoje em todas as pro- | vincias ha atraso e miseria!... || Ha 15 annos a esta parte principiou a desmornar- | se o grande edificio levantado pelos Paula Souzas, | Evaristos, Feijós, Alvarez Machados e tantos outros il- | lustres varões.
- 245.[19 CP Carneiro (2005a) PHPB] Pode| applicar as sanguessugas **atras** das orelhas _| Presa a Deus que taes applicações produsão o allivio| que cordialmente desejo – Pelo Compadre Ber-|nardo recebi a sua de 16 164 , e confesso-me| grato pelos obsequios a elle prestados _ A cadeira| já tinha ido a concurso, e dizem que está| provida: talvez que a professora permite.|
- 246.[19 CP Carneiro (2005c) PHPB] Chegou esta noite o Cerqueira (Genro do-| Baldoino) do Monte Santo, diz, que ain-|da chegou <no> n' esta semana que findou um| Engenheiro e 25 praças onde uma d'ella,| quasi cêga do leite do sipó no dezerto, da-| fuga dos Canudos; e assim mais 10| praças que tinhão sido prisioneiros| que delá fugirão naocasião quando re-|savão o terço; onde uma, é, um ar-|tilheiro; e que as peças por o conselhei-|ro tomadas, não fêz úzo d'ellas; estão| no mesmo lugar; e o gado mandou| empor no caminho **para trás**.
- 247.[19 CP Carneiro (2005c) PHPB] esmore-|cimento nos próprios officiaes, os quaes só tratavão| de fugir, sem ter um com| autoridade de os fazer pa-|rrar nem attender aos ou-|tros, deforma que a não ser| os que já estavam prisioneiros| dos fanaticos, largarão por| cima de pedras, macambyras,| chique- chiques e palmatorias,| e os jagunços **atras** os per-|seguinto; não se sabe| o numero que escapou,| porque o coronel Souza Menezes,
- 248.[19 CP Carneiro (2005c) PHPB] Só se vendo para bem a-|valiar a confusão e o temor que| de nós se apoderou porque| o alferes que veio primeiro,| parece-me que mesmo ao| entrar na villa, julgava| ouvir tropellar **atras** de si| legiões de carigés, obrigando| o Menezes com os seos officiais| e soldados sahirem tão| acelerados que deixarão| toda munição desam-|parada; e os moradores| da Villa a correrem para| fora.
- 249.[19 CP Chaves (2006b) PHPB] Estimo que tenha passado bem e todos noços de caza. constam que minha horta esta aberta de todo por isso lhe rogo pagar o Manoel Jorge para me fazer huma serca de varas no portam de tiseiro athe caza do Chiquinho afim dos a cão não por a caza digo não estragar a caza **por de trás** eu ja mundeí falar com o Francisco João para fazer isso mais pede lhe não poder fazer por isso se previno
- 250.[19 CL Barbosa; Lopes (2006) PHPB] Você sabe de meu desinteresse pela cau- |sa propria; do meu amor pelos meus | patricios, e por minha patria por quem me tenho sacrificado sempre: não cor- | rerei **atraz** de uma quimera; a Independencia, a Constituição, e a Integri- |dade do Imperio do Brasil; são os bens a que aspiro e que lhe lembro são os unicos que devem interessar aos | Brasileiros:
- 251.[19 CR Gomes (2010a) PHPB] Embora a demasiada banomia da nossa |Administração actual haja animado aos escri-|vos, que certos na impunidade ousárao' le-|vantar o torpe estandarte da restauração: | embora miseraveis salteadores, amestrados |pelos intervenideiros do Duque de Bragança, | illudidos por suas vãs promessas, tenham' de-|vastado os nossos campos, e derramado á | larga mao' por esses matos todos os crimes, |e horrores, ensaios da reenthronização' de | Dom Pedro: inuteis esforços! Ultimos arrancos |do monstro! A Liberdade não' **torna atraz**; e o Brazil, que pode sacudir do seu seio o Lu|zitano Despota, que o acabrunhava, o Bra-|zil, que soube triunfar da traição' de Dom Pe|dro, quando ainda poderoso, e ladeado dos | seus Janisaros, nao' deixará certamente, que elle reempolgue a preza,
- 252.[19 CR Gomes (2010a) PHPB] Deshonra-|lo-hemos, querendo precipitar esse dia | e essa hora; e se o fizermos, quando de sua montanha de luz celeste tiver | chegado ao valle illuminado apenas| pelos fogos fatuos das nossas precoces | aspirações, o ideal estará convertido | em utopia.É por castigos desse cri-|me de Prometheu, passaremos a andar |como certos peregrinos da meia-idade, dous passos para diante e um **para traz**, | isto é, teremos perturbado a marcha |grave e segura do progresso:
- 253.[19 A Guedes; Berlinck (2000) PHPB] Adverte-se que elle foi perdido nas ruas| seguintes: rua Direita, rua de São Bento para São Fran-|cisco, rua da Freira, rua de São Gonçallo até o lar-|go, rua de **traz** dos Quarteis e rua de Tabatinguera.

254. [19 A Guedes; Berlinck (2000) PHPB] Advogado| O bacharel Antonio Benecdito de Cerqueria Cesar, tem o seu escriptorio de advocacia na rua de Barreto Leme número10 **atraz da** Matriz Velha, e encarrega-se de todos os trabalhos de sua profissão no civil, crime, commercial, e tambem de inventarios; bem como encarrega-se de cobranças na terra, e na circunvisinhança mediante modica porcentagem.
255. [19 A Teixeira Pinto (2011a) PHPB]|| **Por detraz**, como a bordadeira não fosse |muito apertada para acabar a obra quan- | to antes, no puxar da agulha ia também |fasendo certos bordados, que deixaõ ver | o seguinte. –Fora o servilismo que não | for em nosso proveito; fora o exclusivis- | mo que não for o nosso; fora o predo- | minio que nós não podermos ter: a- | baixo esses influencias que nos não dei- | xa~enganar a todo o mundo;
256. [19 Mem M. da Fronteira e d'Alorna (1805) CTB] Chegou, por fim, o dia 12 de Outubro, um dos mais tempestuosos que tem havido em Lisboa. Às oito horas da noite entrámos para uma carruagem puxada a quatro cavallos, indo no assento **de traz** minha Avó, uma de minhas tias e eu, e, no de deante , meu tio, a outra de minhas tias e meu irmão. Nunca fiz uma jornada tão incommoda !
257. [19 Mem M. da Fronteira e d'Alorna (1805) CTB] Accreditava na Muita nobreza e fortuna de sua mulher, tendo ella a habilidade de lhe fazer crer que tinha trazido comsigo avultada somma de onças e que, por differentes vezes no anno, lhe remetiam de Hespanha grossas rendas das suas propriedades, com o que fazia face às suas grandes despezas, que consistiam em presentes e esmolos, porque era excepcionalmente generosa e bemfazeja, e para si nada precisava, porque, como já disse, o Senhor de Murça era faustoso e não ficava **atraz** de sua esposa, no que dizia respeito a serviço de casa e toilette.
258. [19 A BA] Vende-se huma casa terrea por acabar, caixa de pedra e cal, parda dobra-|das, site **atraz do** muro das Freiras; qum a quizer comprar falle com o Brigadei-|ro Jose Antonio do Passo, que tem ordem para a vender. || Idade d 'ouro do Brasil, 22 de junho 1821
259. [19 A BA] No dia 4 do corrente mez e anno, fugio da| obra da Estrada formada de Itapagipe, um preto la-|dino, de nome Estevam, (...) foi comboiado com um| crioulo da dita obra de nome Cypriano, delgado do| corpo: quem o condusir ao respectivo Senhor; o Professor Francisco José Soares, morador a rua nova| **por detraz do** Porto do Senhor do Bomfim, ou na Ci-|dade, ao Senhor Tenente Coronel Francisco Jose Soares| Sen[h]or, morador a rua de São Francisco de Paula, || ou der noticia saficiente será bem premiado. || O Bahiano, 11 de março de 1830
260. [19 A BA] A' quem apresentar o moleque Manuel, | fugido hoje (28), fulo, calbellos encarapinha-|dos, com 12 annos de idade mais ou menos, | (...), em casa de seu senhor, número 48, | á rua da Mangueira, **atraz de** Santo Antonio| da Mouraria. || Diario da Bahia, 31 de dezembro de 1868

Século XX

261. [20, RJ, DID, 0002, NURC] As crianças já estão em muito melhor situação do que há alguns anos **atrás**. Podemos ver que os pais já se interessam pela vida ao ar livre, ao lado da alimentação, naturalmente, e se preocupam em levar ao pediatra, isso nas camadas mais altas, mas vão ensinando também.
262. [20, RJ, DID, 0005, NURC] Ah, constavam, o que hoje todo mundo faz, isso era há vinte anos **atrás**, né, M.H., então a gente tudo que a freira dizia a gente, eu, por exemplo, eu (inint.) eu não concordo, eu quero fazer assim e tal, de modo que dava os maiores enguiços. Ninguém podia dizer nada.
263. [20, RJ, DID, 0006, NURC] **LOC.** - A linha do paletó moderno é cintada, não é, e geralmente tem aberturas **atrás**.
264. [20, RJ, DID, 0006, NURC] **DOC.** - Por exemplo você vê diferença na época de hoje em dia quem vai ao teatro de quem ia há dez anos **atrás**, na maneira de vestir?
265. [20, RJ, DID, 0006, NURC] **LOC.** - Ah, com sandálias. Geralmente põe uma roupa de verão com sandália, né? Agora eu não gosto de sandália que não tenha alça **atrás**, eu só gosto porque, senão vira chinelo, a'í eu acho chato.
266. [20, RJ, DID, 0006, NURC] **LOC.** - Não sei se tem nome não. Sei que é uma sandália que tem uma alça **atrás**. O que não tem alça eu chamo de chinelo e quando tem alça eu chamo de sandália.
267. [20, RJ, DID, 0006, NURC] **LOC.** - Mas o cabelo, ela, no início, ela tem no início, ela está com ele assim eriçado, assim soltão. Depois ela prende com duas flores **atrás**, né? Heim? E usa uns penduricalhos lá, umas coisas ...
268. [20, RJ, DID, 0008, NURC] **LOC.** - Locomotiva é o, é a máquina motriz da, da composição toda, né? É isso que você queria saber ou não?
DOC. - (inint.) no trem, no trem (inint.) onde se coloca a locomotiva?
LOC. - Pode ser na frente ou pode ser **atrás**, pode ser uma na frente outra **atrás**, na frente só, pode ser uma **atrás** só (sup.)
269. [20, RJ, DID, 0008, NURC] **LOC.** - Vai depender do número de vagões, né? Se tiver muito vagão, por exemplo vagão de, de carvão, desses que vem de, de Volta Redonda pra cá, que vem, diz que tem cinquenta, sei lá quantos vagões, acho que tem que botar duas locomotivas, uma na frente, outra **atrás**.
270. [20, RJ, DID, 0008, NURC] **LOC.** - Uma locomotiva, uma locomotiva diesel por exemplo é uma caixa de sapato, certo? Tem uma cabine **atrás**, na frente tem o motor diesel, que fica escondido, que a gente não vê, debaixo da chapa, e na frente tem o quê? Tem o farol, dois faróis, não deve ter aquele, aquele troço pra salvar a gente, porque acho que não se usa mais em locomotiva aquilo.
271. [20, RJ, DID, 0008, NURC] **LOC.** - Plataforma (inint.) sei lá.
DOC. - Como?
LOC. - Uma plataforma, eh, que tem **atrás** do, da locomotiva e daí (sup.)
272. [20, RJ, DID, 0008, NURC] **LOC.** - Lógico que faço. Eles têm uma, uma cabine grande **atrás** pra, são grandes, têm uma cabine, uma, um local pra carga, não é isso?
DOC. - É. Você, você tem um nome especial pra esses carros?
273. [20, RJ, DID, 0008, NURC] **LOC.** - Ah, tem muitos tipos de caminhão. Tem caminhão basculante.
DOC. - Como é? **LOC.** - Basculhante (sic) é caminhão que, que a parte **de trás** rebata e deixa cair a terra ou a pedra ou ... **DOC.** - Por exemplo no caminhão aquela parte separada onde vai a pessoa que ... **LOC.** - Cabine.
274. [20, RJ, DID, 0008, NURC] **DOC.** - Perfeito. Eh, por exemplo, que que a polícia tem pra correr **atrás** dos caras ou, por exemplo, a, a polícia quando passa o presidente da república, né, com automóveis, né?
275. [20, RJ, DID, 0009, NURC] **LOC.** - É um, é um cabelo normal diante da linha atual aqui na Guanabara. O que que você tem demais? Tem costeletas maiores, uma composição do seu cabelo com bigode que está certo, e isso que eu tenho na minha cabeça também, você deixou o cabelo saindo daquele corte normal que nós tínhamos reto, aqui **atrás** há uma onda feita pelo cabelo (inint./sup.)

- 276.[20, RJ, DID, 0009, NURC] **LOC.** - Arcada superior, arcada inferior. Temos o palatino, o céu da boca.
- DOC.** - E lá para trás, assim, aquela ...
- LOC.** - Eh, temos ... (riso) Não me lembro bem o nome mas existe um, uma glândula importante aí, a tiróide.
- DOC.** - Sim, e aquela, aquela partezinha assim, que forma um, quase na, na (inint.) que separa, a fronteira entre a boca propriamente, não é, quer dizer, a cavidade bucal e a, a faringe, uma região que fica ali, que tem um negocinho assim que desce, molinho?
- 277.[20, RJ, DID, 0009, NURC] **LOC.** - Pois é, eu tratei tanto disso. Você vê como a minha cabeça está. Eu não estou, eu não estou pegando, assim, coisas muito comuns a mim. Eu quisera me lembrar disso, eu cuidei muito, eu dei massagem, dei ginástica apropriada pra aquelas estrias, gordinhas, que preocupam as mulheres e vê-se muito na barriga, mas com o tempo, talvez, eu me lembro, vamos ver.
- DOC.** - E atrás, essa parte aqui de trás?
- LOC.** - As nádegas.
- DOC.** - O conjunto das nádegas (inint.)
- 278.[20, RJ, DID, 0009, NURC] **LOC.** - A coxa se divide da, da perna pela rótula, o joelho.
- DOC.** - E a perna? O senhor vê partes na perna?
- LOC.** - Temos a parte lisa de cima e temos a parte mais musculosa que chama-se, a parte de cima, canela, a parte de, de trás, batata das pernas.
- DOC.** - Isso aqui?
- LOC.** - Coxa.
- 279.[20, RJ, DID, 0010, NURC] **LOC.** - Primos de primeiro grau, de segundo grau, de terceiro grau. Há esses tipos de primos assim, porque são primos dos primos dos primos, dos amigos dos primos, quer dizer, aí vai, vai colocando a distância: primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto grau.
- DOC.** - E na, na faixa assim dos avós?
- LOC.** - Avô paterno, avô materno.
- DOC.** - E pra trás (inint.)
- LOC.** - Bisavó, tataravó, né (inint.) é bisavô, tataravô, o que mais? Não, tem mais coisa. Tem tatá, bota um monte de tatá.
- DOC.** - E o pai do noivo?
- LOC.** - Também, o meu sogro e minha sogra. E sogro e sogra, nora e genro. Nora e genro. Já havia falado na, na relação (inint.)
- 280.[20, RJ, DID, 0011, NURC] **LOC:** (...) aí você entrava num corredor compri::do sabe... e nesse corredor comprido saíam três portas de três quartos que era então um quarto do casal... quer dizer... do meu pai e da minha mãe... um quarto meu e depois um quarto dos meus três irmãos que eu só tenho três irmãos homens... né... e... então depois vinha outra sala aí de jantar... mas tudo assim uma coisa atrás da outra... depois da sala de jantar tinha uma copa... que tinha geladeira... pia... sabe... mas pia só pra lavar a mão né... e tinha um armário guardava a louça do diário... sabe... aquela... uma copinha pequena... depois tinha um banheiro...
- 281.[20, RJ, DID, 0011, NURC] **LOC:** (...) era só banheiro e a pessoa tinha que entrar dentro da banheira pra tomar banho... sabe é desse tipo... depois tinha uma despensa... aí por fim a cozinha... a cozinha depois tinha uma escadinha descia ia dar no quintal ainda não tinha quarto de empregada... banheiro de empregada... o tanque e atrás ainda tinha um galpão que a gen/ que era o lugar da bagunça... guardava bicicleta... guardava ferramenta... sabe... bacia... tudo que fosse assim bagulho...né... ficava... o lugar era lá nesse galpão
- 282.[20, RJ, DID, 0011, NURC] **LOC** (...) ... agora vê que mancada o que tinha bacana na casa eram os lustres que a mamãe quando mudou deixou... hoje todo mundo valoriza coisa velha né... estou louca atrás dos lustres mas ela deixou na casa... agora sabe que lá tinha umas coisas muito engraçadas...
- 283.[20, RJ, DID, 0011, NURC] **DOC.** - como é a frente da casa?
- LOC.** - a::: frente era assim... tinha é duas janelas assim é... gêmeas... sabe... então ela não era exatamente retangular não a parte superior era meio inclinada então uma ficava inclinada num sentido e a outra inclinada e::: um pouquinho mais pra trás então a varandinha e aí dava pra ver a

- fachada... aquele corredor compri::do sabe... agora muito simpático tinha um banco que e/era de gás... sabe... que é armário de gás... o registro d'água... essas coisas... então ficava aquilo...
- 284.[20, RJ, DID, 0011, NURC] LOC.: agora a última () morava uma tia que era... era... só tinha um filho e o menino era bem comportado então ela pode fazer melhores coisas na casa... então os jardins tinha tan::ta samambaia sabe... e ela fez um caramanchão na frente... **atrás** fez uma parreira... sabe... ela fez aquele estrado de madeira... e ripinhas de madeira quadriculado e... a... então... havi/ha/havia... sei lá... como é que é? AH esqueci... parreira... né... foi crescendo por ali... mas era tão... gostosa a casa dela... mas a nossa não era não porque a gente... não é... muita criança demais... agora deixa eu ver o que que eu me lembro...
- 285.[20, RJ, DID, 0011, NURC] LOC. - não é assim... tem janela na frente dando pra rua e janela **atrás** dando pro quintal ... agora nas paredes laterais não tem gruda com a casa do lado sabe... tanto que uma época... quando derrubaram a casa do lado... a minha avó fez tu::do pra comprar mais um ... um pedaço só pra abrir janela e não conseguiu... o homem não vendeu...
- 286.[20, RJ, DID, 0011, NURC] LOC. (...) milhões de prateleiras cheias de livros sabe e a parte debaixo fechada então pra guardar a papelada... coisa assim né processo... mesmo coisa feia que não pode aparecer... não é... e tem um... um birô enorme com uma cadeira... dessas cadeiras... sabe... não é balanço não... mas que te/ eh... eh... um pouco maleável sabe você pode chegar um pouquinho **pra trás** e tem rodinhas sabe... e tem um sofá também... que mais que tem no escritório dele? Eu acho que é só... aí você sai dali tem um corredor e NORme todo com piso de mármore
- 287.[20, RJ, DID, 0012, NURC] LOC. - bom... eu posso dividir em várias áreas até porque é e... é uma coisa que me apaixona também tremendamente... cantor de mi/ cantor... que há inclusive também uma dificuldade muito grande atualmente em ci/ em ci/ em citar nomes de cantores... que nós estamos vivendo atualmente a exemplo do que ocorreu com o cinema... há há há tempos **atrás**... de se:... éh caracterizar... e se afirmar perante a opinião pública... exclusivamente pelo nome do autor e não do intérprete... do diretor e não dos intérpretes nós estamos vivendo na música popular...
- 288.[20, RJ, DID, 0014, NURC] DOC. - (sup.) Você não, não conhece ou você não usa outros nomes pra essa, pra esse tipo de coisas?
LOC. - Esse pessoal que passa os outros **pra trás** eu chamo de tram... eu acho que isso é trambique, né?
DOC. - Mas você sabe que, que existem outros nomes pra isso, né? por exemplo um homem que ... Um cara está na porta do banco. Um carinha cheio de gíria. Ele inventa uma história e não sei o quê e acaba conseguindo o dinheiro (sup.)
- 289.[20, RJ, DID, 0017, NURC] LOC. - Eu sei, sei, espera aí, igual àquele (inint.) ele fez um monólogo, agora o nome que eu vou dar pra ele eu não sei não. Costuma-se dizer assim 'one man show', né?
DOC. - Eh, indivíduos que trabalham para levar um peça, né, no teatro. As pessoas que trabalham **por trás**, né, das ...
LOC. - Cochias.
DOC. - Como?
LOC. - Aqueles que trabalham nas cochias, né? Por trás? Ah, os ajudantes, não sei que nome eles recebem não.
DOC. - Por exemplo o sujeito que é encarregado de projetar as luzes?
LOC. - Projetor de ima... não, espera aí. Ele tem um nome especial, iluminador, técnico de, de som, técnico de, sonoplasta, tem sonoplasta também pra sonoplastia. Será que tem outro? Tem o ponto (inint.) pra soprar.
- 290.[20, RJ, DID, 0017, NURC] LOC. - Eu sei, sei, espera aí, igual àquele (inint.) ele fez um monólogo, agora o nome que eu vou dar pra ele eu não sei não. Costuma-se dizer assim 'one man show', né?
DOC. - Eh, indivíduos que trabalham para levar um peça, né, no teatro. As pessoas que trabalham por trás, né, das ...
LOC. - Cochias.
DOC. - Como?
LOC. - Aqueles que trabalham nas cochias, né? **Por trás?** Ah, os ajudantes, não sei que nome eles recebem não.
DOC. - Por exemplo o sujeito que é encarregado de projetar as luzes?

- LOC.** - Projetor de ima... não, espera aí. Ele tem um nome especial, iluminador, técnico de, de som, técnico de, sonoplasta, tem sonoplasta também pra sonoplastia. Será que tem outro? Tem o ponto (inint.) pra soprar.
- 291.[20, RJ, DID, 0028, NURC] **LOC.** - É uma coisa incrível, é. Ele fica **atrás do** portão quieto. O garoto outro dia, eu fiquei impressionado, então eu trato do cão com todas as vacinas justamente por isso, o indivíduo encosta lá pra ler jornal, no muro. Ele pula, morde e depois: au, au, au. Quer dizer, não adianta. Então o homem outro dia encostou lá, tinha tomado aquela já, vacina de não sei o quê, contra gripe, não sei.
- 292.[20, RJ, DID, 0033, NURC] **LOC.** - Não, hoje não tenho mais tempo. Há uns anos **atrás** eu, eu escangalhava os carros todos que tinha, porque eu fazia mecânica, envenenava. Hoje não, hoje não. Esse, esse, esse Teimoso inclusive ele era um carro assim bastante ordinário. Eu, eu sequer botei uma gota de óleo nem nas dobradiças da porta, nunca, entende? Foi um carro assim que não tem o menor cuidado.
- 293.[20, RJ, DID, 0034, NURC] **LOC.** - Ó, existe até muitos estudos, né, a esse respeito. Tem até um caso dum, um antropólogo inglês, se não me engano. Ele fez uma experiência acer... Eu ouvi falar que ele criou o filho dele exatamente igual a um macaquinho, não é, e até uma certa idade o macaco estava até na frente da criança, né, toda a, a, toda ... O desenvolvimento motor foi muito mais rápido e tudo, mas por exemplo falar, que é um outro troço, que é um outro dado importantíssimo, já o macaquinho ficava **pra trás**. Macaquinho porque seria o cara, seria o animal mais parecido, né? Sei lá, eh, não estou vendo mais nada assim de ...
- 294.[20, RJ, DID, 0034, NURC] **LOC.** - Realmente, não mesmo. Em termos pessoais o passado pra mim nunca, quer dizer, eu acho que eu olho **pra trás** e não vejo um momento do passado que eu possa dizer: eu fui felicíssima, fui muito feliz. Eu acho que, ao contrário, eu estou cada vez conquistando mais essa minha possibilidade de ser feliz, né, a análise está sendo muito importante. Então realmente o passado não me faz nenhum atrativo. O futuro exerce assim em termos de, de nervos por exemplo quando eu tenho problemas e tal, estou fazendo análise, esse papo todo, exerce um atrativo muito grande no sentido de você se projetar e deixar de viver o presente. Ah, quer dizer, pra ser sincera, eu acho que o futuro pra mim tem uma dimensão a maior de todas e o meu esforço todo é fazer com que o presente tenha essa dimensão.
- 295.[20, RJ, DID, 0035, NURC] **LOC.:** (...) Bom, aí já entra também ... Quer dizer, junto com o aspecto do vestuário já entra a chamada liberda... na maior liberdade sexual, né? Por exemplo, quando o velho era garoto, vamos dizer, ver o tornozelo, bom, eu não digo o tornozelo, né, a barriga da perna, né, da dona era aquele negócio, né? Se bem que depois de mil novecentos e vinte e poucos veio aquele negócio de sainha no joelho, né, o negócio de melindrosa. Mas tinha meia por baixo, tinha sapato todo fechado, aquele negócio todo. Então a mulher nua criava aquela sensação, não é? No outro dia, um dia há pouco tempo **atrás**, sei lá, há pouco tempo, uns dois ou três meses, fui a uma festa, uma garota lá queria fazer um 'strip-tease' e os caras pediram: não, chega e tal. Ficou monótono chegar em tudo quanto era festa fazer 'strip tease', né? E isso era ... Em mil novecentos e vinte, você imagina, né? Acho que a mulher ganharia os tubos pra ficar pelada numa festinha. Se é que ficasse, se é que ficaria, né, não sei.
- 296.[20, RJ, DID, 0035, NURC] **LOC.** - Cada vez menos gente, né? Você cada vez tem menos, eh ... Por exemplo, com a propaganda, com a própria força do grupo e tal, você, freqüentemente você se sente indo na manada, né? Se você parasse dois minutos pra pensar, olhasse assim e dissesse: pô, o que que eu estou fazendo aqui, né? Aí, mudaria de caminho, mudaria de atitude, pelo menos. Atualmente, com esse negócio da propaganda, você vai muito na, vai muito sem pensar, né? Inclusive a expressão: pô, nem pen... nem pensei nisso, rapaz, não sei o que e tal. Isso é muito comum. Então, quer dizer, cada vez menos gente pensa, né? Isso pode ser, po... pode ser uma vantagem do ponto de vista de produção industrial e tal, que o cara, a função do cara é apertar aquele parafuso, ele é pago pra isso, não é pago pra pensar, né? Tem outra frasezinha muito famosa: soldado não pensa, né? Isso pode ser aplicado a tudo, né? Jogador de futebol n~ao pensa, não sei o que não pensa. Então, a classe dos pensantes é cada vez mais reduzida. Talvez, por isso, esteja mais bem remunerada, né? E **atrás dela** vem a massa, né? Acho que nisso a influência da publicidade é plenamente negativa, né?
- DOC.** - Influência da cidade?

- 297.[20, RJ, DID, 0035, NURC] **LOC.** - Ah, bom, da nossa época, acho que é ... Entrou em moda ser feio, né? Você vê, alguns anos **atrás** apareceu esse Belmondo, Belmondô (sic), como você preferir, o cara é realmente feio mas ele é muito simpático, né? Tem o bonitinho certinho que é esse tipo assim Alain Delon, né? Brilhantina no cabelo e tal, aquela pinta toda. Tem o cara mais largado como os Beatles, né? Então eu acho que vai muito assim do, do fotógrafo de moda, essa jogada de beleza, né? Bom, a beleza masculina, tanto quanto a feminina, é produto industrial, né? Você tem toda aquela linha de cosméticos, toda aquela linha de roupas, todo aquele negócio. Então é, vamos dizer, a influência disso muito grande, então você tem o chamado tipo, né? Fulana faz esse tipo, fulana é daquele tipo, sicrana é assado, né? Então, entra toda essa jogada de publicidade. Não vai algum tempo **atrás** apareceu aquela moça de sobancelha raspada, cabelo preso em coque. Era horrível! E então foi lançada como a mulher do ano dois mil. Ainda bem que no ano dois mil, eu já ... Não sei não, né?
- 298.[20, RJ, DID, 0037, NURC] **LOC.** - Bom, programa (inint.) na televisão, programas humorísticos. Programas humorísticos, Jô Soares e Chico Anyisio. Mas eu gostava assim, tipo imbecil, mas gostava do Golias também, do tempo em que ele fazia. Depois cansa, porque faz o mesmo tipo, cansa, dentro do humorismo. Bom, predominam as novelas, né? Predominam as novelas que ... Algumas boas, segundo me dizem, eu não vejo. Tem muita novela de televisão e dizem que (inint.) todos os homens viram essa, é o "Beto Rockefeller". Agora, o horário, dez horas da noite, numa época mais calma da minha vida, três anos **atrás**, e, e (inint.) é a tal história, começa a ver, dá aquela curiosidade, acaba vendo. Então, a única novela realmente que eu vi. Agora, as outras, nenhuma, nenhuma delas eu vi. Eu sei que há, há umas boas. Tinha umas, umas às sete, sete e meia que, "Minha namorada", negócio assim, que meus filhos até vêem, parece que era uma novela boa, eu ouvi alguma coisa assim. Agora, o resto, novela, humorismo, enfim, eu não vejo novela. Não posso julgar, ah, tem uma série deles, né? O Chacrinha era uma porcaria, todo mundo deve estar lembrando dele. O Chacrinha, o Flávio Cavalcanti, ahn? (sup.)
- 299.[20, RJ, DID, 0037, NURC] **LOC.** - Ah, tem de tudo, não é? Nunca vi tanta gente num palco como no Chacrinha. Ah, consegue ... Agora o Chacrinha é genial, eu acho o Chacrinha genial, embora com um certo exagero em matéria de comunicação, que vocês estão falando, eu acho ele um dos maiores comunicadores. Já antigo, já fazia na rádio a famosa Buzina do Chacrinha na rádio, que ele vinha há anos e anos **atrás**, ah, só um maluco fazer um programa de madrugada, mas foi surgindo, surgindo, foi pra televisão, e consegue todos os artistas que eu sei, vão de graça lá, só porque qua... ou quase todos vão de graça no sentido de que aparecer no programa dele, a difusão do Chacrinha é grande (inint.) em função da, do, do programa (inint.) é muito ouvido. E, e é mais autêntico, dentro do , do programa do outro canal, na mesma hora, que é o do Flávio Cavalcanti, eu acho que o Chacrinha é mais autêntico que o Flávio.
- 300.[20, RJ, DID, 0037, NURC] Fernandes morreu e eles mudaram o enredo com a maior naturalidade, a novela prosseguiu, todo mundo satisfeito. De modo que eles mudam, isso eu sei realmente, sei que eles mudam. Eles fazem uma série de capítulos iniciais e conforme a reação do público, eles vão dirigindo de acordo com a manifestação popular.
- DOC.** - Mas eles quem?
- LOC.** - Ah, os escritores (inint./risos)
- DOC.** - Que outras pessoas trabalham?
- LOC.** - Em quê?
- DOC.** - Em televisão, na vista e **por trás**.
- LOC.** - Hum, ah, bom (sup.)
- DOC.** - (sup./inint.)
- 301.[20, RJ, DID, 0039, NURC] **LOC:** Isso me lembra algo que ocorria há, há uns vinte anos **atrás** quando eu era menino e eu notara que em certas casas de gente pobre no subúrbio onde eu morava era um ponto de honra ter a sua cristaleira. Na sala havia sempre uma cristaleira com os, os, os vidros pra mostrar os copos e os jarros que as pessoas tinham.
- 302.[20, RJ, DID, 0042, NURC] **LOC.** - Hum, seria uma, uma casa em estilo mais antigo por causa desse balcão que havia na, essa, nas janelas da sala embaixo, mas em cima não, em cima eram janelas comuns com veneziana, que também hoje usam pouco veneziana, né? E naquele tempo era, as janelas

- em cima eram todas de veneziana. A vidraça ficava **por trás** da veneziana. E, e as, e as de baixo, do, do andar térreo tinham as, por, por dentro, as portas inteiriças de madeira.
- 303.[20, RJ, DID, 0042, NURC] **LOC.** - Também dois andares, essa ficava dentro de terreno, jardim toda volta, a parte **atrás** dava pro morro, tinha escadaria, em cima então tinha as estufas pra, de plantas. Mas também não e...
- DOC.** - Era muito grande?
- 304.[20, RJ, DID, 0042, NURC] **LOC.** - Apenas o sabão de coco pra roupa, um sabão que seja, mas n... de num modo geral, nunca vou **atrás** dos anúncios e como está mudando todo dia nem nada não.
- 305.[20, RJ, DID, 0042, NURC] **DOC.** - Agora eu queria que a senhora falasse um pouquinho do seu edifício de modo geral. Como é que ele é?
- LOC.** - As mais antigas eram todas construídas na frente da rua.
- DOC.** - Ah, que graça.
- LOC.** - É, então a coisa era o con... a parte **de trás** é que davam os quintais.
- DOC.** - (sup.) Não como agora, né?
- LOC.** - Não, não, eh, isso foi uma das coisas que achei muito estranho lá. Agora, os, os lotes eram todos grandes. Essa casa que eu morei, por exemplo, já era construída em centro de terreno.
- 306.[20, RJ, DID, 0043, NURC] **LOC.** - Olha, eh, uma grande dúvida existencial que eu tenho é se não fosse o que sou o que é que eu seria, compreendeu? Quer dizer que eu acho que é um negócio que é um, é um questionamento que, com a idade que eu estou, com o posicionamento profissional, eh, que eu tenho, eh, é muito difícil de, de responder esse negócio, entendeu, porque teve um momento, na minha história, no meu tempo, que eu tive que decidir, eu devo ter tido opções, né, profissionais, eh, sociais, essas coisas todas e eu optei por uma coisa e aí a partir do momento que me profissionalizei, que me socializei, eh, dessa maneira, da maneira, eh, pela qual eu optei, há tempos **atrás**, quer dizer, eu acho muito difícil responder essa pergunta, quer dizer, responder essa pergunta, tendo em vista a opção que eu fiz, não é, quando eu estava, sei lá, no ginásio ou no científico, numa época assim indefinida da, da, da adolescência, eu acho que eu tenho usado o meu tempo, não é, minha história tem sido razoável, agora eu realmente não, não, não sou capaz de dizer se essa teria sido a melhor história. (riso)
- 307.[20, RJ, DID, 0043, NURC] **LOC.** Sei lá, eu me sentiria muito mais, eh, em condições de, de me determinar do que hoje, entendeu? Entendeu, hoje eu, eu me considero determinado socialmente enquanto que há dez anos **atrás** eu me consideraria, eh, ainda que obrigado socialmente a optar por alguma coisa, mas eu me sentiria, eh, optando, entendeu, como optei de fato.
- 308.[20, RJ, DID, 0043, NURC] **LOC.** - Então eu acho esse período mais rico, quer dizer, que você tem ene, ene alternativas e escolhe uma. Eu escolhi a minha alternativa por vontade própria, quer dizer, eu não, não fui pressionado por pais, por nada disso porque eu já estava, eh, fora da, da, da, da intervenção deles nesses assuntos. Mas, eh, hoje, por exemplo, eu vejo, quer dizer, e nisso deve ter um sentimento qualquer de nostalgia, quer dizer, que se colocam muito mais opções pra, pra, pra juventude, né, que, que, que, que, que, que está vivendo o que eu vivi, né, há dez anos **atrás** do que se colocou pra mim.
- 309.[20, RJ, DID, 0044, NURC] **LOC.** - (sup.) Eu tenho um pa... eu tenho uma passagem, eh, eu tenho uma passagem muito interessante sobre relógio na minha viagem que eu fiz à Europa, né? Eu não sei se alguém aqui já foi. Mas em Lisboa, existe lá a Feira da Ladra, onde se vende tudo. E lá, um camarada lá começou **atrás** de mim, pra comprar o relógio, que era tantos dólares, não sei o quê e eu acabei oferecendo parece que vinte escudos, que não eram quase nada, e ele me vendeu um relógio que dizia ele ser automático e Omega. O mostruário, na verdade, dizia lá automático e Omega. Então coloquei-o no pulso. Olhava o relógio e notava que os ponteiros não ... (riso) Depois eu descobri que ele tinha o mostrador Omega e que ele não tinha nada de automático.
- 310.[20, RJ, DID, 0044, NURC] **LOC.** - Bom, aí a gente toca a música conforme ela é tocada, né? Se é pra gente dançar ... Ainda agora numa excursãozinha que eu fiz se... ao nordeste, há um mês e pouco **atrás**, em Poções, na Bahia, nós pernoitamos, inauguramos uma boatezinha, e eu dancei não só o samba, que é uma música maravilhosa, e, eu tive a oportunidade de também de dançar ie-ie-ie e ganhei uma caixa de fósforos muito bonitinha como lembrança de ser o melhor dançarino de ie-ie-ie.

- 311.[20, RJ, DID, 0045, NURC] **LOC.** - Eu suponho que o diretor coloque os atores em cena, tomadas as providências básicas de arrumação de cenário por parte dos funcionários encarregados disso, que seriam provavelmente desenhistas, engenheiros e arquitetos, operários especializados, carpinteiros, eletricitas, etc. Esses homens naturalmente preparariam o cenário onde seria rodado o filme. Os artistas se colocariam de acordo com o 'script', de acordo com as instruções do diretor e fariam aquilo que estava previsto que fizessem e enquanto isso o câmera provavelmente filmaria as ações deles, segundo o que se vê no próprio cinema o diretor de vez em quando interrompe enraivecido, diz que está péssimo, que ele vai repetir a cena, que não saiu bom, etc.
- DOC.** - Ahn, quem trabalha atrás, hum, na frente das câmeras
- LOC.** - Atrás da câmera? O homem que man... manipula a câmera é o 'camera man', é o termo americano que eu suponho que é adotado em português também e o que naturalmente fica à frente da câmera deve ser o a... o a... o ator. (tosse)
- DOC.** - Ahn, o que é apresentado numa televisão (inint.) o senhor pode (inint.) ocorre (inint.)
- 312.[20, RJ, DID, 0045, NURC] **LOC.** - Eu suponho que o diretor coloque os atores em cena, tomadas as providências básicas de arrumação de cenário por parte dos funcionários encarregados disso, que seriam provavelmente desenhistas, engenheiros e arquitetos, operários especializados, carpinteiros, eletricitas, etc. Esses homens naturalmente preparariam o cenário onde seria rodado o filme. Os artistas se colocariam de acordo com o 'script', de acordo com as instruções do diretor e fariam aquilo que estava previsto que fizessem e enquanto isso o câmera provavelmente filmaria as ações deles, segundo o que se vê no próprio cinema o diretor de vez em quando interrompe enraivecido, diz que está péssimo, que ele vai repetir a cena, que não saiu bom, etc.
- DOC.** - Ahn, quem trabalha atrás, hum, na frente das câmeras?
- LOC.** - Atrás da câmera? O homem que man... manipula a câmera é o 'camera man', é o termo americano que eu suponho que é adotado em português também e o que naturalmente fica à frente da câmera deve ser o a... o a... o ator. (tosse)
- DOC.** - Ahn, o que é apresentado numa televisão (inint.) o senhor pode (inint.) ocorre (inint.)
- 313.[20, RJ, DID, 0045, NURC] **LOC:** (...) Esse teatro pelo que eu me recordo era organizado como uma série de arquibancadas de alturas que variavam desde o rés do chão até cerca de três metros ou quatro de altura e dispostas nessas arquibancadas tínhamos cadeiras. Arquibancada não é bem o termo, eu usei mal, degraus, eram degraus que subiam do zero até três e meio metros mais ou menos e nesses degraus eram colocadas as, as cadeiras onde se sentavam os espectadores e formavam um semicírculo no meio do qual ficava a, o palco. Esse teatro então assume uma forma geralmente diferente da maioria dos que se vê por aí que são organizados como os cinemas em que as cadeiras são dispostas umas atrás das outras formando filas e colunas e todas naturalmente voltadas pruma direção só, onde é colocado o palco, geralmente acima do nível do chão, o que é o inverso desse teatro que eu descrevi em primeiro lugar.
- 314.[20, RJ, DID, 0045, NURC] **LOC.** - Ah, o teatro rebolado, o teatro revista. Certa vez aconteceu uma coisa interessante, foi no 'show', eh, "Elas Querem é Leite", não, não, foi no outro, foi no "As Meninas da Banda", "As Garotas da Banda". É, foi nesse. Atrás de mim sentou uma senhora então quando começaram a falar lá no palco ela assustou e disse pro marido: meu Deus, eu pensei que fosse assim nas entrelinhas insinuado, como era Dercy Gonçalves antigamente. Aí o marido dela disse: então vamos embora. Ela falou: não, agora eu já paguei, vou ficar até o fim. (risos) (relógio batendo as horas) Acabou?
- 315.[20, RJ, DID, 0045, NURC] **DOC.** - (inint.) ela faz papéis assim geralmente no teatro (inint.)
- LOC.** - Uma vez há muitos anos, há uns dez anos atrás mais ou menos, não me lembro mais.
- 316.[20, RJ, DID, 0047, NURC] **LOC.** - Bom, o problema dos atos filantrópicos eu acho assim, eu acho que em primei... Eu já trabalhei muito em campanhas assim financeiras pra se obter fundos pra, vamos dizer, ABBR, IBRM e eu digo a você uma coisa, se nós não déssemos aquele célebre recibo que vai fazer com que a indústria ou a firma possa deduzir no seu imposto de renda, eu acredito que nós fôssemos obter muito pouco. Em relação aos chás de caridade, eu acredito que também se aquele grupinho muito amigo não se reunisse naquele dia, nós também não conseguiríamos passar convites. Eu acho que realmente aquela doação, aquele donativo assim dado com todo coração é muito difícil, sabe, da gente ver, sabe, de um modo geral existe alguma coisa por trás.

- 317.[20, RJ, DID, 0047, NURC] Agora deixando esse problema assim da turma que quer estudar e muitas vezes não pode, se nós vamos cair então na, no problema do sujeito de favela ou pior, o sujeito lá do interior, lá do nordeste, que realmente está passando muitas vezes fome, e que não tem condições, eu não vejo como. Olha, há populações tão abandonadas que eu soube de um avião que caiu há po... há um pouco tempo **atrás**, eh, numa cidadezinha muito distante na Amazônia, então acreditem vocês que o povo de lá perguntou como ia o presidente Getúlio Vargas, (riso) não é?
- 318.[20, RJ, DID, 0048, NURC] **LOC.** - O quarto, o dormitório de mamãe atualmente, porque nós perdemos papai há questão de um ano e meio, modificou-se. Há um ano e meio **atrás** era cama de casal e o resto do mobiliário normal de casal. Com o falecimento de papai, ah, nós transformamos o dormitório de mamãe em um dormitório de solteiro, sendo que minha irmã mudou-se do quarto dela simplesmente para dormir no quarto de mamãe. Então foi colocada duas camas de solteiro e no quarto de minha irmã passou a ficar um quarto de vestir, tanto de mamãe como da minha irmã.
- 319.[20, RJ, DID, 0048, NURC] **LOC.** - Tem um quintal grande, quintal na frente, grande e **atrás** porque a, a casa é colocada, é situada assim no fundo do terreno. E atrás, um quintal pequenininho onde há um quarto onde a gente guarda bicicletas e etc. Atrás da casa existe um tanque. A casa não tem dependências de empregada.
- 320.[20, RJ, DID, 0048, NURC] **LOC.** - Tem um quintal grande, quintal na frente, grande e atrás porque a, a casa é colocada, é situada assim no fundo do terreno. **E atrás**, um quintal pequenininho onde há um quarto onde a gente guarda bicicletas e etc. Atrás da casa existe um tanque. A casa não tem dependências de empregada.
- 321.[20, RJ, DID, 0048, NURC] **LOC.** - Tem um quintal grande, quintal na frente, grande e atrás porque a, a casa é colocada, é situada assim no fundo do terreno. E atrás, um quintal pequenininho onde há um quarto onde a gente guarda bicicletas e etc. **Atrás da** casa existe um tanque. A casa não tem dependências de empregada.
- 322.[20, RJ, DID, 0048, NURC] **LOC.** - Não. Existe cisterna ao lado do tanque e uma bomba. Além da água que entra da rua, existe essa cisterna que guarda a água e essa bomba leva pra caixa. A caixa é colocada em cima do tanque, **atrás da** casa.
- DOC.** - Você sabe assim, você se lembra assim quando vocês compraram essa casa? (sup.)
- 323.[20, RJ, DID, 0049, NURC] **LOC.** - Uma chuva que ... Alguns anos **atrás** nós fomos, nós tivemos aqui no Rio e foi margem a grandes fatalidades (sup.)
- 324.[20, RJ, DID, 0052, NURC] **LOC.** - não não... os fins de semana... eu geralmente tenho um hobby... todo mundo tem... o meu talvez seja mais sadío... porque a minha distração é o esporte... então... eu dedico praticamente o fim de semana meu... a uma espécie de higiene mental... eu pratico... pratico não... corro **atrás** de uma bola... durante uns noventa minutos e isso nós vamos geralmente com um grupo de colegas... pra fora ou lá pra:: uma residência nossa em Petrópolis... onde nós temos um campo... ou então pra clubes mesmo... há em Nogueira... esses clubes campestres... então nós vamos lá... bater uma pelada () e:: às vezes... também... assim... escassamente... eu vou... jogar futebol... num clube conhecido aqui no Rio... no clube dos trinta... na Barra da Tijuca... onde se reúnem várias pessoas... inclusive... pessoas... conhecidas... aí no meio social... como Mielle... Jacinto Tormes... Raimundo Nogueira e uns que não tem o que fazer... no fim de semana... e vão... se reunir pra lá...
- 325.[20, RJ, DID, 0052, NURC] **DOC.** - mas... me diz uma coisa... **por trás**... de um time desse de futebol...
- LOC.** - bom... há um esquema muito grande...
- DOC.** - que atividade... se desenvolve... além do futebol?
- LOC.** - não não... é isso que estava ... falando mesmo... **por trás** do time envolve um esquema muito grande...
- DOC.** - ah:: exato... o esquema nu/ num clube de futebol... pra que possa ser... organizado... como toda:: organização... ele necessita... de um:: esteio... ou seja... de uma parte de supervisão... uma parte administrativa... um técnico que... justamente é aquele que... dá as instruções aos jogadores... um preparador físico... médicos... massagistas é um:: negócio um pouco complicado... pra explicar assim em questão de cinco dez minutos... porque... realmente... além... da diretoria do clube... você tem os diretores de futebol... vice-presidente de futebol e tal... e

- existe... esses... personagens... digamos assim... de... pontos... principais... pra que o clube possa ir... digamos... eh... bem coordenar... e bem esquematizar... pra não dar:: catástrofe...
- 326.[20, RJ, DID, 0056, NURC] **LOC.** - Tinha uma outra, nós éramos quatro, duas vizinhas, casas geminadas, nós morávamos numa vila e uma casa antes da nossa tinha duas meninas: a mais velha da idade da minha irmã e a mais nova da minha idade. A mais velha era (riso) o diabo em figura de gente, então ela ia andando de velocípede e levando a minha irmã atrás. De repente ela levantou e minha irmã caiu, sabe? Aí foi minha mãe correndo pro pronto socorro. Outra vez ela estava na rede se balançando, né, a minha irmã parada, ela com um lápis, enterrou o lápis, eh, perto dos olhos da minha irmã, sabe? A outra menor me mordida, mas me dava cada mordida de ficar roxa, mas uma coisa horrorosa.
- 327.[20, RJ, DID, 0060, NURC] **DOC.** - O que que o senhor fazia na diretoria do clube?
LOC. - Eu fui diretor lá de, desde a fundação e até uns quatro atrás. Participei de umas três diretorias, né?
DOC. - E quais são as funções?
LOC. - Eu na primeira diretoria, de fundação, eu fui diretor cultural. Na segunda fui diretor social e na terceira gestão eu fui presidente. (DID 0060)
- 328.[20, RJ, DID, 0063, NURC] **DOC.** - Exato. Então como é um jogo de tênis?
LOC. - Bem, um jogo de tênis, o tênis pode ser jogado em simples ou em duplas, né, e partida de simples o campo é menor, partida de dupla tem um corredor ma... de dois lados. É um esporte que a contagem dele, eh, data aí de uns cem anos atrás, né? Tudo es... tudo falado em inglês, né? Você precisa (sup.)
- 329.[20, RJ, DID, 0063, NURC] **LOC.** - (pigarro) Bem, o jogo é um tabuleiro com um monte de quadradinhos, com várias peças e uns peões, duas fileiras de peças, né? A primeira só de peões e a segunda, atrás, tem duas torres, dois cavalos, dois bispos, um rei e uma rainha, né?
- 330.[20, RJ, DID, 0063, NURC] **LOC.** - (sup.) É. Mas essas funções não são rígidas, não são fixas. Você vê, há pouco tempo, acho que nessa taça Independência que está tendo aí, tem um jogador do time de Portugal, um beque central ... Acho que é Portugal, acho que é Portugal. É Portugal. E estavam elogiando ele aí nos jornais que ele faz gol que não acaba mais, porque ele tem uma facilidade de, de pular, então, normalmente, num córner, ele sai do campo dele lá atrás e vai pro campo do adversário tentar cabecear. Ele já fez, parece que nesse torneio, que ele jogou duas vezes, parece que já fez um gol.
- 331.[20, RJ, DID, 0071, NURC] Quer dizer, a convivência do dia-a-dia é muito natural, quer dizer, então um rapaz e uma moça eu vi aqui já, quer dizer, eles têm às vezes não são, são certas liberdades que hoje existem que há, há anos atrás poderiam parecer excessivas mas que na realidade não são, não é? Mesmo uma moça, por exemplo, sentar aqui e um rapaz ficar com a cabeça no colo dela não tem nada demais, eles não são namorados nem, nem aquilo significa que eles estejam, um ou outro, querendo ter uma outra sensação diferente. É um negócio assim de camaradagem, né? Me parece que, que nesse particular, ah, de fato a evolução, eh, é positiva, né? Eh (sup.)
- 332.[20, RJ, DID, 0075, NURC] **LOC:** (...) O carro estava fazendo um mês de uso, um Opala SS levou uma chapada de lado de um irresponsável que saiu de trás duma, duma, duma procissão de carros. E quem conhece a estrada, quando está impaciente, ele aponta e volta, né? Não, ele saiu direto. O carro estava no seguro, mas sabe como é, um carro novo, foi o lado todo, o pára-lama, o pára-lama dianteiro, as duas portas e o pára-lama traseiro, acertou tudo. Deformou o carro. Foi pro conserto, está quase novo, mas não é a mesma coisa. Mas, falando em alimentação.
- 333.[20, RJ, DID, 0075, NURC] **LOC.** - Eu digo: olha, o ouriço desgraçou o, o cachorro. Mas o cachorro voltou em cima do ouriço, aí, aí, é que ele ficou com espinho pra todo lado e pe... Quando eles estavam cercando o ouriço lá por trás do barranco onde eu estava, eu vi o ouriço se aproximar. Gritei, eles ... Bicho fácil de morrer, deram uma cacetada na cabeça, ele morreu. Aí um dos empregados apanhou o ouriço assim: carne deliciosa. Eu disse: nossa senhora! Há pouco tempo matamos um gambá. Mas aí esse rapaz já tinha ido embora, ninguém se animou a comer o gambá. Mas há quem coma gambá, ouriço, toda essa bicharada de mato.
- 334.[20, RJ, DID, 0075, NURC] **LOC.** - Não se faltava com o respeito, salvo um deles que tinha um apelido meio, meio assim salafrário, um apelido impróprio, e esse ele não se dava mesmo muito ao

respeito não. Mas mesmo essa brincadeira com o tal do Manuel era uma brincadeira carinhosa. Todo mundo gostava dele. Nós tínhamos os nossos serventes lá com apelidos: havia o Bode mas ninguém teria coragem de chamar o senhor Otávio pela frente de Bode, o apelido era por trás, né? Nós tivemos a sorte de ter professores fora do comum.

335.[20, RJ, DID, 0075, NURC] **LOC.** - É uma menina que não tem amizades a não ser duas ou três coleguinhas do Pedro II e agora do curso, que nós observamos as famílias e nós acompanhamos aquilo tudo, então quando vão a festas, a mamãe vai atrás e é tudo muito sadio, muito direitinho, não tem nada de sair e a gente não sabe aonde vai, nem voltar às tantas, nada, dentro de casa, estudiosa, muito carinhosa, muito amiga de, da mãe, dos irmãos, de modo que ... Essa é a moça.

336.[20, RJ, DID, 0076, NURC] **DOC.** - Sim. O senhor vê diferença, por exemplo, de alguns anos atrás pra agora, atualmente, a semana santa, como ela é encarada pelas pessoas?

337.[20, RJ, DID, 0076, NURC] **LOC.** - Bom, evidentemente há muitos anos atrás, quando eu era pequeno, o respeito à religião era muito maior do que hoje, né? Praticamente todos os indivíduos eram religiosos, né? (sup.)

DOC. - (sup.) E assim em relação ao comportamento das pessoas? (sup.)

338.[20, RJ, DID, 0076, NURC] **LOC.** - É lógico. Quando começaram a se difundir as idéias científicas, quer dizer, quando o progresso da técnica e da ciência atingiu um certo ponto, houve uma ruptura do conceito religioso, quer dizer, por que é que nós sentimos hoje que há maior número de indivíduos que não são religiosos? Porque a difusão da ciência aumentou rapidamente. Há alguns anos atrás, a ciência estava limitada aos técnicos e aos profissionais. Hoje a ciência tem se difundido.

339.[20, RJ, DID, 0078, NURC] - Não, não, não conheço todas não. Conheço uma ou outra. Por exemplo as que (sup.)

DOC. - (sup.) De frente, de trás ...

LOC. - Não. Você está querendo muito. Conheço, como conheço, por exemplo, conheço a, o lagarto, que isso é o óbvio, né? Conheço alcatra, conheço o chã, conheço patinho. Conheço as carnes que eu compro. Fora disso, se quiser vender gato por lebre

340.[20, RJ, DID, 0084, NURC] Agora, bem longe da casa, dessa fazenda, mas dentro ainda do, do território familiar, tem uma piscina, piscina natural. Aliás, a piscina é até muito interessante, descobriram esse ano que esta piscina foi escavada há cem anos atrás. Fizeram, sabe? Porque o, a piscina furou, o fund... Não sei se isso tem interesse ...

341.[20, RJ, DID, 0084, NURC] **LOC.** - Aí começaram, meus tios ficaram assim meio curiosos e chamaram pessoas interessadas e pessoas que entendem disso, então começaram a dizer que realmente há muito tempo atrás, não foram definidos, tiraram amostras de pedras, não sei mais o quê, pra saber quanto tempo que realmente aquela piscina tinha sido, sido cavada, né?

342.[20, RJ, DID, 0084, NURC] **LOC.** - Eu até a semana passada achava que era, mas há dois dias atrás eu peguei minha filha se pendurando ali no parapeito, então azar pras teorias e pras teses e vamos botar grades. É mais seguro.

343.[20, RJ, DID, 0084, NURC] **LOC.** - (sup.) Este aqui tem a, a parte do, do toca-discos, tem os, os amplificadores de som, aqui tem dois, mas tem mais amplificadores, tem maiores inclusive. Tem a parte de gravador. Você bota o cassete, você liga atrás da vitrola e você usa como, como cassete, e é só. Temos a parte também de gravação, nós fazemos muita gravação de fita.

344. [20, RJ, DID, 0085, NURC] **DOC.** - Vem cá, você tem uma idéia, já que você está falando sobre isso, de como é que se faz um filme, que que está por trás do filme pronto (inint.) filme? **LOC.** - Idéia mais ou menos (sup.)

345.[20, RJ, DID, 0085, NURC] **LOC.** - Geralmente as paredes são revestidas acusticamente ou com madeira ou com tecido, quase sempre atrás tem também uma cortina pra absorver o som para não haver reverberação, as poltronas são geralmente estofadas gera... ou de veludo ou de camurça ou qualquer coisa também prevendo-se a parte do som.

346.[20, RJ, DID, 0085, NURC] **LOC.** - Mas um circo, um circo com toldo de lona, com aquele cheiro ruim e gente vendendo pipoca. Não é circo de Maracanãzinho não, é circo no duro, está entendendo? É gozado, é pena que no Brasil os circos não valem nada, né, e comparados com os circos russos, os circos alemães enfim os circos europeus, Sar... Sarraceni, eu me lembro que passou um, um circo aqui há uns anos atrás famoso, Sarraceni, maravilhoso. (DID 0085)

- 347.[20, RJ, DID, 0088, NURC] **LOC.** - Não, o macaco eu suspendia o carro, com o macaco eu suspendia o carro. Depois eu pega... antes eu pegava o pneu lá na frente ou atrás, dependendo do carro que fosse e, e botava, aí ti... tinha uma tal duma manivela que é uma chave que tem o carro pra desatarraxar o, os parafusinhos do pneu, né, mas eu não, não sei como é que é o nome da, da chave não.
- 348.[20, RJ, DID, 0088, NURC] **LOC.** - Mas qualquer pecinha do Corcel que quebrava era muito mais cara. E aí o Volks não, o Volks é fácil, sabe, é tudo mais baratinho e trinta cruzeiros você conserta as coisas mas no, no outro não, é sempre duzentos, trezentos e sempre zeros a mais atrás.
- 349.[20, RJ, DID, 0088, NURC] **LOC.** : (...)Bom, isso logo que eu entrei no carro. A senhora já passou e tal e me deu um bilhete que, que se tinha escrito: amanhã pode buscar a sua carteira no Departamento de Trânsito. Mas nisso os outros dois de trás diziam assim pro da frente: essa se... essa senhora não tem condições de passar. Entendeu? Ela não tem condições.
- 350.[20, RJ, DID, 0092, NURC] **LOC.** - Bom, é um tipo papagaio, daqueles que se vende em Copacabana, entende? Duplo. Com um buraco no meio, viu? Enfia tudo pela cabeça e solta aquilo na frente e atrás. Agora as estamparias são sensacionais, é na estamparia (sup.)
- 351.[20, RJ, DID, 0092, NURC] **DOC.** - Inclusive isso daí é um sintoma, por exemplo até algum tempo atrás, eh, pra ir ao Municipal as pessoas iam vestidas de uma determinada maneira, mas a gente está percebendo que o Municipal começa a ser invadido por uma faixa, né, faixa de idade, né, mais jovem (inint./sup.)
- 352.[20, RJ, DID, 0092, NURC] **LOC.** - (sup.) Por exemplo se lá fora foi ditada uma moda de, dessas sandálias altas na frente e atrás, são só algumas pessoas que usam isso, em determinados lugares. Realmente foi lançado isso, ou algum costureiro lançou isso. Agora você não vê nas ruas todo mundo com aquele sapato, com aquela sandália que foi usada. Copacabana é assim. Se foi ditado lá ou fulano passou a usar, caiu no gosto, ou, ou Jane Fonda, ah, uma dessas qualquer, toda Copacabana está usando isso. Quer dizer, então não há um discernimento, entende?
- 353.[20, RJ, DID, 0092, NURC] **LOC.** - Não, eu gosto que meu marido compre sapatos lá fora, no exterior, porque por exemplo os sapatos para direção, aqui não tem, que são sapatos de sola de borracha e por trás acompanha a sola toda de borracha. Então o salto do sapato não estraga tanto. Você pode observar que quem dirige muito, como ele que muda muito de hospital, ele vai a três hospitais por dia, ele dirige muito, de um lado pro outro e então o, o salto do sapato se gasta muito rapidamente atrás, quer dizer, fica horrível o sapato dele ainda que seja novo.
- 354.[20, RJ, DID, 0084, NURC] **LOC.:** (...) Não sei. Absolutamente não vejo isso. Honestamente não sei. Porque eu tenho minha idade, sou jovem, faço cirurgia e tudo mais. Mas há dez anos atrás tinha gente da mesma idade que eu, que fazia a mesma coisa que eu, que eu faço, que não tem mistério nenhum. Eu não entendo realmente. Palavra de honra. É meu ponto de vista. (DID 0092)
- 355.[20, RJ, DID, 0092, NURC] **LOC.** - Eu acho que justamente nessa, por exemplo nesse aspecto da, da minissaia, né, eu acho que essa mudança de comportamento, isso é uma consequência justamente de, de uma mudança de pensamento das mulheres. Eu acho que por exemplo há, há dez anos atrás, por mais que a minissaia fosse, que elas considerassem bonitas, eu acho que elas não tinham estrutura para poder usar a minissaia, nem os outros ...
- 356.[20, RJ, DID, 0096, NURC] **DOC.** - (inint.) se você tivesse que comprar ... Mas imagina, agora, que você fosse comprar as coisas. O que você compraria? Aquela mulher que você transou há nove meses atrás, bateu aqui e soltou um filho. (risos)
- 357.[20, RJ, DID, 0099, NURC] **#L:** É um bairro enorme, concentrando muito... é...na Praça Saenz Peña. Eu, senti uma diferença tremenda de cin... cinco anos atrás pra agora. Acho que a Tijuca vem crescendo bastante, todas as lojas do centro praticamente já estão com filiais na Tijuca. Eu acho que ela está crescendo bastante, a. atualmente.
- 358.[20, RJ, DID, 0099, NURC] **Loc:** Elas são... estão divididos pela...pela...por uma serra, né, e que agora nós temos os túneis para nos facilitar. A serra divide o...o...o parte Norte da parte Sul. E agora é muito fácil o acesso de um lado para o outro, coisa que não...não se fazia com tanta facilidade há dez anos atrás. Há dez anos atrás, para você vir à Zona Sul era quase que uma dificuldade. Atualmente, não, há esse trânsito diário Tijuca-Zona Sul e que...com...com muita facilidade. Tanto é que o túnel Rebouças é um... um símbolo dessa facilidade, sempre cheio. Bom...

- 359.[20, RJ, DID, 0099, NURC] #D: Agora, por enquanto, você podia voltar atrás e nos dizer... é... do ponto de vista da moradia, a diferença entre a Tijuca e a Zona Sul? Onde é que moram as pessoas, como moram.
- 360.[20, RJ, DID, 0100, NURC] LOC: (...)Chego, entrego ao porteiro a entrada e me dirijo para a, a platéia, né, e ali procuro um lugar melhor, principalmente quando está escuro a pessoa tem de ir tateando, né, procurando o lugar melhor pra poder sentar. Eu sempre procuro me sentar no, na parte do meio para trás onde eu acho que é melhor pra assistir, né?
- 361.[20, RJ, DID, 0100, NURC] LOC.: (...)O Oscarito, brasileiro, é uma pessoa, bastava dizer Oscarito as bilheterias não, não se podia nem pensar em ver aquele filme numa certa hora porque não tinha mesmo lugar porque o Oscarito bastava ele aparecer na tela não precisava dizer nem uma piada que a pessoa já ria, aquela maneira de... dele andar, dele olhar, coisa que hoje em dia inclusive há um mês atrás eu vi um filme do Oscarito já não tive aquela, tudo assim tem sua época, né? Agora quanto (inint.) televisão também ou não?
- 362.[20, RJ, DID, 0100, NURC] L: Eu acho que torna-se um pouco cansativa. Às vezes um filme que podia levar uma hora e meia ele leva duas horas e meia e os filmes à noite por exemplo que a pessoa que tem que trabalhar, acordar cedo prum trabalho, vai até duas horas (inint.) eu vou atrás de um filme que eu começo ver muito bom, né, quando eu vou, vou ver assim já está duas horas da manhã, pra acordar bem cinco e meia é muito cansativo.
- 363.[20, RJ, DID, 0100, NURC] L: Em casa. Ah, eu acho o seguinte: é feito com uma caixa, ah, aberta atrás, na frente colo... é colocada um tubo de imagem, a televisão é feita com válvulas, tem o ch... tem o chassi, que onde é colocado o tubo de imagem, várias válvulas, válvula de som, válvula de, de, para imagem, tem o 'flat back' onde é colo...
- 364.[20, RJ, DID, 0100, NURC] L: (...)Tem pessoas que ligam e deixam à vontade, né, sem ver o mal que pode acarretar a, esse, esse, essa luz forte, sendo recomendado mesmo por, por médico usar uma, um quebra lu... um quebra luminosidade que é uma lâmpada principalmente atrás... por trás, né, da pessoa pra não atrapalhar a visão. Agora, hoje em dia tem essa televisão de colo... colorida, né, que eu pra mim eu acho que o, não, não é pelo va... só pelo va... valor financeiro não, valor aquisitivo é de, é de, eh, também não ajuda muito pro pobre, né, isso foi feito mais para os ricos, pobre americano e rico brasileiro porque lá o americano pode ter, aqui não pode, no Brasil, bra... brasileiro,
- 365.[20, RJ, DID, 0101, NURC] L: (sup./inint.) constringe um pouco a pessoa. Bem, nesse negócio de ... Vamos começar falando de casa, né? Eu moro aqui há um ano e meio. E antes disso eu morava num apartamento em Copacabana. Acontece que eu ... A história da compra dessa casa foi muito engraçada porque eu tinha visto essa casa, mais ou menos há uns três anos atrás, ou quatro ... Quer dizer, agora já fazem quatro, quando, quando eu comprei fazia três anos. E logo gostei muito do lugar que é muito calmo, né?
- 366.[20, RJ, DID, 0101, NURC] Eu estou, bem, ela ia, ah, menos, mais ou menos, menos um, um metro e meio do que a parede, era um metro e meio antes da que é agora. Estendi, continuei até o fim mesmo do, não sei se se pode chamar de terreno porque eu não tenho terreno, lá atrás só tem uma área. Então eu tirei um tanque que tinha lá embaixo, banheiro de empregada e estendi a cozinha ocupando a área que era ocupada por essas peças.
367. [20, RJ, DID, 0101, NURC] E com isso eu ganhei bastante espaço pra guardar coisas que eu não tinha armários e tal. E além disso tem outra vantagem é que era muito difícil de limpar lá embaixo porque ficava tudo de meandros entre tanque, banheiro de empregada por trás da cozinha e eu tenho dois gatos ainda, não sei se você viu ...
368. [20, RJ, DID, 0101, NURC] Então eu, há dez anos atrás, eu com mil cruzeiros, mil cruzeiros atualmente ... Outro dia eu estava explicando isso pro meu filho: olha, o dinheiro que eu dou pra sua merenda quando você nasceu eu compra... eu fazia feira com esse dinheiro, ainda comprava jornal, comprava uma porção de coisa ...
- 369.[20, RJ, DID, 0101, NURC] L: E, bem, então as casas são todas iguais, são seis casas, a minha é a penúltima, têm três andares e e... ela é estreita, né, a frente dela é estreita, parece uma, uma, uma, sei lá, uma espécie de casinha de boneca, não sei por quê, uma coisinha, um andarzinho em cima do outro. E embaixo tem a sala e a cozinha, uma, uma área atrás. (DID 0101)

- 370.[20, RJ, DID, 0101, NURC] No, no quarto da frente do terceiro andar, eu tenho uma espécie de escritório, eu tenho meus livros, e aqui **atrás** eu estou pensando em fazer um ... Arrumar isso depois que eu arrumar a cozinha, eu vou, isso vai ser bem mais simples. Quero montar um atelier aqui pra trabalhos manuais. E, agora aqui tem um problema que é muito quente esse terceiro andar, com o forro da casa assim baixo, esquenta muito no verão e eu tenho que dar um jeito, não sei, comprar um ar-condicionado, uma coisa assim.
- 371.[20, RJ, DID, 0101, NURC] L: Eu me lembro que, antes de eu começar no colégio, nós íamos eu e minha mãe íamos muito à, à Quinta da Boa Vista e íamos a um lugar que nós chamávamos de Pecúria, e era um lugar muito estranho porque não tinha muita gente não, era uma, era um órgão qualquer do ministério da Agricultura. Na frente tinha o, o instituto de Veterinária e **atrás** tinha um terreno enorme que eu acho que foi pra uma exposição qualquer, em mil novecentos e vinte e dois, no Rio, que foi arrumado. (DID 0101)
- 372.[20, RJ, DID, 0101, NURC] É um, um negócio assim como se fosse uma arquibancada enorme, de cimento, toda fechada **atrás por** um vitral enorme azul com uma porção de carneiros, mas era uma coisa assim linda, enorme, monumental mesmo, pelo menos pra mim que era menina, pode ser que hoje em dia se eu fosse lá eu achasse uma coisa inteiramente insignificante mas eu achava lindo e, a gente continuando, nós percorríamos, andávamos um bocado por lá,
- 373.[20, RJ, DID, 0101, NURC] Não sei se é enguias ou se é ênguias, né, acho que é enguias, né? Preta. E, uma torre, perto tinha uma torre também. Era tudo verdinho com aquela torre alta no meio, devia ser um negócio de água mas pra mim aquilo era um, uma torre com uma bruxa (inint.) é ali **atrás** que é onde é hoje o museu do Índio.
- 374.[20, RJ, DID, 0102, NURC] L: Dificuldade de comunicação. Dificuldade de comunicação. Sempre. Hoje em dia, por exemplo, apesar de todo o progresso na comunicação, nós já estamos voltando ao, ao, ao estágio em que estivemos há uns quinze ou vinte anos **atrás** de ser mais fácil ir a São Paulo do que falar com São Paulo. Eu, quando trabalhei em aviação, diversas vezes eu fui à São Paulo, quando não conseguia falar com São Paulo. Mas está se voltando já pra essa época.
- 375.[20, RJ, DID, 0104, NURC] D: Mas você disse que gostava, voltando **atrás**, que gostava muito de passar patê em pão. Você costuma comer muito pão?
- 376.[20, RJ, DID, 0106, NURC] D: Existe assim alguma, algum outro lugar onde se possa aplicar, que não seja caderneta? Estava muito em moda até há algum tempo **atrás** pelo menos.
L: Ah! Bolsa de Valores, né?
- 377.[20, RJ, DID, 0107, NURC] L: Tenho, através do ... Bom, é o que eu digo, no sul você faz através das máquinas com aquelas, eles têm cortadeiras. Um homem sozinho no sul, no norte do Paraná, pode movimentar uma fazenda praticamente, porque ele com... ele tem uma cortadeira, tem, essa cortadeira é uma máquina que funciona, é, é uma espécie de um tratorzinho que vai cortando e depositando o, todo o produto **atrás**, né, numa caçamba.
- 378.[20, RJ, DID, 0107, NURC] L: Ela é bonita, é bastante bonita. É, é, é uma visão meio densa, né? Bastante densa. Então você, o, o que você vê é uma multidão na sua frente, né? É como um, um, uma plantação de trigo, uma plantação de trigo é uma coisa muito bonita de você ver, principalmente quando venta, né, porque aquele p'e de trigo vai pra lá, vai pra esquerda, vai pra direita ou vai pra frente e vai **pra trás**, né, dependendo da direção do vento e é uma coisa muito bonita de ver.
- 379.[20, RJ, DID, 0107, NURC] L. Daí a criação desse plano de, é o PROTERRA, se não me engano, que o Médici assinou há coisa de algum tempo **atrás** que é justamente ... Não, é o PROVALE que é o desenvolvimento do vale do São Francisco, porque, eh, existe uma região, há coisa de uns três ou quatro meses saiu na Realidade, não sei se vocês lêem Realidade, saiu uma Realidade que, em que faziam um ...
- 380.[20, RJ, DID, 0107, NURC] L: (sup.) Eu acho que é vegetal, o óleo de rícino. Mas é, é uma coisa que está absolutamente, é, é o tal negócio, me cai na faixa de desconhecimento, porque são coisas absolutamente ultrapassadas. Eu lembro que o óleo de rícino era usado até dez ou quinze anos **atrás** como remédio inclusive, né?
- 381.[20, RJ, DID, 0107, NURC] L: (sup.) Eh, você pode usar colhedoiras que são máquinas, o, o, verdadeiros (inint.) com aquelas duas caçambas na, uma na frente a outra **atrás** e você vai co... eh,

- eh, conseguindo colher todas as frutas ou flores ou, ou o que vo... Flores evidentemente não, você não vai colher flores por esse processo. É como colher uvas, né? Então (sup.)
- 382.[20, RJ, DID, 0109, NURC] L: Provavelmente existirá. Provavelmente existirá. Economia, dizem, eu não sei exatamente até que ponto existe uma procura maior que a oferta. Talvez decorrente disso. Uns seis ou sete anos atrás, Economia era o que vocês chamaram agora de profissão da moda, inclusive ex-colegas meus de tempo de ginásio estiveram, foram alguns pro Uruguai, pra Argentina, pra, pro Paraguai, economistas formados aqui. (DID 0109)
- 383.[20, RJ, DID, 0112, NURC] L: Mas essa bicicleta que tem essa parte aí são bicicletas pra homem.
384. D: Sim, então como é o nome disso?
 L: Não sei.
 D: E aí? Às vezes atrás também tem (sup.)
 L: (sup.) Isso é o selim.
 D: E atrás também às vezes tem (sup.)
 L: (sup.) É o porta-mala, o porta-volume qualquer.:
 D: E aí na frente?:
 L: Esse aqui não sei. Esse aqui é (sup.)
 D:(sup.) Ah, isso que o senhor até se esqueceu de falar em relação ao carro? (sup.)
- 385.[20, RJ, DID, 0113, NURC] L: Bancar o bonzinho. Bonzinho com o pé atrás, é a posição que eles estão fazendo aí. Nós temos assinado tudo quanto é acordo, agora o país que tem mais, que a, a lista dos produtos com tarifa reduzida é a maior lista teoricamente. A tarifa é reduzida, mas as, as, assim, os entraves burocráticos são aumentados.
- 386.[20, RJ, DID, 0113, NURC] Porque que não entre, não dá, né, mas tenham dificuldade de passar os outros pra trás, de fazer suas manobrazinhas, normalmente manobras violentas. Só havendo controle. Muito controle.
- 387.[20, RJ, DID, 0115, NURC] Ah, tinha professores terríveis, tinha um lá que já morreu, até morreu há pouco tempo atrás, há um mês, eu acho, ou dois atrás, professor, professor Caetano, muito conhecido, ele morreu com noventa e dois anos eu acho, professor de, de, lá ele era nosso professor de física mas ele foi professor que era da faculdade de, de Engenharia também, um homem era uma sumidade.
- 388.[20, RJ, DID, 0118, NURC] D (sup.) Hum (sup.)
 L: (sup.) São Paulo algumas casas antigas têm lareiras, também. No Rio não há lareira, a não ser pra enfeitar, mas pra funcionar não (riso).
 D: Agora me diz uma coisa (inint.) estava no Rio (inint.) atrás, chuvas (sup./inint.)
 L: (sup.) Ah, estava. Começo do governo Negrão de Lima (sup./inint.)
 D: (sup./inint.)
 L: (sup.) Fiquei muito agradecido àquelas chuvas porque os políticos nunca deixaram demolir barracos, né, e aquelas chuvas fizeram o favor de demolir barracos, botar abaixo, seja por que processo for, embora desumano, era preciso demolir barracos e as chuvas fizeram esse favor. Sob esse ponto de vista, Cristo mostrou-se muito amigo do carioca, ah, diminuindo o número de barracos, porque os barracos do Rio são um fruto da politicagem (sup.)
- 389.[20, RJ, DID, 0118, NURC] D: (inint.) por exemplo, há, há uns quinze dias atrás eles estavam anunciando uma mudança no tempo e realmente houve essa mudança. O senhor acompanhou o que foi?
- 390.[20, RJ, DID, 0120, NURC] D: Onde as piranhas vivem?
 L: Ah, na água, minha fi... Bom, também tem na terra. (risos) Acho melhor cortar isso, voltar pra trás de no...
 D: E que outras comidas você conhece?
 L: Arroz, feijão. Ah, do mar? (sup.)
- 391.[20, RJ, DID, 0120, NURC] L: Eu não gosto nem de chegar perto dele, porque quando ele faz assim, relincha, eu saio correndo. Porque a pri... eu trepei num cavalo pra tirar retrato, só pra tirar retrato que eu faço essas coisas, e quando o cavalo, na praia, eu estava de maiô, quando o cavalo relinchou, uma coisa normal, que ele jogou assim a cabeça pra trás e relinchou, no que ele relinchou eu a... eu, eu aterrissei na areia. (risos) (DID 0120)

- 392.[20, RJ, DID, 0121, NURC] Agora, em vez de se fazer, ah, a pesquisa de baixo pra cima, como se fazia até uns poucos anos atrás, uns quatro ou cinco anos atrás, agora a, a base toda da informação é de cima pra baixo.
- 393.[20, RJ, DID, 0122, NURC] L: E com o decorrer dos anos, aliás não é só no Rio de Janeiro que isto acontece, alguns bairros foram se firmando de tal forma e criando vida própria que o comércio, acompanhando esse desenvolvimento, também tendeu a se descentralizar e hoje, ao contrário do que havia há vinte ou vinte e cinco anos atrás, o centro da cidade é um dos pontos mais fracos de comércio, seja por problemas de ordem de trânsito, por problemas de, vários motivos que podem ser a... assinalados, a realidade é que o centro da cidade caiu muito em comparação com os principais bairros da cidade.
- 394.[20, RJ, DID, 0122, NURC] Muito bem, passaram-se vinte e cinco anos e eu tenho voltado a Buenos Aires sempre que posso ou sempre que me mandam e aconteceu um fenômeno: Buenos Aires continua exatamente igual ao que era há vinte e cinco anos atrás e o Rio de Janeiro, apesar dos percalços por que tem passado, cresceu tremendamente.
- 395.[20, RJ, DID, 0122, NURC] L (sup.) Butique. E é possível realmente. Mas é o início da coisa porque Ipanema está começando agora. Bom, você ... É outro fenômeno. Você vai na rua do Catete tem uma casa de móveis ao lado da outra, tem dez casas de móveis no lado da outra e você diz: bom, então alguém está, está sendo passado pra trás. E não. Casa de móveis uma ao lado da outra e o, o que vendeu uma mesa e não tem, pede emprestado ao, ao turco do lado e vende e as casas, e todas as casas de móveis vendem dinheiro e ficam ricos.
- 396.[20, RJ, DID, 0122, NURC] L: (sup.) Que vende até mais do que remédio, vende mais do que remédio. Antigamente fazia, (risos) preparava lá atrás o xarope por conta da (sup.)
- 397.[20, RJ, DID, 0122, NURC] Então nós aqui sentimos imediatamente necessidade de três tipos de comércio: drogaria, também evoluída, não é drogaria só daquela que faz xarope atrás que isso já acabou, a farmácia propriamente dita já acabou, agora é drogaria que tem tudo, né, quase o 'drugstore' dos Estados Unidos, né? (sup.)
- 398.[20, RJ, DID, 0123, NURC] L: Olha, a minha infância é uma coisa curiosa. Dizem que recordar é viver, eu digo que recordar é sofrer, ouviu, porque às vezes a gente (inint.) se lembra de uns tempos que passaram e muito embora sejam tempos rudes, uma fase às vezes difícil, mas sempre é uma coisa boa, porque é uma coisa de início, então a gente olha sempre para frente. E no estágio que eu cheguei, a gente olha pra trás. E por muito que haja de ruim na nossa vida, é muito melhor olhar pra frente do que olhar pra trás, correto? Então é isso que acontece comigo. Eu procuro deixar a minha infância lá pra trás, envolvida lá nas brumas do passado, não gosto de me lembrar, não gosto de nada.
- 399.[20, RJ, DID, 0123, NURC] L: Porque hoje, quando a gente (inint.) nessa etapa da vida, como eu disse pra vocês que a gente olha pra trás e não olha mais pra frente, porque olhar pra frente é meio perigoso, a coisa é meio escura lá na frente, então a gente olha tanto pra trás, porque pra trás estão as coisas bonitas da vida, estão justamente pra trás. Então eu olho pra trás. De maneira que hoje talvez a gente pense um pouco mais em termos de tempo, em termos de hora, porque cada hora que passa é cada hora a menos na vida da gente. Então, o que acontece é o seguinte: toda vez que nós pensamos maduramente nesse caso, então a gente pensa mais em hora. Quanto mais, eh, demorado for o tempo passado das horas, melhor. A gente sempre pensa mais em termos de hora, né, pensa em relógio. Eu só vim a ter relógio ... O primeiro relógio que, que eu vim a ter, eu tinha vinte e cinco anos. Nunca me preocupei com esse negócio de relógio, de hora (sup.)
- 400.[20, RJ, DID, 0123, NURC] L: Porque hoje, quando a gente (inint.) nessa etapa da vida, como eu disse pra vocês que a gente olha pra trás e não olha mais pra frente, porque olhar pra frente é meio perigoso, a coisa é meio escura lá na frente, então a gente olha tanto pra trás, porque pra trás estão as coisas bonitas da vida, estão justamente pra trás. Então eu olho pra trás. De maneira que hoje talvez a gente pense um pouco mais em termos de tempo, em termos de hora, porque cada hora que passa é cada hora a menos na vida da gente. Então, o que acontece é o seguinte: toda vez que nós pensamos maduramente nesse caso, então a gente pensa mais em hora. Quanto mais, eh, demorado for o tempo passado das horas, melhor. A gente sempre pensa mais em termos de hora, né, pensa em

- relógio. Eu só vim a ter relógio ... O primeiro relógio que, que eu vim a ter, eu tinha vinte e cinco anos. Nunca me preocupei com esse negócio de relógio, de hora (sup.)
- 401.[20, RJ, DID, 0123, NURC] L: Porque hoje, quando a gente (inint.) nessa etapa da vida, como eu disse pra vocês que a gente olha pra trás e não olha mais pra frente, porque olhar pra frente é meio perigoso, a coisa é meio escura lá na frente, então a gente olha tanto pra trás, porque pra trás estão as coisas bonitas da vida, estão justamente pra trás. Então eu olho **pra trás**. De maneira que hoje talvez a gente pense um pouco mais em termos de tempo, em termos de hora, porque cada hora que passa é cada hora a menos na vida da gente.
- 402.[20, RJ, DID, 0124, NURC] D: Qual é a diferença assim entre o cinema atualmente e como ele era há anos **atrás**?
- L: Ah, bom, isso (sup.)
- 403.[20, RJ, DID, 0124, NURC] L: (sup.) E mesmo os que tinham enredo, disseram que ganharam prêmio, a gente ficava decepcionado quando via, né? Às vezes muito pobre de, de cenário, de tudo e depois também de, de apresentação mesmo, as coisas muito, fracos, né? De um modo geral era fraco, agora está muito melhor mesmo. Já tenho visto outros mesmo, sem ser esse "Independência" que no momento eu não me lembro e são razoáveis, são bons mas antigamente, há dez anos **atrás**, eu não sei o que que era não mas acho que era muito ruim. (riso)
- 404.[20, RJ, DID, 0127, NURC] Se você levar em consideração uns trinta anos **pra trás**, ele tem nível de cultura igual ou de conhecimento igual a um menino de dezoito anos, de trinta anos **atrás**, porque vocês hoje recebem uns estímulos muito maiores, muito mais intensos do que na minha geração. Os milagres da televisão estão aí mesmo, né?
- 405.[20, RJ, DID, 0127, NURC] Você conversa com ela, ouve e dá atenção a ela pelo que ela é em si e não pelo que ela poderia trazer **por trás** dela. Então você tinha me perguntado antes o que que eu via, qual profissional. Eu, num dia de trabalho, evidentemente eu vejo advogado. Vou pro foro só encontro advogado, só encontro juiz, só encontro escrevente.
- 406.[20, RJ, DID, 0127, NURC] L: Funcionário público no Brasil já foi a aspiração suprema de qualquer pai de família, não é? A preocupação maior ... Isso já foi um pouco anterior à minha geração, deve ter sido uma geração um pouco mais **pra trás**, pouco mais **pra trás**. Porque eu, felizmente, eu, eu sou ateu, graças a Deus, então ... Por exemplo, vocês, felizmente, graças a Deus ...
- 407.[20, RJ, DID, 0128, NURC] L: Se bem que o da baleia não deve ser mal feito, ela deve ter alguma conveniência naquilo que eu não sei. Mas a sereia que você falou é a única coisa que está me faltando ver, viu? Metade peixe, metade mulher, canta, isso eu não vi. Essa eu vivo **atrás** de ver, mas não aparece.
- 408.[20, RJ, DID, 0129, NURC] L: Tinha um prédio horrível, eh, velhíssimo na frente, tinha um mais novo **atrás**, tinha o, a capela e o, e o auditório, né?
- 409.[20, RJ, DID, 0129, NURC] L: Eram nos prédios, né, no prédio novo e no prédio velho, na frente e **atrás**. Na frente também tinha a secretaria, parte da diretora e tudo, né, refeitório de professora. E na parte **de trás** era só, só salas de aula. Na frente tinha algumas salas também, né, acho que não dava (inint./ruído) hoje em dia acho que já fizeram mais alguma coisa lá, né, aumentaram o auditório, já tem, já está mais bem instalado, tem mais umas, uns prédios lá e separaram a parte das pequenas, né, do ... Como é? Pre... preliminar, eh, infan... aquele, jardim, né, separaram tudo.
- 410.[20, RJ, DID, 0130, NURC] L: Eu fui diretor lá de, desde a fundação e até uns quatro **atrás**. Participei de umas três diretorias, né?
- 411.[20, RJ, DID, 0132, NURC] Tinha o colégio (inint.) Uruguai e, e nesse colégio (inint.) Uruguai, eu logo do início, eu me se... me dei mal no colégio e, eh, então houve assim uma dúvida que, sobre a, a validade do, da reforma Anísio Teixeira, porque eu estava, não estava, tive, não tive aproveitamento, e pensaram até em que eu voltasse **atrás**, quer dizer, tinha que repetir todo o terceiro ano. Mas no decorrer daquele ano eu verifiquei que, eh, eu não só consegui emparelhar, mas com... como fui o primeiro aluno entre, entre os meninos da turma, quer dizer que o, eh, esse, esse tipo de ensino da, de, assim na base de, de, de fichas é um ensino que ele não, não, não, eh, apesar de, de não ser muito convencional ele pode dar frutos inte... interessantes, né?
- 412.[20, RJ, DID, 0132, NURC] L: O, o, o, o, quando, vamos dizer, eh, no período lá da, da Mesopotâmia se, se, o, se instalaram os sumérios em, há cinco mil anos **atrás**, eles provavelmente vieram da, da, da

- Ásia, eles trouxeram consigo uma quantidade enorme de, de ritos religiosos e em que havia uso de incenso, havia uso de, eles já faziam exorcismos, etc.
- 413.[20, RJ, DID, 0133, NURC] LOC - eu estou morando em Botafogo que: é o bairro onde eu sempre morei... quer dizer morei ((ruído)) (desde:) criança desde dez anos... e:... é um bairro que (es)tá... altamente familiar (porque) estudei lá também tenho a família toda morando nesse bairro... a casa... onde eu estava... até... um ano **atrás..** era uma casa antiga muito gostosa de... dessas casas de... de/ (são de) jardim muito boas muito amplas... e que (abaixo) infelizmente faz um ano agora vai dar uma incorporação... terrível lá... mas: eu fiquei morando muito perto inclusive do lugar de onde saí... eh a loja de verduras e frutas um supermercado uma coisa assim... e imediatamente: todo mundo confraterniza né em Brasília há uma carência maluca de... de ser amigo... há um mês **atrás** pelo menos ainda que eu/... dez anos pra justificar das pessoas estarem lá então... (criam) assim e o lado mineiro né... noventa por cento é de mineiros efetivos... de modo que a gente fica aqui ((ininteligível)) que é a situação de Brasília...
- 414.[20, RJ, DID, 0134, NURC] L: Não. Eu assisti uma vez em Minas Gerais, numa cidade chamada ... Perto de Caxambú. Linda a cidade, onde eu assisti por sinal um casamento, um casamento em que a noiva veio na carroça, o pai vinha **atrás**. Fenomenal!
- 415.[20, RJ, DID, 0135, NURC] Então, mas aí já é um tempo com uma outra característica, não é tempo meteorológico. É claro que ele está **por trás** ajudando no verão, mas eu acredito que essa mesma coisa ocorra num país de clima frio e que véspera de natal ou alguma comemoração dessa natureza e que todo mundo se mexe também, quer dizer, eu gosto muito é de ver um outro tipo de tempo, quer dizer, talvez o tempo social ou o tempo da comunidade (inint.) as estações, quer dizer, época de carnaval, é um outro tipo de comportamento. Tem um tempo material enfim pra mim, um tempo meteorológico, se é verão, se é inverno, se é primavera, pelo menos aqui, a gente praticamente ...
- 416.[20, RJ, DID, 0135, NURC] Quando procura-se resolver o problema, não é, ah, com uma preocupação social, aí é um monte de outros assuntos, então vamos acabar com as favelas, ou seja, não há outra maneira, esconder as favelas na, esconder as favelas **atrás** do morro. Aí vem a história do Rio de Janeiro, que é um, é um morro muito bonito, que tem ali o Corcovado e Rio de Janeiro é do Corcovado pra praia, né, depois, **atrás**, tem o resto e vem o Cristo que (inint.) frente, que está de braços abertos, pra frente é o Rio, **pra trás** é o resto.
- 417.[20, RJ, DID, 0135, NURC] Quer dizer, um imperador daqueles, de uns, de uns séculos **atrás**, eh, obviamente, era muito mais impune do que um homem desse, eu não sei quanto mais, mas aí entra num nível que pra mim, não consigo raciocinar, que é o do mais ou menos, já num, num estado do absurdo.
- 418.[20, RJ, DID, 0141, NURC] L: (sup.) Em mil novecentos e vinte e cinco e morei no Rio até doze anos **atrás**, morei em Ramos até doze anos **atrás**, quando (inint.) me mudei pra Ilha na minha casa própria.
- 419.[20, RJ, DID, 0142, NURC] L: (sup.) Da gente. Quase que a gente pega a dona **por detrás**. Depois se pegasse **por detrás** ia dizer: não, a culpa era de quem vinha e não sei quê. E a outra, na curva fechada, simplesmente a M. bateu no, no, no meio-fio porque en... entra na curva, entra na curva e entra fechado, assim em cima dela. Eu qua... eu berrei, não estava vendo o carro disse: puxa, M., mas que barbeiragem, como é que você fez uma dessa? Ela disse: não, você não viu do meu lado? O sujeito que ia na curva fechada. Curva fechada assim eu tive que sair pelo meio-fio senão já era uma vez. Mas (sup.)
- 420.[20, RJ, DID, 0142, NURC]L: Pelo menos aqui você sabe. Eu já passei algum susto com carro. A gente já bateu. Eh, está tranqüilamente no sinal, vem o sujeito **de trás**. Mas é um sinal que tem ali na Montenegro. Não, na Farme de Amoedo que quase não, a gente não vê. (DID 0142)
- 421.[20, RJ, DID, 0142, NURC] E no dia que bateram em mim **por detrás**? A primeira coisa que eu, a primeira coisa que eu disse foi um, uma fileira, uma fieira assim, enfileirado, um palavão **atrás do** outro, do susto. Libera a agressividade da gente aquele susto. Ou a gente reage chorando, chorando e ficando medrosa ou a gente não reage agressivamente.
- 422.[20, RJ, DID, 0142, NURC] D: Ficou completamente de fora, né? Eu me lembro que há alguns anos **atrás** você dis... dispunha de certos meios que agora não (sup.)
L: (sup.) Ah, eu sei que o meio (sup.)

- 423.[20, RJ, DID, 0144, NURC] #L: Bom, o, o banheiro tem um box, né, eu, eu acabei de reformar há dois anos, há dois meses atrás, né, botei esse, esse azulejo azul e verde com desenhos cor-de-rosas, né, até o teto, rebaixei o teto, botei louça verde-musgo, botei um arma... um balcão pra botar a pia, né, um espelho todo desses de três faces, né, e um box separado.
- 424.[20, RJ, DID, 0144, NURC]#L: De um lado botamos uma pia de aço inoxidável, com armário embaixo meio virado, inclinado, a... a... atrás de uma porta fizemos um armário pra botar os gêneros e o resto foi um armário embutido de porta de correr pra botar panela e louça que não se usa, vinho e enfim toda essa tralha de cozinha.
- 425.[20, RJ, DID, 0144, NURC] É que além da, da garagem subterrânea, atrás do edifício eles fizeram uma outra garagem no terreno onde eu estou com meu carro. De modo que não tenho nem a preocupação de quando chove porque chovendo muito lá alaga, né? E eu não me, não me preocupo. Só às, às vezes não posso entrar ou sair do edifício, mas isso é uma questão de um, dois dias.
- 426.[20, RJ, DID, 0144, NURC]#L: Praticamente não, porque nessa área de trás eles brincam lá precariamente, mas muito perigoso, né? Onde tem manobra de carro não é só privativo de criança, é um, dá trabalho aos pais, dá trabalho aos motoristas e preo... preocupação ao síndico porque a reclamação é muito grande.
- 427.[20, RJ, DID, 0145, NURC] L: É uma coisa incrível, é. Ele fica atrás do portão quieto. O garoto outro dia, eu fiquei impressionado, então eu trato do cão com todas as vacinas justamente por isso, o indivíduo encosta lá pra ler jornal, no muro.
- 428.[20, RJ, DID, 0148, NURC] L: (sup.) Em poucas cidades do mundo se pode fazer, eh, escalada de montanhas, ter clima de montanha, como, por exemplo, Alto da Boa Vista, tem a floresta, a do Corcovado, e que até alguns anos atrás, pelo menos, havia micos e bichos que a gente via do, da condução. E, ao mesmo tempo, relativamente próximo a possibilidade de praia, de banho de mar, praias de Copacabana, Leblon, Ipanema, Barra, atualmente.
- 429.[20, RJ, DID, 0148, NURC] D: Há, há um ponto atrás aí na nossa conversa o senhor falou sobre a paisagem do nordeste e mencionou a caatinga, uma coisa curiosa é que esse mesmo tipo de vegetação da caatinga tem nomes diferentes. Até mesmo aqui no Brasil, por exemplo, quando se fala da paisagem da região de Brasília, de Goiás, né, é uma vegetação que tem alguma coisa em comum, e no entanto não se, não se diz caatinga em Goiânia.
- 430.[20, RJ, DID, 0151, NURC] L: Quê? O comportamento? Eu acho que o Botafogo, eh, vendendo seus principais jogadores, eh, perdeu a homogeneidade e, perdendo a homogeneidade, perdeu também o seu lugar entre as grandes potências do futebol carioca, embora a sua torcida procure manter ainda a imagem do grande clube que ele foi há cinco anos atrás por exemplo.
- 431.[20, RJ, DID, 0151, NURC] E eu acho que ele perdeu consideravelmente em eficiência técnica e também, eh, como em popularidade, tanto que não é mais convidado para, eh, excursões ao exterior e, eh, desceu de um modo geral na escala dos considerados grandes clubes cariocas que há, e brasileiros, que há dez anos atrás por exemplo ele possuía.
- 432.[20, RJ, DID, 0151, NURC] E ra... a não ser casos individuais, como eu disse, do Pelé, do Jairzinho e de, do Paulo César, eh, em geral, as figuras de maior relevo no futebol brasileiro dos últimos anos têm sido os jogadores que jogam e ocupam essas posições do meio-de-campo: Gérson, Rivelino, Dudu (sup.)
D: (inint.) por trás dela há todo um mecanismo (sup.)
- 433.[20, RJ, DID, 0151, NURC] D: Sem sair dessa área de esportes (inint.) que que tem mudado também no aspecto assim de organização dos clubes para o desempenho (sup./inint.)
L: (sup.) Esse foi, esse foi um termo (sup.)
D: (sup.) Uma organização que está por trás (sup.)
- 434.[20, RJ, DID, 0151, NURC] L: Tive, tive curiosidade, mas não fui. Ah, neste momento a minha curiosidade está deslocada noutros sentidos. Eh, eu ia muito ao balé do ... Vi a Margot Fontain, ao balé russo, ao balé do Senegal, esses eu freqüentei há uns anos atrás. Mas esse meu interesse pelo balé deve ter decrescido, não sei em virtude de quê, eh, eh, porque ultimamente temos tido outros grupos importantes aqui e eu não freqüentei, não fui a nenhum desses grupos.
- 435.[20, RJ, DID, 0151, NURC] De modo que houve uma alteração de uns cinco anos pra cá, nesse sentido, nesse interesse, nesse interesse. Mas eu já freqüentei o Municipal até cinco anos atrás, com

- um desejo vivo do balé, do balé russo, do balé do Senegal, como eu disse. A Margot Fontain eu vi, eh, com muito interesse.
- 436.[20, RJ, DID, 0151, NURC] L: Eu acho que é mais a temática que mudou. Parece que a temática mudou, né? No sentido de que, tornando-se mais, eh, habituados à música internacional, eles perderam em autenticidade. O que eu noto também no próprio Chico Buarque de Holanda que, eh, de início, ah, me parecia, eh, um poeta muito mais livre, muito mais criador do que atualmente. Me parece que ele está se repetindo. Não falo com conhecimento de causa suficiente, mas que não está produzindo atualmente o que há anos atrás ele era capaz.
- 437.[20, RJ, DID, 0162, NURC]L: Tem a sala de espera mais assim suntuosa, né, as cadeiras são estofadas e inclusive quando você afasta pro outro passar ninguém pisa o pé porque a cadeira vai pra trás, né, esses mais luxuosos, mais bem, eh, ornamentados e a pessoa se sente melhor, né, não fica, ficam a dever assim um pouco aos cinemas de São Paulo, né, que já são ...
- 438.[20, RJ, DID, 0162, NURC]L: Aerobarco, lá em Quitandinha tem e as crianças: vamos, mamãe. Eu pra não ficar, ficar pra trás eu fui. Eu abri a boca, eu abri a boca que eu só fechei quando o barco parou e depois de muito tempo, (risos) que foi uma coisa, eu tinha, eles riram à beça porque eu disse, bom, eu tinha comprado uma peruca, eu disse: ah, vou com a peruca, não vou arrumar cabelo não.
- 439.[20, RJ, DID, 0162, NURC]E na hora, quando o barco ca... desceu, que foi a menina na frente, a minha prima e eu no meio, não, eu fui, acho que eu fui atrás, eu falei pra minha prima: ih, eu estava, eu estou com a peruca sem pegar o, sem o grampo, ela vai soltar com esse vento que deu, né, mas eu não vou segurar a peruca, (risos) eu estou com um medo louco. Aí segurei os lados assim, né, não larguei, fiquei gelada, fico logo fria, gelada, né?
- 440.[20, RJ, DID, 0164, NURC] o sindicato e oriundo de antigos regimes sociais desde que o Socialismo Cristão na metade do século passado ... os principais sindicatos estão nos países mais fortes ... o Estados Unidos tem alguns dos sindicatos mais fortes do mundo que decidem realmente ... agora os nossos sindicatos Infelizmente há uns dez anos atrás ou quinze foram juncados de políticos ai ... a coisa andou degenerando (...)
- 441.[20, RJ, DID, 0164, NURC] Inf.: o concurso de efetivo implicava numa prova escrita e numa prova de aula ... além de uma prova de títulos que às vezes podia ser dispensada ... mas o de contrato era uma prova de seleção ... apresentava seus títulos e fazia/atribuia um determinado valor a cada título básico e estava feito o contrato certo? agora essa legislação é diferente mesmo ... o contratado até agora coisa de dois meses atrás um mês ... até o seu desconto era feito pelo Instituto Nacional de Previdência Social INPS
- 442.[20, RJ, DID, 0164, NURC]... esses vinte atualíssimos até um mês atrás eram dez ... agora são vinte por lei do Presidente da República de maneira que o INPS é uma garantia que o trabalhador tem ... o funcionário do Estado ... antigamente havia uma diferença havia o IPASA para o servidor público ... o IAPC pro comerciário e IAPI pro industriário etc etc ...
- 443.[20, RJ, DID, 0164, NURC]Doc.: não importa que ele não tenha pago atrás não né? Inf.: não ... não importa não ... ele pagou já alguma vez ... ele já pagou ... eu tenho a impressão que ele me falou uma vez que pagou durante quase vinte anos ...
- 444.[20, RJ, DID, 0167, NURC] L: (sup.) Em mil novecentos e vinte e cinco e morei no Rio até doze anos atrás, morei em Ramos até doze anos atrás, quando (inint.) me mudei pra Ilha na minha casa própria.
- 445.[20, RJ, DID, 0175, NURC] Porque se não tivesse isso havia dificuldade, porque o estacionamento da ACM é muito pequeno na parte da frente, atrás é maior por causa dessa circunstância, está entendendo? Mas os que, os que já estacionam na frente, os que são associados já pagam um cruzeiro por cada parada que fazem lá. Já estão pagando.
- 446.[20, RJ, DID, 0175, NURC] L: (sup.) O banco aí chamou e chegou lá e ele teve que ... Inclusive vai pagar uma quantia por causa dessa questão. Cada cheque desses é dez cruzeiros, tem que comunicar ao Banco Central. Foi erro dele. Mas infelizmente a, o, o, o comércio às vezes fica assim de não receber, porque podem vir outros atrás daquele.
- 447.[20, RJ, DID, 0181, NURC] Porque o, o judeu mesmo e o árabe mesmo não estão querendo brigar não, porque eles vêm brigando há muitos anos (estalos de dedos). A guerra é mais filosófica, é religiosa. Mas essa agora não, essa agora foi de experiência de armas modernas e o, e o petróleo que

- está lá naquela zona, tá? Por isso é que eles brigaram. Porque de repente não serve mais a briga. Acaba. Por que que acabou? Porque o Kuwait, a Arábia Saudita cortaram o petróleo pro Estados Unidos. Sem petróleo aquilo não anda. E lá também tem bandalheira. Watergate está aí mesmo pra provar. Quer dizer, quando eles sentiram que **por trás** dessa história toda: China, China. Lá **por trás** da Rússia tem um perigo tremendo que é para o mundo, não é só pra Rússia não, o perigo amarelo. Eles vão ter a sua época. São setecentos mil homens em armas, com a mentalidade de que morre aqui, vai nascer ali. Então pára a briga porque senão a China entra nisso e não vai parar mais.
- 448.[20, RJ, DID, 0184, NURC] Ah, sim, jornal já vi fazer, né? Já visitei tipografias assim, (risos) aquela máquina, aqueles tipos, né, que imprimem. Eu já vi isso há muito tempo até foi com uma turma de escola primária. Tem um bocado de tempo, eu ainda era solteira, fui visitar uma impressão, uma tipografia, né, onde imprimiam jornal e revista e nós vimos uma parte, não vimos tudo não. Mas aqueles, aqueles moldes, né, das letras do, tinta também, em cima, depois põe uma por cima da outra e vai saindo aquilo, né? É muito interessante embora eu ache meio complicado, mas tenho uma idéia geral, né, não sei os detalhes não, mas deu pra eu ter uma idéia. Aquelas partes todas iguais saindo uma **atrás** da outra, depois muda aquela coisa debaixo e saem as outras.
- 449.[20, RJ, DID, 0184, NURC] L: (sup.) E índice, às vezes é na frente, às vezes é **atrás**, né? E as páginas, né, e por capítulo, a introdu... geralmente tem uma introdução, né, depois vem,
- 450.[20, RJ, DID, 0184, NURC] então, os capítulos, de acordo com o índice, né? L: (sup.) Eu acho a propaganda boa nesse ponto que leva a conhecer, mas acho também errada no ponto em que exagera e que não diz a verdade. Então, que a pessoa sempre tem que estar com o pé **atrás**, né? Embora, por isso que eu gosto de compra. Quando eu vejo pela propaganda eu compro pra ver se é mesmo aquilo. Às vezes é, né, às vezes não é. Na maioria das vezes a propaganda não é ver... não é autêntica, né?
- 451.[20, RJ, DID, 0188, NURC] L: Inclusive eles citam muito comumente esse problema da soja. Nós passamos a ser praticamente o maior exportador de soja. Em compensação, o café ficou **pra trás**. Quer dizer, não há uma planificação, quer dizer, não há uma distribuição, parece que ainda não chegamos naquele estágio de fazer uma plantação de acordo com os interesses da região. Quer dizer, quer dizer, atualmente parece que a grande preocupação é a exportação.
- 452.[20, RJ, DID, 0189, NURC] L: Agora, agora a gente tem tido muito, muito contato com, com animal em uma casa de praia, que eu tenho uma casa fora, então lá as crianças brincam muito, porque é cabrito, é, é, é carneiro, volta e meia aparece e, e de vez em quando acontece, outro dia peguei uma cobra, né, foi um acontecimento também. As crianças ficaram doidas lá **atrás** da cobra, é venenosa, não é venenosa, até se apurar. (pigarro)
- 453.[20, RJ, DID, 0191, NURC] L: (sup.) Mas aí é uma questão de consciência, né, a gente procura chegar no horário, porque tem aquela obrigatoriedade do horário ser respeitado. E agora se fosse assim uns tempos **atrás**, quando (inint.) relógio de ponto, então aí a pessoa era descontada, né?
- 454.[20, RJ, DID, 0193, NURC] L: (sup.) Aí de repente liberou tudo. Eu me lembro uma vez que eu passei, faz uns quatro anos **atrás**, era noite de trinta e um de dezembro, eu passei em frente do Bob's, eu morava aqui perto, passei em frente do Bob's e eu tinha ganho uma calça vermelha.
- 455.[20, RJ, DID, 0193, NURC] Então eu estava pisando duro pra não haver perigo de, de confusão nenhuma. Eu passei na porta do Bob's, eu ouvi um sujeito dizer: Mas olhe, o que é aquilo ali? E eu senti que era comigo, não é? Aí eu continuei pisando duro, a orelha virou **pra trás**, pra ver se o sujeito dizia mais alguma coisa: olha aquele palhaço de calça vermelha, porque aí eu era obrigado a tomar uma atitude, né?
- 456.[20, RJ, DID, 0193, NURC] L: Não, nunca fiz.
D: Há muitos anos **atrás**?
L: O, o quê?
D: Usar xampu?
L: Sempre usei.
- 457.[20, RJ, DID, 0193, NURC] D: Não acha não? Porque agora por exemplo Ipanema é um bairro que é muito conhecido pela, por determinado tipo de casa comercial pra, pra roupa. E há alguns anos **atrás** não se falava desse tipo de casa.
- 458.[20, RJ, DID, 0194, NURC] D: (sup.) Das, das coisas que estão **por trás** por exemplo da (sup.)
L: (sup.) Ah, do que é a televisão, ah, sim (sup.)

- D: (sup.) Apresentação de uma novela, da apresentação de um filme (sup.)
 L: (sup.) Isso nós temos muita, muita convivência entre os filhos porque inclusive a minha filha mais velha já trabalhou na televisão.
- 459.[20, RJ, DID, 0194, NURC] L: Televisão também hoje eu acredito que haja mui... muito mais espontaneidade do que havia no começo. Há, há muita, muita, muita coisa na televisão hoje que deve ficar por conta do, do humor do momento, embora haja o respeito ao, ao 'script' preparado e tal, mas deve haver muito mais liberdade do que havia dez anos atrás ou quinze anos atrás (inint./sup.)
- 460.[20, RJ, DID, 0198, NURC] Mas felizmente o homem imprimiu assim uma velocidade maior e passou (inint.) nós fizemos uma cambalhota e logo após o carro ter, ter passado. Nesse, nessa hora eu fiquei assim um pouco preocupada, mas eu percebi tudo logo. Tirei os óculos calmamente, meu filho também tirou os óculos. Ele estava atrás e eu na frente com o meu marido e (inint.) meu marido deu um talho assim na testa, mas o resto não houve nada não, nós saímos calmamente (sup.)
- 461.[20, RJ, DID, 0198, NURC] L: Ah, fiz... fizemos o seguinte: o, o rapaz, o meu filho tinha nessa ocasião uns dezoito anos ficou com o carro e, e eu segui com a, um carro que vinha atrás com a família indo para, eh, parece que Getúlio Vargas, hos... hospital Getúlio Vargas aí pra cima.
- 462.[20, RJ, DID, 0198, NURC] L: Bom, toda parte as conduções de determinadas horas, por exemplo, me lem... hora da, da saída do pessoal do trabalho, né, eh, vem, o ônibus vem entupido, o bonde vem entupido, vem cheio por trás, por, pela frente, o pessoal vem em pé. Mas toda a gente dá lugar, espera, se aperta e se acomoda, aí todo mundo vem.
- 463.[20, RJ, DID, 0198, NURC] L: Entre os bancos, atrás, na frente. Há um espaço maior entre o motorneiro, né, que tem aquele ferro assim dividindo.
- 464.[20, RJ, DID, 0198, NURC] D: (sup.) Aquilo ali tem um nome (inint.)
 L: Ah, nunca vi. Não sei.
 D: E aquela parte de trás também a senhora não dá pra ver (sup.)
 L: (sup.) Também não sei se tem nome não. Eu sei que viajo muito ali, porque eu prefiro ali do que ficar entre um banco e outro, que é muito mais estreito. E ali a gente tem maior possibilidade de encontrar lugar, né, e a gente se apertando então vai bem, muito bem.
- 465.[20, RJ, DID, 0198, NURC] L: Você vê, você não consegue marcar hora com ninguém, você está sempre com tudo atravancado, os ônibus parados, os carros um atrás do outro, o sinal não funciona, buraco por toda parte e então fica difícil. E os metrô não, o tráfico está sempre desimpedido, é fácil.
- 466.[20, RJ, DID, 0206, NURC] Mas quando chegamos na Place de l'Étoile havia um congestionamento monstro e a coisa não ia nem pra frente nem pra trás e eu estava em cima da hora, o concerto era às sete meia. E eu sei que na Europa se, quem chega atrasado não entra na sala de concerto, porque não é como no Brasil, aqui quem chega pode-se entrar, incomodando todo mundo, não é, e eu sabia que se eu chegasse cinco minutos atrasado não, não iria, não iria entrar.
- 467.[20, RJ, DID, 0211, NURC] D: (sup.) Eu sou assim. Não gosto do mar. Por exemplo, do mar além de peixe, a senhora conhece variedade de peixe, tipos diferentes? Tem um negócio do (inint.) assim dos animais marinhos (sup.)
 L: (sup.) Tem umas coisas assim que são meio, meio repugnantes (sup.)
 D: (sup.) Tem sim (sup.)
 L: (sup.) É meio assim, polvo por exemplo, né, é um negócio assim (sup.)
 D: (sup.) A senhora já provou?
 L: Eu já provei. Inclusive era a parte de trás (sup.)
 D: (sup.) Pois é, o que que é do polvo? É o polvo inteiro? Porque eu não gosto muito de olhar pra aquele negócio?
 L: É. Eu também não sei como prepara, mas eu tenho a impressão que é o polvo inteiro. Deve abrir e tirar as vísceras (inint.) se tem, eu não sei bem, se tem peles para tirar e então se resume em cozinhar com temperos e pronto (sup.)
- 468.[20, RJ, DID, 0215, NURC] D: Agora eu vou passar pra um outro assunto. Há dois dias atrás, anteontem, né, que dia que foi? Na terça-feira a gente teve assim um, de repente uma mudança assim de temperatura e de (sup./inint.)
- 469.[20, RJ, DID, 0221, NURC] L: Podemos continuar? (risos) Mas eu estava falando então de música, né? Então eu digo, acho que também essa paixão por música, voltando um pouquinho atrás, essa

- paixão de música, eu sempre vivi no meio de música porque a minha mãe ficou órfã de pai muito cedo e minha avó na Bahia não tinha condições, tinha quatro filhos e não tinha condição nenhuma de educar. Ela foi parar em casa de tio, mas que também gostavam já de música então ...
- 470.[20, RJ, DID, 0221, NURC]L: É futebol que eles chamavam antes, mas eu não sei, o 'soccer', né? Eh, de modo que eles são, eles pensam, eles são es... desportistas por excelência. Do, no hospital, quando terminava a hora do trabalho, eles todos iam pros campos de tênis que tinham ali atrás, os médicos todos iam jogar tênis ou iam pra piscina nadar. Meu marido e eu nunca fizemos esportes de espécie nenhuma, aqui a gente não faz. De modo que, lá nos Estados Unidos, muito.
- 471.[20, RJ, DID, 0221, NURC] Hoje em dia é que todo mundo tem carro e, nossa família, faz dezoito anos quer um carro, e está pensando num carro, mas não havia e nem havia necessidade, porque, verdade seja dita, que o transporte era fácil, os táxis eram aqueles carros enormes com aquelas cadeirinhas, de modo que você tinha um banco confortável atrás pra três pessoas, umas cadeirinhas que se abriam dentro do carro (sup.)
- 472.[20, RJ, DID, 0234, NURC]D: (inint./sup.) quando eu perguntei pro senhor, eh, os relógios de antigamente, há muitos anos atrás, os homens eram muito elegantes. Eu achava. A gente via fotografias do Rio antigo ...
- 473.[20, RJ, DID, 0234, NURC] E com os dois furinhos correspon... deveriam corresponder ao antigo, porque isso é imitação ao antigo, a, a um badalo, a um, a um som que ele deveria ter, os antigos e maiores, esse não, esse é um relógio imitando o antigo, mas (sup.)
- D: (sup.) Ah, eu, eu pensei que esses dois furos (sup.)
- L: (sup.) Não, não (sup.)
- D: (sup.) fossem pra dar corda, pra acertar (sup.)
- L: (sup.) A corda é aqui atrás.
- D: Ah!
- L: A corda é aqui atrás e pra acertar tem que abrir aqui e acerta-se aqui.
- 474.[20, RJ, DID, 0235, NURC]L: É, mas eu não sei até que ponto as coisas são realmente autênticas, porque a senhora sabe que a história tem dois aspectos, um real e o outro de, como se diz, de, o que aparece no palco, que é uma coisa por trás que é outra, como é que se diz isso, agora me falhou a ...
- 475.[20, RJ, DID, 0235, NURC]L: Bem, é que originou a guerra entre Israel e, e os árabes, não é, quer dizer, eu tenho a impressão que os árabes estão, estão muito bem no mundo e aqui no Brasil eu tenho a impressão de que eles estão com uma certa força. Por trás assim de muitos grupos econômicos existe um, um poder árabe. Agora que grupos eu não sei. Eu acho que tudo depende muito do, do poder dos grupos econômicos e dos interesses de cada um desses grupos.
- 476.[20, RJ, DID, 0235, NURC] D: Há uns três anos atrás nós votamos aqui na Guanabara, né?
- 477.[20, RJ, DID, 0237, NURC]Ah, pra quê! Ela vinha correndo, descia e batia com os peitos na, na, na cerca. Era uns paus atravessados que eu tinha. Então, aí, eu: ah, você resolveu vir, não é? Ela vinha bufando, então tirava os paus e ela vinha atrás de mim, aonde tinha os arreios pra colocar, mas antes disso, eu enchia uma, assim uma, como se chama? Patre... Como é o nome que a gente dá a isso?
- 478.[20, RJ, DID, 0237, NURC] E no dia que eu cheguei lá na fazenda, uma porca estava tendo filho, eu nunca tinha visto, como se, aquilo sai, sai como se fosse broto, brotando, está brotando. Era uma atrás da outra. Já tinha nove de fora. Aquela 'big' porca e os porquinhos desse tamaninho (sic) e eles todos a, sabe, saíam de lá da porca, iam direto pra maminha, não errava um. (risos)
- 479.[20, RJ, DID, 0247, NURC]L: O fraque era como, como o fraque que se usa hoje, até o, até abaixo do joelho, atrás aquela rabona, não é, é vestido comprido, não é? (sup.)
- D: (sup.) E hoje se usa como?
- 480.[20, RJ, DID, 0247, NURC] L: Nostalgia como sinônimo de saudade. Quer dizer, voltando para a calça, para a, a, a, a saia que já vem abaixo do joelho, né, tem um nome francês aí, não sei bem como é, né, e ali ... A minha neta, minha neta, com dezessete anos de idade vai pra, vai pras festas, vai pra uma reunião com um vestido comprido, arrastando nos pés. Isso há cinco anos atrás era impossível.
- 481.[20, RJ, DID, 0247, NURC] L: Os suspensórios eram duas tiras de, de, de, de fita, digamos assim, fitas em geral de gorgorão de seda, né, que na frente, não é, abotoavam em, nas, nas, nas, em, nas, nos botões da calça, na frente, não é, de cada lado, e atrás num só, né? Quem usa, quem usa calça muito apertada, não precisa, mas eu tenho, por exemplo, algumas calças, onde eu vou a algumas

- solenidades à antiga, eu diminuí muito de, de peso, não é, se eu não usar, ou tem que apertar demais o cinto ou então tem que usar o suspensório.
- 482.[20, RJ, DID, 0247, NURC] D: Havia inclusive o Patek-Philippe com uma capa atrás, eu não sei se esse também tem (sup.)
- 483.[20, RJ, DID, 0253, NURC] Então, isto era por exemplo um prato forte de um almoço de natal na minha casa, eh, quando meus enteados eram garotos, digamos, há uns vinte e tantos anos atrás, trinta anos.
- 484.[20, RJ, DID, 0258, NURC] Uma coisa maravilhosa! Outra coisa também na Tijuca, logo depois que se sai do Alto da Boa Vista a Fundação Castro Maia, hoje. Naquele tempo era a casa do Castro Maia, o senhor Raimundo de Castro Maia, uma das pessoas de melhor gosto no Rio de Janeiro. Hoje, a casa que ele mora, morava, que ele faleceu há uns cinco anos atrás, que se chama Chá... Chácara do Céu, na, em Santa Teresa, onde está instalado o museu, muito bem tratado, muito bem cuidado, uma senhorita que se chama Lúcia Otoni.
- 485.[20, RJ, DID, 0258, NURC] L: (sup.) Desfiles, não. Desfiles havia pequenos ranchos todos eles que se faziam à sua própria custa, o governo não dava auxílio propriamente e havia uma coisa hoje, que se, que se repete hoje, e que eu vi há dias muito bem repetido na peça da Eva, "Chiquinha Gonzaga", que se chamava o zé-pereira. Vinha um, um cidadão com um vastíssimo tambor, seguro ao pescoço, tocava o tal tambor, então a criançada toda vinha à volta, vinha atrás aos pulos, aos saltos alegríssimos.
- 486.[20, RJ, DID, 0258, NURC] D: Agora a senhora algum momento atrás falou sobre os serviços no Rio de Janeiro e eu me lembro que há anos atrás faltava muito água aqui em Copacabana e em outras partes da cidade e havia outra dificuldade de comunicação, poucas pessoas tinham aparelho telefônico em casa, etc. Quer dizer, que que a senhora acha desses serviços? Como as coisas têm se desenvolvido nessa cidade (inint.) serviços públicos (sup.)
- 487.[20, RJ, DID, 0258, NURC] Bem, a corte da... naquele tempo era uma coisa muito engraçada, muito delicada, para citar problemas de família, casos de família, eu teria a dizer que quase todas nós nos casamos da seguinte maneira: íamos à rua ou de ônibus ou de automóvel ou a pé e havia sempre uma pessoa que estava parada ou estava andando e que vinha atrás e que acompanhava até a casa.
- 488.[20, RJ, DID, 0259, NURC] D: Um pouco pra trás da nossa entrevista a senhora falou em teatro de revista. Alguma vez a senhora chegou a assistir uma peça de teatro?
- 489.[20, RJ, DID, 0259, NURC] O Jardel, por exemplo, tinha sempre ele dirigindo uma boa orquestra, ele tinha um jeito peculiar, não era músico mas tinha um jeito peculiar de dirigir a orquestra, todo mundo ficava, usando um tema de agora, vidrado nele, de modo que eles tiveram esse mérito de trazer espetáculos, clientes (inint.) no cinema mudo que não era a cores também, eles trouxeram ao vivo pra praça Tiradentes, depois foi deturpando, é mais pornografia do que 'show', então foi caindo mas até algum tempo atrás, vamos dizer até uns vinte anos atrás, ainda se via boas revistas.
- 490.[20, RJ, DID, 0261, NURC] L: Então eu deixei, inclusive ela tinha criado aquele hábito de, de disciplina de estudo, né, não deu trabalho, né, ela foi, nunca perguntava, eu via as notas dela e tal, né, eu fiscalizava aquela, aquela, aquela de ficar de longe, entende, sem que ela percebesse que estava fiscalizando, mas sem ... No primário não, eu abria a bolsa dela, abria o caderno, perguntava, já no ginásio não, eu deixei ela como se ele fosse por conta própria, embora eu por trás estivesse, estivesse vigiando e ela foi, não, não posso comparar, por isso, não.
- 491.[20, RJ, DID, 0267, NURC] L: (sup.) Mas outro dia, coisa de dois dias atrás até, saiu no jornal uma coisa muito engraçada. Não sei se vocês tiveram ocasião de ler. Então foi o, o, esse, eh, o, o, o artigo se referia a um fazendeiro americano que tinha percebido que uma das vacas que ele possuía no campo quando ia chover ela se deitava na sombra dela e quando o tempo ia ficar bom então ela saía passeando.
- 492.[20, RJ, DID, 0267, NURC] De maneira que há dois dias atrás eu estava até me referindo a isso, lá, conversando na escola, a, a graça, enfim, a, a idéia desse fazendeiro, não é, se, de pesquisar um assunto dessa natureza. Mas no outro dia também saiu no jornal em relação aos animais, diferentes tipos de animais, como eles ficam ansiosos especialmente em relação a terremotos, não é, quando vai haver assim uma, uma mudança violenta dessas de, de estrutura da terra.

- 493.[20, RJ, DID, 0267, NURC]L: Não, não dá. Quando a gente, quando a gente percebe a lua, ela, ela está lá em cima já, né? Agora eu acho uma beleza, está aí, é das coisas mais lindas que eu acho em relação ao tempo ... Esse ano ainda não aconteceu, né, mas nuns outros anos atrás, eu, eu tive essa oportunidade. A escola de uns tempos pra cá tem feito o horário da minha disciplina iniciando às sete horas da manhã, então eu tenho que sair de casa muito cedo.
- 494.[20, RJ, DID, 0270, NURC] Se nós visitarmos o, como eu disse, a zona sul, por exemplo, já se vislumbra um tipo característico, para o qual tenderá o brasileiro. Já se vislumbra.
D: Desse ponto de vista, um país que tem discriminação racial, como os Estados Unidos, está (sup.)
L: (sup.) Está muitos furos atrás (sup.)
D: (sup.) Está em desvantagem, né (sup.)
- 495.[20, RJ, DID, 0270, NURC] L (sup.) Está muitos furos atrás do Brasil, pode crer nisso. Eu acho que essa é que é a grande vantagem do Brasil. Outro dia nós fomos visitados por dois, eh, jornalistas da Nicarágua. Então ele estava me contando da, estava me contando da grande simpatia que tem pelo Brasil, justamente porque no Brasil não existe essa discriminação racial, se comparada com os Estados Unidos.
- 496.[20, RJ, DID, 0273, NURC] Volta mesmo, porque já aconteceu isso com minha tia. Eu estava, eu e meus tios, lá em São Paulo e elas conheciam São Paulo, diziam que conheciam São Paulo. Então eu achei ... Dispensei assim aquele princípio de mapa. Se conhece, não preciso, mas com o pé atrás, o pé atrás, o mapa comigo. Não estamos va... não, estamos chegando, apenas vamos não sei aonde, daqui a pouco vamos tomar uma rua aqui que tem aqui, vai dar, não vai.
- 497.[20, RJ, DID, 0273, NURC] Eu fui ocupar (inint.) peguei um senhor que ele era estrangeiro, mas morando em São Paulo, trabalhando lá em São Paulo, ele nos apanhou no lugar onde estávamos e seguiu a trilha de um táxi, o cara entrou numa rua e ele entrou atrás.
- 498.[20, RJ, DID, 0275, NURC] L: Eu sou uma entusiasta da reforma. Acho que essa reforma já deveria ter sido implantada no Brasil há mais de cinquenta anos atrás. Já está com uma, um atraso. Sou, conseqüentemente, também, grande entusiasta da lei cinco mil seiscientos e noventa e dois ...
- 499.[20, RJ, DID, 0275, NURC] D: Essas profissões assim ... No campo universitário. Há algum tempo atrás, por exemplo na sua época, não era normal uma mulher fazer curso superior (sup./inint.)
- 500.[20, RJ, DID, 0280, NURC] Se amanhã mil novecentos e setenta e seis, eu precisamente sou mil novecentos e setenta e seis, então tudo que essa mocidade no momento acredita, eu também acredito, porque eu falo, eu tenho uma evolução de acordo com o tempo, com aquilo que se apresenta. Todos os comportamentos que se modificam eu acho válidos, porque eu, eu os acompanho, eu não fico no meu tempo. Por que que eu vou ficar lá atrás? Por que que eu vou parar com dezoito anos? Por que eu teria que parar com trinta? Por que que eu teria que parar no dia que o meu marido faleceu e que pra mim foi um caos, mas que eu logo depois, olhei, vi um sol maravilhoso, vi que ainda existia natureza, árvores, pessoas boas, crianças que sorriem, enfim, tanta coisa bonita no mundo inteiro, porque eu procuro olhar sempre as coisas bonitas e, quando eu olho as feias, eu procuro transformá-las em beleza?
- 501.[20, RJ, DID, 0280, NURC] L: (sup.) Eu não tenho, eu sou contra a hora e no entanto cumpro, cumpro, sempre cumpro as coisas e não, e não estou atrás de, de tempo, de calendário. Eu por exemplo, outra coisa que eu não acredito e sou contra é dia de aniversário. Eu acho que dia primeiro de janeiro todo mundo faz anos, todo mundo está mais velho, todo mundo está mais novo, enfim, dia primeiro de janeiro e dia trinta e um de dezembro, das duas uma.
- 502.[20, RJ, DID, 0280, NURC] E disse: bom, eu lhe o... opereí? Sim, porque um doente de câncer vai procurar um médico e diz que quinze anos atrás esteve lá, ele perguntava: o se... eu lhe opereí? É tanta gente, né, quinze anos depois. E disse: eu tenho. Não, o senhor tem uma ficha. Ele dava o nomes, com aquele câncer que, naquela ocasião, ele cismou que tinha, naquele mesmo local.
- 503.[20, RJ, DID, 0280, NURC] Ela tinha metido dentro dela que ela, apesar do tempo passar, um ano, dois, quinze, vinte, era uma prova de que não tinha câncer, acabava tendo por força de um pensamento negativo e não positivo. Quer dizer, aí o tempo ficou, não destruiu e não consertou nada. O tempo apenas não passou. A mesma criatura de quinze anos atrás, aquele mesmo pensamento, estava quinze anos depois. Não adiantou ir no maior médico (inint.) a nota, simplesmente não acreditou.

- 504.[20, RJ, DID, 0285, NURC] Tem cada livro de, de Graciliano Ramos, meu Deus, que horrores que contam! E hoje nós já vemos a seca, nós assistimos isso, mas eu acho que em muito menor escala que há uns anos atrás, porque a (inint.) principalmente a, a SUDENE, né, SUDENE que fez um trabalho extraordinário lá no nordeste, quer dizer, as providências estão sendo tomadas, agora o clima é a natureza, é mais forte muitas vezes, e algo se prepara como determinados açudes, e, às vezes, uma barragem daquela estoura, quer dizer, eu acho que, que o clima é importante lá.
- 505.[20, RJ, DID, 0285, NURC] L: Ah, banana, o café e a soja que exis... que não tinha até bem pouco tempo, até uns vinte anos atrás não tinha, foi trazido, né (inint.) não, deve ter trazido... ter sido trazido há uns cem anos atrás, mas de uns vinte anos pra cá é que teve mais assim interessados em produzirem a soja. Então está tendo (sup.)
- 506.[20, RJ, DID, 0289, NURC] Eu acho que ele também deve estar, se sentir assim porque eu pelo menos, não, não telefono. Só telefono num, num, numa necessidade, né, não, não procuro, não vou atrás, não vou ao escritório, então ele também é ele lá no escritório dele, não é? Quer dizer, ele não é o meu marido, ele é ele lá. Então eu acho que isso é muito importante, sabe? Que o outro respeite, né?
- 507.[20, RJ, DID, 0293, NURC] L: Bom, o nosso tratamento aqui em casa é bem liberal, viu? Eu não interfiro em nada neles, inclusive, eh, sempre tiveram, as... sempre foram auto-suficientes, entendeu? Sempre ... Nunca, quer dizer, há uma vida ali assim não muito controlada, mas por trás eu controlo, viu? Não é assim uma liberdade excessiva. Por exemplo problema de horário em casa, eles não ... Eu sempre fui de ... Fico muito preocupada deles chegarem muito tarde.
- 508.[20, RJ, DID, 0306, NURC] L: É, quase sempre, porque eu te... o peso lá são casos neurológicos. São os chamados acidentes vasculares cerebrais, está muito em moda hoje, né? Derrames, embolias, trombozes. O índice deles está, cada vez está se tornando maior numa faixa de idade bem menor do que há dez anos atrás. Quando eu iniciei, eh, quase todos os casos de hemiplegia, um lado todo paralisado, era em torno assim de cinquenta anos, eram pessoas assim idosas.
- 509.[20, RJ, DID, 0306, NURC] L: Há uns dois ou três anos atrás os relógios simplesmente, na minha opinião, eram horrorosos. Aqueles relógios imensos, exagerados, não gosto desses de acrílico, que estão trazendo muito de fora, quer dizer, eu sou um tipo assim muito clássico, talvez muito quadrado, então realmente esse tipo assim moderno não me satisfaz (inint.) não gostaria de os ter, de jeito nenhum. Agora há gosto pra tudo, né?
- 510.[20, RJ, DID, 0306, NURC] L: Só me lembro do meu pai, que eu gostava muito, achava ele muito bonito, um, acho que Internacional, aquele de bolso, de ouro, grande, sabe? Eu não sei se eu fiquei muito fixada nele, porque eu aprendi horas naquele relógio, que ele tinha paciência de ficar rodando e principalmente quando ele abria aquela tampa de trás, que tinha aquelas medalhas, aquelas coisas todas impressas, né, premiado não sei aonde, acho que era Internacional.
- 511.[20, RJ, DID, 0306, NURC] L: E ele se sentava e daqui a pouco ele caía pra trás pra dormir. E eu ficava: meu Deus, será que é sono ou realmente é, é algum retardo motor? A gente que está dentro dessa profissão só vê o pior, né? Então é um ta... é um tal de ficar testando o garoto, tirar reflexo daqui e dali e eu ... Deu o que fazer (inint./sup.)
- 512.[20, RJ, DID, 0308, NURC] D: Você não nota uma diferença no seu telefone, há algum tempo atrás pra agora?
- 513.[20, RJ, DID, 0308, NURC] D: (sup.) Por que que você acha que a carta chegou?
L: Por quê? Ah, eu não faço idéia. Sei que chegou.
D: O que estaria por trás disso, como atividade?
L: Eh, não sei não. Não tem muita (sup/inint.)
D: (sup.inint.) mandar carta, tudo ficou mais fácil, né? Antigamente você não tinha as facilidades que tem hoje (inint.) como é que você faz pra mandar uma carta?
L: Como é que eu faço pra mandar uma carta?
- 514.[20, RJ, DID, 0317, NURC] L: Bom, eu trouxe dessa última vez um gorro de, de astracã que eu comprei lá em Istambul. De vez em quando eu saio com ele. Outro dia eu fui numa casa, um broto ficou louca atrás de mim: Ah, L., me vende esse gorro! Eu digo: diz à sua avó pra comprar, eu vendo por sessenta dólar. Custou seis dólar lá em Istambul. (risos)

- 515.[20, RJ, DID, 0317, NURC] D: Outra coisa também é que eu, pra mim pelo menos, eu acho que faz diferença. Há alguns anos **atrás** a gente olhava lojas de roupa feminina, de, de, de mulher, havia uma variedade muito grande de coisas. Mas as de homem eram assim (sup.)
- 516.[20, RJ, DID, 0317, NURC] L: Não. Às vezes o, a branca é que faz o 'black-power', né? Se bem que ele já está caindo. E o preto alisando o cabelo e a, e a branca às vezes encrespando e ... Agora já acabou essa moda (inint.) pouco tempo **atrás**, uns poucos anos, 'black-power'. As brancas. Os pretos também entraram na onda, mas pra eles não era difícil. (riso)
- 517.[20, RJ, DID, 0320, NURC] D: Na área, por exemplo, de informação, de comunicação, por exemplo, o que que há de profissionais **atrás de, de** um jornal, ou de (sup.)
- 518.[20, RJ, DID, 0320, NURC] L: (sup.) É. E antigamente a formação do, curricular era inteiramente diferente, não é mesmo, C.? Inteiramente diferente. Há coisa de, cinquenta anos **atrás**, a formação era outra, né? Inteiramente diferente.
- 519.[20, RJ, DID, 0339, NURC] D: E há, há uns anos **atrás** houve um fenômeno assim, talvez a senhora tenha tido pessoas de seu conhecimento.
- 520.[20, RJ, DID, 0339, NURC] L: Entraram pela, pelo forro da casa, do bar. Abriram um buraco **por trás** não sei daonde, tinha uma parede lá, subiram e ninguém viu. Quando (sup.) (DID 0339)
- 521.[20, RJ, DID, 0346, NURC] D: Como é ... Você podia descrever o que tem no título, como é esse documento? Você lembra?
- L: Lembro que tem zona, seção, o nome do indivíduo, do, do eleitor, o retrato, a naturalidade. E só (inint.)
- D: E **atrás**?
- L: Ah, tem, atrás tem os, as vezes que ele vota.
- D: Como é que isso é marcado?
- L: É marcado pela data da eleição. Só.
- D: Como é que é isso? Como é que é o processo de, de eleição, de (inint.)
- L: Como eles marcam atrás o cartãozinho?
- D: Não, não, todo o processo. Por exemplo, a gente vai votar agora, certo? Então cada um pega o seu titulozinho. Diz lá o local determinado (inint.)
- 522.[20, RJ, DID, 0346, NURC] D: Como é ... Você podia descrever o que tem no título, como é esse documento? Você lembra?
- L: Lembro que tem zona, seção, o nome do indivíduo, do, do eleitor, o retrato, a naturalidade. E só (inint.)
- D: E atrás?
- L: Ah, tem, **atrás** tem os, as vezes que ele vota.
- D: Como é que isso é marcado?
- L: É marcado pela data da eleição. Só.
- D: Como é que é isso? Como é que é o processo de, de eleição, de (inint.)
- L: Como eles marcam **atrás** o cartãozinho?
- D: Não, não, todo o processo. Por exemplo, a gente vai votar agora, certo? Então cada um pega o seu titulozinho. Diz lá o local determinado (inint.)
- 523.[20, RJ, DID, 0347, NURC] L: Bom, é. As ondas aumentam muito de tamanho, aumentam de violência na arrebentação, quer dizer, elas crescem, sobem mais e descem com mais brutalidade, eu diria assim, então isso aumenta a espuma, quer dizer, quando, eh, você vê a ressaca em Copacabana, o que vem bater aqui é, é, espuma pura, não é (inint.) e é isso, isso, de repente aquilo vai parando, vai diminuindo, elas vão enfraquecendo, e vão recuando.
- D: E acabou.
- L: E, como a vida, deixa os destroços **para trás**.
- D: E como é que fica a terra, a terra batida por este tipo de onda como é que fica?
- L: Bom, exatamente isso que eu disse, destroçada, porque o que tinha ali em geral é destruído. Evidentemente em Copacabana o que tem de, aparece de destroço é relativamente pouco.
- 524.[20, RJ, DID, 0348, NURC] L: (sup.) Ah, de antiga, eh, me senti assim recuado no tempo, né, a impressão que você tinha que estava vivendo aí na máquina do tempo voltando **pra trás**, né, aquelas

- ruazinhas estreitas, íngremes, né, aquelas construções apertadinhas e sempre su... e sempre subindo, sempre subindo, né?
- 525.[20, RJ, DID, 0348, NURC] L: Eu acho, do ponto de vista vamos di... de montanhas, topográfico, eu acho ainda belíssimo, né, a gente, o avião vai chegando aquela, eh, aquela imagem da baía de Guanabara, das montanhas da Tijuca, tudo isso, acho aquilo tudo muito, muito bonito realmente, mas a impressão já, quer dizer, eu cheguei há vinte anos **atrás** de avião e agora da última vez que cheguei a, a parte dos edifícios, as construções, principalmente naquela região da Gávea, aquelas encostas por ali já assim muito, muito feia, uma idéia assim de, de desarrumado, de, uma idéia de agressão quase à própria paisagem, né, aqueles aterros, né, o contorno da baía que você já sente diferente, as enseadas, acho que nesses vinte anos uma diferença grande.
- 526.[20, RJ, DID, 0353, NURC] L: Bom, o, porque no centro da cidade você tem, além de você tem, ter que se concentrar no que você está fazendo você tem que se concentrar no que os outros estão fazendo tamb'em. Mais ainda. Você tem que tomar conta do que, com quem está do teu lado, **atrás**, na frente, possivelmente até em cima porque de vez em quando tem uns que sobem. E há, eu acho que há um desgaste muito grande de dirigir na cidade atualmente. A qualquer hora do dia ou da noite. Você pode sair onze horas da noite e às vezes é até mais perigoso de dirigir à noite, né? (sup.)
- 527.[20, RJ, DID, 0360, NURC] L: (sup.) Ah, quando eram recém-nascidas ambas morriam de cólicas e eu quase que morria **atrás** delas, né? Porque choravam, coitadas, davam trabalho, uma coisa, nesse particular, né? Mas se alimentavam muito bem. De vez em quando ficavam meio inapetentes, a gente dá vitaminas, dá um estimulante de apetite, dá um digestivo e aí engrena.
- 528.[20, RJ, DID, 0370, NURC] Foi realizado por artistas do bairro e uma peça bastante avançada, bastante bonita do ponto de vista plástico, e me chamou atenção o fato de as freiras estarem, que elas têm, vivem em clausura, estarem assistindo ao espetáculo, ah, de um sobrado, uma espécie de um, do coro da igreja, mas todas, eh, **atrás de** grades.
- 529.[20, RJ, DID, 0373, NURC] D: (sup.) A senhora acha que a sociedade brasileira atualmente está vivendo assim mais folgada em termos de dinheiro do que há alguns anos **atrás**?
- 530.[20, RJ, DID, 0373, NURC] L: Porque realmente está havendo uma forma aquisitiva maior do que havia na cla... classe média antigamente. Isso é, isso é só estudar, não precisa muito tempo, há, há vinte, trinta anos **atrás** o nível da, do, de vida das famílias. Então nós vamos ver que realmente elas não tinham a, o, a, o poder aquisitivo que agora uma família média tem.
- 531.[20, RJ, DID, 0391, NURC] Agora, mais tarde, indo passar um fim de semana em Belo Horizonte, já relativamente aí uns, há uns quinze anos só **atrás**, eu tomei conhecimento com dois, dois animais lindos, premiados também, boxers, e esses, pela inteligência deles, pela obediência, entendeu, esses, eu também, aí eu mudei completamente a respeito de cachorro. É. Isso assim com os, com os animais domésticos (sup.)
- 532.[20, RJ, DID, 0391, NURC] L: Ah, me sugere sempre o tempo em que eu gostava de usar casacos de veludo com pele de coelho, aquelas coisas. Coelho só me sugere isso e um pouco a páscoa também hoje, mas isso é uma artificialidade. Então já eu não, não ligo muito. É, não, eu não vou muito **atrás** desses costumes assim, como é, exógenos, como se come... se costuma dizer hoje em dia, pra falar um pouquinho mais difícil.
- 533.[20, RJ, DID, 0391, NURC] L: Ah, isso foi muito curioso. Em Marselha, em Marselha eu estava, nós estávamos numa mesa, é, o grupo brasileiro, éramos doze pessoas, e eu olhei **para trás** e vi uns italianos comendo 'escargot'. Então eu disse, eu vou pedir (sup.)
- 534.[20, RJ, DID, 0391, NURC] Daí a pouco, a minha mãe que estava grávida deste meu irmãozi... irmão que nasceu depois de mim, que era o último, ela quando foi ao banheiro antes de acabar a visita, a cobra saltou, estava enroscada assim **atrás do** vaso e deu aquele pinote. Dizem que não, essas alusões antigas, que dizem que não morde senhora grávida e tal, não sei o quê. E aí, a cobra foi abatida e tal, mas ninguém tinha acreditado na, na garotinha de dois anos e meio, que tinha dito que tinha visto uma cobra no banheiro.
- 535.[20 RJ, EF, 341, NURC] quando chegasse aqui um dia...as alunas encontrariam todas as carteiras...ocupadas pelos rapazes...pelos homens...e...teriam que sentar **atrás**...então elas viriam dizer assim pra mim..."POMBAS...mas o senhor não disse...não ditou uma norma...que as alunas senta/ iriam sentar na frente?

- 536.[20 RJ, EF, 341, NURC] "NÃO...se um aluno sentar na frente...EU...Estado...vou fazer com que ele vá pra trás"...então...isso significa que eu estou prestando uma garantia jurisdicional...eu...Estado...estou garantindo a parte...se a aluna não reclamar...ela senta lá atrás...mas se ela disser/ chegar lá de trás...disser..."eu ESTOU reclamando...que o meu lugar é...é aí na frente e não aqui atrás..."
- 537.[20 RJ, EF, 341, NURC] "NÃO...se um aluno sentar na frente...EU...Estado...vou fazer com que ele vá pra trás"...então...isso significa que eu estou prestando uma garantia jurisdicional...eu...Estado...estou garantindo a parte...se a aluna não reclamar...ela senta lá atrás...mas se ela disser/ chegar lá de trás...disser..."eu ESTOU reclamando...que o meu lugar é...é aí na frente e não aqui atrás..."
538. [20 RJ, EF, 341, NURC] "NÃO...se um aluno sentar na frente...EU...Estado...vou fazer com que ele vá pra trás"...então...isso significa que eu estou prestando uma garantia jurisdicional...eu...Estado...estou garantindo a parte...se a aluna não reclamar...ela senta lá atrás...mas se ela disser/ chegar lá de trás...disser..."eu ESTOU reclamando...que o meu lugar é...é aí na frente e não aqui atrás..."
- 539.[20 RJ, EF, 341, NURC] EU...que ditei a norma...eu vou dizer..."tem paciência...rapaz...você vai lá pra trás...a moça vem aqui pra frente..."
- 540.[20 RJ, EF, 341, NURC] se a moça lá de trás no exemplo...por exemplo -- eu estou citando um exemplo elementar mas poderá servir para...gravar bem -- se a moça lá de trás chegasse assim..."bom...mas existe uma regra...uma regra...que o senhor ditou...que eu tenho lugar de sentar na/ que eu tenho o direito de sentar na frente..." aí eu chegaria aqui e diria..."muito bem...a senhora...tem o direito de sentar na frente..."
- 541.[20 RJ, EF, 341, NURC] e se eu...a partir desse momento...pegasse meu casaco e meu guarda-chuva...fosse embora pra casa...ela continuaria sempre lá atrás...o rapaz sempre aqui na frente...com a declaração daquele direito
- 542.[20 RJ, EF, 341, NURC]..."NÃO...agora o senhor se levante e vá lá pra trás e a senhora vem aqui pra frente..." ponto final...está liquidado...TODA a controvérsia...porque eu reconheci um di/ um direito de uma parte lesada...eu proclamei esse direito...e...eu executei esse direito
- 543.[20 RJ, EF, 341, NURC]..." então...enquanto o diretor da faculdade não resolvesse o recurso que ele pode apresentar...eu não poderia mandá-lo pra trás e ela pra frente...mas depois que o diretor da faculdade dissesse..."
- 544.[20 RJ, EF, 341, NURC]..."agora...meu caro...você vai...vai pra lá pra trás e ela vem aqui pra frente...que a decisão transitou em julgado..." então essa decisão para ser executada...para ela ter vida efetiva e real...há necessidade de que ela transite em julgado.
- 545.[20 RJ, EF, 341, NURC] não houve recurso algum e você...o...o Alberto...na mesma hora...levanta e diz..."está jóia...o senhor está certo...eu concordo com a sua decisão...eu vou lá pra trás e a Ivone vem aqui pra frente..." então não há necessidade...do Estado intervir...por que?
- 546.[20 RJ, EF, 341, NURC] porque você cumpriu a decisão...você aceitou a decisão...então ele vai pra trás...ela vem pra frente...está liquidado...o Estado não terá...mais nada a fazer porque a decisão dela...a decisão do Estado foi satisfeita
- 547.[20 RJ, EF, 351, NURC] é o racional... mais nada (se você tem que o produto de duas coisas ser igual a nove... no máximo igual a nove... se você tem valores MAIORES que nove... não tente subtrair daqui não... porque existe uma LEI por trás disso)
- 548.[20 RJ, EF, 351, NURC] você corre e a bomba fica contigo... sim... porque eu não larguei a bola... não larguei... saí correndo e os caras vieram atrás de mim... aí subi a escada pra entrar em casa... entrei no edifício... subi pela porta... não sei por que cargas d'agua passei da porta
- 549.[20 RJ, EF, 364, NURC] INF.: mas... inicialmente... era um homem só... Henry Ford... que controlava...
AL.: mas há quanto tempo... atrás?
INF.: já há bastante tempo atrás... uns trinta anos atrás...
- 550.[20 RJ, EF, 364, NURC] (Dado 3) INF.: mas... inicialmente... era um homem só... Henry Ford... que controlava...
AL.: mas há quanto tempo... atrás?

- INF.: já há bastante tempo atrás... uns trinta anos **atrás**...
- 551.[20 RJ, EF, 379, NURC] Bom... então... voltando um pouquinho **atrás**... nós vimos que o início da industrialização nos Estados Unidos... se deu de uma maneira direta... né... decorrente... de uma aplicação de excedente... europeu... no início da industrialização dele... encontramos lá... no território... dos Estados Unidos... condições geográficas favoráveis... condições de população... favoráveis...
- 552.[20 RJ, EF, 379, NURC] eu ia dizendo é o seguinte --... que não é à toa que a atual indústria naval japonesa... atual e já no início do século vinte... ela havia tido uma das maiores motivações... quais sejam... a saída da ilha... bom... voltando mais **atrás** ainda... no século dezenove... e aí até a literatura e os filmes mostram né?... como os japoneses eh tiveram que lutar contra o chamado imperialismo branco... né
- 553.[20 RJ, EF, 382, NURC] se não me engano... é o capítulo... vinte e dois... vinte e três é a Revolução Industrial... nós voltamos **atrás**... é o capítulo vinte e dois... "Revolução... Francesa de mil setecentos e oitenta e nove"
- 554.[20 RJ, EF, 382, NURC] Mais dois países... furaram o Bloqueio... e aí nós vamos entrar na História do Brasil... quais foram os dois países que furaram o Bloqueio Continental? que não aceitaram o Bloqueio... **por trás** continuaram a negociar com a Inglaterra? um deles... foi Portugal... a política... adoTADA... pelo príncipe regente Dom João... qual foi?
- 555.[20 RJ, EF, 382, NURC] ele... disse que adere ao Bloqueio Continental... mas... **por trás**... continuou... a negociar com a Inglaterra... confiscou grandes empresas... devolveu **por trás**... etc... Napoleão... então... vendo que ele estava... que ele estava sendo ludibriado...
- 556.[20 RJ, EF, 382, NURC] mas Portugal... Dom João começou a negociar **por trás** com a Inglaterra... de maneira que Napoleão viu a questão... mandou invadir Portugal... Portugal foi invadido pelos franceses até a França... até... até os franceses...
- 557.[20 RJ, D2, 64, NURC] L2: Não, mas... mas é. Mas o caso é que houve uma segregação nos Estados Unidos do negro e as profissões mais inferiores ficaram justamente a cargo deles. É mais ou menos o que acontece aqui no Brasil com uma diferença, é que aqui eu posso atribuir isso mais a uma seleção natural enquanto que lá a coisa foi forçada. Porque o branco, a civilização do branco data de milênios, não é? É... o branco sempre foi muito mais evoluído. Então a gente tem **atrás** de nós um passado que o preto não tem porque a civilização na raça negra é uma coisa muito recente. Eles vieram quase da situação de homens da caverna, de muito pouco tempo. Então numa disputa normal, não é? do terra a terra, do dia a dia, é... eles têm uma certa dificuldade...
- 558.[20 RJ, D2, 64, NURC] #L1... mas... você se recorda que antigamente, no curso de engenharia, não havia o curso de ótica, essencial ao... à iluminação, o estudo da iluminação não existia. Só há coisa de alguns anos **atrás** que foi inserida...
- 559.[20 RJ, D2, 64, NURC] #L1 Quer dizer, com condições completamente diferentes de... de, de... para análise técnica completamente diferente. Por exemplo, São Paulo era o sistema europeu e... era... São Paulo era o sistema americano e o, e... o Rio de Janeiro, sistema europeu. (ES) tá aí o exemplo, incompleto. Quer dizer, agora... o que eu digo é o seguinte: você diz, por exemplo, nesta parte a NB 3, a NB 3 foi feita há dezess...sete... dezoito anos **atrás**. A NB 3, as normas técnicas. Foram... foram fei... foi feitas há dezoito anos **atrás**. No entanto a NB 3 só foi introduzida na escola de engenharia há coisa de três anos **atrás**
- 560.[20 RJ, D2, 64, NURC] #L2 Que depois o tempo também é... passa, nós não podemos voltar **atrás** e o tempo escolar, o tempo da meninice é o tempo em que a capacidade de assimilação está...
- 561.[20 RJ, D2, 147, NURC] L2: devia sim... devia devia é: mas... eh... como é um dogma tão grande se vem de TANTos anos **atrás**...
- 562.[20 RJ, D2, 147, NURC] L1: menina... mas uma coisa incrível... sabe eh... aquilo ali é uma coisa... mas... menina... mas sabe que tinha pessoas que você... que elas... elas mostravam por fora... o quanto elas estão doentes por dentro... aquilo ali não pode ser pessoa com a mente () legal sabe uma coisa legal...
- L2: das duas uma... ou elas sabem... sabem teatralizar muito bem...
- L1: tinha uma garota **atrás** de mim... aquilo ali foi... um deboche ao meu senso estético... a garota...

- branca coitada... também parecia que veio de São Paulo on/... naquele dia...
L2: transparente...
- 563.[20 RJ, D2, 147, NURC] L1: eles dizem assim "ah mas que incrível a fama de Ipanema"... a gente tinha ido no Paraná uns três meses atrás... o que eu me dei mal o que eu me aborreci... não está no gibi... o que eu me aborreci... não está no gibi... sabe essa aparência da gente ser... esse modo de vestir? você nem me pergunte quantos convites que eu recebi nem me pergunte quantos...
- 564.[20 RJ, D2, 158, NURC] L1: de volta a Maceió... fiquei dois dias em Recife...
L2: não mas há... quanto tempo atrás?
L1: isso tem... um ano e meio mais ou menos...
- 565.[20 RJ, D2, 158, NURC] L2: então aquilo deve estar bem melhor... porque... eu fui há uns... quatro anos atrás ou cinco... tipo uma... tempo de férias... carnaval... né? lá é um... era bem diferente o modo de vida deles que do nosso... não sei se você notou a mesma coisa...
- 566.[20 RJ, D2, 158, NURC] L1: é completamente diferente...
L2: completamente diferente...
L1: parece que não deve ter mudado muito em quatro anos...
L2: não?
L1: pra um ano e meio atrás...
L2: bom... naquele tempo...
- 567.[20 RJ, D2, 158, NURC] L1: bom... fiz camping assim até quatro anos atrás...
L2: é... né...
L1: aí casei... já... mudou a filosofia da coisa...
- 568.[20 RJ, D2, 158, NURC] L1: só quando estou vindo pela Rio-Petrópolis... que pela avenida Brasil mesmo... eu não vejo... os prédios te impedem a:... visão pelo menos a minha...
L2: se você saindo por aqui por trás pela:... por essa rua que tem aqui... a rua do Canal...
L1: avenida Meriti?
- 569.[20 RJ, D2, 158, NURC] L2: e vice-versa né?... eles têm um:... são coisas assim... corriqueiras pra nós ou pra eles... que pra nós não é não é... no início é que eu encontrei uma: diferença... estou habituado... não me lembro mais qual era a palavra... mas tinha uma palavra que pra nós era normal falar... e pra eles não era... certo?... então aquilo já era uma ofensa... e não hoje em dia... que hoje em dia todo esse negócio de ofensa já... caiu muito do que era há uns... cinco anos atrás... mais ou menos quando eu fui... quatro... não mais cinco anos atrás... então naquele tempo eu encontrei uma diferença naquilo... no modo de conversar com eles... eles dizem que não... mas parece que eles falam cantando... né? ou somos nós que can/..
- 570.[20 RJ, D2, 158, NURC] L1: [() desabamento..
L2: foi dali pra trás... dali pra frente... eles começaram a pensar mais em limpar os esgotos... esses troços todos...
L1: eu não tenho...
- 571.[20 RJ, D2, 269, NURC] **D:** esses ônibus de luxo são... fazem parte de uma evolução dos transportes coletivos...
L1: é...
L2: () pra trás...
L1: pra trás?
D: como era antigamente?
L2: antigamente () eram uns ônibus...
- 572.[20 RJ, D2, 269, NURC] L2: hoje mesmo eu vinha... pro... pra deixar na oficina o carro... atrás de um que eu não aguentava mais... (que o ônibus) não saía da frente... não me dava a vez de cortar.
- 573.[20 RJ, D2, 296, NURC] L2: isso significa tem várias eh... eh... nuances da coisa por exemplo... se a nossa... nós estamos reorganizando por exemplo a nossa polícia... se nós fizermos e olharmos pra trás nós vamos ver que estamos melhorando é que nós queremos a coisa muito avançada... em matéria de viaturas hoje por exemplo a polícia está... muito bem... eh... equipada...
- 574.[20 RJ, D2, 355, NURC] L2: ué... se um apartamentozinho que eu agora (es)tava querendo alugar... desse que... ali na trezentos e catorze...
L1: esse aqui atrás...
L2: não... não é o meu... o outro que eu (es)tava querendo alugar pra fazer o... o atelier... ele é... é... era do/ dois mil e oitocentos...

- 575.[20 RJ, D2, 355, NURC] L1: você bota comércio... colégio e vai por aí a fora... no fim você tem... então a primeira coisa que inflaciona... a construção é o poder econômico de determinados grupos ou pessoas que ficam... ãh... senhores proprietários de áreas e eles mesmo especulam sobre aquilo... entendeu?
- D:** mas há uma... não sei se é boato... se é verdade... corre por aí uma notícia de que essas pessoas estão falidas... então o que ocorre é que o... que esse mercado de imóveis é uma bola de neve... o cidadão não pode parar... ele... ele lança um prédio aqui... vende... o quê? cinco apartamentos... já lança outro e vai assim... se ele parar o caos vai ser tão violento que aí **por trás** da bola... das bolas ele () ...
- 576.[20 RJ, D2, 355, NURC] L2: sumiu petróleo... mas se ele começar... bom... então não tem petróleo então não ... constrói carro... então não fazendo carro não fabricam carro... como é que é... toda essa gente que... viram que algum tempo como **atrás** agora a Volkswagen mandou um... um determinado número de empregados embora mas teve que parar... foi contida... ah... essa coisa de mandar os empregados embora...
- 577.[20 RJ, D2, 355, NURC] **D:** um detalhe aqui... você falou filipeta é uma coisa ultrapassada... há pouco tempo... pouquinho **atrás**... você falou que pagou mil e quatrocentos o ônibus... então eu queria saber se vocês se lembram... o dinheiro brasileiro já teve nomes diferentes que vocês se lembram ...
- 578.[20 RJ, D2, 355, NURC] L2: inclusive... causava muita confusão em Portugal... porque quando a gente dizia... "isso é um conto"... porque da mesma forma que na França... até hoje... ainda se fala... de repente... alguém diz assim... "isso custou um milhão de francos"... a gente cai duro **pra trás**... sem saber o que é... aí depois vai fazer a conta... no fim é meia dúzia de francos... porque ainda estão falando em
- 579.[20 RJ, D2, 355, NURC] L2: não... o problema de banco que ela tinha falado... negócio de banco...
D: exatamente eu ia perguntar... você falou há algum tempo **atrás**... o cheque ...
 L2: hã... hã...
D: eh... eu queria saber tipos...
 L2: era justamente sobre isso que eu queria ...
- 580.[20 RJ, D2, 369, NURC] L2: almoçamos calmamente... e tínhamos também condução... que nos iria apanhar em um determinado ponto pra levar ao estádio de futebol... mas () já tinha acabado () faltava muito tempo pra condução chegar... vinha um ÔNIBUS... em direção ao estádio... resolvemos todos... que era um grupo grande que nós estávamos... embarcar no ônibus... () **atrás** de mim vinha... um inglês...estou vendo até hoje a figura dele com uma capa toda grossa, um chapéu, baixinho... atarracado... e vinha empurrando... vinha empurrando... mas eu tinha tirado a capa... eu tava com a carteira nesse bolso **de trás**... e tinha tirado o paletó ou a capa... mas nem tô pa/ pensando... no:... em alguma coisa... se va/
- 581.[20 RJ, D2, 369, NURC] L1: muitas mulheres usam muito aqueles... aquele plastiquinhos que elas... levam na bolsa... tanto que a gente lá usa a beça... aqui no Brasil... você usa... olha... bota aquilo... eu uso... eu tenho aqui... fica todo mundo olhando pra mim... me dá uma raiva... eu já nem amarro debaixo do queixo... porque eu acho... que com... o negócio amarrado debaixo do queixo fica ridículo... então eu amarro **pra trás** ()... mas na Europa você vê... velhas... velhinhas... tudo debaixo do queixo e a gente usa também... não liga a mínima... mas aqui não... fica todo mundo olhando... parece que a gente é maria caxuxa... então () **pra trás**... o negócio e eu amarro **pra trás**... mas eu tenho... mas eu () aqui sistematicamente... porque se chove () muito bom e inteligente... mas aqui não pode... nem vendem... você não encontra pra comprar... o meu ainda é unzinho que tá restando... que eu tô fazendo prolongar...
- 582.[20 RJ, D2, 369, NURC] L1: então me aconselharam a ficar uns tempos sem ir à praia... não adiantou porcaria nenhuma eu vou começar a ir à praia outra vez... porque que que lhe adianta você ficar de castigo não ir à praia né e continuar... hoje eu fiz um exame agora... há um ano **atrás** o exame era exatamente a mesma coisa ... () "você devia ter trazido pra comparar"... aí eu comparei em casa com os outros mesma coisa... há um ano... então...
- 583.[20 RJ, D2, 369, NURC] L2: mas isso surgiu muito recentemente...
 L1: não senhor... não senhor... não senhor...
 L2: há coisa de quatro ou cinco anos **atrás** ninguém falava nisso...

- L1: não senhor... bem... não...
- L2: eu nunca ouvi ninguém falar disso... antes...
- L2: primeira vez que eu (ouvi) isso foi há quatro ou cinco anos atrás que começou...
- 584.[20 RJ, D2, 369, NURC] L1: ah sim eclipse... mas eclipses já vi vários... na fazenda então vê-se... né... inúmeras vezes vi eclipse total do sol... vi eclipse da lua... () uma coisa linda... vi muitas vezes... desde criança... que eu via eclipse... via... às vezes ficava até acordada até às tantas pra ver o eclipse... pra ver um fenômeno desses... agora nunca vi foi cometa nenhum... isso eu nunca vi... porque há uns anos **atrás**... há poucos anos **atrás** teve um né?
- 585.[20 RJ, D2, 374, NURC] L1: mas... outro dia... por acaso... olhando lá do Ministério da Saúde pro fundo eu vi... algumas... eh:... alguns patinhos brancos ainda... lá... sabia que havia pato selvagem ali naquela região?... agora... mais a... o mais interessante... em matéria de... ah:... animal inesperado na Avenida Brasil foi... quando... estão fazendo um aterro **atrás** do Ministério né... que é para a tal via... suplementar que deve du/... duplicar o... a Avenida Brasil... então o... havia uma montueira de... de terra e cresceu uma vegetação bastante densa lá e para continuar o aterro tiveram que cortar completamente
- 586.[20 RJ, D2, 374, NURC] L1: então... então é famoso... óleo de capivara que já foi muito usado na... na medicina do... cem anos **atrás**... para os tratamentos das doenças de... aparelho respiratório...
- 587.[20 RJ, D2, 374, NURC] L1: não... mas você sabe que eu vi... por acaso há algum tempo **atrás**... aqui no Maracanãzinho o circo de Moscou... e vi o circo de Moscou porque... duas médicas da Austrália... estavam aqui... fizeram questão absoluta de ir ao circo Moscou... então eu vi uma coisa realmente fabulosa... a capacidade de... apresentação de ursos... ursos amestrados... são extraordinários... eles eh... tinham um grupo de ursos... que andava de motocicleta...
- 588.[20 RJ, D2, 374, NURC] D2: não... eh... o... o... ultimamente deu um problema... há um certo tempo **atrás** aqui... no ano passado eh... com o bichinho que estava aparecendo aí não é?
- 589.[20 CP Gandra (2010) PHPB] Eu não lhe considero creança. Principalmente quando você tem pênha e papel na mão e escreve para um “gajo” chamado Otto. Afinal de contas, a idade importa apenas na soma de experiências. E mesmo se assim eu lhe considerasse, sob este prisma, tenho grandes esperanças para o que se esconde **de trás dessa** testa.
- 590.[20 CP Gandra (2010) PHPB] Tempos **atrás**, eu compreendi que assim seria e fui bastante honesto em lhe evitar qualquer dano moral. E não lhe escrevi mais do que uma carta.. (Até esta justificativa eu tenho para opôr à suas palavras.)
- 591.[20 CP Gandra (2010) PHPB] Até poucos dias **atrás** esperei resposta sua, mas, depois pensei que bem poderia não haver interesse da sua parte em responder.
592. [20 CP Gandra (2010) PHPB] E se não tivermos uma solicitude carinhosa para com nossos sentimentos, se não houver um “big” zêlo que restará para nos despertar interesse? Eu nunca volvi **atrás**, nem mesmo deparando o sofrimento, quando acho que devo ser sincero comigo mesmo.
- 593.[20 CP Gandra (2010) PHPB] Só contarei desta em diante. Nas **de atrás**, “fofoquinha”, eramos dois desconhecidos. Não posso compreender como nos mantivemos assim mesmo ligados!
- 594.[20 CP Gandra (2010) PHPB] Pouco, se alçando acima de nós mesmos, pesando o Tempo, um mês è apenas 30 dias, è sòmente 4 semanas, e que 4 sabados **atrás** eu estava com você ai! 4. Pouco, não é?
- 595.[20 CP Gandra (2010) PHPB] Tôdo o castelo de sonhos infantís ruí!.. E vê agora que tudo não passa de um cordão de mascarados que mostram **de trás de** cada uma das mascaras o premeditado interêsse bestial.
- 596.[20 CP Gandra (2010) PHPB] A sua ultima, chegou às minhas mãos com bastante atrazo. O que è que você está pensando, **de trás da** surpresa, pela falta das minhas noticias?.Receio? Não pôde ser! Porque?.
- 597.[20 CP Gandra (2010) PHPB] Eu, tempo **atrás**, quando notei isto em você compreendi que eu bem poderia lheajudar a se completar. Você não sente esta sensação? De que ainda não está completa?Você ainda não pode aceitar determinados aspectos seu 73 como definidos e definitivos.
- 598.[20 CP Gandra (2010) PHPB] e se escudar medrosamente **atrás dela**, dizendo: “Eu sou assim!” Você estancaria com esta escusa qualquer progresso que fosse destinado a você
- 599.[20 CP Gandra (2010) PHPB] Não podem se esconder **atrás dêste** escudo. Nós sômos a soma de tôdos os nossos aspectos e qualquer característica è apenas uma parçéla.

- 600.[20 CP Gandra (2010) PHPB] Acho que me desimcu[b]mbi fielmente do meu proposito ao escrever esta carta e que lhe falei **atrás**.
- 601.[20 CP Gandra (2010) PHPB] Mas, voltando a um peri trecho **atrás**, eu ia dizendo que desde que você foi em fins de Fevereiro eu sofri a transformação que tambem já lhe disse. Tinha emfim um incentivo.
- 602.[20 CP Gandra (2010) PHPB] Mas mesmo isso, não deixa de ser aquele defeito meu que falei linhas **atrás**: “futucar” coisas sérias”. Sua carta deu-me uma grande lição sôbre otimismo.
- 603.[20 CP Gandra (2010) PHPB] Para mim, você não é o que realmente é. Para você, eu não passo de uma menina romantica, com promessas para o que se esconde **atrás** de minha testa.
- 604.[20 CP Gandra (2010) PHPB] Eu li há alguns anos **atrás**, um livro cujo título era: “A vida é um ponto de interrogação”.
- 605.[20 CL Martins; Costa (2011d) PHPB] Mas, isto de collocar pronomes ade- | ante ou **atrás**, pouco importa, e estou | certo de que as minhas missirashão | de interessar a alguém, muito princi- | palmente aqui na zona, onde o indice | da mentalidade crioula está muito| aproximado do meu.
- 606.[20 CL Almeida (2011) PHPB] Espicaçar e enfurecer | deliberadamente um animal | encurralado, que não ganha | nunca a luta, porque **atrás de** | um homem vem outro e mais |outro, é pura, | simples e revoltante covardia, | agravada pela promoção pú- | blica de um criminoso comum, | que sai da cadeia para ser glo- | rificado como o homem que | mata um touro a unha.
- 607.[20 CL Coelho (2011c) PHPB] E quando o cartea-|dor não observa uma jogada per-|dida por nós o tal de PAULO lá | **de trás**, nas minhas costas, de | súbito adverte ao carteador: 7 e | ÁS perdeu.
- 608.[20 CL Coelho (2011c) PHPB] Dizemos isto, por que somos | também leitores do outro matu-|tino da cidade confrade seu, que | sem o menosprezar, pois já teve | no apogeu da fama, temos nota-|do ultimamente que está alguns | passos **atrás**, neste mister de | atrair com frequência a nossa | curiosidade, já nos tendo criado | um conceito de que não está mui-|to interessado neste difícil trabalho.
- 609.[20 CL Coelho (2011c) PHPB] Se, hipoteticamente, fossem verdadeiros os | fatos arrolados, então a rescisão contratual teria se | efetivada (sic) **há** 3 anos **atrás**, quando ocorreu a alegada | auditoria.
- 610.[20 CL Coelho (2011c) PHPB] De que maneira poderíamos | fazer essa; gente competente; | acordar (sim, pois para não en-|xergar um problema como tal | devem passar o dia cochilando | ao invés de **corre** (sic) **atrás** de solu-|ções imediatas) e finalmente se | mexer para por um fim a esta|questão?
- 611.[20 CL Coelho (2011c) PHPB] No final, deu a lógica: Blumenau e Join-|ville nos primeiros lugares. Esta mesmice de | ano a ano faz pensar que **correr atrás** do resul-|tado, chegar ao pódio, rir o riso solto da vitória | é coisa de “alemão”! Será?
- 612.[20 CL Coelho (2011c) PHPB] A Rua Heinrich Hemmer no | Badenfurt em Blumenau foi | parcialmente asfaltada **há** mui-|tos anos **atrás** (parte privilegi-|ada).
- 613.[20 CL Coelho (2011c) PHPB] Como existe pessoas sem caráter em | nossa sociedade. Pessoas que apu-|nhalam **por trás**, por não terem co-|ragem de fazê-lo de frente. Dessas |pessoas eu tenho pena, porque são | vazias, não se analisam, esquecem-se | de suas limitações.
- 614.[20 CL Coelho (2011c) PHPB] É uma pena que tem pessoas que andam de-|vagar ou quase, e **para trás**. Em Jaraguá do | Sul, tínhamos uma opção para andar de maria | fumaça, e apreciar os velhos tempos.
- 615.[20 CL Eliza (2011) PHPB] Além| disso, só a consideração que os|outros colegas de prisão lhe de-|dicam, chamando-o de ; Be-|nedito e confiando-lhe problemas, | bastaria para justificar o que| quero dizer. Impressiona, além do| que disse **atrás**, pelo contraste| com outros presos que ainda não| tentaram um aproximação com| Deus.
- 616.[20 CL Silva; Silva (2010a) PHPB] O que FHC não compreendeu até agora é que o | Brasil é um país singular: **por trás de** cada grande | problema há sempre um pequeno problema | lutando para crescer. ||Sidrack de Holanda Cordeiro- Recife.
- 617.[20 CR Martins; Costa (2011f) PHPB] O| calor está brado. Os refri-|gerantes e os sorvetes têm| maior saída, não ficando|**atrás** as injeções anti-gri-|pais, pois os resfriados as-|solam, igualmente. [espaço] ||[espaço] E para aumentar o sofri-|mento de muitos, o Sanea-|mento ainda não regulari-|zou,
- 618.[20 CR Paixão; Almeida (2011) PHPB] Mentalidade | que está **por trás do** célebre “pacto da | mediocridade” em que professores fingem | ensinar e alunos fingem aprender.

- 619.[20 CR Paixão; Almeida (2011) PHPB] Não | parece muito difícil descobrir o que há **por | trás do** fenômeno. Primeiro, a festa é de ex- | trema simpatia em sua espontaneidade.
- 620.[20 CR Paixão; Almeida (2011) PHPB] O carnaval, que tam- | bém começou como legítima festa popular,| acabou caindo nas mãos dos bicheiros e hoje | é um desfile cheio de artistas eruditos **por trás** | e de cronometragens rígidas pela frente.
- 621.[20 A Silveira (2011b) PHPB] Produtos naturais, dietéticos, mel medicinal, remédios homeopáticos e de flora. Trabalhamos também com florais de Bach e californianos. Praça Dona Manoelita Chagas, 195 – **Atrás do** Hospital.
622. [20 A Silva; Silva (2010b) PHPB] RADIOS || RADIOLA- Vende-se uma em | perfeito estado, marca Stan- | dard Electric,;mod HI-FI. Pre- | co: Cr\$ 50.000.00. Negócio ur- | gente. Tratar á rua Luiz Men- | donça, 128 (transversal á rua | Imperial, **por trás da** Igreja de | São José) Horário: 12 ás 14 | horas.
- 623.[20 A Silva; Silva (2010b)] IMOBILIARIA | NOVA YORK S.A || Um símbolo de Confiança. || BOA VISTA- Vende-se ex- | celente casa á rua Bernardo | Guimarães, **por trás da** Uni- | versidade Católica, com: jar- | dim, terraço em L, 2 salas, | ampla cozinha, grande sala | de copa com azuleijos decora- | dos até o teto,
- 624.[20 IO Rodrigues (2013) PHPP] Sabi? cheia di pau a pique assim arrudiava assim pa fechá... a vaca intrava cabia né?... aí a vaca intrava pa dendi casa i ia pu quartu **atrás di** nós nós subia tudu na paredi eu ficava fazendu careta pas vaca minina... é um dia ela quasi pegô minha irmã pur causa di mim..
- 625.[20 CP Kewitz (2016) PHPB] 'Aí a gente ficou | toda enroscada *sem* saber oque | ele tinha dito. Uma jornalista | que tava **atrás da** gente [na pista, num show] disse | que ele tinha dito (...)
- 626.[20 CP Kewitz (2016) PHPB] Eu nunca vou | acreditar que aquele topetinho | loiro que balançava tanto **atrás | da**<quela> bateria não está mais no | nosso mundo...
- 627.[20 CP Kewitz (2016) PHPB] O meu cabelo em cima tá pa-| recendo um pouco <o> do Ian, mas *quando* eu | prendo ele **atrás** e espatifo e espeto a | parte repicada tica bem parecido,
- 628.[20 CP Kewitz (2016) PHPB] Ultimamente eu só tive decepção **atrás | de** decepção e ‘trauma’ era o mínimo | sintoma que ficava me doendo (...)

Século XXI

629. [21 G1 10.01.2020] Segundo a Polícia Civil, o crime ocorreu por volta das 4h, **atrás de** um posto de saúde. O jovem foi atingido por um tiro e morreu no local.
630. [21 G1 05.11.2019] Segundo motorista, vítima saiu **de trás de** carro e não houve tempo para frear.
631. [21 G1 16.12.2019] Ele costumava levar amigos do Rio, de São Paulo e até do exterior para passar lá um tempo com ele. Lembro-me de que o grupo todo, que incluía meus avós, tios e tias, e primos, fazia longas caminhadas por entre o milharal, no terreno que ficava **por detrás da** nossa casa, hoje Museu Casa de Portinari
632. [21 G1 22.11.2018] Colega diz que sushiman morto em restaurante de SP colocou faca em seu pescoço: 'Me deu uma gravata **por trás**'
633. [21 G1 14.01.2020] "Eu vi ele saindo do carro. Estava tropeçando mesmo. Só consegui correr. Olhei **para trás** e vi meu irmão com a perna sangrando. Eu corri e chamei o vizinho", conta a menina.
634. [21 N Tribuna 17.10.2020] Tribuna explica "radar" **atrás** de árvore.
635. [21 N Visão Notícias 26.11.2019] Ladrão pula **de trás de** árvore e rouba carteira e celular de atendente.
636. [21 N G1 10.11.2020] Motorista fica ferido ao perder o controle da direção e bater em poste na Linha Verde, em Curitiba. Uma família que seguia logo **atrás** viu o acidente, parou para ajudar, e chamou a ambulância.
637. [21 G1 02.12.2019] Por que o tempo sempre anda para a frente, nunca **para trás**. Algo que todos nós sabemos é que o tempo se move em uma direção. Mas você já se perguntou sobre qual é o motivo? Os cientistas já fizeram esse questionamento, e encontraram a resposta em um motor a vapor. Assim como comprimento, altura e largura, o tempo é uma dimensão. Mas, ainda que possamos nos mover em qualquer sentido nas outras três opções, só podemos avançar em uma direção no tempo: adiante e sem parar. Por quê?
- Por que não podemos voltar atrás? Por muito tempo, os cientistas não conseguiram encontrar uma explicação convincente. Uma das complicações era que as leis da física funcionavam bem, seja indo adiante ou **para trás no** tempo.
638. [21 G1 19.12.2019] Novas escavações revelam que ele viveu **até pouco mais de 100 mil anos atrás**, na Ilha de Java, na Indonésia — muito tempo depois de ter desaparecido de outros lugares.
639. [21 G1 02.12.2019] Venda de veículos novos volta a subir em novembro, diz Fenabreve. Resultado é na comparação com 1 ano **atrás**. Estimativa é fechar 2019 com alta de 9%.
640. [21 G1 16.12.2019] O discurso da rainha acontece na quinta-feira, uma semana depois que os conservadores obtiveram maioria nas eleições gerais. O último discurso da rainha foi realizado apenas nove semanas **atrás**.
641. [21 G1 28.12.2019] Recanto do Pitbull abriga 80 animais resgatados em Goiânia. Projeto nasceu há 7 anos **atrás** depois de uma rinha de cães.
642. [21 G1 15.01.2020] Na época em que foi fechado, quase sete anos **atrás**, o prédio de arquitetura neoclássica de 1892 apresentava problemas estruturais como diversas rachaduras e umidade por trás da tinta plástica que não deixa as paredes respirarem.
643. [21 G1 28.12.2019] Quais eram as suas expectativas para 2020, há algumas décadas **atrás**?
644. [21 PI O Potiguar 24.01.2019] O Potiguar Como disse lá **atrás**, Bolsonaro não está aguentando a campanha. Como falei diversas vezes por aqui bem lá atrás, Bolsonaro não aguenta a campanha.
645. [21 PI Books Google 2018] Entre eles, a representante baiana Lourdinha Santos Heimer, que em 1955 exercera forte influência ideológica em mim, como narrei **atrás**.
646. [21 PI Books Google 2015] Devo voltar um pouco **atrás**, onde parei; depois de lograr convencer-me, como narrei, o irmão mais velho dedicou-se à tarefa de convencer a mãe
647. [21 N G1 01.01.2020] Jovem de Suzano que andava cinco horas por dia para estudar inglês fala sobre intercâmbio: 'Tenho menos receio de correr **atrás do** que desejo'
648. [21 N G1 24.01.2020] Idosos e pessoas com deficiência precisam ir **atrás dos** direitos na hora de estacionar
649. [21 N G1 28.11.2019] Administrador de empresas dá dicas para quem está **atrás de** emprego
650. [21 N G1 30.12.2019] Motoristas vão até o Detran **atrás** de documentos que estão atrasados
651. [21 N G1 13.01.2020] PRF fiscaliza estradas **atrás** de cargas ilegais.
652. [21 RS Instagram TV Cultura João Carlos Martins 22.11.2020] Você sempre tem que correr **atrás dos** seus sonhos, até o dia que os seus sonhos vão correr **atrás de** você.
653. [21 RS Google Imagens Julho, 2018] Cansei de correr **atrás** de quem não presta. Agora vou de bicicleta.
654. [21 RS Google Imagens Julho, 2018] Ela não corre **atrás** nem de ônibus, vai correr **atrás** de homem? Ela dá sinal, meu amigo, se não parar ela pega outro.

655. [21 N G1 06.12.2019] Levantamento da Pollstar, empresa especializada no mercado de shows, mostra que dupla só ficou **atrás** de Elton John e superou Post Malone, Ariana Grande e Guns N' Roses.
656. [21 N Globo/Valor 26.04.2018] A Rússia deverá efetuar um avanço tecnológico na área de armamento, caso contrário, o país pode ficar **para trás** de seus concorrentes, acredita Vladimir Putin, presidente da Rússia.
657. [21 N G1 11.06.2019] Ford nega estar **atrás** na competição em veículos autônomos.
658. [21 N Globo/Valor 21.06.2017] Dar um passo **para trás** na carreira pode me prejudicar?
659. [21 RS Twitter 17.07.2019] As pessoas tem que parar com essa ideia de passar os outros **pra trás**, de enganar, de trair, de fazer de idiota, de dizer uma coisa que não é real
660. [21 N Valor 26.04.2017] Tenho uma ideia de projeto que eu precisaria tocar com certa pressa para não correr o risco de sermos passados **para trás** pela concorrência. Sei que se eu apresentar essa ideia pelos trâmites normais, ela vai acabar sendo inviabilizada pelo mesmo diretor das outras vezes.
661. [21 N G1 13.01.2020] Renata Santos **volta atrás** de aposentadoria e estreia como musa do Salgueiro: 'Caso de amor
662. [21 N G1 10.01.2020] Toffoli volta **atrás** e mantém redução no valor do seguro DPVAT
663. [21 N G1 27.01.2020] Governador volta **atrás** e pode avaliar com MP possibilidade de desconto na conta da água.
664. [21 RS Twitter 09.02.2020] mais um dia querendo dar **pra trás** no rolê por conta de sono kkk
665. [21 RS Twitter 24.01.2020] eu nunca fui de **dar pra trás**, recuar..o medinho até vem, da aquela dor de barriga, mas eu não deixo de me jogar de cabeça de jeito nenhum nada de deixar o medo ou a insegurança tomar conta
666. [21 N Sputnik News 11.02.2017] Trump vai **dar para trás** na transferência da embaixada dos EUA em Israel para Jerusalém?
667. [21 N Portal Vermelho 26.10.2013] Eu rebati dizendo que Aécio agora é presidente do partido, e quem manda é ele. Que nada, treplicou Fernando, quem manda é a perspectiva de poder. Pois é, Fernando, você tinha razão. Aécio já começou a dar **para trás**, e Serra está aparecendo mais na mídia que ganhador de big brother.
668. [21 N Fox Sports 28.12.2012] “O Léo não é corintiano e não iria torcer pelo Corinthians. Deu uma provocada, e não foi nada de mais. Só achei uma coisa errada: o Léo não deveria dar **para trás**. Se falou, está falado”, ensinou o provocador Vampeta. Léo se retratou depois de despertar a ira de muitos jogadores do Corinthians, que se manifestaram contra o colega de profissão pelo Twitter.
669. [21 N G1 13.09.2019] Menino de 8 anos deixa limitações **para trás** e mostra superação na pista de kart
670. [21 N G1 05.10.2019] Black Eyed Peas contam com tirolesa e Anitta para deixar Fergie **para trás** no Rock in Rio
671. [21 N G1 18.12.2019] Alunos conhecem a Arena Encantada dois dias após serem deixados **para trás** por falta de transporte em Cuiabá
672. [21 N G1 28.08.2017] Tecnologia avança e hábitos antigos ficam **para trás**
673. [21 N G1 08.05.2018] Jornalista deixa tudo **para trás** e cria projeto em defesa da Amazônia
674. [21 RS Google Imagens 2016] Deixe **pra trás** o que não te leva para frente.
675. [21 N G1 21.03.2018] Morre suspeito de estar **por trás de** explosões no Texas, nos Estados Unidos
676. [21 N G1 16.01.2018] A trágica história **por trás de** 'Zombie', sucesso do Cranberries composto por Dolores O'Riordan
677. [21 RS Google Imagens 2018] Não se preocupe com o que as pessoas falam **por trás de** você. Há uma boa razão para elas estarem **atrás**.
678. [21 RS Google Imagens 2018] **Por trás de** um grande homem está sempre uma grande mulher... provavelmente dando ordens sobre como as coisas devem ser feitas.
679. [21 RS Google Imagens 2018] **Por trás de** toda mulher bem sucedida, tem ela mesma.
680. [21 N G1 22.12.201] O que pode estar **por trás da** negociação entre Boeing e Embraer, a 3ª maior exportadora do Brasil
681. [21 N G1 11.12.2017] Muito mais que uma onda no mar: a incrível ciência **por trás do** surfe
682. [21 N G1 24.08.2019] O que estaria **por detrás da** queda no número de operações do Ibama?
683. [21 N Folha de São Paulo Jul.2020] 'Eu fico com um pé **atrás** quando escuto a palavra desigualdade', diz gestor da Alaska
684. [21 G1 15.12.2019] 'Começaram a dar tiros um **atrás** do outro', diz motorista que sobreviveu a chacina na BA
685. [21 RS Google Imagens 2016] Pare de olhar **para trás**, você já sabe aonde esteve, agora precisa saber aonde vai.